

«Javier Castillo é, sem dúvida,
o novo fenómeno da literatura europeia.»

Joël Dicker

JAVIER CASTILLO A MENINA DE NEVE





dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

JAVIER CASTILLO

A MENINA DE NEVE

Tradução de
LUCÍLIA FILIPE



Índice

A Menina de Neve

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Javier Castillo

Nota



Edição em formato digital: janeiro de 2023

A MENINA DE NEVE

Título original: *La Chica de Nieve*

© 2020, Javier Castillo Pajares

Publicado originalmente em março de 2020
por Penguin Random House Grupo Editorial, Madrid

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2023, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Portugal apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: Lucília Filipe

Revisão: Inês Guerreiro

Capa: adaptação de Wonder Studio sobre *design* de Yolanda Artola

© Penguin Random House Grupo Editorial, Madrid

Fotografia da capa © Brooke Shaden

Composição digital: M.I. Maquetación, S. L.

Composição digital PRHGEP: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivros](https://twitter.com/PenguinLivros)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

*Para ti, avó; embora nunca venhas a ler isto,
tenho a certeza de que podes senti-lo.*

*E para ti, mamã; por seres exemplo
de tudo quanto sou.*

Talvez haja por aí alguém que não queira saber
que mesmo na mais bela rosa
os espinhos crescem à vontade.

Capítulo 1

Nova Iorque
26 de novembro de 1998

*O pior cria-se sempre
sem que se possa prever.*

Grace levantou o olhar e ignorou durante alguns momentos a imponência do desfile do Dia de Ação de Graças para observar a filha, encavalitada nos ombros do pai, radiante de felicidade. Reparou nas pernas dela, que pendiam, brincalhonas, e em como as mãos do marido prendiam as coxas da menina com uma firmeza que mais tarde recordaria como insuficiente. O Pai Natal do Macy's já se aproximava, sorridente, no seu trono gigantesco, e, de vez em quando, Kiera apontava e gritava de felicidade para a comitiva de duendes, elfos, gigantescas bolachas de gengibre e peluches, que desfilavam à frente do carro. Chovia. Uma cortina de água suave e fina ensopava os impermeáveis e os chapéus de chuva, e talvez aquelas gotas sempre tivessem tido aspeto de lágrimas.

— Ali! — gritou a menina. — Ali!

Aaron e Grace seguiram o dedo de Kiera, que apontava para um balão branco de hélio a subir direito às nuvens, tornando-se minúsculo, enquanto voava entre os arranha-céus de Nova Iorque. A seguir baixou o olhar para a mãe, com esperança, e Grace soube naquele momento que não podia dizer-lhe que não.

Grace olhou para uma das esquinas da rua, onde estava uma mulher vestida de Mary Poppins, com o chapéu de chuva no ar, sob um monte de

balões brancos, que oferecia a todos os que se aproximavam.

— Queres um balão? — perguntou a mãe, que já sabia a resposta.

Kiera, com a emoção, nem respondeu. Limitou-se a abrir a boca num trejeito de felicidade e acenou afirmativamente com a cabeça, mostrando as covinhas na cara.

— Mas o Pai Natal já está aí! Não vamos perdê-lo! — protestou Aaron.

Kiera vinhou as covinhas na cara, deixando ver entre os incisivos um espaço em que às vezes ficavam restos de alimentos. Em casa esperava-os o bolo de cenoura para celebrar o aniversário da menina no dia seguinte. Aaron pensou nela e, talvez por isso, acedeu.

— Está bem — disse o pai. — Onde é que se arranjam esses balões?

— Ali na esquina, a Mary Poppins está a distribuí-los — respondeu Grace, nervosa. As pessoas tinham começado a amontoar-se no sítio onde eles estavam, e a tranquilidade dos momentos anteriores começava a diluir-se, como a manteiga do recheio do peru que esperavam jantar naquela noite.

— Kiera, fica com a mamã, e guardem o lugar.

— Não! Quero a Mary Poppins.

Aaron suspirou e Grace sorriu, consciente de que ia ceder mais uma vez.

— Espero que o pequeno Michael seja menos teimoso — acrescentou Aaron, enquanto acariciava a barriga da mulher. Grace estava grávida de cinco meses, algo que a princípio achou uma temeridade, com Kiera tão pequena, mas que agora encarava com esperança.

— A Kiera saiu ao pai — disse Grace, a rir-se. — Não podes negar.

— Está bem, pequenota, vamos lá buscar esse balão!

Aaron voltou a pôr Kiera aos ombros e debateu-se para abrir caminho até à esquina, por entre uma multidão cada vez mais numerosa. Quando se encontrava a uns passos de distância e antes de se afastar mais, virou-se para Grace e gritou:

— Ficas bem?

— Fico! Não se demorem! Já aí vem!

Kiera ofereceu novamente um sorriso largo à mãe, lá de cima, dos ombros de Aaron, com aquela cara que irradiava alegria em todas as

direções. Foi esse o consolo de Grace, anos mais tarde, quando tentava convencer-se de que o vazio não era tão escuro, nem a dor tão intensa, nem o desgosto tão asfixiante. Na última imagem que recordava de Kiera, a pequenita sorria.

Quando chegaram junto da Mary Poppins, Aaron pousou Kiera no chão. Um gesto pelo qual nunca se perdoaria. Pensou que ela assim estaria mais perto de Miss Poppins ou que talvez, quem sabe, poderia agachar-se ao lado dela para a incentivar a ser ela a ir pedir o balão. Fazemos as coisas com esperança, mesmo quando podem ter as piores consequências. O som da banda misturava-se com os gritos do público, centenas de braços e pernas moviam-se com dificuldade de um lado e de outro dos dois, e Kiera agarrou com força a mão do pai com um certo medo. A seguir estendeu a outra para a rapariga mascarada de Mary Poppins, que disse as palavras que iriam gravar-se para sempre na memória daquele pai prestes a perder tudo:

— Esta menina tão linda quer um bocadinho de açúcar?

Kiera riu-se. Emitiu um ligeiro ronco entre um riso e uma gargalhada prestes a estalar. É o tipo de recordações que se cravam na mente e a que tentamos agarrar-nos a todo o custo.

Foi a última vez que a ouviu rir.

No exato momento em que Kiera agarrou o cordel do balão que Miss Poppins lhe estendeu com uns dedos frágeis, houve outra explosão de *confettis* vermelhos, novamente o grito eufórico de todas as crianças, e, imediatamente, pais e turistas ficaram nervosos por uma série de empurrões que provinham de todas as direções e de nenhuma, ao mesmo tempo.

E então aconteceu o inevitável, se bem que Aaron mais tarde pensasse que poderia ter sido ele a ir buscar o balão ou ter mesmo insistido para que ela ficasse com Grace ou até que se tivesse aproximado da mulher pelo lado direito em vez de pelo esquerdo, como fizera.

Alguém foi contra Aaron, que deu um passo atrás e tropeçou num gradeamento de uns 30 centímetros de altura que circundava uma árvore na Rua 36 com a Broadway. E, nesse momento preciso, foi a última vez que sentiu o tato dos dedos de Kiera, a sua temperatura, a sua suavidade, como a

sua mãozinha agarrava os dedos indicador, médio e anelar do pai. As mãos desprenderam-se, e nesse momento Aaron não soube que seria para sempre. Poderia ter sido apenas um tropeção, se depois da sua queda não se tivesse dado a de várias pessoas em cadeia, e o que poderia ter significado apenas um segundo a recompor-se, levantando-se, transformou-se num longo minuto a ser pisado por gente, que, ao dar um passo atrás para se afastar da comitiva do desfile e subir novamente o passeio, esmagava sem querer uma mão ou uma tibia. Do chão e como pôde, Aaron gritou:

— Kiera! Fica onde estás!

Também lhe pareceu ouvir, vindo do solo:

— Papá!

Dorido das pisadelas e depois de lutar e se debater para se pôr de pé, apercebeu-se de que Kiera já não estava junto da Mary Poppins. As outras pessoas que tinham caído conseguiram levantar-se e tentaram recuperar as suas posições. Imediatamente, no meio de todos eles, Aaron gritou novamente:

— Kiera! Kiera!

As pessoas à sua volta olhavam-no, confusas, sem saberem o que se passava. Aproximou-se a correr da mulher mascarada.

— A minha filha, não a viu?

— A menina de impermeável branco?

— Sim! Onde é que ela está?

— Dei-lhe o balão e afastei-me com os empurrões. Perdi-a de vista na confusão. Não está consigo?

— Kiera! — gritou novamente Aaron, interrompendo a mulher e voltando-se para o que o rodeava. Procurava-a entre centenas de pernas. — Kiera!

E sucedeu o que sucede nos piores momentos, algo que alguém que tivesse uma visão de pássaro teria resolvido num instante. Um balão de hélio branco soltou-se da mão de alguém, e Aaron viu-o. Foi o pior que poderia ter acontecido.

Com dificuldade, afastou a multidão que lhe bloqueava a passagem e correu para o local de onde tinha surgido o balão, afastando-se de onde estava, enquanto vociferava:

— Kiera! Filha!

Por sua vez, Miss Poppins começou também a gritar:

— Perdeu-se uma menina!

Quando, por fim, Aaron conseguiu chegar ao local de onde tinha partido o balão branco, mesmo em frente da entrada de um banco, um homem e a filha, com dois totós encaracolados, riam-se enquanto se despediam do balão.

— Viram uma menina com um impermeável branco? — interrompeu-os Aaron, num tom desesperado.

O homem olhou para ele, preocupado, e acenou a cabeça em sinal de negação.

Continuou a procurar por todo o lado. Correu até à esquina e afastou aos empurrões tudo o que encontrava pelo caminho. Estava desesperado. As pessoas amontoavam-se aos milhares, à sua volta, com pernas, braços e cabeças que o impediam de ver, e ele sentiu-se tão perdido e desamparado que o coração ameaçou desaparecer-lhe também do peito. A música das trombetas da comitiva do Pai Natal era estridente para os ouvidos de Aaron, como o som agudo de uma campainha, que fazia que os seus gritos se diluíssem no ar. As pessoas amontoavam-se, o Pai Natal ria-se em cima do seu carro, e toda a gente queria vê-lo de perto.

— Kiera!

Aproximou-se como pôde da mulher, que, alheia a tudo, olhava para umas gigantescas bolachas de gengibre que dançavam com passos muito exagerados.

— Grace! Não encontro a Kiera — disse, num suspiro.

— O quê?

— Não encontro a Kiera! Pu-la no chão e perdi-a... perdi-a. — A voz tremeu-lhe.

— O que é que estás a dizer?

— Não a encontro.

O rosto de Grace levou um momento a passar do entusiasmo à confusão e, a seguir, ao pânico, para acabar por gritar:

— Kiera!

Os dois chamaram-na aos gritos por todo o lado, e as pessoas à sua volta deixaram o que estavam a fazer para se juntarem a eles na procura de Kiera. Alheio a tudo, o desfile continuou, com o Pai Natal a sorrir e a acenar às crianças, que avançavam aos ombros dos pais, até parar em Herald Square e anunciar o início oficial das festas natalícias.

Porém, para Aaron e Grace, que perderam a voz e a alma à procura da filha, só uma hora mais tarde tudo mudaria para sempre.

Capítulo 2

Miren Triggs
1998

*A desgraça procura sempre quem é capaz de a suportar.
A vingança, contudo, procura quem não o consegue.*

Soube do desaparecimento de Kiera Templeton quando estava a estudar na Universidade de Columbia. À porta da Faculdade de Comunicação Social, tirei um dos muitos exemplares do *Manhattan Press* que ofereciam aos alunos com a intenção de que sonhássemos em grande e aprendêssemos com os melhores. Tinha-me levantado cedo, depois de um pesadelo recorrente em que corria por uma rua deserta de Nova Iorque, a fugir de uma das minhas próprias sombras, e aproveitei aquela imagem sinistra para tomar duche e me arranjar antes de amanhecer. Cheguei cedo, e os corredores da faculdade estavam desertos. Preferia-os assim. Odiava caminhar entre desconhecidos, detestava avançar em direção à sala de aula a sentir os olhares e os sussurros à minha passagem. Neles eu passara de ser Miren para ser «aquela-a-quem...» e, às vezes, também era «chiu-chiu-cala-te-que-ainda-nos-ouve».

Por vezes, sentia que eles tinham razão e que eu deixara de ter nome, como se só pudesse ser o fantasma daquela noite. Quando me via ao espelho e procurava a profundidade dos meus olhos, perguntava-me sempre: Ainda aí estás, Miren?

Aquele dia em especial foi estranho. Passara-se uma semana desde o Dia de Ação de Graças quando o rosto de uma pequenita, Kiera Templeton, foi

capa de um dos jornais mais lidos do planeta.

O título daquele *Manhattan Press* de 1 de dezembro de 1998 dizia simplesmente VIU KIERA TEMPLETON?, seguido de uma legenda por baixo da fotografia: «Mais informação na página 12.» O rosto de Kiera estava de frente, numa fotografia quase de surpresa, com os olhos verdes perdidos em algum ponto por detrás da máquina, e foi essa a imagem que ficou para sempre na memória de todo o país. O seu rosto fez-me lembrar de mim em pequena, o seu olhar... o meu de adulta. Tão vulnerável, tão fraca, tão... quebrada.

O 71.º desfile do Macy's, em 1998, ficou recordado pela América por dois motivos. O primeiro, por se ter tornado o que é considerado o melhor desfile da história, com catorze bandas, a atuação dos NSYNC, dos Backstreet Boys, de Martina McBride, *flashmobs* realizados por centenas de majorettes, incluindo o elenco completo da *Rua Sésamo* ou também uma comitiva interminável de palhaços bombeiros. No ano anterior tinha havido graves problemas com o evento. Alguns balões causaram feridos e danos, e houve um incidente com um insuflável do Barney, o dinossauro cor-de-rosa, o qual teve de ser apunhalado por vários espectadores para tentarem controlá-lo e fazê-lo aterrar. O disparate fora tal que a organização concentrou todos os esforços em recuperar da reputação desastrosa que o evento ganhara. Nenhum pai levaria os filhos a um desfile em que o seu pequenito pudesse ser atingido por Barney ou por Babe, um porquinho de cinco andares. Todas as cabeças pensantes da organização propuseram-se corrigir cada risco potencial. Naquele desfile de 1998, tudo deveria correr bem. Implementaram restrições em altura e dimensões dos balões, fazendo desaparecer para sempre o majestoso Woody, o «Pássaro Louco». Ministraram-se cursos intensivos de controlo das figuras aos ajudantes encarregados de rebocar o desfile flutuante. A exibição foi tão fascinante que ainda hoje, quase vinte anos depois, todo o país tem gravada na retina a imensa comitiva vestida de azul que seguia o Pai Natal até ao final, em Herald Square. Saiu tudo perfeito. O desfile foi um verdadeiro êxito, não

fosse ser o dia em que Kiera Templeton, uma menina de apenas três anos, se evaporara no meio da multidão, como se nunca tivesse existido.

O meu professor de Jornalismo de Investigação, Jim Schmoer, chegou atrasado à aula. Nessa altura, era também chefe de redação do *Wall Street Daily*, um jornal económico com um ou outro toque generalista, e, pelos vistos, tinha estado no arquivo municipal para ir buscar um processo antigo. De pé, perante toda a turma e com um gesto que reconheci como de aborrecimento, levantou o exemplar e perguntou:

— Porque é que acham que fazem isto? Porque acham que põem a fotografia da Kiera na capa, com um título tão seco?

Sarah Marks, uma colega estudiosa que estava sentada dois bancos à minha frente, respondeu, levantando a voz:

— Para que possamos identificá-la, se a virmos. Poderia ajudar a encontrá-la. Se alguém a visse e reconhecesse, podia dar o sinal de alarme.

O professor negou com um aceno de cabeça e apontou para mim:

— Menina Triggs, o que acha?

— É triste, mas fazem isso para vender mais jornais — respondi sem titubear.

— Continue.

— Segundo li na notícia do jornal, a menina desapareceu há uma semana na esquina de Herald Square. Deram imediatamente o alarme e, pouco depois de terminar o desfile, toda a cidade andava à procura dela. No artigo diz-se que a sua fotografia tinha saído nas notícias na noite do desfile e que na manhã seguinte até os programas de informação da CBS tinham aberto a emissão com a sua imagem. Dois dias depois, a sua cara estava colada nos candeeiros do centro de Manhattan. Puseram-na agora, uma semana depois, não para ajudar, mas para alinhar com a tendência mórbida que parece que está a gerar.

O professor Schmoer levou um momento a fazer algum gesto.

— Mas tinha visto esta menina antes? Tinha visto as notícias daquela noite ou a informação da manhã seguinte?

— Não, professor. Não tenho televisão em casa e vivo na zona norte, no Harlem. Ali não chegam os papéis dos meninos ricos colados nos candeeiros.

— Então? Não cumpriram o seu objetivo? Não a ajudaram a identificá-la? Não acha que o fizeram para tentar aumentar ainda mais as probabilidades de a encontrar?

— Não, professor. Vamos ver, em parte sim, mas não.

— Continue — disse, sabendo que eu já tinha chegado à conclusão que ele queria.

— Disseram que a cara dela já tinha saído nas notícias na CBS, porque não querem que as pessoas os julguem por serem os primeiros a colher benefícios da busca, embora na verdade seja assim.

— Mas agora já sabe como é a cara da Kiera Templeton, agora já pode juntar-se à busca.

— Sim, mas essa não era a intenção final. A intenção era vender jornais. Com as notícias das primeiras horas da CBS, talvez pretendessem ajudar. Agora parece que só querem prolongar, só estão a tentar tirar proveito de um assunto que parece ter despertado o interesse de muita gente.

O professor Schmoer desviou o olhar para o resto da turma e, sem que eu esperasse, começou a aplaudir.

— Foi exatamente o que se passou, menina Triggs — disse, acenando afirmativamente com a cabeça —, e é dessa forma que quero que pensem. O que se esconde por detrás de uma história que chega ao primeiro plano? Porque é que um desaparecimento é mais importante do que outro? Porque é que todo o país anda, neste momento, à procura da Kiera Templeton? — Fez uma pausa antes de afirmar: — Toda a gente se uniu na busca da Kiera Templeton porque é rentável.

Era uma visão simplista do assunto, não nego, mas aquele ponto triste de injustiça foi o que me ligou ao caso do desaparecimento de Kiera.

— O triste disto é que... e vão descobri-lo em breve, os meios de comunicação juntam-se às buscas por interesse. Quando pensarem se uma notícia deve ser dada porque é injusta ou porque é triste, na verdade a única

pergunta que o editor do vosso jornal fará é: venderemos mais exemplares? Este mundo funciona por interesse. As famílias pedem ajuda aos meios de comunicação pelo mesmo motivo. Afinal, um caso público recebe mais recursos policiais do que um caso anónimo. É um facto. O político de serviço precisa de conquistar a opinião pública, só isso importa, e é assim que se fecha o círculo. Todos estão interessados em mexer no assunto. Uns para ganhar dinheiro, outros para recuperar a esperança.

Fiquei calada, aborrecida. Bem, acho que aconteceu o mesmo com o resto da turma. Era desolador. Era desesperante. Depois, e como se Kiera fosse já uma notícia do passado, o professor começou a comentar um artigo que implicava o presidente da Câmara da cidade num possível desvio de fundos de um estacionamento que estava a ser construído nas margens do Hudson, para terminar a aula a comentar os pormenores de uma investigação em que estava a participar sobre uma droga nova que se tinha espalhado pelos subúrbios e começava a causar danos entre a população de menos recursos da cidade. A aula era uma amálgama de bofetadas de realidade. Entrávamos esperançados à primeira hora e saíamos um pouco depois derrotados e a pôr tudo em causa. Agora que penso nisso, cumpria o seu objetivo.

Antes de terminar a aula e de se despedir de nós até à semana seguinte, o professor Schmoer tinha o hábito de nos atribuir um tema para investigarmos durante a semana. Na anterior tinha sido o abuso sexual cometido por um político contra a sua secretária. Para aquela semana, por sua vez, virou-se e escreveu no quadro: «Tema livre.»

— O que é que isso quer dizer? — perguntou um aluno das últimas filas num grito.

— Que podem investigar o tema que mais vos interessar do jornal de hoje.

Aquele tipo de trabalho servia para nos dar asas e descobrir que tipo de jornalismo de investigação nos agradava mais: política e corrupção, assuntos sociais, preocupação com o meio ambiente ou tramas empresariais.

Uma das notícias principais abordava uma possível descarga tóxica no rio Hudson, por terem aparecido centenas de peixes mortos numa zona específica. O tema era fácil de fundamentar, e toda a turma, incluindo eu, se apercebeu disso imediatamente. Bastaria captar uma amostra de água e analisá-la num laboratório da faculdade, o que serviria para determinar que material químico tinha deixado a água coberta por uma manta de peixes a boiar. Depois bastava rastrear que empresas químicas se situavam a montante que produzissem resíduos ou produtos em que a mistela estivesse presente e *voilà*. Era canja.

Ao sair da aula, Christine Marks, minha antiga colega de mesa até ao ano anterior e centro de gravidade dos tipos da turma, aproximou-se de mim com uma cara um pouco séria. Dantes éramos boas amigas, agora dava-me vómitos falar com ela.

— Miren, queres ir mais logo colher uma amostra de água com o resto do pessoal? Está feito. Os outros estão a falar em irmos esta tarde ao cais doze, encher umas provetas com água e bebermos umas cervejas. Combinado. Acho que também vão uns miúdos giros.

— Desta vez, passo.

— Outra vez?

— Não me apetece. Ponto final.

Christine franziu o sobrolho, mas mudou logo para a sua eterna cara de comiseração.

— Miren... por favor... acho que já se passou tempo suficiente de... bem, daquilo.

Sabia aonde a coisa ia dar e também que não se atreveria a terminar a frase. Tínhamo-nos afastado muito desde o ano anterior, bem, talvez deva dizer que pus uma grande distância entre mim e toda a gente e, desde então, preferia estar sozinha e concentrar-me no estudo.

— Isto não tem nada que ver com o que aconteceu. E, por favor, não fales comigo como se fosse alguém por quem sentes pena. Estou cansada de todos olharem para mim com essa cara. Estou bem. OK.

— Miren... — lamentou-se como se eu fosse estúpida. Tenho a certeza de que fazia a mesma voz quando falava com crianças —, não queria...

— Não me interessa, está bem? Além disso, não vou investigar a descarga. Não me interessa nada. Numa das poucas vezes em que podemos escolher, prefiro fazer outra coisa.

Christine pareceu ficar aborrecida, mas não mo disse. Era cobarde também.

— Então?

— Vou investigar o desaparecimento da Kiera Templeton.

— A menina? Tens a certeza? Nestes casos é muito difícil descobrir alguma coisa. Na semana que vem não vais ter material, nem nada que se pareça, para poderes apresentar ao professor Schmoer.

— E que interessa isso? — respondi. — Assim, pelo menos, haverá alguém a investigar esse caso sem ser por dinheiro. Essa família merece que alguém se preocupe com a filha e não em salvar a pele.

— Ninguém quer saber dessa miúda, Miren. Tu própria o disseste. Este trabalho é para subir a nota, não para a baixar. Não percas a oportunidade de marcar pontos.

— Melhor para ti, não é?

— Miren, não sejas estúpida.

— Talvez sempre tenha sido — afirmei, tentando pôr fim à conversa.

E tudo podia ter ficado por ali. Poderia ter sido uma investigação falhada, que durou uma semana, feita por uma estudante de Comunicação Social sem importância. Uma negativa num trabalho parcial sem relevância na minha avaliação final de JI, como chamávamos à cadeira, mas quis o destino que descobrisse algo transcendente que mudaria para sempre o curso e a sorte da busca da pequena Kiera Templeton.

Capítulo 3

Nova Iorque
26 de novembro de 1998

*Mesmo nas maiores profundezas
dos poços mais escuros
podemos escavar um pouco mais.*

Alguns minutos depois do desaparecimento da menina, Grace ligou para as emergências pelo telefone de Aaron e explicou, transtornada, que não encontrava a filha. A polícia não tardou a chegar, logo depois de algumas testemunhas terem visto Grace e Aaron a gritar, com a voz a irromper deles em desespero.

— Os senhores são os pais? — perguntou o primeiro agente, que tinha aberto passagem entre a multidão até chegar à esquina de Herald Square com a Broadway.

Várias dezenas de transeuntes formaram um círculo em volta de Aaron e Grace e do polícia para observarem o colapso de duas pessoas que haviam perdido o que tinham de mais importante.

— Por favor, ajudem-me a encontrá-la. Por favor — suplicou ela. As lágrimas de Grace brotavam profusamente. — Alguém a deve ter levado. Ela não iria com ninguém.

— Calma, minha senhora. Vamos encontrá-la.

— É muito pequenina e está sozinha. Têm de nos ajudar, por favor. E se alguém...? Oh, meu Deus! E se alguém a levou?

— Acalme-se. Está com certeza em qualquer canto, assustada. Há aqui muita gente neste momento. Vamos passar a palavra entre os agentes e daremos o sinal de alarme. Vamos encontrá-la, prometo.

— Há quanto tempo aconteceu? Quando é que a viram pela última vez?

Grace olhou em volta, observou as caras de preocupação das pessoas e deixou de ouvir. Aaron interveio para não perder tempo.

— Há uns dez minutos, no máximo. Aqui, precisamente aqui. Vinha aos meus ombros para irmos buscar um balão... Pu-la no chão e... e perdi-a de vista.

— Quantos anos tem a sua filha? Alguma descrição que nos ajude? O que tinha vestido?

— Tem três anos. Bem, faz amanhã. É... morena... Usava um rabo de cavalo, bem dois, um de cada lado. Vestia umas calças de ganga... e... uma *sweatshirt*... branca.

— Era rosa-clara, Aaron. Por amor de Deus! — interrompeu Grace como pôde.

— Tem a certeza?

Grace suspirou com força. Estava prestes a desmaiar.

— Era uma *sweatshirt* clara — insistiu Aaron.

— Se foi há dez minutos, tem de estar perto. É impossível sair daqui com tanta gente.

Um dos polícias agarrou no rádio e deu o alarme:

— Atenção a todos os agentes: 10-65. Repito: 10-65. Perdeu-se uma menina de três anos, morena, de calças de ganga e com uma *sweatshirt* clara. Nas imediações de Herald Square, na Rua 36 com a Broadway. — Parou um instante e dirigiu-se a Grace, cujas pernas começavam a falhar. Como se chama a sua filha, minha senhora? Vamos encontrá-la, garanto.

— Kiera, Kiera Templeton — respondeu Aaron por cima de Grace, que parecia estar prestes a desmaiar. Aaron sentia cada vez mais o peso da mulher, como se as pernas estivessem a falhar-lhe e em cada segundo que passava ele tivesse de fazer mais esforço para a manter de pé.

— Dá pelo nome de Kiera Templeton — continuou o agente a falar pelo rádio. — Repito, 10-65, menina de três anos, morena...

Grace já não conseguiu ouvir novamente a descrição da filha. O coração acelerou quase até ao colapso, e os braços e pernas não aguentaram a tensão que circulava pelas artérias. Grace fechou os olhos e deixou-se cair nos braços de Aaron, enquanto as pessoas que os rodeavam soltaram um grito de emoção.

— Não, Grace... agora não... — murmurou. — Por favor, agora não...

Aaron amparou-a como pôde e, nervoso, colocou-a no chão.

— Não é nada... querida, descontra-te — murmurou ao ouvido da mulher. — Já vai passar...

Grace jazia no chão, com o olhar perdido, e os agentes, surpreendidos, agacharam-se para tentarem ajudar. Uma senhora aproximou-se, e rapidamente Aaron viu-se rodeado de gente a querer saber mais.

— É apenas uma crise de ansiedade! Por favor... afastem-se. Espaço. Precisa de espaço.

— Já aconteceu mais vezes? — perguntou um dos agentes. O outro pediu uma ambulância pelo rádio. A rua estava apinhada de gente que caminhava em todas as direções. O trânsito estava cortado. O Pai Natal, ao longe, continuava no seu carro a sorrir às crianças. Algures entre a multidão poderia estar Kiera, acorada num canto, assustada, a pensar porque é que os pais não estavam com ela.

— De vez em quando, porra. Já há um mês que não lhe dava uma destas. Vai passar dentro de uns minutos, mas, por favor, encontrem a Kiera. Ajudem-nos a encontrar a nossa filha.

O corpo de Grace, que parecia estar adormecida no chão, começou a ter uns leves espasmos, e os mirones gritaram de surpresa.

— Não é nada. Não é nada. Já passa, querida — murmurou Aaron ao ouvido de Grace. — Vamos encontrar a Kiera. Respira... não sei se consegues ouvir-me agora... concentra-te em respirar. Vai passar depressa.

O rosto de Grace foi-se transformando pouco a pouco e passando da calma a uma expressão de terror, os olhos ficaram em alvo, e Aaron só

queria que ela não batesse em nada.

O círculo formado à sua volta era cada vez mais fechado, e as vozes de todos os que davam conselhos intercalavam-se com o som do rádio dos polícias. De repente, as pessoas que estavam de um dos lados começaram a afastar-se rapidamente, e surgiu uma equipa de emergência com uma maca e um *kit* de primeiros socorros. Dois polícias juntaram-se ao grupo e empurraram as pessoas, que pareciam aproximar-se cada vez mais.

Aaron deu dois passos para trás para os deixar trabalhar e levou as mãos à boca. Estava esgotado. A filha tinha desaparecido uns minutos antes, e a mulher estava com uma crise de ansiedade. Deixou escapar uma lágrima. Custou-lhe. Não era costume ir-se abaixo. Não costumava mostrar as emoções em público, e naquele momento sentia-se tão observado que se conteve o mais possível, até que aquela gota encontrou a ponta do seu saco lacrimal.

— Como se chama? — gritou uma paramédica.

— Grace — gritou também Aaron.

— É a primeira vez?

— Não... acontece-lhe às vezes. Está em tratamento, mas... — Um nó na garganta interrompeu a frase.

— Grace... querida. Ouça — disse a paramédica num tom reconfortante. — Já vai passar... já está a passar. — Virou a cabeça para Aaron e perguntou: — Ela é alérgica a algum medicamento?

— A nada — respondeu, atordoado. Aaron não sabia a que prestar atenção. Sentia-se esgotado. Mexia-se de um lado para o outro, a olhar para o chão e à distância entre os pés das pessoas, numa tentativa desesperada de ver Kiera.

— Kiera! — gritou. — Kiera!

Um dos polícias pediu-lhe que se afastasse com ele para o lado.

— Precisamos da sua ajuda para encontrar a sua filha. A sua mulher está bem. A equipa de emergência trata dela. Para que hospital quer que levem a sua esposa? Precisamos que o senhor fique aqui connosco.

— Hospital? Não, não. Isto passa-lhe dentro de cinco minutos. Não é nada.

Um dos paramédicos aproximou-se de Aaron, e o polícia disse-lhe:

— É melhor irmos para um sítio mais sossegado. Temos a ambulância no cruzamento seguinte, e é mais conveniente recuperar do ataque ali. O que acha de esperarmos lá por si? Só iremos ao hospital se houver alguma complicação. Não se preocupe, é só uma crise de ansiedade. Vai passar dentro de uns minutos, e, quando terminar, ela precisa de estar mais descontraída.

Imediatamente, um dos polícias que acabavam de se aproximar fez uma cara de surpresa e dirigiu-se ao rádio.

— Central, pode repetir a última coisa?

A voz do rádio era ininteligível para Aaron, que estava a uns metros de distância mas que se apercebeu da expressão do agente.

— O que se passa? — gritou. — O que aconteceu? É a Kiera? Encontraram-na?

O agente ouviu com atenção o rádio e viu Aaron aproximar-se rapidamente.

— Tenha calma, senhor Templeton, está bem?

— O que é que aconteceu?

— Encontraram qualquer coisa.

Capítulo 4

27 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Só aqueles que nunca param de procurar
se encontram a si próprios.*

No cruzamento da Rua 77 com Central Park West, em Nova Iorque, às 9 horas da manhã de 27 de novembro, centenas de ajudantes e voluntários rodopiavam em volta das grandes figuras insufláveis que estavam prestes a elevar-se no ar. Todos os participantes no levantamento dos grandes balões que percorriam as ruas de Nova Iorque, até terminar em frente da loja Macy's, em Herald Square, organizavam-se em grupos vestidos para a ocasião de acordo com a personagem que tivessem de levar: os encarregados de fazer voar Babe, o porquinho valente, iam com *sweatshirts* cor-de-rosa, num elegante fato preto os que levavam o carismático Sr. Monopólio, ou de macacões azuis os que acompanhavam o mítico Soldadinho de Chumbo. Em Herald Square, a manhã tinha começado com uma majestosa *flashmob* de America Sings, com *sweatshirts* de cores, seguida das atuações de alguns dos melhores artistas do país.

A cidade tinha-se transformado numa grandiosa festa, as pessoas iam pelas ruas, sorridentes, e as crianças caminhavam, entusiasmadas, para um dos pontos por onde passava o desfile. Até o magnata Donald Trump fazia um voo no seu helicóptero para mostrar à NBC uma vista aérea do percurso que o desfile iria desenhar sobre as linhas retas de Manhattan.

O desaparecimento de Kiera Templeton já caíra no esquecimento da cidade, mas não no seu subconsciente. Os pais e as mães caminhavam agarrando energicamente os filhos, com precauções que antes nem tinham em conta. Evitavam os pontos quentes do percurso, as zonas onde se previam mais aglomerações. O cruzamento de Times Square, o destino final, ao lado da loja Macy's, ou até as zonas mais baixas da Broadway eram apenas frequentadas por turistas, adultos e gente de cidades adjacentes. As famílias tinham optado por desfrutar do evento com os filhos, perto de onde a ação se iniciava, na rua paralela a Central Park West, uma zona com menor risco, passeios amplos e grandes espaços para caminhar sem engarrafamentos ou potenciais debandadas.

Eram 9h53 da manhã, e, precisamente no momento em que o balão do Poupas da *Rua Sésamo* levantava voo, perante o olhar atento de centenas de crianças e pais com um sorriso de encantamento, um bêbedo irrompeu pelo centro da rua, vociferando, colérico, entre lágrimas.

— Vigiem os vossos filhos! Vigiem os vossos filhos, senão esta cidade engole-os! Engole-os como engole tudo o que é bom e pisa as suas ruas! Não amem nada nesta cidade! Porque, se ela o descobre, tira-o, como nos tira tudo quanto vê.

Alguns pais desviaram o olhar do gigantesco pássaro amarelo que subia vários metros acima do chão para o bêbedo que vestia um fato sem gravata, cheio de nódoas. O homem tinha uma barba escura, farta e descuidada. O cabelo era um emaranhado. Tinha uma ferida no lábio, cujo sangue tinha escorrido até lhe manchar o colarinho da camisa, e os seus olhos estavam cheios de dor e de desesperança. Andava com dificuldade, porque tinha um pé descalço, apenas coberto por uma peúga branca com a parte inferior completamente negra.

Uns voluntários aproximaram-se do homem com a intenção de o acalmar.

— Ei, amigo! Não é um bocado cedo para estar nesse estado? — disse-lhe um deles, enquanto tentava conduzi-lo para um dos lados.

— É Dia de Ação de Graças, não tem vergonha? — acrescentou o outro. — Saia daqui, antes que o prendam. Há crianças a vê-lo. Porte-se bem.

— Vergonha teria eu de participar... nisto. Em alimentar esta... esta máquina de destruir crianças — gritou.

— Um segundo... — disse um deles, depois de o reconhecer — você é... o pai da menina que...

— Não te atrevas a mencionar a minha filha, desgraçado.

— Sim! É você... Talvez não devesse ir a... isto — comentou, tentando ser compreensivo.

Aaron baixou a cabeça. Tinha passado toda a noite a beber de bar em bar, até já não haver nenhum aberto. Depois foi a um *deli* e comprou uma garrafa de genebra, que o empregado paquistanês concordou em vender-lhe, por pena. Bebeu um terço da garrafa no primeiro golo e vomitou logo a seguir. Sentou-se a chorar. Faltavam umas horas para começar o desfile do Macy's e se cumprir o quinto aniversário do desaparecimento de Kiera, e no dia anterior acordara a chorar, tal como tinha acontecido nos anos anteriores. Aaron nunca bebera antes de perder a filha. Era correto, mantinha um estilo de vida saudável e tinha o hábito de beber apenas um copo de vinho branco, quando tinham visitas na sua antiga casa de Dyker Heights, um bairro de classe alta, em Brooklyn. Desde o que acontecera a Kiera, e a tragédia seguinte, não havia dia em que logo de manhã não bebesse um copo de uísque. Havia uma tal diferença entre o Aaron Templeton de 1998 e o de 2003 que era inegável que a vida o tinha agredido com força.

Um agente da polícia viu a cena e aproximou-se a correr.

— Senhor, tem de sair daqui — disse, ao mesmo tempo que agarrava Aaron por um braço e lhe indicava a saída para o outro lado das barreiras. — Aqui só podem estar membros da comitiva.

— Não me toque! — gritou Aaron.

— Senhor... por favor... não quero detê-lo. Há muitas crianças a assistir.

Aaron desviou o olhar para a berma dos passeios e reparou que todos o observavam. Pouco importava a gigantesca sombra que o pássaro amarelo projetava ou a figura do Homem Aranha a inchar ao longe, prestes a levantar voo. Baixou a cabeça. Outra vez. Estava derrotado. Emocionado e

abatido. O golpe emocional do dia do desfile era inelutável, e talvez a única coisa que pudesse fazer fosse voltar ao seu novo apartamento, em Nova Jérсия, para dormir e chorar na solidão. Mas o agente deu-lhe um puxão no braço, e isso foi o pior que podia ter acontecido.

Aaron virou-se e deu um grande soco na cara do polícia, atirando-o ao chão, perante o olhar atónito de centenas de crianças e pais, que, zangados, começaram a apupá-lo.

— Que vergonha! — gritou um deles.

— Vai-te embora palhaço! — berrou outro.

Uma garrafa de água acertou-lhe na cara, e ele olhou em todas as direções, aturdido, sem saber de onde tinha vindo o impacto.

Não teve tempo de pensar no motivo dos apupos, por que razão aquelas pessoas achavam mal que ali estivesse, quando mais dois agentes correram para ele e, com uma forte placagem, o atiraram ao chão. A queda foi travada pela cara no asfalto. Em menos de cinco segundos, tinha os braços atrás das costas e as algemas a cortar-lhe a circulação dos pulsos. O cérebro não tinha processado a dor da pancada, algo que viria a acontecer dois minutos depois, mas sim as mãos dos agentes e de um dos voluntários que o levantaram do chão em voo, entre os aplausos dos que assistiam, que mal deixavam ouvir os gritos e lamentos de um pai que se despenhava num abismo profundo.

Adormeceu na carrinha da polícia.

Quando acordou, uma hora mais tarde, estava sentado na esquadra da Secção Oeste da Polícia de Nova Iorque, com as algemas atrás das costas, ao lado de um homem mais velho de aspeto amigável e cara triste. Aaron tinha dores na cara e fez uma careta para soltar o sangue seco do rosto, mas foi má ideia. A dor irradiou em todas as direções.

— Um dia mau? — perguntou o homem ao seu lado.

— Uma vida... má — respondeu Aaron, que tinha vontade de vomitar.

— Bem, a vida é má se não se fizer nada para a mudar.

Aaron desviou o olhar para ele e, de seguida, confirmou com um aceno de cabeça. Por momentos, pensou que aquele homem não tinha aspeto de

delinquente, não fosse ter as mãos também presas atrás das costas. Pensou que talvez ali estivesse por multas de estacionamento.

Uma mulher de cabelo castanho apareceu entre as secretárias da esquadra e dirigiu-se ao homem mais velho.

— Sr. Rodríguez, não é? — disse, enquanto levantava uma folha do seu portefólio.

— É, sim — respondeu.

— Dentro de uns minutos vem o meu colega dos homicídios para lhe fazer umas perguntas. Quer que avisemos o seu advogado?

Aaron olhou para o homem com ar de surpresa.

— Não é preciso. Já está tudo dito — respondeu o Sr. Rodríguez, tranquilo.

— Bem, como queira. Quero que saiba que pode ter acesso a um oficioso para o acompanhar na declaração.

— Tenho a consciência tranquila. Nada a esconder. — Sorriu.

— Está bem — respondeu a polícia. — Dentro de alguns minutos, vem um agente buscá-lo. E o senhor... é... Templeton, Aaron. Acompanhe-me, por favor.

Aaron levantou-se como pôde e despediu-se do Sr. Rodríguez com um aceno de cabeça. Começou a caminhar atrás da agente, que ia mais depressa do que ele, até que chegou a uma espécie de sala de espera.

— Aqui tem as suas coisas. Pode ligar a alguém para o virem buscar.

— Já está? — perguntou Aaron, confuso.

— Sabe... o polícia a quem bateu tem pena. Conhece-o, sabe? Viu-o na televisão quando aconteceu aquilo com a sua filha. Diz que já sofreu bastante e que hoje é Dia de Ação de Graças. Não apresentou queixa e, no relatório, escreveu apenas que o deteve porque estava demasiado agitado. Tem apenas um pequeno delito.

— Então... posso ir para casa?

— Calma. Só pode ir se alguém vier buscá-lo. Não o podemos deixar ir sozinho estando ainda... embriagado. Se quiser, pode curar a ressaca na sala de espera, mas não recomendo, é Dia de Ação de Graças. Vá depressa para

casa, durma um pouco e depois jante com a família. De certeza que tem um bom jantar à espera.

Aaron suspirou e olhou outra vez para a zona onde o Sr. Rodríguez estava sentado.

— Posso perguntar-lhe o que é que fez?

— O que é que quem fez?

Aaron apontou para o homem com um gesto de cabeça.

— Parece bom tipo.

— Oh, e é. Na noite passada matou a tiro quatro homens que tinham violado em grupo a sua filha.

Aaron engoliu em seco e olhou para o Sr. Rodríguez, com uma espécie de admiração recuperada.

— De certeza que vai passar o tempo de vida que lhe resta na prisão, mas não o culpo. No seu lugar... não sei o que faria.

— Mas você é polícia. Ocupa-se de meter os maus na prisão.

— Pois, é por isso que o digo. Não confio muito neste sistema. Aqueles homens que ele matou já tinham várias denúncias por delitos sexuais e... sabe onde estavam? Na rua. Não sei. Confio cada vez menos nisto tudo. Por isso estou na esquadra a tratar do expediente e não a dar a cara pelo sistema. Aqui está-se melhor, amigo.

Aaron concordou com um sinal de cabeça. A agente tirou uma caixa de plástico, que continha uma carteira de couro, umas chaves com um porta-chaves do cão *Pluto* e o seu telemóvel *Nokia 6600*, e pousou-a em cima do balcão. Aaron guardou a carteira e as chaves nos bolsos e procurou a agenda do telemóvel. Navegou entre doze chamadas perdidas de Grace e escreveu uma mensagem que apagou antes de enviar. Preferiu fazer uma chamada para tentar sair dali o quanto antes.

Introduziu o auricular na orelha e, uns segundos depois, ouviu uma voz feminina do outro lado.

— Aaron?

— Miren, pode vir buscar-me? Estou metido numa pequena trapalhada.

— Hum...?

— Por favor...

Miren suspirou.

— Estou na redação. É urgente? Onde está?

— Na esquadra.

Capítulo 5

Miren Triggs
1998

*Somos aquilo que amamos,
mas também o que tememos.*

Nessa mesma tarde, depois das aulas, decidi deitar uma vista de olhos a tudo o que se publicara sobre o desaparecimento de Kiera Templeton. Tinha-se passado apenas uma semana desde o sucedido, mas os artigos, as notícias e os rumores cresciam à volta dela a um ritmo imparável. Passei pelo arquivo da biblioteca da universidade e perguntei à ajudante se podia fazer uma pesquisa das notícias publicadas desde o dia do desaparecimento que incluíssem as palavras «Kiera Templeton».

Lembro-me da cara da rapariga e da sua resposta fria:

— Os jornais da última semana ainda não estão processados. Ainda vamos em 1991.

— 1991? Estamos em 1998 — respondi. — Estamos em plena era da tecnologia, e está a dizer-me que estamos com sete anos de atraso?

— Pois é. Tudo isto é muito novo, sabe? Mas pode consultá-los manualmente. Não há assim tantos.

Suspirei. Em parte, ela tinha razão. Quanto tempo levaria a encontrar as notícias que mencionassem o desaparecimento?

— Posso ver os jornais da semana passada?

— Quais? *Manhattan Press*, *Washington Post*...

— Todos.

— Todos?

— Os nacionais e os do estado de Nova Iorque.

A mulher devolveu-me um olhar confuso e, pela primeira vez, suspirou.

Sentei-me, à espera, nas mesas da biblioteca, enquanto a estagiária desaparecia por uma porta lateral. Pareceu-me uma eternidade e, sem dar por isso, a minha mente viajou até àquela noite. Levantei-me para não pensar. Deambulei durante um momento por alguns corredores e perdi-me a murmurar títulos em espanhol de autores de língua castelhana.

Ouvi o som de umas rodas atrás de mim e, quando me volvei, dei de caras com a rapariga sorridente, com um carrinho carregado com mais de cem jornais.

— Isto tudo? — perguntei, surpreendida pelo monte. Pensei que fossem menos.

— Foi o que me pediu, não foi? Os jornais publicados na última semana. Só os nacionais e os locais do estado de Nova Iorque. Não sei que trabalho tem de fazer, mas tem a certeza de que os nacionais não lhe chegam?

— Assim está perfeito.

A rapariga voltou para trás do balcão, depois de deixar o carrinho carregado de jornais ao lado de uma das mesas junto à janela. Peguei no primeiro jornal e comecei a folheá-lo, enquanto lia os títulos e os meus olhos voavam de um para o outro como duas aves de rapina à procura entre os matagais.

Há várias maneiras de nos documentarmos numa investigação, e a que escolhemos depende muito do nosso instinto e do tema que quisermos investigar. Em certos casos é melhor recorrer a processos policiais, noutros a arquivos municipais ou registos públicos. Por vezes, as pistas principais são proporcionadas por uma testemunha ou um confidente, e em muitos outros trata-se de puro instinto. Procurando, indagando, cotejando cada pequeno reduto de informação que possa ser relevante. Na matéria de Kiera Templeton, estava às cegas. Ainda era cedo para tentar conseguir o processo do seu desaparecimento, e, além disso, nenhum agente do FBI se atreveria a partilhar informação com uma estudante do último ano do curso de

Comunicação Social. Se o FBI colaborasse, seria com os jornalistas dos principais meios de comunicação, quando fosse necessário e se achasse que podia fazer avançar o caso. Tinha acontecido noutras ocasiões. Por vezes, a polícia precisava dos olhos de milhões de pessoas e para isso oferecia aos meios de comunicação informação confidencial da investigação para conseguir identificar algum assassino ou encontrar uma vítima graças à ajuda dos cidadãos. Para os casos mais mediáticos, como era o de Kiera, publicar pormenores como a roupa que tinha vestida, onde fora vista pela última vez ou até as coisas de que gostava poderiam ajudar a incentivar a busca e a permanecer em modo de alerta para o caso de se encontrar alguma pista importante.

Revi rapidamente os jornais do dia 26 de novembro, o Dia de Ação de Graças desse ano, visto que era o mesmo dia em que Kiera desaparecera. Aquela edição fora fechada na madrugada anterior, e a informação apresentada correspondia a notícias e eventos de 25 de novembro, pelo que neles não poderia aparecer qualquer dado sobre Kiera.

Nos do dia seguinte, depois de folhear algumas centenas de páginas de diferentes publicações, com fotografias sobre o desfile e títulos sobre o início oficial das festas natalícias, encontrei a primeira referência ao desaparecimento de Kiera. Num canto inferior da página 16 do *New York Daily News*, num quadro contornado por traços pretos, aparecia a primeira fotografia da menina, a mesma que tinha surgido dias depois na capa do *Manhattan Press*, em que se comentava, em tom neutro, que desde o dia anterior se tinha iniciado a busca de uma menina de três anos que tinha desaparecido e que dava pelo nome de Kiera. Segundo o artigo, vestia umas calças de ganga, uma *sweatshirt* branca ou rosa-clara e um impermeável de penas branco. Não havia mais nada. Nem hora do desaparecimento nem o local onde fora vista pela última vez.

Nos jornais do dia seguinte não me surpreendeu encontrar um artigo mais destacado. Outro jornal, desta vez o *New York Post*, dedicara meia página ao desaparecimento de Kiera. O artigo, assinado por um tal Tom Walsh, relatava o seguinte:

«Segundo dia de busca de Kiera Templeton, desaparecida durante o desfile do Dia de Ação de Graças. A menina, de três anos, desapareceu entre a multidão há dois dias. Os pais, desesperados, pedem a ajuda dos cidadãos para a encontrarem.» A imagem de Aaron e Grace Templeton, segurando uma fotografia da filha, acompanhava a notícia. Tinham os olhos encovados do choro. Foi naquela imagem que vi os dois pela primeira vez.

Continuei a ler jornais e a selecionar as páginas em que se mencionava a Kiera ou o desfile, enquanto ia avançando nas datas até chegar ao dia e à capa do *Manhattan Press*.

Vi as horas e assustei-me ao verificar que eram quase nove da noite. Já não havia ninguém na biblioteca, que ficava aberta até à meia-noite naquela época do ano, com as provas intercalares à porta, mas suficientemente distantes para que ninguém tivesse urgência em estudar.

Não devia ter ficado até tão tarde. Guardei rapidamente as páginas na mochila e levei o carrinho até ao balcão. A estagiária resmungou, quando viu o monte de papéis desordenados.

Saí para a rua e observei a escuridão da noite de Nova Iorque. Olhei para um lado, e não havia viva alma naquela zona da cidade. No outro, duas silhuetas rodeadas de fumo falavam e fumavam à porta de um bar. Voltei para dentro, e a rapariga do balcão lançou-me um sorriso falso ao ver-me novamente.

— Posso usar o telefone? — perguntei. — Não trouxe dinheiro para o táxi... Não pensava que ia acabar tão tarde.

— São apenas nove horas. Ainda há muita gente na rua.

— Posso usar o telefone ou não?

— Cla... claro — respondeu, estendendo-me o auscultador.

Eu vivia numa casa alugada próximo da faculdade, no centro do Harlem, num edifício de tijolo avermelhado, na Rua 115, a escassos dez minutos a pé da faculdade, situada a este do Morningside Park, enquanto a minha casa ficava exatamente a oeste.

Bastava atravessar duas ruas, o parque, e estaria em casa. O problema é que naquela época a zona era problemática. Havia muito condomínios e

bairros sociais, que tinham reunido numa única zona, por cima de Central Park, gangues, grupos de pequenos delinquentes, drogados e assaltantes ávidos de alguma vítima descuidada. Durante o dia, os roubos e assaltos eram inexistentes, mas à noite a situação mudava por completo.

Marquei o único número de telefone que atenderia àquela hora.

— Sim? — disse uma voz masculina do outro lado.

— Apetece-te vir ter comigo? — perguntei. — Estou na biblioteca da faculdade.

— Miren?

— O dia complicou-se. Queres ou não?

— Está bem. Dá-me quinze minutos, e estarei aí.

— Espero-te cá dentro.

Desliguei e estive a fazer tempo enquanto observava a estagiária a tentar ordenar a trapalhada das folhas soltas que eu tinha criado com os jornais. Pouco depois, apareceu o professor Schmoer na soleira da porta, com o seu blusão com cotoveleiras e os óculos redondos com aros de massa, e fez-me sinal para que fosse lá para fora com ele.

— Estás bem? — disse-me em tom de saudação, mal pisámos o passeio.

— Ficou tarde para mim.

— Acompanho-te a casa e depois vou-me embora, está bem? Não posso ficar. — Virou-me as costas e começou a caminhar para este. — Tenho uma trapalhada para resolver na redação. O diretor quer publicar qualquer coisa sobre a Kiera Templeton na capa, seja lá o que for, e tenho a sensação de que amanhã toda a imprensa vai fazer o mesmo, depois daquela história de hoje do *Manhattan Press*. Vai correr sangue com este assunto da miúda, e, sinceramente, mete-me nojo participar nisto.

Acelerei o passo e fiquei ao lado dele.

— E o que vais publicar? — perguntei por curiosidade.

— A chamada da mãe para o número de emergência. Conseguimos uma cópia da gravação.

— Uff! Mau assunto — soprei levantando as sobrancelhas. — Grande viragem para o sensacionalismo, no caso do *Daily*. Não deviam ser um

jornal económico?

— Eu sei. É por isso que me repugna que pensem fazer isto.

Esperei um momento antes de continuar. Concentrei-me no som dos nossos passos no passeio e em como as nossas sombras nos ultrapassavam, quando seguíamos para lá de um candeeiro de rua, para desaparecerem a seguir.

— E não podes decidir nada? Não podes publicar outra coisa? És o chefe de redação.

— Vendas, Miren. As vendas são tudo — respondeu, incomodado. — Tu própria o disseste hoje. O que talvez ainda não compreendas é a que ponto controlam tudo. Na verdade, é a única coisa que interessa.

— Tanto?

— O *Manhattan Press* de hoje arrasou. Vendeu dez vezes mais do que a edição do dia anterior, Miren. Os outros jornais ficaram pendurados com as edições. A jogada correu-lhes bem.

— Dez vezes?

— Não sabemos o que vão publicar amanhã, mas isto funciona assim. A busca dessa miúda vai transformar-se, quer queiramos quer não, no enigma dos próximos meses em toda a imprensa, se ela não aparecer entretanto. Haverá até imprensa que prefere que nunca apareça, para continuar a esticar a corda o máximo possível. Quando já se tiverem esquecido do assunto, e os jornais da miúda, começarão as homenagens que todos vão ignorar, e só no caso de aparecer a própria Kiera no meio da Times Square, ou o seu cadáver, é que voltarão a pegar no assunto.

Achei-o arrasado. Parecia tão em baixo que não me atrevi a responder.

Chegámos à estátua de Carl Schurz, junto ao parque, e pedi que o contornássemos, em vez de o atravessar, apesar de isso duplicar o tempo do percurso. Ele aceitou sem protestar.

A partir desse momento, acompanhou-me em silêncio. Era com certeza da idade. Tinha mais uns quinze anos do que eu e sabia que eu não precisava de falar. Esperou que me enganasse. Talvez estivesse à espera de que eu puxasse o assunto, depois da minha recusa em atravessar o parque,

mas era algo de que não queria falar. Ao chegar à porta de casa, depois de subir a Manhattan Avenue, disse-lhe:

— Obrigada, professor.

— Não tens de quê, Miren. Já sabes que só quero ajudar...

Atirei-me a ele e dei-lhe um abraço de agradecimento. Era reconfortante sentir-me um pouco protegida.

Afastou-me imediatamente com um empurrão, um pouco preocupado, e eu senti-me uma merda.

— Isto... isto não está bem, Miren. Não posso. Tenho de voltar para a redação.

— Era só um abraço, Jim — disse-lhe com ar sério, aborrecida. — Estás maluco?

— Miren, já sabes que não... não posso. Tenho de me ir embora. Isto não devia acontecer. Se nos veem...

— É assim tão urgente? — perguntei, tentando não dar importância à rejeição.

— Não, é só que... — pareceu titubear. — Bem, sim. Não posso ficar — afirmou.

— Desculpa, eu... — acrescentei — pensava que éramos... amigos

— Não, Miren, não é isso... é que tenho de voltar para a redação. A sério.

Notei que estava mais nervoso do que o normal e esperei que continuasse.

— É a chamada da mãe da Kiera para o número de emergência — disse por fim. — Não me parece bem. E não creio que seja o melhor.

— Podes contar-me mais alguma coisa? Decidi investigar o caso da Kiera Templeton para o trabalho desta semana.

— Não vais investigar o derrame? — respondeu com um gesto de surpresa. — Achei que quisesses passar na cadeira.

Agradei que não insistisse no assunto do abraço e que aliviasse a tensão.

— E quero, mas não se for igual aos outros. Vão todos fazer isso. É chão que já deu uvas. A Kiera merece que olhemos para este caso com olhos de

ver, sem o símbolo do dólar.

O professor Schmoer concordou, conformado.

— Está bem. Vou só dizer-te uma coisa da gravação.

— Diz lá.

— Na chamada dos pais para o serviço de emergências...

— O que aconteceu?

— Parecem estar a esconder alguma coisa.

Capítulo 6

Chamada de Grace Templeton para o serviço de emergência 26 de novembro de 1998. 11h53

- Serviço de emergência, como posso ajudar?
- Não... não encontro a minha filha.
- Certo... Quando foi a última vez que a viu?
- Há... há uns minutos... estávamos aqui no... no desfile e... ela foi com o pai.
- Está com o pai ou perdeu-se?
- Estava com ele... e agora não. Perdeu-se.
- Quantos anos tem?
- Tem dois anos, quase três. Faz anos amanhã.
- Certo... Em que zona se encontra?
- Eh...
- Minha senhora, em que zona se encontra?
- Na... na Rua 36 com a Broadway. Está aqui muita gente, e ela perdeu-se. É muito pequena. Meu Deus!
- E... que roupa tinha vestida da última vez que a viu?
- Tinha um... dê-me um segundo... não me recordo exatamente. Umas calças azuis e... não sei.
- Uma camisola ou algo do género? Recorda-se da cor?
- Eh... sim. Uma *sweatshirt* cor-de-rosa.
- Pode descrever-me brevemente a sua filha?

— É morena, de cabelo curto. Sorri a toda a gente. Mede 86 centímetros. É... baixinha para a idade.

— Cor da pele?

— Branca.

— Está bem...

— Por favor, ajude-nos.

— Saiu do local? Procurou nas redondezas?

— Isto está cheio de gente. É impossível.

— A sua filha vestia algum blusão ou casaco?

— Como?

— Se vestia algo por cima da *sweatshirt* cor-de-rosa que referiu. Está a chover em Nova Iorque.

— Eh... sim. Um impermeável.

— Lembra-se da cor?

— Eh... branco, com capuz. Sim. Tinha um capuz.

— Está bem... Fique em linha. Vou passar agora à polícia. Certo?

— Certo.

Uns segundos depois e após vários toques de espera, outra mulher atendeu.

— Minha senhora?

— Sim?

— Viu em que direção foi a sua filha?

— Eh... não. Estava com o meu marido e não voltou. Já se... já se tinha perdido.

— A senhora está com o seu marido?

— Sim. Ele está aqui.

— Pode passar-lhe o telefone?

— ...

— Sim? — respondeu Aaron, com uma voz abatida.

— O senhor viu em que direção foi a sua filha?

— Não. Não vi.

— Está bem... confirma-me a hora a que isso aconteceu?

— Há cinco minutos no máximo. Está aqui demasiada gente. É impossível encontrá-la.

— Vamos encontrá-la.

— ...

— O senhor está a ouvir?

— Sim, sim.

— Uma unidade a pé está a dirigir-se para a esquina da Rua 36 com a Broadway. Esperem aí.

— Acham que a vão encontrar? — perguntou Aaron.

À distância do telefone, num segundo plano, ouviu-se a voz de Grace dizer qualquer coisa a Aaron, mas foi ininteligível.

— Grace, não é o momento — tentou ele atalhar.

— Não se preocupe. A sua filha irá aparecer.

A voz de Grace ouviu-se novamente ao longe:

— Aaron, limpa o sangue.

— ...

— Senhor? — chamou a voz da operadora.

— Graças a Deus — disse ele.

Ao longe, ouviu-se a voz grave de alguém que a seguir se identificaria como agente da polícia.

— Os senhores são os pais?

Capítulo 7

27 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*A esperança emite a única luz capaz
de iluminar as sombras mais escuras.*

Miren apareceu na esquadra com um fato preto de saia-casaco sobre uma blusa branca. O cabelo castanho estava apanhado num carrapito bem-feito no alto da cabeça, e Aaron, da sala de espera, observou-a a caminhar decididamente para o balcão e perguntar por ele. A agente apontou para onde Aaron a esperava, e ela, depois de assinar uma autorização, virou-se com o rosto sério e aproximou-se.

— Vamos? — disse ela em jeito de saudação.

Havia um ano que não se viam, mas encontrá-lo naquela situação pouco a surpreendeu. Durante uma época, os primeiros anos da busca de Kiera, tinha-se encontrado com Aaron numa ou outra ocasião e tinha-o visto afundar-se minuto a minuto naquela espiral de tristeza e desesperança que consumia tudo em que tocava. O tempo, o dia a dia e o facto de Miren ter começado a trabalhar como jornalista para o *Manhattan Press* tinham levado a que se afastassem e que os encontros se tornassem esporádicos. A última vez que se tinham visto fora no mesmo dia do ano anterior, no aniversário de Kiera, quando Aaron aparecera na redação a gritar e a perguntar por ela e pelas suas promessas não cumpridas.

— Obrigada por ter vindo, Miren... Não tinha mais ninguém a quem ligar.

— Sim. Não tem de quê. Deixe lá, Aaron. Não é preciso.

Eram quatro da tarde, e o trânsito começava a recuperar a normalidade na zona norte. O desfile tinha terminado, os risos das crianças tinham-se esfumado, e toda a gente voltara para casa com a intenção de preparar o jantar a tempo. Miren indicou o caminho para o seu carro, um *Chevrolet Cavalier* cor de champanhe que estava no parque de estacionamento, entre dois carros da polícia. Miren entrou primeiro e esperou que Aaron fizesse o mesmo.

— Lamento que me veja assim — disse ele, fedendo a álcool e com um aspeto lamentável.

— Não faz mal, não interessa. Quase que já me habituei — respondeu ela, incomodada.

— Hoje é o oitavo aniversário da Kiera. Simplesmente... não consegui aguentar.

— Eu sei, Aaron.

— Não consigo suportar isto. O desfile, o aniversário, tudo no mesmo dia. São tantas recordações. Tanta culpabilização. — Levou as mãos à cara.

— Não tem de se justificar. Comigo não, Aaron.

— Não... quero que perceba, Miren. Na última vez que nos vimos comportei-me como...

— Aaron, não é preciso. Deixe lá. Sei que é difícil.

— O que é que os seus chefes acharam?

— Bem. Não lhes agradou. Mas também não lhes deu alternativa. Suponho que ninguém gostaria que o pai da menina mais procurada dos Estados Unidos aparecesse bêbedo na receção a gritar que inventamos tudo o que publicamos, porque sabe muito bem que não é verdade — sentenciou ela, enquanto ele perdia o olhar no limbo. O lábio tremia-lhe. A mão direita também, como se a tristeza obtivesse o controlo esporádico de algumas partes do corpo.

Miren arrancou com o veículo e começou a conduzir para sul, em silêncio.

— Teve algum problema com aquilo? — continuou Aaron.

— Um ultimato. Que me afastasse da história da Kiera porque nunca levaria a lado nenhum.

Aaron olhou para Miren e, como se a tivesse mastigado durante bastante tempo e a tivesse preparada, soltou a frase:

— A si calhou bem que a Kiera tivesse desaparecido.

Miren travou de repente. Estava aborrecida por ter tido de ir buscá-lo, por tê-lo visto bêbedo mais uma vez, especialmente naquele dia, mas aquilo doeu-lhe na alma.

— Nem lhe passe pela cabeça uma coisa dessas, Aaron. Sabe que fiz tudo o que pude. Sabe que ninguém fez mais do que eu para encontrar a sua filha. Como tem coragem de...?

— Só digo que tudo calhou bem. Olhe para si... a trabalhar no *Press*.

— Saia do carro — disse Miren, irritada.

— Vamos...

— Saia do carro! — gritou.

— Miren... por favor...

— Ouça, Aaron. Sabe quantas vezes li o processo policial da Kiera? Sabe quantas pessoas entrevistei nos últimos cinco anos? Ninguém investiu tanto tempo a tentar encontrá-la como eu. Sabe as coisas a que renunciei para tentar dar mais um passo e saber o que lhe aconteceu?

Aaron percebeu que tinha tocado bem fundo.

— Lamento... Miren. Não aguento mais... — Foi-se abaixo. — Não posso... Todos anos, quando se aproxima este dia, digo para comigo: «Vá lá, Aaron, este ano vais sorrir apenas uma vez no Dia de Ação de Graças. Este ano vais visitar a Grace e recordar a bela família que formavam.» Digo-o sempre ao espelho quando me levanto, mas começo a pensar nela e em tudo o que se perdeu, em tudo o que poderia ter sido e nunca foi, em cada... em cada sorriso que perdemos, e não aguento.

Miren ficou a vê-lo a chorar e estalou a língua, mas, uns segundos depois, vendo-o assim, não conseguiu manter a atitude.

— Raios me partam — disse, após o que voltou a pôr as mãos no volante e carregou no acelerador.

— Leva-me ao meu apartamento? Preciso de dormir.

— Falei com a Grace.

Desta vez foi Aaron que se lamentou.

— Para quê?

— Ligou-lhe o dia inteiro e nunca atendeu. Depois ligou para mim para me perguntar se eu sabia onde você estava. Pareceu-me mal. Acho que é por ser este dia, que toca em demasiados sentimentos e abre todas as feridas.

Aaron observou Miren e sentiu no seu tom de voz que estava com ar mais sério do que ele se recordava. O seu aspeto tão profissional e o seu olhar quase inexpressivo reforçavam ainda mais a impressão que sempre tivera dela, de que Miren era demasiado fria.

— Quando me ligou, acedi por ela, sinceramente. Voltei a ligar-lhe para dizer onde estava, e pediu-me que o levasse a vossa casa quanto antes. Parecia urgente.

— Não quero ir — afirmou Aaron quase de imediato.

— Não é negociável, Aaron. Prometi-lhe. Disse-lhe que o levaria pessoalmente.

— Está louca, se pensa que vou ver a minha ex-mulher no dia do aniversário da Kiera. É o último momento em que queria estar com ela.

— Não quero saber. Tenho de o levar. Vai fazer-lhe bem. Os dois estão a sentir-se mal. Só vocês compreendem o que o outro está a passar. A Grace também precisa de alguém que se preocupe com ela. Sofreu tanto ou mais do que você e não anda por aí a embebedar-se e a vociferar contra o mundo.

Aaron não respondeu, e Miren entendeu o seu silêncio como um «está bem». Conduziu desde a esquadra do vigésimo distrito, até à Rua 82 oeste, e depressa chegou à margem do rio Hudson. Durante o percurso em direção a sul, Miren permaneceu em silêncio, e Aaron olhava pela janela, com repulsa, para a cidade que tanto amou. Para trás ficaram os anos felizes de progressão no trabalho, de brincadeiras no jardim da casa, de acariciar com esperança o ventre de Grace perante a chegada previsível de Michael. Mas

tudo se desvaneceu com aquele balão branco a afastar-se em direção às nuvens.

Não tardaram a atravessar o túnel Hugh L. Carey, que ligava Manhattan a Brooklyn por baixo de água, e, quando voltaram à superfície, o trânsito tornou-se mais lento, parando regularmente em semáforos intermináveis. Por duas vezes Aaron puxou um assunto qualquer, mas ela descartou-os com monossílabos. De fora poderia parecer incomodada por estar a perder tempo com ele no Dia de Ação de Graças, mas na verdade era a barreira que quisera erguer no caso de Kiera, que se tinha entranhado nela e da qual não conseguia afastar-se.

Ao chegar a Dyker Heights, um bairro de casas independentes com jardim, onde ficava a antiga vivenda da família Templeton, Miren apercebeu-se de que alguns vizinhos já estavam a montar a decoração de Natal. Em breve, depois de serpentear um pouco pelas ruas, vislumbraram Grace ao longe, à espera no passeio, a olhar para um lado e para o outro da rua. Parecia inquieta.

— O que se passa? — perguntou Miren.

— Não sei. Nunca a vi assim — respondeu ele, confuso.

Grace vestia um casaco de pijama *bordeaux*, com uns ténis e o cabelo mal apanhado.

Aaron saiu do carro, um pouco aturdido, e aproximou-se dela.

— O que se passa, Grace? — disse, levantando a voz.

— Aaron... é a Kiera.

— O quê?

— É a Kiera! Está viva!

— Do que estás a falar? — perguntou Aaron, enquanto tentava perceber a mulher.

— Está viva, Aaron! A Kiera está viva!

— O que dizes? De que é que estás a falar?

— Disto!

Grace estendeu as mãos e mostrou uma cassete VHS. Ele não estava a perceber nada, mas, ao reparar nela, observou o autocolante branco

reservado para o título. Nele tinha apenas desenhado a marcador o número 1, sob o qual se encontra, em letras maiúsculas, a palavra mais dolorosa e esperançosa que aqueles pais podiam ler: *KIERA*.

Capítulo 8

Miren Triggs
1998

*Ela dançava sozinha quando queria fazê-lo
e também brilhava na noite sem o pretender.*

Não podia ficar assim. Aquela frase do professor Shmoer preocupou-me. O que esconderia aquela chamada para o serviço de emergência? Porque é que os pais pareciam ocultar algo? Por momentos, a busca de Kiera Templeton começou a despertar a minha curiosidade mais do que imaginei a princípio.

— Tens de me deixar ouvi-la — pedi, como se ele fosse aceder.

— Não posso, Miren. É um exclusivo para amanhã.

— Achas, por acaso, que a vou transcrever e dar a outro jornal? Estou a estudar Jornalismo, não conheço ninguém desse mundinho, só a ti, nem me iriam ligar-me nenhuma.

Ele respondeu-me com um olhar e depois disse:

— Sei que não, mas...

Cortei a frase com um beijo. Desta vez ele foi na onda.

Ele sabia que eu o usava, mas não parecia pôr entraves à questão. Desde o que acontecera, eu tinha-me afastado dos homens de maneira enfática. Não queria aproximar-me de ninguém a pretexto algum. Tinha construído uma barreira intransponível até à minha alma e pensava que ninguém seria capaz de me fazer sentir protegida, até que um dia, numa sessão de orientação individual, começámos a falar daquela noite horrível como se

fosse algo alheio a mim. Ele chegou a incitar-me a escrever sobre o assunto, e, com o tempo, senti que tinha sido a única pessoa que me tinha tratado com a maturidade de que eu precisava. Os meus colegas de turma eram os machinhos típicos, e em todos eles eu via o Robert que tinha decidido esquecer. Reparei, desde o princípio, que na aula os olhos do professor Schmoer fugiam para mim, e era opinião geral de todas as aspirantes a jornalistas que se tratava do professor mais atraente de quantos, na Universidade de Columbia, desfilavam à frente da ardósia. Sob a roupa que usava sempre, adivinhava-se o seu corpo magro. O seu rosto de menino bem-comportado era um apelo para todas as que imaginavam o fogo sob aquela capa de inocência que se escondia por trás dos óculos. Mas o que mais atraía nele era a sua mente. Tinha uma opinião reivindicativa nos seus artigos para o *Daily* com que nos sentíamos sempre identificadas. E em tudo o que escrevia encontrava a perspetiva crítica perfeita e escrevia com uma meticulosidade e uma cadência nas frases que nos abstraíam e nos prendiam cada vez mais a cada parágrafo. Os poderosos temiam ser alvo do seu olhar certo, os políticos ficavam nervosos quando o viam numa conferência de imprensa, algo que raramente acontecia. Os seus artigos giravam sempre em torno da política e das empresas, e ele limitava-se a investigar à distância os arquivos, documentos, contas e faturas, indagando as obscuras manobras de bastidores, que tinham lugar nos únicos mundos que pareciam monopolizar a atenção do país: o dinheiro e a política, embora na verdade esses dois temas andassem sempre de mãos dadas. O desaparecimento de Kiera viria a mudar o seu universo e, sem que eu soubesse, definir para sempre o meu.

— Porque é que fazes isto, Miren? Não acho que... que isto seja o melhor...

— O que aconteceu não tem nada que ver contigo, Jim. Não sejas como toda a gente. Isso não tem nada que ver com ninguém. Só comigo, e eu decido como estou. Certo?

— Há muito tempo que não falamos do que aconteceu, e acho que fingir que não se passou não o fará desaparecer.

— Porque é que toda a gente está empenhada em que fale do assunto? Por que diabo não podem deixar-me decidir como aceitá-lo?

Dei a volta e entrei pela porta do prédio.

— Obrigada por me acompanhares, Jim — ironizei, aborrecida.

— Miren, não queria... — respondeu ele, atrapalhado, depois de estalar a língua contra o céu da boca.

Subi dois a dois os degraus da escada, aos saltos, e ele perdeu-me de vista quando pisei o patamar do primeiro andar. Ouvi Jim lá fora a gritar o meu nome, mas era já tarde de mais.

Entre em casa, atirei os ténis brancos que trazia contra a sapateira e perdi-me na escuridão do meu quarto, enquanto desabotoava as calças de ganga. Voltei à sala com o pijama vestido. Era a primeira coisa que fazia logo que chegava a casa: um andar minúsculo, arrendado num edifício problemático na zona mais conflituosa da cidade. Era um pequeno estúdio sem janelas, sem ter sido restaurado, sem elevador e sem nada que pudesse valorizá-lo. A cozinha era um fogão pequeno de dois bicos, no qual só podia pôr uma frigideira, porque estavam demasiado próximos um do outro. Era quase o pior que se podia encontrar na Big Apple, e, no entanto, o preço era completamente disparatado. Segundo as palavras dos meus pais, tinha um aspeto de tugúrio, e eu não pagava uma renda, mas um resgate. Na verdade, era o único para o qual tinha dinheiro sem consumir o meu empréstimo universitário e, além disso, ficava perto da faculdade.

A segunda coisa que fazia ao chegar a casa era a chamada de controlo. Depois de vários toques, ouvi a voz do meu pai do outro lado.

— Até que enfim, filha. Estávamos quase a ligar-te. Voltaste um pouco tarde, não foi?

— Desculpa, desculpa. Eu sei. Fiquei na biblioteca a adiantar um trabalho. A mãe está bem?

— Está aqui, enlouquecida. Tens de nos ligar mais cedo, está bem? Se vais atrasar-te, avisa-nos. A tua mãe não gosta que andes por aí a estas horas.

— São só nove e meia, pai.

— Sim, mas essa zona...

— É a única que posso pagar, pai.

— Já sabes que podemos ajudar-te. Poupámos para isso e queremos fazê-lo.

— Já me ajudaram com o computador. Não preciso de mais, a sério. Foi por isso que pedi o empréstimo universitário.

Olhei para a secretária e vi o *iMac* azul *Bondi* que os meus pais me tinham oferecido. Tinha saído uma semana antes e era constituído por um ecrã com a caixa translúcida num verde-azulado, um teclado branco e um rato redondo que parecia que ia desatar a rodar. O melhor? Funcionava mais rapidamente do que eu podia imaginar. Era muito rápido para navegar, e o agente que mo vendera estava verdadeiramente entusiasmado, porque tinha visto a apresentação pelo próprio fundador da Apple, de que não parava de dizer maravilhas, como se o conhecesse pessoalmente. Quando o tirei da caixa, custou-me pouco pô-lo a trabalhar e levei um bom bocado a configurar a minha conta de correio e a manuseá-lo até me adaptar ao seu funcionamento.

— Mas foram apenas mil e trezentos dólares.

— E são mil e trezentos dólares de que vocês não gozaram.

Ele esperou um momento e depois acrescentou:

— A tua mãe quer falar contigo.

— Está bem.

A minha mãe pegou no auscultador, e reparei que estava triste mal abriu a boca. Percebemos quando os pais estão em baixo se repararmos apenas no ritmo das frases.

— Miren, promete-me que vais ter cuidado. Não gostamos que andes por aí até tão tarde.

— Está bem, mãe — respondi. Não quis contrariá-la. Ela estava a sentir-se pior do que eu. Estávamos a mais de 960 quilómetros: eles em Charlotte, na Carolina do Norte, e eu em Nova Iorque, e ela já não podia controlar o que a filha fazia e com quem saía. A sua menina tinha fugido da sua asa, e ela queria estender os braços para que o sol nunca me queimasse.

— Porque é que não compras um telemóvel? Assim podes ligar-nos, se precisares de qualquer coisa, em qualquer momento.

Suspirei. Detestava ter de tomar tantas precauções por causa de uns idiotas incapazes de controlar a braguilha.

— Está bem, mamã — acedi novamente, sem protestar. — Amanhã vou comprar um.

De facto, os telemóveis não me agradavam. Muitos dos meus colegas de turma já se tinham prendido a um minijogo de uma serpente que perseguia comida por todo o ecrã e não faziam outra coisa durante os intervalos das aulas. Havia também os que não paravam de enviar SMS uns aos outros, durante toda a manhã, ignorando as aulas. Era fácil ver as interações entre eles, quem namoriscava com quem ou quem se apaixonava por uma frase feita enviada em 160 caracteres. Um escrevia, e pouco depois outra ria-se. Depois o processo invertia-se e recomeçava. Também não me agradava sentir-me localizável a toda a hora. Não via necessidade de estar sempre alerta e pronta para ligar, enquanto houvesse cabinas telefónicas por perto. Tinha a sensação de que não era preciso, mas tive de ceder à minha mãe para evitar dar-lhe um desgosto.

— Amanhã ligo-te e dou-te o número do telemóvel.

— Eu também vou comprar um, e assim podes ligar-me sempre que quiseses, filha — disse num tom mais feliz.

— Ótimo. Boa noite, mãe.

— Boa noite, filha — respondeu.

Desliguei o telefone e sentei-me à secretária. Tirei os recortes do jornal e vi o rosto de Kiera, a olhar-me, expectante. Parecia pedir ajuda com os olhos. Senti-me mal. Tive a impressão de que aqueles pais não voltariam a ver a filha e senti-me abatida. Voltei ao telefone, não tinha passado nem um minuto depois de ter desligado, e marquei novamente o número dos meus pais. A minha mãe atendeu, confusa.

— Estás bem? Aconteceu alguma coisa?

— Não. Nada, mãe. Era só para vos dizer que gosto muito de vocês.

— E nós de ti, filha. Estás mesmo bem? Se nos pedires vamos visitar-te imediatamente.

— Não, a sério. Era só isto. Quero que o saibam. Eu fico bem, está bem?

— Que susto, filha. O que precisares, está bem?

— O que vos parece de nos vermos este fim de semana? Posso apanhar um avião e ir ter convosco a Charlotte.

— A sério?

— Sim. Apetece-me muito.

— Claro! Amanhã falo com a agência do Jeffrey para reservar os voos.

— Obrigada, mãe.

— Eu é que te agradeço, filha. Até amanhã, amor.

— Até amanhã.

Fiquei a olhar para o telefone, a pensar no que acabara de fazer, mas não tinha muito trabalho pela frente. Sentei-me novamente à secretária e liguei o computador. Enquanto este arrancava, comecei a rever os recortes que tinha trazido sobre o desaparecimento de Kiera. No *Daily*, o jornal em que o professor Schmoer trabalhava, havia apenas uma pequena coluna na página 12 que falava dela e dos escassos avanços que a busca estava a ter. Nesse artigo referia-se também que, segundo fontes internas da investigação, o FBI estava prestes a assumir a busca da menina, ao encarar a possibilidade de um sequestro, mas não dava muito mais informação do que outros jornais. À medida que se lia o artigo, apercebíamos-nos de que parecia que sabiam muito mais do que contavam, mas que também não queriam fazê-lo por pudor ou para não entrar na morbidez e no sangue que o caso parecia poder gerar. Segundo o que Jim me tinha contado, uma dessas peças de informação adicional era a chamada para o serviço de emergência feita por Grace Templeton, a mãe, mas o que eu não sabia é que aquilo era só a ponta do icebergue.

Quando o computador acabou de arrancar, liguei a Internet e esperei que o modem de 56 KB, após uma eterna sucessão de ruídos e guinchos em todas as frequências possíveis, terminasse a sua sinfonia, enquanto eu ia passando os outros títulos em revista. Quando, por fim, se ligou, abri o

Netscape e cliquei no servidor *webmail* da minha universidade. Ao entrar, vi logo que tinha correio, um alerta sobre as novas práticas disponíveis numa revista sobre meio ambiente. Assinalei-o para responder mais tarde e voltei aos recortes.

Passei duas ou três horas a ler tudo, sublinhando o que era importante e anotando num caderno *Moleskine* preto os pontos que me pareceram significativos: «Herald Square», «família abastada», «pai diretor de uma empresa de seguros», «católicos», «aconteceu às 11h45 aprox.», «26 de novembro», «chuva», «Mary Poppins».

Achei irónico deparar com a cuidadora de crianças por excelência da Disney presente no momento do desaparecimento de uma menina de três anos. Sublinhei o seu nome para investigar quem era a figurante e o que fazia ali. Fui ao frigorífico buscar uma *Coca-Cola*, que era a única coisa que jantava havia meses, e quando voltei reparei que tinha recebido várias mensagens novas destacadas a negrito. A primeira tinha no assunto «Lamento», e as outras apenas um número do um ao seis.

Eram todas do professor Schmoer. Tinham sido enviadas do seu endereço particular, jschmoer@wallstreet-daily.com. Estranhei, porque nunca me tinha escrito daquele endereço. Dizia:

Miren, anexo em vários *e-mails* tudo o que temos até ao momento sobre a Kiera no *Daily*. Promete-me que não sairá do teu computador. Tenho a certeza de que os teus olhos veem mais longe do que os meus.

Jim

PS.: Lamento ter sido um cretino.

A mensagem vinha acompanhada de um arquivo anexo com o título «Kiera1.rar». As mensagens seguintes acrescentavam arquivos comprimidos semelhantes, sem texto, e continuavam a numeração. Abri o primeiro com o programa *Unrar*, que ainda podia usar porque estava em período experimental, e fiquei gelada com o conteúdo: dois arquivos de

vídeo, datados de 26 de novembro, com as gravações das câmaras de segurança da zona onde Kiera Templeton tinha desaparecido.

Capítulo 9

26 de novembro de 1998

*O pior do medo não é bloquear-nos,
é cumprir o que promete.*

Aaron caminhou seguindo um polícia entre a multidão, que começava a dispersar depois do final do desfile. Enquanto o fazia, ouvia pelo rádio algumas indicações e frases que ele não conseguia compreender devido ao barulho na rua. De vez em quando, o agente parava e verificava se Aaron ia atrás dele. Uns minutos depois, o polícia virou para a Rua 35 e parou num portão, em frente do qual havia um grupo de agentes fardados com ar de preocupação.

— O que se passa? Encontraram-na? — perguntou Aaron, claramente perturbado.

— Tem de se acalmar, está bem? — disse o agente Mirton, um polícia jovem e louro, com um metro e oitenta de altura, que emitira o alarme após a descoberta.

— Como é que quer que me acalme? A minha filha de três anos perdeu-se, e a minha mulher está com uma crise de ansiedade. Não posso acalmarme!

Aaron reconheceu mentalmente aquela frase. Tinha-a ouvido tantas vezes, pronunciada por pessoas do outro lado da secretária, que estranhou ser ele a dizê-la. Aaron trabalhava como diretor de um escritório de seguros em Brooklyn, onde muitas vezes ao longo da sua carreira tinha tido de pedir calma à pessoa que tinha à sua frente, enquanto ele confirmava que

acabavam de negar uma apólice ou que o seguro de saúde que tinham contratado não cobria algum tratamento necessário e cujo custo era inacessível para qualquer pessoa. Os rostos, o medo, o desespero que via nos olhos de todas as cores e formas no seu gabinete foram os mesmos que Aaron sentiu quando se apercebeu de que agora alguém lhe pedia que mantivesse a calma e a compostura. Era-lhe impossível.

— Vai ver. É importante que se concentre bem e nos confirme alguns dados — disse o polícia que o tinha conduzido até ali.

— O quê? — Mal conseguia ouvir. Sentia-se arrasado.

Os agentes olharam uns para os outros, como se estivessem a decidir quem avançava.

O edifício em frente do qual se encontravam era um bloco habitacional situado no número 225 da Rua 35 oeste, em cujo piso térreo sobreviviam uma loja de vestidos de menina. A montra estava cheia de manequins infantis com vestidos de todas as cores imagináveis, desenhando um arco-íris que contrastava com o que Aaron sentia, o qual imaginou a filha a envergar um deles. Sem querer, pensou até que deveria avisar Grace da existência daquela loja, porque talvez Kiera gostasse de se vestir assim para o jantar do Dia de Ação de Graças, que tinham previsto para aquele dia em casa.

— Siga-me — disse o agente Mirton em tom sério, enquanto empurrava com cuidado a porta de vidro do 225.

Aaron assim fez e já lá dentro apercebeu-se de que havia mais polícias à sua espera, agachados à volta de um canto.

— É o pai? — perguntou um deles, ao mesmo tempo que se levantava e lhe estendia a mão para o cumprimentar.

— Sou sim. O que se passa?

— Sou o agente Arthur Alistair. Poderia responder a algumas perguntas?

— Hum... sim, claro O que for preciso. Mas... podemos voltar a Herald Square? Temo que a Kiera ande por ali à nossa procura, e nem eu nem a Grace lá estejamos. Sabe, a minha mulher está com uma crise de ansiedade, e quero estar por perto para o caso da Kiera aparecer.

— Não se preocupe, senhor... — Esperou que Aaron completasse o nome.

— Templeton.

— Templeton — continuou. — Temos agentes a passar toda a zona a pente fino, em volta de Herald Square. Acredite que, se a sua filha aparecer, estará a salvo. Avisam-nos pelo rádio, e tudo não passará de um susto. Agora precisamos que nos ajude com uma coisa.

Aaron concordou.

— O quê?

— Poderia descrever outra vez a roupa da sua filha.

— Sim. Tinha um impermeável de penas branco e uma *sweatshirt* cor-de-rosa. Umas calças de ganga azuis também e uns ténis... não me recordo da cor.

— Não se preocupe. Está a sair-se bem.

Os outros polícias que estavam agachados levantaram-se e juntaram-se de um lado. Um deles dirigiu-se à saída e, quando passava perto de Aaron, deu-lhe duas palmadas no ombro, em silêncio.

— É morena — continuou Aaron, que já não sabia se tinha referido aquele dado antes —, com cabelo liso, solto, mas hoje trazia dois totós.

— Bem. Muito bem — respondeu o agente Alistair.

— Foi para isto que me fizeram vir aqui?

O agente esperou um momento antes de continuar.

— Poderia dizer-me se a roupa que está nesse canto é da sua filha?

— O quê? — gritou.

Aaron deu dois passos em direção ao local onde os polícias estavam agachados e viu um montinho de roupa, em que reconheceu imediatamente a *sweatshirt* cor-de-rosa de Kiera e também o impermeável branco que tantas vezes lhe tinha vestido nas últimas semanas, depois de lutar entre brincadeiras com ela, de manhã, porque não queria agasalhar-se antes de sair. Aaron sentiu o chão tremer e o ar fugir-lhe dos pulmões no instante preciso em que viu, ao lado da roupa, madeixas de cabelo cortadas, como o

de Kiera, por cima das calças de ganga que ele sentira sobre os ombros um momento antes, enquanto assistiam juntos ao desfile.

Berrou com força. Gritou outra vez e depois outra e fê-lo tantas vezes que pareceu uma única, enquanto a dor mais intensa que alguma vez sentira o catapultava para as profundezas do novo lugar mais obscuro à face da Terra.

— Não!

Capítulo 10

27 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Uma luz acende-se e ilumina
o teu rosto, mas também cria
sombras nos recantos da tua alma.*

Grace caminhou rapidamente para o interior da casa, enquanto dizia:

— Tens de a ver, Aaron. Está bem. A nossa menina. A Kiera está bem.

Aaron e Miren seguiram-na, confusos. Olharam-se, como se a pobre Grace tivesse franqueado o limiar da loucura.

— De que falas, Grace? Que cassete é essa?

— A nossa menina. É a Kiera. Está bem. Está bem — repetiu num sussurro que ele não conseguiu ouvir.

Aaron entrou em casa e procurou a mulher, que parecia ter desaparecido. Grace falou novamente e ele seguiu a voz.

— Tens de a ver. É ela, Aaron. É a Kiera!

Aaron ficou com um nó na garganta, pela segunda vez naquele dia. Aquele assunto não lhe agradava nada. A mulher estava a comportar-se de uma maneira muito estranha. Da porta, fez um sinal a Miren, que tinha ficado junto da caixa de correio, para que entrasse. Ela acedeu, mas ainda não entendia o que se estava a passar.

— Grace, querida — disse Aaron ao entrar na cozinha, onde Grace tinha colocado uma televisão num pequeno móvel com rodas que tinha também

um leitor de VHS. — O que é que está gravado nessa fita? As nossas férias de Natal? É isso?

Miren chegou à cozinha e ficou apoiada na ombreira da porta, expectante.

— Hoje fui à caixa de correio e estava lá este envelope, Aaron. Alguém nos deixou esta cassette onde a Kiera aparece.

Miren interveio, confusa:

— Uma pista da Kiera? É isso que está a dizer, Grace? Uma nova gravação das câmaras de segurança. Revi-as muitas vezes, fotograma a fotograma, segundo a segundo. As imagens daquele dia já estão todas no processo policial, Grace. Já verifiquei todas as ruas e lojas da zona. Todas as gravações daquele dia estão revistas. Não há nada... não há mais nada, Grace... A investigação está num beco sem saída.

— Não — afirmou Grace, categórica. — Isto é outra coisa.

— O que é? — perguntou Miren, mais uma vez.

— É a Kiera — murmurou com os olhos esbugalhados, uma expressão que Aaron recordaria para sempre.

A cassette era uma *TDK* de 120 minutos, com um autocolante branco perfeitamente colocado no centro, alinhado e sem sair da reentrância criada para o efeito. Nela lia-se em letra maiúscula: *KIERA*, escrito a marcador, com uma caligrafia cuidada.

Grace introduziu a cassette no leitor de VHS e ligou a televisão. A neve^[1] não tardou a invadir o ecrã, com pontinhos brancos e pretos a dançarem em todas as direcções. O ruído branco emanava dos altifalantes estéreo do televisor *Sanyo* cinzento e lembrou-lhe um filme de terror que não conseguia tirar da cabeça. Grace subiu o volume, e Aaron olhou para a mulher sem saber o que esperar. Miren não gostava nada daquele assunto e esteve prestes a ir-se embora. Recordou as palavras do seu chefe, o lendário Phil Marks, responsável pelos artigos de investigação que cobriram o atentado de 1993, com um camião-bomba contra a Torre Norte do World Trade Center, o qual a incentivava a deixar de perseguir o caso de Kiera:

«Sei que o melhor atributo de um jornalista de investigação é a tenacidade e a perseverança, Miren, mas o caso da Kiera vai dar cabo de ti. Não continues. Se cometeres um erro, serás sempre a jornalista que se enganou no caso da menina mais procurada dos Estados Unidos. Não sejas essa jornalista. Preciso de ti na redação, a caçar corruptos, a escrever histórias que mudem o mundo. Já dedicaste demasiado tempo a isto.»

A neve continuava a pairar no ecrã, a chiar, enchendo-o de pontos brancos onde antes havia negros e de negros onde antes havia brancos. Miren tinha lido uma vez numa revista de curiosidades que aquela neve branca que aparecia no televisor correspondia, em parte, aos restos do Big Bang e da origem do universo e que a radiação de fundo de micro-ondas que então se gerara atingia o tubo de raios catódicos que criava a imagem no ecrã, deixando ver essas faíscas bailarinas de que tanto gostavam os fantasmas nos filmes dos anos 80. Ficou a olhar para a neve no ecrã e pensou em Kiera e no que seria feito dela. Aquela imagem inerte e ao mesmo tempo com vida parecia estimular o pensamento doloroso, como se tentasse recuperar as recordações tristes da mente, e compreendeu por que motivo Grace estava tão afetada. Miren quase falou, mas, de repente, a imagem da cassete substituiu a neve no ecrã.

— Kiera? — suspirou Aaron, surpreendido.

Na imagem, gravada num plano a partir de um canto superior, via-se um quarto com as paredes forradas a papel com um padrão de flores cor de laranja que se repetiam sobre um fundo azul-marinho. De um lado encontrava-se uma cama de solteiro feita com uma colcha cor de laranja, a condizer com as flores das paredes. As cortinas de gaze branca de uma janela, no centro da imagem, imóveis, porque não corria qualquer brisa, deixavam ver um dia claro do outro lado. Mas o mais trágico escondia-se no canto inferior direito, ao lado de uma pequena casa de bonecas, onde se encontrava o que faria brotar lágrimas de felicidade a Aaron e Grace: uma menina morena de uns sete ou oito anos, agachada, a brincar com uma das bonecas.

— Não pode ser — murmurou Miren com o coração a martelar-lhe no peito com a mesma intensidade que na noite em que ela mudara para sempre.

Capítulo 11

12 de outubro de 1997, Nova Iorque
Um ano antes do desaparecimento de Kiera

*Às vezes, depois de um dia brilhante,
espreita a noite mais escura.*

No fim da aula, Christine aproximou-se, aos saltos, de Miren, que ainda estava a tirar apontamentos do quadro, minutos depois de o professor de Registos Públicos ter saído.

— Miren, diz-me que alinhas. Há uma festa no apartamento do Tom e... tenho uma grande notícia.

— Festa? — perguntou, sem grande vontade.

— Sim. Sabes o que é uma festa?

— Sim, sim.

— Aquelas coisas que fazem os universitários de que... oh, surpresa, tu também fazes parte — disse Christine em tom jocoso, enquanto arrancava da mão de Miren a esferográfica com que esta estava a escrever e a levava à boca para morder a ponta.

— Já sabes que não me agradam muito.

— Deixa-me acabar — insistiu. — O Tom... perguntou se vens. Ele está caidinho, miúda. Completamente caidinho.

Miren ficou corada e Christine viu a sua oportunidade.

— Tu também! Também estás caidinha por ele! — gritou imediatamente e depois baixou a voz para que os outros não ouvissem.

— É... giro.

— Giro? Estás a dizer-me que este tipo... — Christine sentou-se na mesa, em cima dos apontamentos de Miren, e apontou para Tom Collins com o olhar — ... é giro?

— Pronto, está bem.

— Diz. Diz alto e bom som que davas uma voltinha com ele. Já chega de criancices, Miren. Eu e tu somos iguais.

Miren devolveu-lhe o sorriso.

— Eu nunca admitiria essa ordinarice — disse a desculpar-se, e logo acrescentou: — Dava uma voltinha com ele e não te dizia nada.

Christine desatou às gargalhadas.

— O que é que pensas vestir para a festa? Temos de decidir antes.

— Decidir?

— Não pensas ir assim, de calças de ganga e ténis, pois não? Tu sabes. O que fazem as raparigas normais, Miren. És um pouco... estranha.

— Estranha?

— Olha, mais logo vou ao teu apartamento e levo roupa. Comprei uns vestidos do *Outfitters*, uma marca que é melhor ires registando e que me pôs doida, e vão ficar-te bem de certeza. Vestes o S, não é?

— Eh... não é preciso... Eu gosto de ir assim, de calças de ganga e camisola.

— Estou às cinco no teu apartamento — acrescentou Christine, com um sorriso, sem lhe prestar atenção. — Mudamos de roupa e vamos juntas. Combinado?

Miren sorriu, e Christine interpretou aquilo como um sim.

As aulas terminaram, e Miren foi até casa fazer tempo. Tomou um duche e ficou um bocado ao espelho a brincar com o cabelo, sem saber como pentear-se. Era morena, com o cabelo liso e comprido, a dar pelo sutiã, e o seu olhar apresentava um leque de diferentes inseguranças fruto de anos a passar despercebida na escola secundária, em Charlotte. Ali sempre fora a croma, a engraxadora, a certinha e aquela que ninguém queria ter por perto. Quando conseguiu vaga na Columbia, tinha-se esforçado por adotar uma atitude mais aberta, tentando encaixar-se numa cidade com um ritmo muito

diferente do seu, mas custava-lhe sair da casca. O ano passou depressa, e as únicas pessoas com quem ganhou confiança, tal como no secundário, foram os professores. Christine, que estava sentada a seu lado desde o primeiro dia, parecia ser o contraponto perfeito. Eram muito diferentes e talvez por isso se tivessem ligado. Miren era a despachada, aquela que, aos olhos de todos os outros alunos, tinha sempre a resposta certa. Christine nunca respondia, os trabalhos eram uma brincadeira para ela, mas orbitava em volta de Miren com o simples objetivo de saber sempre o que tinha de fazer, embora na hora da verdade escolhesse sempre o caminho mais fácil. Se era preciso escrever um artigo, Miren escolhia uma determinada notícia ou um local e sobre isso construía uma reflexão com exemplos e pontos de debate que despertavam, em quem os lia, a curiosidade de saber mais. Christine, por sua vez, pairava sobre os trabalhos sem lhes tocar nem se sujar, relatando o sucedido de uma maneira superficial e sem entrar em pormenores, não indo além dos factos. Eram duas perspetivas muito diferentes do jornalismo e também de qualquer assunto vital. Se queriam fazer algo na vida, tinham duas opções: mergulhar até ao pescoço para sair da lama de maneira triunfal ou passear pelas cercanias do charco para não ter de lavar a roupa depois.

A campanha soou, e Miren correu para a porta.

— Pronta para seres uma boazona? — perguntou Christine em jeito de saudação. Miren riu-se.

— Anda, entra — respondeu com um sorriso.

Christine vinha com uma mala que atirou para cima do sofá e que abriu o mais possível, deixando ver tecidos de lantejoulas, estampados e couro.

— Tens música? — perguntou Christine olhando em volta.

— Tenho um CD do Stacy Orrico que já estava no apartamento quando o arrendei.

— Mas que merda é que tu ouves? Bem, não interessa. Põe lá. Esta noite a minha simplória vai atirar-se ao Tom.

Miren não sabia como perceber que Christine já desse o caso por consumado. Para dizer a verdade, aquele assunto começava a pô-la nervosa.

Tanto que não lhe respondeu e limitou-se a seguir a conversa fiada dela.

Estiveram uma hora a experimentar vestidos, a rir às gargalhadas, enquanto pintavam os lábios e cantavam *Walking on Sunshine* em voz alta, sem música a acompanhar o seu alarido desafinado, e, quando Miren se quis apreciar, Christine agarrou-a pela cintura, por trás, enquanto ela se via ao espelho, surpreendida com a sua modificação. Nunca se tinha maquilhado tanto, não gostava de o fazer, achava que esconder-se por detrás de uma pintura era um símbolo de fraqueza, uma tática para se esconder sob uma camada artificial e com a qual não prestar contas.

— Olha para ti, Miren. Estás giríssima — murmurou Christine.

Miren atirou o cabelo para um lado e deixou o rosto descoberto, perplexa, surpreendida ao ver-se assim. Tinha posto um vestido caikai cor de laranja, que terminava a meio das coxas. Viu a sombra de olhos que Christine tinha aplicado nas suas pálpebras com a mestria de quem fazia aquilo há anos e ficou surpreendida com o resultado. Achou-se atraente, pela primeira vez. O seu lado tímido depressa aflorou com uma frase:

— Não gosto de usar tanta maquilhagem... Não me sinto... à vontade.

— Só te pus *blush* e sombra de olhos, Miren, por amor de Deus. Não precisas de mais nada. É apenas... o toque das divas.

— O toque das divas... — repetiu, em voz baixa, insegura.

— O toque da porra das divas! — gritou Christine, eufórica, com um uivo que mais parecia um grito de guerra. A seguir pôs-se a cantarolar uma canção que Miren nunca tinha ouvido.

Saíram juntas, por volta das sete da tarde, e caminharam durante algum tempo até chegarem a um edifício de apartamentos de estilo moderno com vista para o Hudson, na Rua 139. À porta estavam colegas de turma a fumar e com copos cheios de uma bebida qualquer. Um tipo veio a uma das janelas e gritou que alguém tinha aceiteado qualquer desafio absurdo com um nome que Miren não conseguiu perceber. Subiram juntas, e na escada um bêbedo que nenhuma delas conhecia libertou o hálito no ouvido de Miren, enquanto lhe dizia umas palavras que ela preferiu ignorar.

— É sempre assim?

— O quê?

— Sentirmo-nos observadas.

— Não é bestial? — respondeu Christine.

Miren olhou-a, surpreendida.

Já na festa, não tardou que Christine se afastasse para cumprimentar pessoas que Miren não conhecia. Na verdade, era fácil. Miren não conhecia ninguém naquele local. Olhava para todo o lado e só via raparigas de um ano anterior ao seu a namoriscarem rapazes de um ano anterior ao delas. Soprou. Também não via Tom, o anfitrião, embora tivesse ouvido o seu riso enérgico e grave, que parecia invadir toda a casa, apesar de a música soar muito acima da tolerância de qualquer vizinho. Miren sentou-se sozinha num banco da cozinha e fingiu estar ocupada com uns copos sempre que alguém se aproximava para se servir ou pôr mais gelo no seu.

Um rapaz moreno e barbeado aproximou-se dela e ofereceu-lhe um copo, com um sorriso de orelha a orelha.

— Não me digas. Miren, certo?

— Hum... sim — respondeu ela. Foi reconfortante ter uma conversa com alguém. Assim não se sentiria tão sozinha. — A Christine mandou-te falar comigo, não foi?

— Não faço ideia de quem seja a Christine — respondeu ele com um sorriso.

— Não me digas. És um dos amigos do Tom. Um do grupo dele — disse Miren.

— Boa! Observadora. Estás quase lá.

— Aqui são todos amigos do Tom. Quem é que não é amigo dele? É o mais popular e aquele com que todas as miúdas querem... enfim, tu sabes.

— Bem, conheço-o por ricochete.

— Explica lá isso.

— Bem, eu ia a conduzir e atropelei-o. Desde então, somos amigos...

— A sério? — perguntou Miren, abrindo os olhos com uma expressão incrédula.

— Na verdade, não — respondeu o rapaz de imediato e a sorrir mais uma vez. — Não faço ideia de quem é o Tom. Vim porque me convidaram.

Miren soltou uma gargalhada que não conseguiu controlar. A seguir, sabendo para onde se encaminhavam as coisas, procurou com o olhar e não viu Tom nem Christine.

— A festa nem é má — disse Miren, tentando quebrar um silêncio de três segundos.

— Não é, não. Um brinde às festas boas?

Aquela frase feita e vazia fez um clique na cabeça de Miren, que quase virou costas.

— Mas acho que vou ficar pouco tempo. Não sou muito de...

— De te divertires? — perguntou, confuso, levantando as sobrancelhas e deixando ver umas rugas de expressão na testa que costumavam funcionar para o tornar mais atraente.

— De beber — respondeu Miren. — Costumo gostar mais de ler ou de estar em casa.

— Bem, eu que o diga. Estou a estudar Literatura Comparada. Passo o dia a ler e a reler os mestres. Mas uma coisa não impede a outra. Gosto de me divertir. Como Bukowski ou... enfim, todos os escritores.

— Nem sequer estudas Comunicação Social? — Miren ficou a observá-lo, surpreendida, feliz por ele ter referido o nome de um dos seus autores preferidos e acrescentou: — Descobre aquilo que amas e deixa que te mate.

— Bukowski também disse: «Algumas pessoas nunca cometem uma loucura.» Que tipo de vida horrível devem ter? — disse a sorrir e acrescentou: — Sou o Robert. — E tocou com o seu copo no de Miren, que ele tinha colocado em cima da bancada da cozinha.

— Eu sou a Miren. Prazer — respondeu ela a sorrir e pegando no copo.

Capítulo 12

Miren Triggs
1998

*A criatividade esconde-se na rotina
e só quando se farta foge dela sob
a forma de centelha que tudo muda.*

Comecei a explorar os arquivos que encerravam as mensagens que o professor Schmoer me tinha enviado. Descobri que havia não só vídeos, mas também documentos, a queixa assinada por Aaron Templeton, o pai, e a gravação da chamada para o serviço de emergência. Parecia parte do processo policial da investigação ou, pelo menos, o que o *Daily* talvez tivesse conseguido por sua conta.

Os arquivos de vídeo tinham um código, cujo padrão não demorei a identificar, que fazia alusão à rua, ao número e à hora a que começava. Por exemplo, o primeiro era BRDWY_36_1139.avi. Referia-se com certeza ao cruzamento da Broadway com a Rua 36, próximo de Herald Square, e ao final do desfile de Ação de Graças. Outro chamava-se 35W_100_1210.avi, referindo-se à Rua 35 oeste e ao número 100. Assim, havia até onze vídeos diferentes.

Abri o primeiro sem saber muito bem o que encontraria nem o que procurar. Segundo o que tinha lido, o desaparecimento de Kiera dera-se por volta das 11h45, nas imediações do cruzamento da Broadway com a 36, pelo que, se a numeração dos arquivos estivesse certa, o que quer que tivesse acontecido estava prestes a suceder alguns minutos depois.

A primeira coisa que vi foram chapéus de chuva. Centenas deles, por todo o lado. Não me lembrava de ter chovido naquele dia, mas aquilo complicava muito o que as câmaras de segurança poderiam captar.

O vídeo fora gravado a partir de um plano vários metros acima dos chapéus de chuva que aguardavam o desfile. A imagem era a de uma manta compacta deles, como um tapete de cores vivas que tremia e oscilava, fotograma a fotograma, enquanto, um pouco adiante, se adivinhavam os mascarados de bolachas de gengibre a desfilar pelo centro da rua. Do outro lado havia pessoas em segurança com impermeáveis e chapéus de chuva, à espera atrás de uma barreira de metal cinzento. Por cima deles, reconheci o Haier Building no outro passeio e não tive dificuldade em situar-me na cidade. A câmara registara a cena tirando uma fotografia a cada dois segundos, pelo que havia grandes falhas entre cada uma delas.

No centro destacava-se um chapéu de chuva claro, imóvel, rodeado de muitos outros pretos, no espaço próximo da câmara. Avancei o filme várias vezes, perante a certeza de que toda a gravação seria assim. Descobri que a única coisa que mudava era a composição das cores do tapete de plástico e que as bolachas de gengibre se transformavam aos poucos em majorettes. Procurei a Mary Poppins que oferecia balões na esquina da Rua 36, mas a câmara não focava essa zona.

Reparei numa majorete que se tinha aproximado da barreira mais próxima da câmara e se manteve ali durante alguns fotogramas como se estivesse a cumprimentar a pessoa que tinha o chapéu de chuva branco. Vi uns seis minutos completos de gravação, tentando vislumbrar, além do que a câmara permitia, gestos, mudanças de posição dos chapéus de chuva, velocidade a que se moviam, mas não acontecia nada de assinalável. Depois, de repente, um homem correu entre eles para o sítio onde minutos antes a majorete tinha parado. A seguir, o chapéu de chuva desapareceu, calculo que caiu ao chão nos segundos que passaram entre um fotograma e outro, e vi o rosto de Grace Templeton, a mãe de Kiera.

Não é que a imagem fosse muito nítida, mas vislumbrava-se nela uma expressão de incredulidade. No fotograma seguinte, a expressão de Grace

era de terror total. A seu lado apareceu Aaron Templeton, e eu tive a impressão de que lhe contava algo. Ambos apareceram depois uns metros à direita, entre dois chapéus de chuva verdes, e, de imediato, desapareceram da câmara.

Apertou-se-me o estômago. Não podia imaginar o que sentiriam os dois naquele momento. Depois revi aqueles instantes, para o caso de me ter escapado alguma coisa, mas não tirei mais nenhuma conclusão.

Abri um documento com a extensão .pdf e descobri que se tratava de um relatório de internamento médico, do Centro Hospitalar de Bellevue, com os dados de Grace Templeton. Parecia ter sofrido uma grave crise de ansiedade, e tinham-na levado para lá de ambulância. A hora de entrada eram 12h50, pelo que não devia ter passado muito tempo desde que Kiera desaparecera. Nele estava o número da segurança social, a morada em Dyker Heights e o número de telefone da pessoa a contactar: Aaron Templeton.

Apontei num papel o resto dos nomes dos arquivos de vídeo e procurei pela casa um mapa da cidade que sabia ter guardado algures. Quando por fim o encontrei, marquei nele os pontos exatos onde as câmaras de segurança tinham gravado. Não sabia porque se tinham centrado tanto na Rua 35, que parecia aglutinar uma dezena de gravações em diferentes pontos da rua, nos minutos anteriores e posteriores ao desaparecimento. Tudo parecia indicar que a investigação avançava naquela zona, e circudei toda a rua, no mapa.

Chamou-me a atenção outro dos arquivos incluídos numa das mensagens eletrónicas. Tratava-se de um documento com uma extensão .jpg que, quando abri, levei alguns segundos a identificar.

Era uma fotografia de um montinho de roupa atirado para o chão de mármore bege. Sobre ele adivinhavam-se pequenas madeixas de cabelo escuro. Aquela imagem inquietou-me. Teriam encontrado um cadáver e ainda não haveriam informado a imprensa? Haveria mais alguma coisa na investigação que ainda nos tivesse ultrapassado? Na altura em que o caso foi registado, o interesse mórbido por estes assuntos era muito menor do

que na atualidade. A informação que passava era sempre a certa e importante para ajudar, mas essa realidade encontrava-se prestes a mudar para sempre. O caso de Kiera viria a ser a pedra angular sobre a qual se basearia o jornalismo nos anos seguintes, e a febre foi iniciada pelo *Press*, com a capa desse dia, o qual estava pousado ao lado do meu computador. De vez em quando, desviava o olhar para ela, que parecia olhar para mim e sussurrar: «Não me vais encontrar.»

Passei as horas seguintes a abrir arquivos de vídeo e a analisar o que via nas imagens, mas não conseguia encontrar nada de relevante. A verdade é que o que eu tinha de pouco servia para encontrar alguma pista ou para esclarecer alguma coisa. Era, sem dúvida, como se as peças que o professor Schmoer me tinha dado tivessem sido selecionadas para desviar a atenção ou como se a pessoa da polícia que passara aquele conjunto de informação ao *Daily* estivesse a reservar a bomba para mais tarde.

Olhei para o relógio e verifiquei que eram quase três da manhã. Tinha marcado com cruzes e descartado os pontos do mapa em que as câmaras não pareciam dar nenhuma pista. Já tinha visto os cliques das gravações de dois *delis* em que se viam as pessoas a passar à frente da loja, mas mais nada. Também o de um supermercado que só gravava o seu interior e onde não acontecia nada de importante e o de um Pronto Pizza que acabava de abrir na esquina da Broadway com a Rua 36.

Um dos arquivos de vídeo tinha um formato um pouco diferente. Chamava-se CAM_4_34_PENN.avi, e só consegui identificar a que se referia quando o abri. Demorei uns instantes a compreender a imagem, que se movia de maneira mais fluida do que nos anteriores, mas, em contraste, a qualidade era muito pior. A lente parecia estar embaciada, o que dava à gravação o ar de uma neblina translúcida, difícil de atravessar. Na cena, a preto e branco, podia ver-se a plataforma de uma estação de metro, com várias pessoas à espera da chegada do comboio. A duração do vídeo era de apenas dois minutos e quarenta e cinco segundos, e não esperei encontrar nada relevante em tão pouco tempo de gravação. Uma senhora com um barrete de Pai Natal esperava ao lado de uma coluna de ferro, dois homens

de fato dialogavam ao fundo, um vagabundo estava estendido ao lado de um banco, três pilares para lá da mulher. Vários outros grupos esperavam pelo comboio, mas aquela câmara só conseguia enquadrar as suas pernas na parte superior da imagem.

De repente, apareceu o comboio, o qual fez vibrar a câmara durante o tempo da travagem. Enquanto o fazia, uma família de meia-idade com um menino pequeno, que vestia umas calças brancas e um casaco escuro, colou-se também ao plano, e contei um total de dezasseis pessoas a saírem da carruagem que estava enquadrada no centro da câmara. A família, a mulher e os homens entraram imediatamente nela. Pouco depois o comboio saía da estação, as pessoas desapareciam, e ficou apenas o vagabundo, a olhar para o vazio, como se nada tivesse acontecido.

Capítulo 13

26 de novembro de 1998

*Só quando perdemos uma peça percebemos
que o puzzle já não faz sentido.*

Aaron passou as horas seguintes a caminhar por toda a zona, a olhar, ao mesmo tempo, para todo o lado e para lado nenhum. De cada vez que se cruzava com alguma família que passava com uma criança, aproximava-se a correr, tentando descobrir nos olhos dela o olhar de Kiera. Algumas testemunhas afirmaram mais tarde à polícia que tinham visto Aaron desesperado, a gritar sem parar, enquanto toda a cidade parecia ignorá-lo. Os membros do Departamento da Polícia de Nova Iorque também procuravam por todos os recantos da cidade, deitavam-se no chão para ver debaixo dos carros, abriam portas, tentando encontrá-la, desamparada, em algum patamar. Mas, à medida que as horas passavam e a noite se apoderava da cidade, as lâmpadas e as iluminações acendiam-se uma a uma para compensar a escuridão do coração de Aaron, cuja voz já era incapaz de vociferar mais do que um impercetível sussurro desesperado.

À uma da madrugada, um polícia encontrou Aaron no cruzamento da Rua 42 com a Sétima Avenida, caído ao lado de uma boca de incêndio, a chorar, desesperado. Já não sabia onde mais procurar. Tinha percorrido, a correr e a gritar, de este a oeste, a Rua 28 até à 42. Tinha voltado de vez em quando ao cruzamento da Rua 36, a meio caminho, onde tudo se passara. Tinha procurado nos parques daquela zona, uivado o nome de Kiera nas bocas do metro, suplicado a um deus em que não acreditava e feito pactos

com demónios que nem sequer existiam. Nada resultava, como sempre acontecia no mundo real, em que as vidas se truncavam e os sonhos nos esmurravam sem o menor pudor.

Enquanto recolhia o material montado para cobrir a emissão do desfile do Macy's, um repórter da CBS que tinha ouvido o alarme gerado quando intercetou o rádio da polícia gravou Aaron, destroçado, a correr de um lado para o outro. Aquele pedaço serviria, no dia seguinte, para abrir os noticiários da manhã, em que uma apresentadora leria um título num tom mecânico e sem emoção: «Ainda se procura, desde ontem, a pequena Kiera Templeton, de três anos, desaparecida no centro de Manhattan, durante o desfile do Dia de Ação de Graças. Se viram alguma coisa ou tiverem uma pista, pede-se que entrem em contacto com o serviço de alerta AMBER, para menores desaparecidos, cujo número podem ver no ecrã.» Logo a seguir e sem mudar de tom ou de expressão do rosto, passaria a falar de um engarrafamento na ponte de Brooklyn devido a umas obras na outra margem do rio Este. Nesse momento, as redações de toda a imprensa da cidade lançavam-se na procura de imagens daquele pai destroçado, pondo em andamento a máquina do sensacionalismo.

Aaron olhou para o telemóvel, que soava estridentemente, interrompendo a sua dor, e viu nele várias chamadas de um número que não tinha gravado, enquanto o polícia o ajudava a levantar-se.

— Está?

— Estou a ligar do Hospital Bellevue. Tivemos de trazer a sua mulher para aqui para lhe controlar o quadro de ansiedade. Tem-se encontrado estável nas últimas horas e solicita que lhe demos alta. Senhor? Está a ouvir-me.

Aaron tinha deixado de ouvir na primeira frase. À sua frente tinha o agente da polícia que lhe mostrara a roupa de Kiera na porta do número 225, e, apesar de não recordar o seu nome, a sua expressão, com o olhar triste e o rosto sério, destruiu as suas esperanças. O agente Alistair fez um gesto de negação com a cabeça, movendo-a de um lado para o outro, sinal

que Aaron interpretou como a mensagem encriptada mais dolorosa que podia receber.

Chorou.

Não parou de chorar enquanto vários membros do corpo de polícia o guiavam e metiam no carro com as sirenes ligadas. Os agentes tinham-se oferecido para o levar ao hospital ao encontro da esposa e haviam-lhe prometido que todas as unidades disponíveis estariam a rastrear a zona para continuarem à procura de Kiera. Durante o caminho até ao hospital, não conseguiu articular palavra e perscrutava as sombras da rua à procura da filha, que sonhava ver em cada cruzamento. Quando chegaram, conduziram-no, em silêncio, pelo hospital, e, do outro lado de um longo corredor de chão e paredes brancas, Grace esperava-o, de pé, séria, até ao momento em que o viu e compreendeu que Kiera não caminhava ao lado do marido. Grace correu para ele, a gritar «a minha menina, a minha menina!», e os ecos dos seus lamentos ecoaram por todo o edifício como só faziam as piores notícias. Os gritos daquela mãe ficariam gravados para sempre na memória dos enfermeiros, dos doentes e dos médicos que a tinham atendido e que compreenderam que a dor daqueles pais era o mais puro e trágico que jamais tinham sentido. Ali, estavam acostumados à morte, a lidar com doenças, a sofrer processos lentos que sorviam a vida de alguém, mas não àquele pranto irremediável, ao ver uns pais tão cheios de esperança e de absolutamente nenhuma. Quando chegou ao pé de Aaron, Grace bateu-lhe repetidamente no peito, e ele aguentou os socos sem sentir dor, porque já se sentia morto, já se achava afundado no mais profundo de si mesmo, e, com o rosto cheio de lágrimas e sem dizer uma palavra, deixou que Grace gritasse e o culpasse até lhe faltar o fôlego.

Capítulo 14

27 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Muitas vezes a esperança só precisa
de uma pequena coisa a que se agarrar.*

Grace, Aaron e Miren esperaram, impacientes, a chegada do agente Benjamin Miller, o responsável pela investigação em 1998, quando Kiera desapareceu. Chegou duas horas depois de Aaron ter ligado várias vezes para o único número de telefone que tinha para falar com ele e de uma secretária o ter deixado à espera durante alguns minutos para depois cortar a chamada sem o pôr em comunicação com alguém, enquanto se ouvia uma melodia irritante. Só à quinta vez é que a secretária ouviu, por fim, com atenção as palavras que Aaron dizia:

— É a Kiera! Está viva! Tem de passar ao agente Miller, por favor. A Kiera está bem!

— Como diz?

— A Kiera Templeton, a minha filha, está viva! — repetiu a gritar ao telefone.

— Escute... Sr. Templeton... não podemos rever o seu caso neste momento... Não há nada de novo, e o agente Miller foi muito claro quanto a não lhe passarmos mais chamadas até haver pistas adicionais. Todos os anos nos telefona no Dia de Ação de Graças com alguma coisa. Devia procurar ajuda.

— Não está a entender... A Kiera está viva! Vimo-la! Em vídeo! Enviaram-nos uma cassete dela. Está viva!

A secretária não respondeu durante uns segundos e depois acrescentou um simples:

— Um segundo, por favor.

Uns momentos depois, uma voz grave e entrecortada falou do outro lado.

— Sr. Templeton? É o senhor?

— Agente Miller, graças a Deus. Tem de vir. Alguém deixou um embrulho em minha casa com uma cassete de vídeo. Nela aparece a Kiera.

— Uma nova gravação de alguma câmara de segurança? Tínhamos várias dos momentos posteriores ao seu desaparecimento, e nenhuma nos levou a nada de concreto.

— Não. Não é uma gravação da rua. É numa casa. E é a Kiera. Agora. Com oito anos. A brincar num quarto.

— O que diz?

— A Kiera está viva, agente Miller. Não morreu. A Kiera está viva! — gritou Aaron eufórico.

— Tem a certeza do que está a dizer? — duvidou.

— É ela, agente. Não tenho a menor dúvida.

— A sua mulher pensa o mesmo? Pensa que é ela?

— Tem de a ver.

— Vou a caminho. Esperem aí, não lhe mexam mais. Talvez... talvez ela contenha mais qualquer coisa.

Durante a espera, Grace não parou de sorrir e de chorar de felicidade por ter visto Kiera a brincar tranquila no quarto. Aaron sentou-se à mesa da cozinha, com o olhar perdido, e, de vez em quando, deixava que as suas emoções desenhassem o seu rosto com um pranto feliz. Mas aquela imagem de Kiera deixara Miren sem palavras. Tinha dedicado tanto tempo a analisar pistas, a entrevistar pessoas e a rever vezes sem conta um processo policial de mais de duas mil folhas sem encontrar nada que aquela simples imagem da menina a brincar parecia ter posto à prova a sua integridade.

No escasso minuto que durava a gravação, uma Kiera crescida brincava com uma boneca numa casa de madeira, para depois se levantar de onde estava e a deixar em cima da cama. Uns segundos mais tarde, depois de hesitar uns instantes, via-se caminhar para a porta e colar a ela a orelha. Tinha um vestido cor de laranja com a saia à altura do joelho. A imagem parecia ter parado, não fosse o contador de segundos, que continuava a avançar. Quando chegou ao segundo 35, Kiera descolou a orelha da porta, como se tivesse sido em vão, e foi até à janela a saltitar. A seguir afastou a cortina de gaze branca e contemplou o exterior, de costas para a câmara.

No exato momento em que o temporizador marcou o segundo 57, Kiera voltou-se para a cama e, durante dois fotogramas, olhou para a câmara com um rosto inexpressivo. Antes que chegasse a agarrar novamente a boneca que deixara em cima da colcha, o leitor de cassetes expulsou a cassette, e o ecrã voltou a encher-se de uma neve que acabaria, em breve, por inundar de ruído branco o mundo da família Templeton.

— Têm a certeza de que é ela? — perguntou Miren, que já sabia a resposta. Tinha visto centenas de fotografias de Kiera em diferentes álbuns de família, e a verdade é que a semelhança era incontestável, apesar da diferença de idade em relação à que tinha quando desaparecera, apenas com três anos.

— É a Kiera, Miren. Não está a ver? Veja a cara dela... por amor de Deus... Era capaz de reconhecer a minha filha, nem que passassem cinquenta anos. É a nossa filha!

— Só digo que a qualidade da gravação deixa muito a desejar. Talvez devêssemos...

— É ela! Está claro?! — interrompeu-a Grace, aborrecida.

Miren concordou, como se não fosse nada com ela, e foi lá para fora esperar. Acendeu um cigarro e apercebeu-se de que a noite já caíra. Tirou o telefone do bolso do casaco e ligou para a redação para pedir desculpa por não voltar a tempo de terminar o artigo em que estava a trabalhar.

Depois, observou o resto das moradias da rua, e várias famílias estavam a colocar os fios de luzes de Natal nos telhados de casa. Pensou que devia ser

duro para os Templetons ver que o Natal, com a sua felicidade desmedida e os reencontros com os entes queridos, os rodeava e cercava daquela maneira, com milhares de lâmpadas a assinalarem, inconscientemente, o único local que não as acendia. Num mundo iluminado, uma zona sombria é um sinal. A casa dos Templetons era a única da rua que parecia não se juntar àquele excêntrico dispêndio de eletricidade e, à vista desarmada, era também a que menos gastava em jardineiro. A relva estava seca, com grandes manchas de terra a salpicar todo o jardim. Recordou-se da primeira vez que estivera naquela casa, pouco depois de começar a investigar o desaparecimento de Kiera por sua conta, e fora o estado perfeito da relva o que primeiro lhe chamara a atenção. Recordou a sensação de estar em casa de uma família abastada, com um bom carro estacionado à porta e uma caixa de correio com bandeirola para rematar a imagem de perfeição. Porém, agora tudo aquilo não passava de fumo. A dor tinha conquistado cada recanto daquela família, tingindo de cinzento não só a fachada, o jardim e as janelas mas também as almas de quem pisava o interior daquelas quatro paredes.

Um momento depois, apareceu ao fundo da rua um *Pontiac* cinzento com as luzes acesas, e do carro saiu um homem de uns cinquenta anos, vestindo um fato completo, gravata verde e gabardina cinzenta.

— Não posso dizer que fique contente por voltar a vê-la — disse o agente Miller, em jeito de saudação.

Ela saudou-o levantando as sobrancelhas e atirando a beata para o chão.

— É sério? — perguntou o agente antes de entrar.

— Parece que sim — respondeu Miren, em tom seco.

Aaron saiu de casa, veio ao seu encontro e saudou-o.

— Muito obrigado por ter vindo, senhor agente — disse com voz desesperada.

— A minha mulher está à minha espera com o peru no forno. Espero que seja importante — disse Miller, tentando justificar que pensava ficar ali pouco tempo.

Grace estava na cozinha. A pele em redor dos olhos estava avermelhada por ter chorado. Entraram em casa, e o agente cumprimentou Grace com um abraço.

— Como está, Sra. Templeton?

— Tem de ver a cassette, agente. É a Kiera. Está viva.

— Quem lhe deu esta cassette?

— Estava na caixa de correio, dentro do envelope. — Grace apontou para o envelope acolchoado que estava pousado na mesa, e o agente observou-o sem lhe tocar e leu o número 1, desenhado nele a marcador.

— Manusearam-no?

Grace confirmou e levou as mãos à boca.

— Onde está a cassette?

— No leitor.

A cassette sobressaía uns centímetros da entrada do compartimento do leitor, deixando ver a parte da frente preta, onde se colocava o autocolante com o título. No ecrã, a neve dançava e refletia-se nos olhos de todos.

O agente tirou uma esferográfica da lapela do blusão e empurrou a cassette para dentro. Grace acorreu-se ao lado do agente e carregou no botão para rebobinar a fita. Uns segundos depois ouviu-se um estalido, e o ecrã mostrou novamente Kiera, de oito anos, inocente, a brincar com uma boneca, a deixá-la na cama, a escutar à porta e a espreitar à janela. Quando se voltou para a câmara, a imagem foi interrompida, e o leitor expulsou a cassette, como se nada se tivesse passado.

— É ela? — perguntou o agente, preocupado. — Reconhecem-na mesmo?

Grace confirmou, a tremer. Tinha os olhos inundados de lágrimas prontas a romper a tensão superficial para mais uma vez lhe correrem pelo rosto.

— Têm a certeza?

— Absoluta. É a Kiera.

O agente soltou um suspiro e sentou-se. Depois de se debater durante uns momentos, continuou:

— Não pode publicar isto — disse, dirigindo-se a Miren, que esperava sob a moldura da porta da cozinha. — Não pode voltar a transformar isto no circo que foi.

— Tem a minha palavra — respondeu ela. — Mas só se reabrir o caso.

— Reabrir o caso? Ainda não sabemos o que aqui temos. É apenas uma gravação de uma menina que... sejamos sinceros, poderia ser qualquer miúda que se parecesse um pouco com a vossa filha.

— Está a falar a sério?

— Não posso mobilizar recursos por causa disto, Sr. Templeton. É tudo muito vago. Uma cassete que aparece do nada, cinco anos depois... É tudo tão rocambolesco que no gabinete do FBI não vão aprovar. Sabe quantas crianças desaparecem por ano? Sabe quantos casos temos abertos?

— Agente Miller, o que faria se fosse a sua filha? Diga-me, o que faria? — protestou Aaron, levantando a voz. Diga-me. Se algum malvado lhe levasse a sua filha de três anos e anos depois recebesse um vídeo dela no seu aniversário em que aparece a brincar, como se nada se tivesse passado, como se sentiria? Se lhe roubassem o que mais ama no mundo e, anos mais tarde, lhe esfregassem na cara que ela está muito bem sem si?

O agente Miller não conseguiu responder.

— Só temos essa gravação e a vossa palavra em como acreditam ser a vossa filha. Vai custar-me terrivelmente convencer os meus superiores. Não posso prometer nada.

— É a Kiera, agente. O senhor sabe perfeitamente que é ela — disse Miren.

— Como pode estar tão certa disso?

— Porque, quando me levanto de manhã, a primeira coisa que vejo é o seu rosto.

Capítulo 15

Miren Triggs
1998

*A verdade é mais esquiva do que
o engano, mas atinge-nos com mais
força quando baixamos a guarda.*

Na manhã seguinte, o despertador tocou mais cedo do que o meu corpo precisava. Tinha-me deitado tarde a rever os arquivos que o professor Schmoer me enviara e tentei tomar o pequeno-almoço, um café com baunilha que tinha comprado num Starbucks. Depois fui a uma loja de telemóveis e paguei com cartão um *Nokia 5110* preto que parecia ser o que toda a gente usava, com uma oferta que incluía cinquenta mensagens e sessenta minutos de chamadas gratuitas. A seguir encaminhei-me para o tribunal sob o sol radiante da cidade. Estava um dia esplêndido, e, à entrada, um polícia amável convidou-me a deixar o meu telemóvel novo numa bandeja para poder aceder ao edifício.

— Não são permitidos telemóveis aqui dentro — disse, levando a que o meu novo ponto de contacto com o mundo demorasse apenas quinze minutos a afastar-se de mim.

— Têm já preparado o expediente que pedi há umas semanas? — perguntei à secretária judicial, que amaldiçoou sua vida quando me viu. Era uma mulher afro-americana de uns quarenta anos, muito parecida com a mãe de Steve Urkel em *Family Matters*.

— Você outra vez?

— É um direito, sabe? A lei Megan obriga as administrações a tornarem pública a lista de agressores sexuais do Estado, com informação sobre a sua residência e uma fotografia atualizada.

— Ainda não temos um *site* criado. Já sabe. Internet. Essa coisa de que toda a gente fala.

— Disse-me isso mesmo há semanas. Não pode negar-me os meus direitos. É uma lei federal, sabia?

— Estamos a trabalhar nisso. Garanto-lhe. Só que há muitos processos.

— Assim tantos?

— Nem imagina — disse, fazendo gestos espalhafatosos com as mãos.

— Acha que eu podia dar uma olhadela?

— Aos arquivos dos agressores sexuais? Nem a brincar.

— Que parte é que não percebe de que esses dados têm de ser públicos?

— Pronto, está bem. Deixe-me consultá-lo — acedeu por fim. — Espere aqui, por favor.

A secretária judicial saiu para um corredor e voltou pouco depois, enquanto eu aproveitei para regressar à entrada e ir até ao telemóvel ligar para a minha mãe e pedir-lhe que anotasse o meu número. Não me respondeu, por isso, deixei-o outra vez ali e voltei para junto da secretária.

— Acompanhe-me, menina, por favor. Vou levá-la aos arquivos.

Segui-a durante uns minutos, até descermos para a cave do tribunal, onde um senhor de gravata e camisa de manga curta, que lia o jornal, nos recebeu, como se fosse apanhado de surpresa por ter uma visita ali em baixo.

— Olá, Paul. Que tal a manhã? Trago-te uma rapariga que, enfim... vem por causa da lei Megan.

— Delinquentes sexuais? Estamos pelos cabelos com isso. Vamos digitalizando o arquivo, mas... são trinta anos de delitos sexuais a entrar. É trabalho para muitas mãos.

Levantei a mão e acompanhei o gesto com um sorriso falso.

— Pois, vamos lá... assine aqui e aqui — disse. — É um documento que afirma que não irá usar a informação que reunir para molestar, perseguir ou

fazer justiça pelas próprias mãos e que, se o fizer, se sujeita às respetivas sanções.

— Claro — respondi. — Com certeza. Apesar de serem maus, têm direitos, não é?

Paul conduziu-me por um corredor comprido de azulejos amarelos iluminado por luzes fluorescentes e parou em frente de uma porta.

— Esta secção é tudo o que estamos a digitalizar. Desde os agressores de nível um ao três — disse, antes de abrir a porta e mostrar um labirinto gigantesco de estantes metálicas cheias de caixas de cartão. — Na Internet haverá um pouco menos de informação, mas é nisso que estamos agora a trabalhar — continuou. — Talvez dentro de uns dois anos consigamos ter tudo pronto e resumido, mas... bem, o Natal está aí à porta, e quem é que quer pôr-se a marcar arquivos num ecrã?

— Isto tudo? Está a brincar, não?

Negou com um aceno de cabeça, enquanto apertava os lábios.

— Nestas três estantes estão processos desde a década de 1970 até princípios da década de 1980. As outras duas avançam em espaços de cinco. Como vê, é tudo muito intuitivo. As caixas com os autocolantes amarelos contêm os de nível três, os mais perigosos. Violadores, assassinos, pedófilos reincidentes. O resto... perseguidores e abusadores de nível inferior.

Engoli em seco.

Uns dois anos antes deu-se a violação e o homicídio de Megan Hanka, uma menina de oito anos, às mãos de um vizinho, um pedófilo reincidente. Os pais de Megan afirmaram que, se tivessem sabido que o vizinho era um perigoso agressor sexual de crianças, não a teriam deixado brincar sozinha nas imediações de casa. O caso foi um verdadeiro choque para o país, que não tardou a aprovar, não sem controvérsia, uma lei federal que obrigava as autoridades a tornar pública a lista de agressores sexuais em liberdade, com fotografias, moradas atualizadas e perfil das vítimas, com o objetivo de informar a população sobre se algum cidadão era um potencial agressor sexual. Tratava-se de saber quem tínhamos à porta de casa. Mas, em Nova

Iorque, a implantação da lei ainda andava de fraldas, e esse registo público e facilmente acessível ainda levaria algum tempo até funcionar, de facto. Em vez dele, tinha aquela sala, cheia de processos, em que se perdiam horas.

— Se precisar de mais alguma coisa, não hesite em dizer-mo. Estarei na mesa à entrada.

Paul fechou a porta e deixou-me ali sozinha, rodeada daquelas caixas a cheirar a violência sexual.

Agarrei na primeira e fiquei admirada com o seu peso. Poderia conter, por alto, mais de duzentas pastas de cartão amarelo. Tirei o primeiro processo e senti náuseas nesse momento. A fotografia do canto superior era a de um homem branco de uns sessenta anos com um olhar perdido e barba de três dias. A ficha consistia numa simples folha formatada, com espaços preenchidos à mão. Os meus olhos pousaram imediatamente na caixa com o título «Condenado por»: abuso sexual de menor de seis anos.

Fechei o processo e passei ao seguinte. Não era o que procurava, e preferi não me regozijar com o que faria àquele filho da puta. Durante várias horas passei de um arquivo para outro, revendo as fotografias e lendo o que ia encontrando. O país estava podre. Bem, os homens estavam podres. Em quase quinhentos processos, só encontrara seis mulheres. Não nego que o que essas seis mulheres fizeram me repugnava tal como as atrocidades cometidas pelos homens, mas era evidente que as agressões sexuais eram coisas deles. Alguns acumulavam um historial crescente de malfeitorias: um toque, um abuso, uma violação, uma violação e homicídio. Outros exibiam uma conduta repetitiva que parecia patológica: fixação doentia por um tipo concreto de rapariga, com cabelo com determinadas características, sempre da mesma altura e da mesma faixa etária, agravando-se com a passagem dos anos, depois de ser libertado pelos primeiros delitos, cometidos vinte ou trinta anos antes. Mas os que mais me chocavam, e tratava-se da maioria, eram aqueles em que o agressor e a vítima pertenciam à mesma família. Nos processos era pormenorizado o perfil vitimológico

dos abusadores e não era raro ler entre as descrições que se tratava de um «familiar em primeiro ou segundo grau».

— Filhos da puta — disse em voz alta.

Saí e fui perguntar a Paul até que horas podia ficar. A tarefa que tinha à minha frente ia levar-me muito mais tempo do que calculei, e ele respondeu-me que podia lá ficar, sem problema, até às seis da tarde. Decidi comer qualquer coisa nas imediações do tribunal para voltar depressa e, enquanto esperava pelo almoço, liguei com o meu vistoso telemóvel para o segundo e último número de telefone que conhecia:

— Quem é? — respondeu o professor Schmoer do outro lado.

— Professor? Estás a ouvir? É a Miren.

— Miren. Conseguieste ver o que te enviei?

— Sim... bem, nem tudo o que havia. Mas... obrigada.

— Acho que quanto mais olhos houver nisto... melhor. E acho que os teus serão os melhores. Sei que és diferente. Talvez este assunto ainda não tenha acabado.

— Obrigada, professor. Acabado?

— De onde estás a ligar-me? Não te oiço muito bem.

— Do meu telemóvel novo.

— Pois ouve-se muito mal.

— Ótimo, custou-me mais de duzentos dólares. Gosto de deitar dinheiro à rua.

Fez uma pausa, sério.

— Calculo que me estejas a telefonar por causa da notícia.

— Ainda não vi o jornal. Publicaram a chamada para o serviço de emergência?

— Sim... mas ninguém a leu.

— Como?

— Ninguém... ninguém a leu. A chamada não interessa, Miren. Não interessa a ninguém — disse o professor, com o barulho dos carros em fundo. Devia estar na rua. — É coisa do passado. O *Press*... bem, desculpa, não sabes? Em que mundo vives?

— Estou no tribunal com um assunto pessoal — respondi, tentando desculpar-me.

— Que assunto pessoal? Tens algum julgamento? Apanharam algum culpado de... bem, daquilo? Podias ter-me avisado, sabes que te acompanharia.

— Não, não. Estou a pesquisar os arquivos por minha conta.

O professor suspirou e acrescentou numa espécie de lamento:

— Está bem... Se precisares de ajuda nisso, diz-me, está bem, Miren?

— Combinado. De momento estou bem, a sério — menti.

— Bem. A sério que não soubeste?

— O quê?

— Vai ver o *Press* de hoje. É incrível. Não sei como fazem, mas...

— Que se passa?

Estava inquieta. Aquele secretismo estava a matar-me.

— Lê a capa do *Press* e depois liga-me — desligou.

— O que se passou? — perguntei, precisamente antes de me aperceber de que ele já não estava do outro lado.

Perguntei ao empregado se tinha algum exemplar do *Manhattan Press* desse dia, mas ele disse-me que não. Antes de pousar o telefone na mesa, voltei a ligar aos meus pais, mas ninguém atendeu. A que se referiria o professor Schmoer?

Esperei pela comida, um esparguete carbonara que custava apenas sete dólares e noventa e cinco centimos com a bebida incluída, e dispus-me a comer depressa para ir rapidamente buscar o jornal. O restaurante era um antro foleiro com as paredes cheias de espelhos, cuja clientela eram os delinquentes e os familiares que passavam a manhã no tribunal. Olhei para a parede ao meu lado e vi o rosto de Kiera no reflexo da televisão. Olhei para outro lado, mas não consegui identificar onde estava o ecrã real naquele labirinto de espelhos.

— Pode subir o som? — perguntei ao empregado.

Uns segundos depois, o rosto de Kiera desapareceu e foi substituído por o de um homem branco, com ar sério, de uns cinquenta anos e com cabelos grisalhos, de quem nada sabia até àquele momento, mas, no título que acompanhava a imagem e que percorria o ecrã da direita para a esquerda, pude ler: detido o principal suspeito.

Quando o empregado finalmente aumentou o volume, ouvi a locutora terminar a frase que estava a pronunciar, para passar depois a outro assunto.

«... casado e com dois filhos, é o principal suspeito do sequestro da pequena e doce Kiera Templeton e já foi detido e presente a tribunal.»

Capítulo 16

12 de outubro de 1997. Nova Iorque
Um ano antes do desaparecimento de Kiera

*Falar da dor é um símbolo de força;
não o fazer não é prova de coragem,
porque, quando nos calamos,
ela fica cá dentro, a lutar contra nós.*

Miren não soube o que se passou entre um momento e o seguinte, mas deu consigo a enrolar-se com Robert, um pouco enjoada, no parque de Morningside, sentada num banco ao lado de um candeeiro, cuja lâmpada fluorescente piscava, prestes a fundir-se.

— Pára... por favor — murmurou, atordoada.

— Ora... agora não te faças difícil.

Robert continuou a beijá-la, e ela fechou os olhos para não vomitar. Tudo à sua volta girava, e custava-lhe permanecer entre os lampejos do candeeiro, que iluminava de maneira intermitente a sombra do homem que estava sobre ela. Não se lembrava de ter bebido a ponto de ficar assim. Pensou que talvez não estivesse habituada ao álcool, porque não costumava beber, mas aquela sensação era muito angustiante.

— Por favor, PÁRA — gritou, dando-lhe um empurrão.

— És parva ou o que é que tens?

— Não posso... Não me sinto bem — disse, abstraída.

Sentiu imediatamente o ar gélido de Nova Iorque nas coxas e, ao olhar para baixo, ficou horrorizada quando descobriu que tinha o vestido

arregaçado até à barriga e as cuecas rotas, penduradas numa das pernas.

— Por favor... pára — disse. Mas Robert não se importou e meteu-lhe as mãos compridas entre as pernas. Miren tentou resistir com as poucas forças que tinha, mas não conseguiu fugir dele, que movia energicamente a mão.

Miren ouviu ao longe uma voz masculina. Na verdade, não era uma, mas várias, intercaladas, e, com o último resquício de consciência, soltou um grito para que a ouvissem. Nessa altura, não sabia que era a pior coisa que poderia ter feito.

Depois ouviram-se mais algumas vozes, alguns risos, algumas sombras masculinas que se intercalavam com a escuridão, que a cada dois segundos era interrompida pelo candeeiro. Depois ouviu Robert a discutir. A seguir surgiu uma imagem dele estendido no chão, inconsciente, com o rosto coberto de sangue. Viu três indivíduos à sua frente, cujo sorriso era a única coisa que brilhava nas suas almas obscuras. Viu uma braguilha desabotoar-se. E a seguir outra. E depois outra ainda ou talvez fosse a mesma.

Fechou os olhos, enquanto chorava e desejava que o tempo passasse. Compreendeu o que lera uma vez sobre Einstein e sobre o tempo ser relativo. E, de facto, era, mas só em relação ao nosso sofrimento.

Algum tempo depois, nunca conseguiu calcular quanto, acordou na escuridão do parque. Estava dorida e tinha o vestido rasgado à altura do peito. O batom desaparecera, e a sombra de olhos que Christine lhe aplicara estava esborratada pelas lágrimas. Desenhando-lhe no rosto a imagem mais triste de Nova Iorque. A lâmpada acabara por se fundir, e só via a um pouco mais de dois metros. Procurou no chão e demorou alguns momentos a encontrar a malinha, em que só trazia as chaves de casa. Estava entorpecida e tiritava de frio. Naquele dia soprava um vento oeste gelado, e lembrou-se de que tinha levado um casaco de pele à festa, que não via em lado nenhum. Abraçou o corpo com as mãos e tentou caminhar. Apercebeu-se de que tinha perdido um salto e tirou o outro sapato, o qual agarrou, instintivamente, como se fosse uma arma. Doíam-lhe todos os ossos. Sentia a cintura ranger cada vez que pousava o pé direito na gravilha do chão.

Tinha os joelhos cheios de escoriações e sentia uma dor forte como uma queimadura entre as pernas. Começou a chorar.

Caminhou durante uns minutos na escuridão mais absoluta até sair finalmente do parque pelas escadas de Morningside Avenue, no cruzamento com a Rua 116. Apercebeu-se de que estava perto de casa. Olhou para o pulso, mas tinham-lhe roubado o relógio. Procurou na mala, e também a carteira tinha desaparecido.

Uma voz de homem colou-se novamente aos seus tímpanos, oferecendo ajuda:

— Estás bem, miúda? O que te aconteceu?

Mas antes que fosse capaz de identificar de onde provinha o som, Miren atirou o sapato para o chão e desatou a correr. Estava tão assustada como um coelho que tivesse ouvido o disparo de um caçador e temera que fosse o próximo a pôr termo à corrida. Olhava em todas as direções, enquanto corria, descalça, e, quando por fim chegou à porta de casa, sentiu o sabor a sangue na boca. Subiu as escadas agarrada ao corrimão e sentiu um fio fino e quente escorrer-lhe pela coxa. Olhou para baixo e verificou que era sangue. Continuou a chorar quase em silêncio, para que ninguém desse por ela, com receio de que mais alguém a visse assim e se juntasse ao festim do seu corpo, que sentia quebrado em mil pedaços.

Demorou algum tempo a acertar com a chave na fechadura. Não conseguia parar o tremor das mãos, que fazia soar o porta-chaves como um guizo a chamar uma nova presa. Engoliu a saliva e, quando por fim entrou em casa, atirou com a porta e caiu encostada a ela a gritar repetidamente, com toda a energia que lhe restava.

Olhou para a frente e viu o telefone em cima da mesa, ao lado do sofá. Arrastou-se pelo chão, a chorar e a arfar sem parar, e encostou o auscultador ao ouvido. Ao fim de uns segundos ouviu uma voz feminina do outro lado, com um tom sonolento.

— Está? Quem me está a ligar a esta hora?

— Ajuda-me, mãe — murmurou, entre soluços.

Capítulo 17

26 de novembro de 1998

*É possível ocultar uma cicatriz enorme
na pele, mas é impossível esconder
uma simples moxa na alma.*

O agente Alistair ficou durante mais algum tempo, sem incomodar, enquanto o pai e a mãe de Kiera se afundavam no chão do hospital e se abraçavam a pensar em tudo o que podiam ter mudado naquele dia para que a filha ainda estivesse com eles. Grace lembrou que, precisamente quando iam a sair de casa e viu que estava a chover, lhe passara pela cabeça que talvez fosse melhor não irem ao desfile. Durante as últimas semanas, Kiera estivera ligeiramente constipada, e ela pensou numa possível recaída, mas a dúvida dissipou-se quando viu a alegria com que Kiera saía de casa, pronta a assistir ao seu primeiro desfile do Dia de Ação de Graças. Depois dessa recordação, veio-lhe à memória o facto de Kiera se ter levantado um pouco triste por se terem acabado os cereais *Lucky Charms*, os seus preferidos, e de ela a ter repreendido, porque tinha de tomar um pequeno-almoço com uma marca mais saudável e menos colorida do que aquelas bombas de açúcar. A mente de Aaron tentava percorrer cada instante da manhã, cada gesto de Kiera, cada momento em que podia ter mudado o curso do seu desaparecimento, e encontrou tantas decisões que podiam ter evitado a desgraça que era incompreensível que tivesse acabado por acontecer. A seguir recordou que, na noite anterior, chegara tarde do trabalho, e Kiera já estava a dormir, e não pudera brincar com ela nem ler-lhe uma história

como fazia quase sempre antes de se deitar. O desaparecimento de Kiera desencadeara o mecanismo de autodestruição na mente de ambos, e as duas cabeças procuravam em cada comportamento todos os momentos que lhes pudessem fazer mal. Os momentos perdidos, os beijos não dados, os dias de trabalho, os castigos sem recompensa.

— Sr. e Sra. Templeton... — disse o agente Alistair. — Sei que é difícil voltarem para casa como se nada fosse, mas confiem em nós. Vamos encontrar a vossa filha. Garanto-vos. Temos todas as unidades disponíveis a baterem a zona, a recolherem informação das câmaras de segurança para o caso de terem captado algo. Confiem em nós.

— Mas... a roupa... e os cabelos... alguém a levou, senhor agente. A nossa filha está com alguém contra a sua vontade. Têm de a encontrar, por favor — disse Aaron, hesitando revelar aquela bomba junto da mulher, que ainda não sabia de nada.

— Cabelos? De que é que estás a falar? — perguntou Grace, surpreendida.

O agente Alistair apertou os lábios. Não estava habituado a falar de algo que parecia cair tão mal àqueles pais e tentou medir as palavras.

— Queríamos também falar-lhe disso. Neste momento não descartamos nenhuma via de investigação, e, por isso, o FBI vai tomar conta do caso. Precisamos que respondam a algumas perguntas do agente Miller, membro da Unidade de Pessoas Desaparecidas, que, neste momento, está à espera de que lhe digamos onde pode encontrar-se convosco.

— O FBI? Claro. Sim. O que for necessário e ajude a encontrar a Kiera. Onde é que ele está?

— Preciso que formalizem a queixa na esquadra e respondam a umas perguntas. Que vos parece de falarem com ele lá? Tenho a certeza de que irá ajudá-los. É um dos melhores.

O agente Alistair convidou Grace e Aaron a entrarem no carro da polícia e, quando chegaram, eram já cerca das três da manhã. Àquela hora, a esquadra de polícia do distrito sul era um ermo. Havia apenas meia dúzia de agentes aqui e ali, com ar de cansaço e os olhos encarniçados, mas, por sua

vez, a cave era um formigueiro. Ali conviviam quase trinta detidos, principalmente carteiristas e larápios de pouca importância que esperavam para serem presentes ao juiz, na manhã seguinte. Aaron e Grace sentaram-se em frente de uma secretária e prestaram declarações ao agente Alistair, que parecia mais interessado em fazer tempo até chegar o FBI do que em ir mais além nas perguntas, para não remexer a ferida.

Segundo o que o agente Alistair reuniu no relatório policial, a mãe e o pai, com a menina, encontravam-se no cruzamento da Broadway com a Rua 36, das 9h45 às 11h45, que fora quando Aaron se afastara da mulher para ir buscar um balão para a filha. Fora nos minutos posteriores que ela desaparecera. Aaron indicou como potenciais testemunhas do sucedido uma mulher vestida de Mary Poppins e todos os que se encontravam em volta. Tentou puxar pela memória para ver se recordava alguma cara, mas em vão. Toda a gente era totalmente desconhecida, e, àquelas horas da noite e depois do *stress* do dia, era impossível que aqueles rostos se desenhasssem na sua mente. Grace referiu uma família que estava ao lado deles e que tinha um filho da idade de Kiera. Recordou-se porque imaginou Michael, o filho de que estava à espera, com essa idade, e alegrou-se. A seguir, Grace sublinhou que uma majorete se tinha aproximado para apertar a mão de Kiera, porque a rapariga achara divertido o sorriso da menina e vê-la tão contente. Aaron concordou com a mulher quanto a todas aquelas recordações, e depois Grace frisou que não estava presente quando a confusão teve lugar, algo que deixou o marido desconcertado.

O agente Alistair acabou de redigir o testemunho e depois pediu uma fotografia de Kiera. Aaron tinha na carteira uma do tipo passe em que ela parecia olhar para a câmara com uma expressão de surpresa. Aquela imagem era a mesma que, uma semana depois, o *Press* publicaria na capa e que se espalharia por todo o país sob o título «Viu Kiera Templeton?».

O agente Miller chegou precisamente quando Aaron estava a assinar a queixa e saudou-os com um «Sr. e Sra. Templeton?», que pareceu sair-lhe das entranhas. Tinha uma voz grave e rouca, e, quando se viraram para a identificarem, viram que era uma cara amável.

— É o agente do FBI?

— Agente Benjamin Miller, do Departamento de Pessoas Desaparecidas. Lamento muito o que vos aconteceu. Criámos uma equipa especial para o vosso caso e já estamos a trabalhar para encontrar a vossa filha. Não se preocupem. Ela vai aparecer.

— Aham que alguém a terá raptado? — perguntou Aaron, verdadeiramente preocupado.

— Sejamos sinceros, Sr. e Sra. Templeton. Não vou adoçar a situação, porque acho que lhes fará mais mal do que bem. O FBI só trata deste tipo de casos quando se apresenta a opção de sequestro. Por isso também precisamos de que estejam em casa para o caso de receberem alguma chamada a pedir um resgate. Trata-se de um caso de alto risco, e... os captores irão tentar entrar em contacto de qualquer maneira.

— Um resgate? Por amor de Deus... — Grace levou as mãos à boca.

— Não seria a primeira vez que... bem, que acontece algo assim. É mais comum do que parece, noutros países. Têm algum inimigo? Alguém que vos queira fazer mal? Têm capacidade financeira para fazer face a um potencial resgate?

— Inimigo? Dinheiro? Sou diretor de escritório de uma seguradora! Assino contratos de seguro — respondeu Aaron exasperado. — É um trabalho normal e comum.

— Há alguém a quem tenha recusado uma apólice, nos últimos tempos?

Grace olhou para Aaron com um gesto de desaprovação.

— O que se passa? — perguntou Aaron à mulher. — Não vais culpar-me pelo que aconteceu?

— O teu trabalho, Aaron. O que aconteceu foi por causa do teu maldito trabalho. Toda essa gente... toda essa gente desamparada — afirmou, zangada. — Com certeza que...

— Isto não tem nada que ver com isso, Grace — interrompeu-a. — Como podes insinuá-lo? Agente, é claro que recuso apólices, mas não sou eu que decido. As ordens vêm sempre de cima. São critérios, sabe? Se o

cliente não for rentável, não pode ser aceite. Em que hotel deixariam entrar um hóspede que sabem que vai destruir os quartos? — respondeu, exaltado.

— Não estou a criticar o seu trabalho, Sr. Templeton. Mas há uma realidade que é inegável: o seu trabalho tem o potencial de criar inimigos. E, neste tipo de casos... Há uma possibilidade de alguém lhes querer fazer mal. Uma vingança pessoal ou uma questão económica.

Grace suspirou e franziu os lábios.

— Vamos precisar de uma lista de clientes a quem tenha recusado alguma apólice ou a cobertura de algum tratamento, nos últimos anos — declarou o inspetor Miller, anotando qualquer coisa num papel.

— Eu disse-te, Aaron. E tu, sempre a gabares-te dos teus malditos níveis de rentabilidade. Como pudeste...

— Consegue arranjar-me isso? — insistiu o agente Miller, tentando pôr fim ao assunto.

Aaron confirmou e engoliu em seco para controlar o nó que se lhe formara na garganta e que não o deixava respirar.

— De qualquer modo, agora temos todas as frentes abertas. Se amanhã não houver notícias, deveriam pensar em colar cartazes e mobilizar um pouco esta questão. Talvez alguém tenha visto alguma coisa.

Grace concordou e confiou-se às palavras do agente Miller, que encarou como a única pessoa ali que parecia controlar a situação.

— Por favor, encontre-a depressa — suplicou.

— Vai aparecer. Na maioria das vezes, estes casos resolvem-se nas primeiras vinte e quatro horas. Só se passaram... — fez uma pausa e olhou para o relógio — catorze, se não me engano. Restam-nos dez, e isso, nesta cidade com tantos olhos por todo o lado, é mais do que suficiente.

Capítulo 18

27 de novembro de 2010

Doze anos depois do desaparecimento de Kiera

Ao escavar entre as minhas ruínas, a única coisa que encontrei foram os escombros da minha alma.

A campainha soou, estridente, ao fundo do corredor e interrompeu o silêncio que esmagara a vida naquela casa. Uma fina camada de pó tinha-se apoderado de tudo, e o ambiente estava tão cinzento que parecia que as cinzas de um incêndio haviam sido a causa daquele triste e deprimente estado de limpeza. Mas não era assim. As fotografias emolduradas, pousadas na mesa de mogno do salão, estavam reluzentes, como se lhes puxassem o lustro todos os dias. Eram a única coisa que brilhava em todo o aposento. Nas imagens que havia nela, podia ver-se um casal feliz e jovem. Ele não teria mais de trinta anos, ela menos. Noutras via-se o mesmo casal com uma menina risonha, de uns três anos, com cabelo escuro e olhos verdes. Em todas as imagens, a menina ria-se, mostrando os dentes de leite com os incisivos separados.

A campainha voltou a tocar, desta vez durante mais tempo, e Grace Templeton levantou-se da mesa da cozinha para se dirigir à porta. Talvez fosse a apatia, talvez a desesperança, mas os seus passos já não avançavam à mesma velocidade que durante aqueles primeiros anos. Era 27 de novembro, e a chamada do marido despertara de novo os seus medos mais primários.

Grace levantou-se naquele dia com uma mistura obscura de sentimentos: expectativa, esperança, asco, tristeza e desespero. Cada uma dessas emoções era causada pelo próprio desfile, que todos os anos lhe recordava a sua desgraça. Grace Templeton pôs a mão envelhecida na maçaneta, abriu-a, sem parar de tremer, e deparou com um homem com cerca de cinquenta anos, com barba e ar de preocupação.

Fitaram-se em silêncio, e ela baixou o olhar para as mãos do homem, que trazia um envelope almofadado.

— Onde estava desta vez? — perguntou Grace, inquieta, com voz cansada, em jeito de saudação.

— Na caixa do correio da nossa antiga casa, como na primeira vez. Ligaram-me os Swagbats. Avisei o Miller. Vem a caminho. Pediu-me que fôssemos cuidadosos e esperássemos que ele chegasse com a unidade forense.

— Outra vez, no dia do aniversário dela, Aaron. Como na primeira cassette. Que diabo querem? Porque é que nos fazem isto?

Aaron permaneceu inexpressivo. A dor já era tão profunda que deixara de se importar.

— Já tinha tirado o bolo do frigorífico antes de... de saber que tinha chegado outra cassette. Encomendei-o naquela pastelaria que vimos quando passeávamos a oeste do Central Park. Fizeram um trabalho maravilhoso. Decoraram-no com florinhas cor de laranja em *fondant*. Tens de o ver.

— Grace... por favor, queres parar de transformar o aniversário da Kiera numa festa? Temos uma cassette nova hoje. Por favor... desta vez não. Sei que todos os anos nos reunimos para estarmos juntos no dia do seu aniversário, mas... há uma cassette nova. São demasiadas emoções ao mesmo tempo. Prefiro... vê-la e pronto, não achas? É a quarta cassette da nossa filha. Preciso de a ver e de chorar tranquilamente.

— O bolo é a única coisa que evita que eu enlouqueça, Aaron. Não me tires também isto. Já me fizeste bastante mal, não achas?

Ele respondeu com um suspiro, e Grace deu a volta para desaparecer na cozinha. Pouco depois, voltou com uma caixa branca nas mãos e dirigiu-se

para a salinha. Aaron seguiu-a e destapou-a, abrindo a caixa e deixando ver o bolo lá dentro.

— Não é maravilhoso? A Kiera iria adorar.

— Tenho a certeza, Grace — respondeu ele com um sussurro.

— Do que estás à espera? — perguntou ela enquanto procurava uma caixa de fósforos numa gaveta de madeira cheia delas, dispostas por ordem.

— São quinze. Um, cinco.

Grace foi até à outra divisão e voltou quase imediatamente com duas velas em forma de número que Aaron tinha a certeza de que ela já tinha algures preparadas. Permaneceu imóvel, enquanto observava a ex-mulher movimentar-se de um lado para o outro, a aparecer e a desaparecer da sala com gestos genuinamente enérgicos, e teve de conter as lágrimas para não se ir abaixo à frente dela.

— Queres batido de chocolate? — perguntou Grace, enquanto se afastava para ir novamente à cozinha.

— Também avisei a Miren. Acho que é importante que aqui esteja. Talvez haja algo novo nesta cassette e seja útil ela vê-la.

Grace saiu e voltou pouco depois, sem mudar de atitude.

— De chocolate ou de baunilha? Por dentro o bolo é de cenoura, e o recheio é de *chantilly*.

— Ouviste-me? Avisei a Miren. Deve estar a chegar.

— Então de baunilha — continuou Grace, fazendo ouvidos moucos e começando a servir um copo com o líquido amarelo.

— Grace, por favor. Talvez ela veja alguma coisa diferente nesta gravação. Tem esperança. Ela é boa, acredito mesmo nisso. É o mais próximo que vamos estar de...

De repente, um copo de vidro desfez-se contra a parede, mesmo por trás de Aaron, sem que este tivesse tido tempo de se esquivar dele.

— Só por cima do meu cadáver, Aaron. Percebes? Liga-lhe agora e diz-lhe que nem se lembre de vir. Já não posso com a imprensa e com a vontade de meterem o nariz em tudo.

Aaron suspirou mais uma vez. Todos os anos, aquele dia se tornava mais difícil para os dois. Era uma carga insuportável para qualquer pessoa, mas para eles aquela dor já era absolutamente intolerável. Aparentemente, e no seu ambiente, Grace parecia comportar-se de forma normal. Sorria, falava calmamente e só puxava o assunto de Kiera de modo muito esporádico. Com Aaron, pelo contrário, era o único assunto possível. Há anos que tinham deixado de falar de outras coisas. Quando estavam juntos, só existia a única coisa que não tinham a seu lado: Kiera.

— Está bem. Vou mandar-lhe uma mensagem a dizer que foi falso alarme. Mostro-lha noutra altura.

Grace concordou, já com os olhos rasos de lágrimas.

Aaron largou o envelope em cima da mesa e enviou uma mensagem a Miren:

«Não venha. A Grace não a quer ver.»

Miren não parecia ter lido aquela mensagem nem as anteriores, em que avisava da quarta cassette em doze anos.

— Começamos de uma vez por todas? — perguntou Grace, ao mesmo tempo que ligava o televisor de vinte e seis polegadas que tinha em cima de um móvel de metal, em frente da mesa de cozinha. Por baixo havia um leitor de cassetes VHS da marca *Sony*, prateado, uma antiguidade que continuava a funcionar por determinação pessoal de Grace e Aaron. Tinham-no comprado em 1997, quando Kiera ainda tinha dois anos, para poderem passar uma série de filmes infantis que lhe tinham oferecido naquele Natal. O seu preferido era *Mary Poppins*, que agora Aaron acabara por odiar, com as suas canções, a sua retidão e justiça e com a sua maldita felicidade. Se pensava em Kiera, o que via era uma imagem de Mary Poppins a oferecer um balão. Se não tivesse sido por causa do balão, Kiera ainda estaria com eles.

Aaron abriu o envelope almofadado com o número quatro e deixou cair em cima da mesa o que tinha lá dentro, uma cassette VHS da marca *TDK* de 120 minutos com um autocolante branco em que se podia ler, escrito à mão: KIERA.

Grace teve de se sentar. Naquele dia tinha-se levantado feliz, pensando que dessa vez conseguiria aguentar o impacto emocional do aniversário de Kiera, mas a chamada de Aaron, com a chegada de uma nova cassete, tinha destruído toda a sua coragem de uma penada.

— Estás bem? — perguntou Aaron, prestes a desatar a chorar.

Ela fez um sinal afirmativo, como pôde. Bebeu um golo de água do copo que tinha em cima da mesa.

— Vamos começar já, por favor.

Aaron tirou do bolso umas luvas de látex brancas e calçou-as. A seguir, pegou na cassete com delicadeza e introduziu-a suavemente no leitor de VHS.

Sentou-se à mesa, atrás do bolo e ao lado de Grace. Ela riscou um dos fósforos e acendeu as velas com o número quinze, iluminando com a sua luz quente as pequenas flores cor de laranja que decoravam o bolo e as almas tristes dos dois progenitores. Deram as mãos.

Era o único momento em que se permitiam uma trégua. Encontravam-se todos os anos para o aniversário da filha com a única intenção de ver a última cassete que tinham. Depois, se tivessem tempo, ficavam a falar e a analisar como lhes ia correndo a vida, para depois se despedirem durante algum tempo. Naquele momento era diferente. Tinham-se sentado os dois com uma nova cassete que não tinham visto, e talvez nenhum deles estivesse preparado para a acumulação de emoções coincidentes no mesmo dia: o aniversário da filha e vê-la novamente, ao fim de vários anos.

Olharam-se, abatidos, para depois fecharem os olhos e deixarem cair as lágrimas que já não conseguiam conter a força da gravidade. Fez-se silêncio, apenas interrompido pelas suas respirações, e, de repente, começaram a cantar o *Parabéns a você*.

Quando terminaram, aproximaram-se do bolo e sopraram as velas em vez de Kiera.

— O que é que desejaste desta vez? — perguntou Aaron à sua ex-mulher.

— A mesma coisa de todos os anos. Que ela esteja bem.

Aaron assentiu.

— E tu?

— O mesmo que todos os anos. Que ela volte para casa.

Grace soltou um suave suspiro carregado de toda a sua tristeza, como se fosse uma torrente de fantasmas a saírem-lhe da boca. A seguir, apoiou a cabeça no ombro de Aaron. Ele estendeu a mão para a mesa, pegou no comando da televisão e ligou-a, deixando ver a neve branca e preta que dançava no ecrã. Subiu o volume e começou a ouvir o ruído branco que a imagem emitia. Aquele velho televisor de cinescópio não tinha nenhum canal sintonizado. Era uma *Philips* preta de vinte e seis polegadas, com comando à distância e formato 4:3. Uma relíquia que ainda incluía entrada direta para o leitor de VHS e que continuava a funcionar, apesar dos anos e das pancadas que Aaron lhe dera na noite da primeira cassette. No canto superior direito, podiam adivinhar-se duas fendas na cobertura de plástico, devidas a uma queda daquela mesma mesinha onde estava agora. Mudou o comando à distância e ligou o leitor. O ecrã passou a um preto puro, deixando ver, no reflexo, Aaron e Grace, que olhavam melancolicamente para o aparelho. Pouco depois, no canto direito, apareceu um contador de segundos parado nos 00:00.

Ao ver o contador começar a andar, Grace apertou a mão de Aaron. Momentos depois, que a ambos pareceram uma eternidade, quando o marcador contava apenas 00:02, o ecrã preto foi substituído por um quarto idêntico ao que Grace esperava, mas com uma diferença que lhe gelou o coração.

— O que é isto? — gritou Grace.

Na imagem, gravada num plano a partir de um dos cantos superiores, podia ver-se um quarto, com as paredes forradas a papel com um padrão de flores cor de laranja que se repetiam em sequência sobre um fundo azul-marinho. De um lado havia uma cama de solteiro, feita com uma colcha cor de laranja, a condizer com as flores das paredes. Do outro lado, uma resma de folhas e cadernos, com uma esferográfica ao lado, estavam pousados numa secretária de madeira, em frente da qual havia uma cadeira de quatro pés com mais aspeto de cadeira de cozinha do que de trabalho. As cortinas

de gaze branca de uma janela, no centro, também não se moviam naquela imagem.

— Onde está a Kiera? — perguntou Grace a Aaron, que ficara imóvel.

Esperavam vê-la de um momento para o outro, como sempre. Em cada uma das três cassetes anteriores, mais velha vários anos, de cassete para cassete. O contador dos segundos avançava, implacável, perante a incredulidade de ambos.

— Não! Tem de ser um erro — gritou Grace. — Onde está a minha filha?

Tocaram à porta, mas eles estavam absortos a olhar para a imagem daquele quarto vazio, sem rasto de Kiera em parte alguma, perplexos.

Quando o contador chegou aos 00:59, a imagem parou, e o leitor de VHS expulsou imediatamente a cassete. O ecrã tingiu-se de azul por um momento, para passar imediatamente à neve da televisão sem sinal, com pontos brancos e pretos a dançar de um lado para o outro do ecrã.

— Não! — gritaram em uníssono ao sentirem de repente que Kiera voltava a desaparecer.

Capítulo 19

28 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Haverá algo mais poderoso do que a esperança
de encontrarmos o que procuramos?*

O agente Miller acedeu a reabrir o caso, na condição de Miren não publicar nada durante uma semana, depois da qual ele aceitara comentar os progressos de maneira resumida, para não pôr em risco a investigação, e apresentar o seu ponto de vista num primeiro artigo que marcaria o ritmo e o tom da imprensa do país durante os acontecimentos seguintes.

Aquela cassete foi uma bomba nos escritórios do FBI em Nova Iorque, onde vários agentes se ofereceram para ajudar a esclarecer a origem do vídeo e analisar fotograma por fotograma, para ver se havia algo por onde puxar. Fizeram-se várias cópias do VHS de Kiera e desmontou-se a cassete original para tentar encontrar alguma marca incriminatória e analisar a banda magnética. Mandou-se também analisar o envelope em que a cassete fora entregue. Não tinha selo nem fora processado em nenhuma estação de correios, pelo que alguém o devia ter deixado pessoalmente na caixa de correio dos Templetons.

Uma equipa deslocou-se ao bairro dos Templetons para perguntar aos vizinhos se durante o dia anterior tinham visto alguém a rondar a casa, mas as declarações de todos só confirmavam que havia várias crianças a brincar na rua, por ser um dia de festa, mas ninguém suspeito.

Pensava-se que a cassete e o envelope estivessem cheios de impressões digitais de Grace, que foram tiradas nesse mesmo dia com o objetivo de as descartar das que se encontrassem. A fita era uma *TDK* de 120 minutos, dos quais apenas 9 segundos estavam gravados. O resto era virgem, sem material magnético aceitável. Não tinha sido gravada em nenhum dos 119 minutos restantes. A cassete era de uma marca muito comum da duração mais vendida, que ainda podia adquirir-se em muitas lojas por toda a cidade, apesar da chegada tão súbita do DVD. Sabia-se que as cassetes VHS estavam destinadas a desaparecer devido à sua qualidade limitada, duração e, especialmente, à sua resistência. Era inevitável que a carga magnética de uma VHS fosse diminuindo lentamente até a gravação desaparecer, a uma velocidade diferente, mas com o mesmo final sofrido por Kiera. Os novos formatos digitais permitiam, num disco compacto, aumentar a qualidade da imagem e do som incluindo a duração, introduzindo elementos que se tornavam mais atrativos, como os menus, os materiais adicionais ou a seleção de cenas. Além disso, bem conservados, podiam durar mais de cinquenta anos, entre o dobro e cinco vezes mais do que uma VHS, que em pouco anos iria piorar no que dizia respeito às cores das gravações. Os arquivos digitais que se guardavam num DVD ofereciam também informação adicional sobre o tipo de gravador, a data em que fora criado ou até, por vezes, a geolocalização de onde tinham sido gravados, ocultada nos metadados *exif* de cada um dos arquivos copiados no disco. Mas esses atributos não existiam numa cassete de vídeo, o que fazia daquela fita algo impossível de rastrear. Não havia nada num VHS que permitisse encontrar, localizar ou identificar quando ou onde tinha acontecido o que se registasse na imagem. A única particularidade das cassetes era que podiam ser analisadas para identificar em que aparelho tinham sido gravadas, em função da colocação das partículas magnéticas na fita, do mesmo modo que uma pistola deixa uma marca única em cada bala que dispara. Pelas marcas laterais da banda magnética, um perito conseguiu identificar que tinha sido gravada num aparelho *Sanyo VCR* de 1985, cujo conhecido defeito de fabrico de uma das suas séries fazia que a cabeça

magnética, que organizava as partículas na banda para gravar a imagem e o som, deixasse um padrão contínuo no limite de cada cassete, mas esse dado servia de pouco. A *Sanyo* era uma das marcas líder do mercado naquela época.

Durante essa semana, uma equipa caligráfica analisou a letra com que fora escrito o nome de Kiera na cassete e o número 1 no envelope e a única coisa que se concluiu, com base na análise química da tinta, era que tinha sido escrito à mão, com uma caneta de tinta *Sharpie*, a marca mais vendida do país. As duas anotações foram realizadas pela mesma pessoa, a julgar pela pressão na escrita e pelas formas como o autor mudava de direção nos vértices do A e do 1. Quando chegou a informação científica sobre as impressões digitais da cassete, três dias depois, o agente Miller perdeu a esperança. Não se encontraram mais impressões a não ser as de Grace. O resultado das que foram encontradas no envelope só estaria pronto no final daquela manhã, mas o agente Miller visitou a família Templeton para lhes comunicar os escassos avanços da investigação.

Aaron e Grace receberam a sua visita com grande esperança. Ele saiu do carro com rosto sério, olhou em volta e viu que aquele bairro transbordava de felicidade. Duas crianças brincavam montadas na bicicleta, a ziguezaguear por entre uns cones que tinham colocado no passeio. Uma mulher idosa podava as hortênsias no jardim, um homem de meia-idade acabava de colocar uns soldados quebra-nozes em tamanho natural à frente da sebe da sua casa. Aquele era o bairro do Natal, e o agente Miller engoliu em seco antes de se encaminhar para a única casa que parecia mergulhada em tristeza.

— Descobriram alguma coisa? — perguntou Aaron assim que o viu.

— Ainda é cedo. Por agora estamos a avançar um passo de cada vez. Estamos a tentar extrair ouro desses 59 segundos.

— Alguma impressão digital? Tem de haver alguma coisa.

— Na cassete não. Estamos à espera dos resultados do envelope, mas não parece grande coisa, Sr. e Sra. Templeton. Se aquele tipo se deu ao trabalho

de não deixar impressões digitais na cassete, é difícil que não tivesse cuidado com o envelope.

— E as imagens? Não há nada que ajude a identificar onde está? É nossa filha... temos de a encontrar — frisou Grace.

— A qualidade da imagem é tão má que não se consegue identificar o que se vê do outro lado das cortinas, por isso vai ser difícil descobrir onde está e com quem. Achamos que é uma casa, o tom verde por trás da cortina branca poderia ser um jardim, mas... isso serve-nos de pouco. Nem sequer a incidência da luz no quarto nos ajudará quanto à sua posição, visto que não sabemos qual era hora do dia para podermos determinar, pelo menos, a orientação e talvez a latitude aproximada da sua localização. Vai ser difícil descobrir algo aí. Sei que ainda é cedo para vos dizer isto, mas, se não encontrarmos mais nada, este vídeo só servirá para saberem que a vossa filha está bem, embora ignorem onde está. Considerem-no uma... prova de vida.

— O que quer dizer?

— Nos raptos, as provas de vida servem para provar que o sequestrado está bem e pagar o resgate. Isto seria uma coisa parecida... embora não o tenham pedido

— Temos de conseguir que no-lo peçam — disse Aaron, sério.

— Estão a pensar em voltar a convocar a imprensa?

— Porque não?

— Vão estorvar o nosso trabalho e... não quero que volte a acontecer como há cinco anos.

— Se ajudar a encontrar a minha filha, vou fazê-lo. Não lhe reste a menor dúvida.

— Morreu uma pessoa, Sr. Templeton. Não se pode repetir uma coisa dessas.

— A culpa não foi minha, agente Miller. Não fui eu que ateei aquele fogo.

Capítulo 20

Miren Triggs
1998

*Nunca se sabe onde nos leva o caminho
por que se envereda a meio da noite.*

Sempre me tinha inquietado o que acontece na alma de alguém, quando uma pessoa desaparece como se nunca tivesse existido. Durante anos tinha jogado com a ideia de procurar. Talvez por isso decidi estudar Comunicação Social e por essa razão gostava deste mundo. Porque, afinal, o jornalismo consistia em procurar. O que escondem os poderosos, o que escondem os políticos, o que esconde alguém que prefere que não se saiba a verdade. Procurar em esconderijos a história a contar, os enigmas, as personagens perdidas na nossa mente. Trata-se de procurar e de encontrar.

Em criança, lia livros de Sherlock Holmes para procurar neles, não o culpado, mas a verdade do que tinha sucedido. Na maior parte das vezes, divertia-me a tentar antecipar o que ia acontecer, mas a história surpreendia-me sempre, e nunca conseguia a resposta certa. O caso de Kiera prendera-me desde o princípio talvez porque, apenas talvez, uma parte de mim sabia que não a encontraria.

A imagem do detido no ecrã tinha-me deixado muito satisfeita. Tinha passado apenas uma noite a investigar sobre ela, por minha conta, mas, de qualquer modo, tinha-me envolvido de uma forma muito emocional. Talvez fosse o seu olhar, porque vi nos olhos de Kiera os meus, temerosos, surpreendidos, incrédulos perante a maldade do mundo.

Na capa do *Press* daquele dia aparecia o rosto do detido, sob o título: «Também terá raptado Kiera Templeton?» O pormenor da notícia estava na página quatro, depois dos editoriais, e abrangia uma longa reportagem de duas páginas completas. Nela se relatava que, na noite anterior, o homem da capa, com as iniciais J. F., tinha sido detido por tentativa de sequestro de uma menina de sete anos nas imediações de Herald Square. De acordo com as testemunhas, o homem agarrara na mão da menina e levava-a para norte pela Broadway, em direção a Times Square, até que ela desatara numa choradeira ao perceber que os pais não estavam por perto e que não conhecia o senhor que lhe tinha prometido que a levaria até eles.

Perante os gritos da menina, várias pessoas insultaram o detido. As explicações que deu não foram convincentes, alegando que o tinha feito porque encontrara a menina desorientada na multidão, sem a presença dos pais, e que tinha decidido ir até à esquadra da polícia mais próxima, situada no cruzamento de Times Square. A tensão gerada em torno do desaparecimento de Kiera e o facto de ter acontecido na mesma zona causaram alarme ao ouvirem os gritos da menina, que, segundo o jornal, já se encontrava a salvo junto dos pais.

No artigo, os pais faziam também declarações em que agradeciam o trabalho de todos os que ajudaram a apanhar o detido e incitavam os outros progenitores a estarem alerta para a presença de predadores sexuais. Segundo li, a polícia não tardou a associar este incidente ao desaparecimento de Kiera. O jornalista que assinava o artigo comentava que o acontecimento tivera lugar na mesma zona uma semana depois, quando o detido comprovou que o seu *modus operandi* resultava. Certamente tinha feito o mesmo com Kiera, e agora só restava arrancar-lhe uma confissão para encontrar, finalmente, a pequenita.

Aquilo que acabou por confirmar todas as suspeitas, segundo declarava no final de uma coluna, era que a polícia tinha comprovado que o detido estava registado na lista de agressores sexuais por um delito cometido vinte e seis anos antes, ao manter relações com uma menor.

Fechei o jornal, surpreendida e feliz por o assunto de Kiera parecer solucionar-se. Liguei outra vez para o professor Schmoer, que atendeu ao segundo toque.

— Calculo que já saibas — disse, mal atendeu.

— É uma boa notícia. São muito bons no *Press*, não podes negar.

— Acho que não. Saíram-se bem. Eu estou sozinho... nisto. Toda a minha secção está a analisar as contas das empresas do NASDAQ ou do Standard and Poor's 500, e eu sou o único que tenta, de vez em quando, ir atrás de notícias um pouco mais... dolorosas, por assim dizer.

— Também é preciso que alguém o faça, não é?

— Talvez tenhas razão, Miren. De qualquer modo, é uma boa notícia. E... não te preocupes com o trabalho. Ainda estás a tempo de redigires um artigo sobre o derrame, como os outros.

— A Kiera ainda não foi encontrada. A minha investigação ainda não terminou, professor. Posso apresentar um trabalho que reúna a evolução até agora, embora, bem, ainda haja muito que pesquisar.

— Muito bem, Miren. O melhor atributo de um jornalista de investigação é a tenacidade. É o que sempre digo. Ou se nasce com isso ou não. Não é coisa que se treine. A curiosidade é o que nos define, a vontade de pôr as coisas no seu lugar, por mais difíceis que pareçam.

— Eu sei. Repetes sempre isso nas aulas.

— É a única coisa que, de tudo isto, vale a pena aprender. Que este trabalho é mais paixão do que talento, mais perseverança e esforço do brilhantismo. É claro que tudo ajuda, mas, se um tema nos entusiasmar bastante, é impossível largá-lo enquanto não se souber a verdade.

— E a verdade é que a Kiera ainda não apareceu.

— Pois — respondeu.

Durante aquela conversa achei-o estranho. A voz tremia-lhe, mas não o atribuí à má qualidade do som do meu telemóvel.

Depois de desligar, voltei para o tribunal com um *pretzel* para o Paul. Parecia um bom tipo. Era o clássico funcionário de escritório em que ninguém parecia reparar, e fez-me uma certa pena vê-lo sozinho ali em

baixo, no arquivo. Tinha-o comprado num quiosque de rua que tinha fama de os obter na mesma fábrica que os restantes, e ele agradeceu-me com um sorriso.

— Vais deixar-me mal-habitado — disse-me, a sorrir. Continuava sentado à sua pequena mesa, e pedi-lhe um favor antes de mergulhar novamente naquele compartimento cheio de imundície.

— Poderias ajudar-me a encontrar uma coisa? — perguntei, fazendo a minha melhor cara de pena.

— Claro, o que precisares. Também não tenho muito que fazer, além de arrumar esta pilha aqui, que não precisa de que o faça neste momento.

Sorri. Deixei o *Press* em cima a mesa, com o rosto de J. F. a ocupar toda a capa, e arrisquei:

— Haveria alguma maneira de encontrar o processo dele no meio de todos os registos de agressores sexuais?

— Se cometeu o delito no estado de Nova Iorque, tem de estar aqui.

— E ajudavas-me a encontrá-lo?

— Como é que se chama?

— Não sei. Segundo o artigo... J. F., e foi condenado há vinte e seis anos.

— Vou dar uma vista de olhos.

— Obrigada, Paul.

— Ora essa.

Entrámos na sala cheia de processos, e eu continuei onde tinha ficado. Ele pôs-se a rever as caixas da década de 1970. Em certa ocasião, perguntou-me o que procurava eu nos anos 90, mas respondi-lhe disfarçando, enquanto passava todos os arquivos de um lado para o outro depois de ver as fotografias. Desde o que acontecera no ano anterior, custava-me estar a sós com um homem desconhecido, deixara de confiar neles, e o conteúdo daquelas pastas também não parecia aliviar os meus medos interiores. Aquela situação de ter o Paul a abrir as caixas e a investigar o seu conteúdo em cima de uma mesa, exatamente como eu fazia, deixava-me, de certo modo, tensa.

Um momento, depois ouvi-o gritar.

— Apanhei-o! Está aqui! James Foster. J. F. Acusado de... relações sexuais consentidas com uma menor, em 1972.

— Consentidas?

— Hum, é o que parece. A idade da vítima era... Onde é que eles põem isto?

— Em idade da vítima — respondi, séria.

— Ah, sim. Dezassete anos, e ele teria então... dezoito.

— Como? Deve ser um erro...

— Está casado e vive em Dyker Heights com a mulher e dois filhos de doze e treze anos.

— Tens a certeza de que é ele? Dyker Heights?

Mostrou-me o processo. Era a mesma pessoa. Pela fotografia, parecia um homem normal, mas era difícil julgar este tipo de coisas pela aparência. Dava a impressão de ser um pai normal e comum. Não parecia perigoso e faltava-lhe um historial de abuso de crianças. Mas, de acordo com o que tinha lido naquelas páginas, isso não interessava. Eles ocultavam-se bem. Era o mais fácil. Muitos eram juízes, médicos, polícias, professores ou padres, e a sua fachada era tão impoluta que ninguém conseguiria identificá-los, se não os apanhassem no ato. Mesmo quando conseguiam apanhá-los, a sua aparência completamente normal era algo perturbador nos interrogatórios. Tornava-se repugnante.

— Há mais alguma informação?

— Sob a lei Megan, não. Nesta sala só se pode consultar o resumo dos processos e as condenações, que é o que está disponível no registo digital.

— E não consegues obter o processo completo?

— Receio que não. Trata-se de documentação confidencial, só está disponível para o advogado deles e... enfim, para o Estado.

— Está bem — aceitei.

— Precisas de mais alguma coisa?

— Que me deixes sozinha — atalhei, com um sorriso forçado. Aquela frase pareceu apanhá-lo de surpresa, e ele ficou um pouco surpreendido.

Senti-me mal. Estava um bocado stressada com a presença dele e percebi que me tinha passado. Quando estava quase a sair da sala, um pouco contrariado, levantei a voz:

— Muito obrigada, Paul. Desculpa.

Devolveu-me um gesto de resignação com os lábios e perdeu-se pelo corredor, deixando-me novamente só. Senti-me uma merda no meio dos montes de caixas daquela sala.

Continuei a procurar entre os processos dos anos 90. Uma a uma, as caixas passavam de um lado para o outro da mesa, à medida que as ia analisando, para a seguir voltarem a acumular pó nas prateleiras. Tinha visto processos de agressores sexuais violentos, de pessoas que se tinham masturbado em público ou de violadores da pior escória social, mas havia algo de comum a todos: eram homens, de todos os estratos e de todas as etnias. Já estava cansada, prestes a terminar para voltar noutro dia para continuar onde tinha ficado, quando um lampejo me atingiu a mente com a imagem mais negra das minhas recordações. A fotografia era inconfundível. Era a única recordação indelével que tinha daqueles momentos. À minha frente, tinha o processo de um dos homens que me violara no ano anterior.

Capítulo 21

1998

*É incrível como o tempo avança depressa
quando queremos que não o faça e como
é lento quando precisamos que acelere.*

As dez horas seguintes passaram-se num ápice. Cada minuto sem rasto de Kiera era uma agulha afiada no coração daqueles pais, que, ao meio-dia do dia seguinte, colapsaram na sala de sua casa, na presença de várias polícias que os acompanhavam na expectativa de alguém telefonar a exigir um resgate.

— Neste momento estamos a interrogar todos os inquilinos e proprietários do número 225 da Rua 35, onde a roupa da Kiera foi encontrada — disse o agente Miller, ao chegar na manhã do dia seguinte. — Estamos a fazer o mesmo com as lojas da zona e pedimos cópias das gravações das câmaras de segurança das imediações. Temos a sorte de em Manhattan haver mais de três mil câmaras de segurança entre lojas, estações e edifícios públicos. Se a pessoa que tem a sua filha passou por uma delas, vamos encontrá-la e apanhá-la.

Aquele discurso soava bem, mas não ia ser assim tão fácil.

A maior parte das câmaras ativas em 1998 consistia em pequenos sistemas de circuito fechado, que gravavam repetidamente sobre a mesma fita e que, no melhor dos casos, eram sistemas equipados com seis ou oito horas de gravação disponíveis. Tratava-se, em suma, de câmaras colocadas para vigilância em tempo real com o objetivo de afugentar o roubo e o

vandalismo. Em poucas ocasiões o sistema servia para encontrar culpados, mas o agente Miller preferiu calar esse dado, na esperança de mitigar os riscos de admitir que andavam às cegas. De qualquer modo, era algo com que contavam, mas em que não confiavam.

A investigação centrou-se também em encontrar uma das poucas pessoas que tinha testemunhado o desaparecimento, uma atriz contratada para oferecer balões, no fim do desfile, às crianças que estivessem perto dela. O FBI contactou o centro comercial Macy's, cuja direção abriu as portas de todos os seus arquivos, câmaras de segurança e contratos e se mostrou cooperante em tudo o que pudesse fazer para ajudar a encontrar a empresa responsável pela contratação de pessoal e, em especial, da rapariga vestida de Mary Poppins.

Depois das quatro da tarde, uma rapariga jovem e frágil apresentou-se nos escritórios do FBI, na baixa de Manhattan, disposta a prestar declarações a um dos agentes.

Mas aquele testemunho foi mais um de muitos que houve e que não conseguiu esclarecer nada, nem servir como ponto de inflexão no caso. Segundo o relato da rapariga, viu a menina, que identificou por uma fotografia que lhe mostraram, sorridente e com o pai. Afirmou que a seguir houve uma pequena confusão e que, depois disso, o pai voltou, desesperado, a perguntar pela filha. A seguir, ela juntou os seus gritos aos de várias pessoas da multidão e depois já não conseguiu ver mais nada. Recolheram as suas impressões digitais e deixaram-na ir para casa. A sua versão encaixava-se perfeitamente na de Aaron, que, a essa hora, se encontrava, no centro de Nova Iorque, com um grupo de voluntários, vizinhos e colegas da empresa, a colar cartazes com a fotografia da filha.

A meio do segundo dia, o rosto de Kiera via-se por todo o lado, colado nos candeeiros e nas cabinas, em barracas de cachorros-quentes, nas portas de cada cafetaria e restaurante, em cestos de papéis e, em suma, a voar livremente pela cidade, como a recordação da menina que estava prestes a tornar-se o maior enigma do país. Os dias passavam, velozes, sem notícias de Kiera, perante a dor crescente e permanente de uns pais mergulhados no

medo. Uma semana depois e quando a dor nem sequer tinha tentado dissipar-se, os Estados Unidos acordavam com o rosto de Kiera na capa do *Manhattan Press*, com o título: «Viu Kiera Templeton?»

No interior do artigo descrevia-se, em pormenor, o que tinha acontecido e incluíam-se vários números de telefone de interesse para informar do paradeiro da pobre menina. Um desses números era o da central de chamadas que Aaron e Grace tinham montado em casa, de forma rudimentar, com vários terminais ligados em cima de uma mesa, em que quatro voluntários atendiam e apontavam tudo o que recebiam.

Durante esse dia, a central de chamadas esteve em baixo. Chegaram pistas vagas, de todo o país: uma menina muito parecida com Kiera em Los Angeles a brincar num parque, um tipo suspeito a passear perto de uma escola, em Washington, uma lista interminável de matrículas de carrinhas de distribuição brancas, estacionadas em bairros operários, que, de repente, pareciam estar ali há dias, a adoção de uma menina em Nova Jérсия por parte de um casal de poucos recursos. Kiera estava em toda a parte e em nenhuma ao mesmo tempo. Tinha-se transformado num fantasma que percorria o país de lés a lés num instante, numa menina decidida que todos adoravam e ninguém conhecia. Naquele dia, algumas associações de crianças desaparecidas organizaram nessa noite marchas em sinal de protesto pela aparente inação das autoridades, que ainda não se tinham pronunciado sobre o assunto. As chamadas sucediam-se na central telefónica e todas colocavam uma leve camada de poeira sobre o mistério, cobrindo-o, no momento, de forma impercetível mas dramática, com a passagem do tempo. Os primeiros minutos a receber pistas deram lugar às primeiras horas, as primeiras horas à noite, em que toda a gente parecia tê-la visto entre as sombras, e, à medida que a madrugada avançava, aquelas ínfimas partículas de poeira tinham-se transformado numa densa camada cinzenta que parecia não ter solução. Durante o dia, Aaron e Grace tinham saído várias vezes para atender a imprensa, que se tinha interessado pelo caso com mais entusiasmo devido à capa do *Press* desse dia, e tinham prestado declarações aos diferentes meios de comunicação com o intuito de

darem um novo impulso à procura da sua filha. Mas à meia-noite estavam arrasados, em casa, sentados num sofá, a ver as luzes de Natal no seu bairro a piscar através das cortinas, enquanto os telefones não paravam de tocar com mensagens cada vez mais absurdas: um médium que oferecia os seus serviços para falar com ela no Além, uma vidente que encontrava cadáveres nas borras de café, um suposto escritor espanhol que dizia que a menina era objeto de uma seita clandestina.

Um *Pontiac* cinzento estacionou à porta de casa, e Aaron e Grace saíram para o receber. Era o agente Miller, com uma cara séria.

— O que se passa? Há notícias?

— Creio que o apanhámos, Sr. e Sra. Templeton — disse num suspiro.

— Encontraram-na?

— Calma, ainda não. Detivemos um suspeito e estamos agora a interrogá-lo.

— E tem a Kiera? Onde está?

— Ainda não sabemos nada. Ontem um homem tentou sequestrar uma menina perto do local onde a Kiera desapareceu, e não descartamos nada. Talvez a tenha presa em qualquer lado. Estamos a verificar a sua versão, mas não podemos adiantar nada. Confiscámos-lhe vários objetos e pertences que tinha num carro e queremos saber se alguma das coisas era da Kiera.

O agente tirou um saco de plástico transparente com um gancho de cabelo, branco com purpurina, e Grace deixou escapar uma lágrima que pousou no seu lábio com a delicadeza de uma suave onda do mar. Em parte era de felicidade e em parte de tristeza. Aquela lágrima nunca seria igual a nenhuma outra, e talvez por isso ela a tenha deixado ali, a sentir a sua humidade, até se evaporar.

— Ela tem muitos como esse... — disse, com dificuldade.

— Acham que pode ser dela?

— Não... não sei. Pode, sim.

— Está bem.

— Senhor agente, acha que ele tem a Kiera? — interrompeu Aaron, ao mesmo tempo esperançado e temeroso.

O agente não respondeu. Era uma resposta em que qualquer palavra em falso se tornaria uma punhalada na alma daqueles pais.

— Deixe-me ir, preciso ver a cara dele — disse Aaron, encorajado.

— Não, Sr. Templeton. Não é possível. Ainda é cedo.

— Agente Miller, preciso de ver a cara desse filho da puta. Não me tire isso, por favor.

— Ainda não está esclarecido se é ele.

— Por favor.

O agente Miller olhou para Grace e a seguir pousou o olhar novamente nele. Reparou que tinha um aspeto lamentável. Tinha uma incipiente barba descuidada, olheiras cinzentas e profundas e os olhos avermelhados e carregados de desilusão. Trazia a mesma roupa há vários dias.

— Não posso, Aaron, a sério que não. Não é o melhor nem para si nem para a investigação. Estamos a trabalhar a cem por cento para encontrar a Kiera. Fiquem aqui, e amanhã informamos-vos de todos os progressos. Estamos a trabalhar em contrarrelógio. Vim pessoalmente, porque acho que é o mínimo que merecem. Estamos perto.

Aaron abraçou Grace, e, por momentos, ela sentiu o calor do seu marido. Há uma semana que o achava frio, como se as suas carícias não significassem nada, como se cada gesto de carinho fosse o consenso de um perdão implícito. Mas, daquela vez, soube-lhe a esperança. Talvez fosse porque, quando se está arrasado, é impossível sentir amor, porque, se nos dói a alma, o coração só procura culpados em tudo o que nos acontece. Aquela notícia tinha posto uma gaze sobre a ferida, como se fosse conseguir sanar a relação e suturar os problemas que tinham começado a surgir entre acusações de culpa. Grace suspirou nos braços de Aaron, sentindo-se um pouco aliviada, enquanto o agente se despedia e entrava no carro. Observaram as luzes vermelhas a afastar-se em direção a oeste, enquanto ambos pensavam em quando tinham deixado de amar-se, no momento em que Kiera desaparecera, porque era inegável que o riso daquela menina que

ainda ecoava na mente de ambos não era algo de que tivessem precisado antes de ela nascer, mas tornara-se indispensável quando o ouviram pela primeira vez.

— Vão encontrá-la — disse Aaron. — E em breve estaremos novamente os quatro. — Acariciou a barriga da mulher e apercebeu-se de que há uma semana não o fazia, exatamente desde que Kiera desaparecera, e sentiu a ligeira curva que se insinuava sob a camisola de gola alta que Grace tinha vestida. — Como está o Michael?

— Não sei... Há uns dias que não o sinto mexer-se.

Capítulo 22

27 de novembro de 2010

Doze anos depois do desaparecimento de Kiera

*O pior de estar na escuridão é ver
a chama da última vela consumir-se.*

O agente Miller chegou logo que pôde. Demorou-se, porque naquele dia tinha-se formado um engarrafamento interminável devido ao choque frontal de dois veículos na estrada do túnel Hugh L. Carey, que ligava Manhattan a Brooklyn, o qual o tinha apanhado mesmo sem escapatória. Durante a viagem, ligou várias vezes pelo telemóvel para se desculpar por não passar pelo escritório e quando, por fim, conseguiu avançar, depois de duas horas bloqueado, observou uma pesada grua que recolhia os restos dos dois veículos e duas ambulâncias que faziam o mesmo com três corpos. Vários paramédicos atendiam, no chão, vários feridos graves por colisões em cadeia. Nunca se habituara a ver corpos acabados de ficar sem vida, e aquela imagem de um saco de plástico a ser fechado quando passou deu-lhe a volta ao estômago. A maior parte dos casos em que trabalhava tinham um final feliz, com raras exceções em que os desaparecidos se desvaneciam para sempre, como se nunca tivessem existido. Por vezes, muito esporadicamente, aparecia um cadáver semanas ou meses depois, em qualquer sítio, no meio de nada, já sem sangue, muitas vezes só ossos, e nessas raras ocasiões a dor não estava tão presente, embora a tristeza que provocava fosse igualmente desoladora. Estacionou em frente de um prédio

de quatro andares, de tijolo vermelho, ao lado do parque Prospect, onde Grace vivia há cinco anos.

— Como estão? — disse ao chegar.

— Demorou muito tempo, Ben. Onde estava? — perguntou Aaron em tom nervoso, depois de lhe abrir a porta com tal velocidade que o agente teve a sensação de que lhe sugavam a alma.

— Houve um acidente em cadeia à entrada do túnel, e fiquei preso, sem poder avançar nem voltar para trás. Tinha um aspeto horrível. Contei um morto no asfalto, quando retomaram o trânsito, e um monte de feridos. Porquê tanta urgência? Aconteceu alguma coisa?

— Desta vez é diferente, Ben — disse Aaron.

— O que é que aconteceu?

— Na cassete. Não está. A Kiera não está — interveio Grace, verdadeiramente enervada.

— O que quer dizer?

O agente não percebia nada, mas mantinha a calma. Olhou em redor e verificou que o andar onde Grace vivia agora precisava de alguma limpeza.

— Isto nunca aconteceu. Nunca! — gritou Aaron. — Recebemos três cassetes da Kiera nestes anos, e ela aparecia sempre nelas. Mas agora... na quarta... não está, agente. O quarto está vazio.

— Posso ver a cassete?

— Está no leitor. Com certeza — respondeu Grace.

Guiaram-no até à sala e rebobinaram a cassete.

Quando carregaram no *play*, o agente levou as mãos à boca, depois de comprovar que o que Aaron e Grace diziam era verdade.

— Onde estava desta vez? Quem vo-la deu?

— Em casa. Na nossa antiga casa. Como a primeira.

Miller acenou afirmativamente com a cabeça, enquanto revia os acontecimentos.

— Nas vezes anteriores, a segunda e a terceira cassete apareceram no seu escritório, Aaron, e no banco de um parque, não foi?

— Foi.

Depois do divórcio do casal, em 2000, Grace ficou a viver durante algum tempo na casa onde tinham sido oficialmente a família Templeton, mas em 2007 tiveram de a arrendar. Grace não aguentava estar sozinha entre aquelas paredes, a aguardar, na esperança de qualquer chamada, pista ou dado que dissesse algo sobre Kiera. A dor tinha sido tão grande e as censuras tão constantes que a relação só se manteve nos momentos em que ressurgia a esperança de encontrar Kiera. Mas essa ilusão aparecia e desaparecia apenas durante umas semanas, de tantos em tantos anos, sob a forma de cassetes que chegavam de forma aleatória. As luzes do bairro em que sempre tinham vivido transformaram-se numa analogia das suas vidas, porque tinham deixado de decorar a casa devido à tristeza e, ao seu lado, apesar dos olhares de apoio que os vizinhos lhes lançavam logo pela manhã, à noite todos acendiam as suas decorações e esqueciam a dor que se vivia na única casa da zona em que o jardim não estava invadido por renas, elfos e bonecos de neve feitos de esferovite.

A casa dos Templetons foi arrendada por uma família indiana com dois filhos, cujo pai era dono de dois supermercados no centro da cidade. No dia em que assinaram o contrato, Aaron e Grace despediram-se do casal, enquanto ouviam os risos dos dois filhos a brincar e a cantar em hindi, na casa que em tempos fora uma central telefónica para receber informações sobre Kiera. O Sr. Swaghat e a mulher prometeram ser felizes naquele lar e avisá-los com urgência, se chegasse algum pacote para eles. Tinham aceitado aquela estranha condição em troca de um ligeiro desconto no preço, mas, com exceção do primeiro ano, a única coisa que receberam naquele endereço foram as cartas do fisco, a reclamar os impostos locais.

A primeira cassette apareceu na caixa do correio em 2003, no Dia de Ação de Graças, enquanto Grace ainda ali vivia, mas as duas seguintes chegaram de forma aleatória, em sítios diferentes, onde podiam ser localizadas. Por exemplo, a segunda cassette, enviada em 2007, passou uma semana completa de agosto à espera de ser recolhida por Aaron nos arbustos da empresa de seguros em que trabalhava. Uma antiga colega viu-

o e chamou Aaron, porque tinha lido um artigo de Miren Triggs no *Manhattan Press*, quando chegou a primeira cassete.

A terceira e última VHS apareceu em fevereiro de 2009, nos bancos do parque Prospect, em Brooklyn, próximo do local para onde Aaron se tinha mudado, e só três dias depois um vagabundo a entregou ao departamento de notícias da CBS, em troca de umas centenas de dólares.

As três cassetes de Kiera tinham-se transformado num acontecimento, a ponto de essa terceira cassete ter sido noticiada antes de os pais a terem visto e de ser analisada pela polícia. Uma revista satírica local chegou a publicar uma vinheta muito criticada em que convidava os leitores a procurarem no desenho de uma praia cheia de gente, com a mensagem «Onde está Kiera?», a lembrar os populares livros do Wally. Aquilo foi o limite do sensacionalismo e a gota de água a fazer que Aaron e Grace decidissem afastar-se da imprensa para sempre.

A procura de Kiera, que um dia unira meio mundo, tinha-se transformado num espetáculo que pouco a pouco esmagara uns pais desolados. O estado de Nova Iorque aprovou de urgência uma lei a proibir a exibição e difusão de provas vitais objeto de investigações abertas, para limitar o circo em que o assunto se tinha transformado. A chamada lei Kiera foi publicada em março de 2009 sem qualquer dificuldade e serviu para mudar o tratamento que seria dado a partir desse momento aos processos de investigação, embora em certas ocasiões também fosse usada pelos políticos e empresários para se protegerem do espetáculo mediático, quando eram acusados de alguma irregularidade. As pessoas começaram a criticar a lei Kiera pelo que implicava para a liberdade de informação, e foi preciso legislar rapidamente para acalmar o clamor da imprensa, que exigia maior transparência nas investigações. O resultado foi uma adaptação da lei anterior, que passou a chamar-se lei Kiera-Hume, aprovada em meados de 2009, referente a uma empresária que tinha denunciado o *Wall Street Daily* por expor publicamente as graves irregularidades que a Comissão Federal do Comércio investigava na sua empresa de análises de sangue falsificadas. O resultado da nova lei consistia em não permitir informação que fosse

objeto de investigações criminais em curso, de delitos que incluíssem o sequestro, o assassinio ou a violação, mas sim em casos de corrupção, fraude e outros delitos económicos graves. Assim, se, no futuro, aparecesse uma nova cassete de Kiera, evitar-se-ia o circo mediático. Com o caso, tinham começado até a surgir colecionadores das VHS de Kiera, numa espécie de mercado negro que funcionava à custa de licitações cada vez mais exorbitantes na plataforma *online* de SilkRoad.

Em cada uma das três cassetes tentou-se encontrar alguma pista que ajudasse na investigação, mas as três tentativas naqueles doze anos pareciam ser em vão. Faziam-se análises das impressões digitais, de ADN, procuravam-se testemunhos na zona e inspecionavam-se as câmaras de segurança das redondezas à procura de coincidências entre as gravações de diferentes anos.

Com a segunda cassete, em 2007, pareceu fazer-se um pouco de luz. Tinha sido entregue numa antiga agência de seguros, onde Aaron trabalhara, a qual tinha câmaras de segurança na fachada e também na esquina do edifício. Quando se reviram as imagens desse mês de agosto, observou-se uma silhueta que parecia de uma mulher com o cabelo frisado aproximar-se do edifício, antes de amanhecer, e deixar sobre os arbustos, ao pé da porta, um envelope acolchoado castanho em que depois se descobriu a cassete. Analisaram-se as câmaras da zona, de caixas multibanco, de supermercados e de lojas, até mesmo nas entradas de túneis e de autoestradas, mas aquela silhueta não voltou a aparecer em nenhuma.

Naquela altura, o agente Miller explicou os progressos à família Templeton e entregou-lhes várias imagens da silhueta obscura que aparecia no plano, mas apenas serviu para desfazer em mil bocados aquele casal destruído, para fazer deles duas almas penadas que viam sombras idênticas em cada pessoa conhecida. Não se conseguiu o menor avanço no caso, apenas reavivar a esperança e a dor de uns pais afetados pela passagem do tempo com um enorme vazio no estômago. Com a primeira cassete, em 2003, foi diferente. Aquelas emoções duraram mais, tornaram-se mais fortes do que jamais viriam a ser, porque a esperança era como uma faca

sem cabo, que, de cada vez que nos cortava, nos deixava mais receosos de lhe voltar a pegar. Com o tempo, sempre que aparecia um novo vídeo de Kiera, acendia-se uma leve chama que brilhava o suficiente para iluminar a escuridão dos corações de Aaron e de Grace, incapazes de se recompor.

— O que acha que isto significa, Ben?

— Não sei, Grace. Mas pode ser a última cassete que recebemos.

Capítulo 23

Miren Triggs
1998

*E de que se foge sempre,
senão dos monstros do passado?*

Quando saí do arquivo do tribunal, era de noite e senti-me insegura quando pus o pé no passeio. Depois de entrar na Rua Beaver, na baixa de Manhattan, hesitei por um momento se devia ligar novamente ao professor Schmoer, que estaria sempre disponível para me acompanhar a casa, mas, por algum motivo, não me atrevi a fazê-lo. Uma parte de mim tinha-lhe perdoado a rejeição, mas outra era incapaz de voltar a vê-lo pessoalmente. Encontrava-me suficientemente longe de casa para caminhar até lá e, na verdade, o metro era a única opção viável. A paragem de metro mais próxima era Wall Street, e a viagem de comboio durava uns longos quarenta e cinco minutos na direção norte, até à Rua 116. Uma vez ali, só teria de percorrer uma rua e estaria em casa. Parecia fácil, mas para mim não era bem assim.

Caminhei até à boca do metro, a lutar contra o ar gelado do vento sul que assolava a baixa de Manhattan e que congelava qualquer pestana intrépida, e, assim que desci as escadas, começaram as minhas inseguranças. Dois rapazes estavam encostados à porta, um de cada lado, a resguardarem-se do frio, enquanto falavam de basebol ou de basquetebol ou sabe-se lá de quê. Arranjei coragem e, quando passei por eles (porque não havia outro caminho), interromperam a conversa. Reparei nos olhos pregados em mim,

as línguas roçavam os lábios, na expectativa de saltar sobre a presa, e acelerei o passo, até os deixar para trás.

Aproveitei o facto de um casal jovem ir passar pelos torniquetes para os apanhar. Reduzi o ritmo e caminhei ao lado deles. Como se de alguma maneira ter testemunhas me fosse salvar dos meus medos. Os dois rapazes encaminharam-se rapidamente na minha direcção, e eu acelerei novamente o passo, dirigindo-me ao cais da linha 3 para o Harlem. Confirmei que os dois rapazes vinham atrás de mim e que me apontavam com um dedo. Reparei num olhar cúmplice entre eles e virei a cabeça em todas as direcções à procura de alguém que me ajudasse.

Não.

Havia.

Ninguém.

Tinha de correr. Tinha de sair dali. Por um momento senti a necessidade de saltar para a linha e correr pela escuridão do túnel, mas sabia que seria uma morte certa.

Não podia deixar que voltasse a acontecer-me.

Olhei para cima e verifiquei que havia uma câmara de segurança a apontar para onde me encontrava e que, se esperasse ali, pelo menos algum segurança veria o que estaria a acontecer e viria em meu auxílio.

Respirei fundo.

As colunas azuis, intercaladas a poucos metros umas das outras, escoltavam a plataforma entre as duas vias, e apoiei-me numa delas, de costas para os rapazes, para ver se me perdiam de vista e se desistiam de mim.

— Eh! Tu! — gritou um deles. — Olha, miúda! Porque é que vais a correr? — disse o outro.

Senti as suas vozes a menos de dez metros. Verifiquei mais uma vez se conseguia ver a câmara de segurança. «Se consegues vê-la, ela consegue ver-te», disse para comigo. Desenhei com os lábios a palavra «socorro» várias vezes, desejando que a pessoa que estivesse do outro lado do ecrã, na

cabina, viesse em meu auxílio, mas aqueles segundos pareceram-me eternos. Senti-me sozinha e desamparada.

Outra vez.

Fechei os olhos, suspirando, e vi as luzes dos candeeiros daquele parque a piscar, o rosto que acabara de ver num processo a sorrir-me de cima, o calor do fio de sangue que senti entre as pernas ao chegar a casa.

O som do metro a chegar invadiu a estação e, com o chiar das rodas na travagem sobre o aço dos carris, os dois tipos pararam a meu lado com uma cara de espanto.

— Estás bem? — perguntou um deles.

— Caiu-te isto — explicou o outro, estendendo a mão e mostrando-me a pasta com o nome do meu violador que tinha acabado de roubar do tribunal.

Levei um momento a reagir e depois confirmei com um aceno de cabeça.

— Estás bem, de certeza? — insistiu, confuso.

— Eh... Sim, não é nada — respondi, enquanto secava uma lágrima com uma mão e com a outra agarrava a pasta. — Acabei de discutir com o meu... chefe.

Um deles soprou, o outro levantou as comissuras dos lábios e disse em tom reconfortante:

— Depressa vais encontrar outro emprego, não te preocupes. Esta é a cidade das oportunidades, rapariga. Aqui só acontecem coisas boas — acrescentou.

Não respondi. O metro acabava de parar e tinha aberto as portas, por isso, esgueirei-me lá para dentro para acabar com aquela conversa.

Passei a viagem inteira a ler o processo daquele tipo. Jeremy Allen, divorciado (filho da puta). Acusado e condenado por abuso sexual de uma rapariga embriagada, nos arredores de uma discoteca do Bronx. Idade da vítima: vinte e um anos, de cor. Parecia gostar das indefesas. Cumpriu quatro meses de prisão e doze de trabalhos comunitários. Domicílio atual: número 176 da Rua 124 oeste, quarto andar, em Nova Iorque.

Aquele filho da puta vivia apenas a dez ruas de mim.

Saí na Rua 116 e, antes de abandonar a estação, liguei para casa. Atendeu a minha mãe.

— Ah, Miren. Lamento. A tua avó teve um pequeno acidente ao descer a escada, e temos estado todo o dia no hospital.

— A avó? E ela está bem?

— Bem, tem umas nódoas negras na cara e no ombro e fraturou o rádio. O avô encontrou-a inconsciente no patamar do prédio. Um saco de compras rasgou-se, ela perdeu o equilíbrio e caiu do cimo das escadas. Já sabes como é. Usa sempre sacos de papel, por causa da história do ambiente que se lhe meteu na cabeça.

— Mas porque é que ela tem de continuar a fazer as compras? Porque é que não a ajudam? Não podem contratar alguém que dê uma ajuda aos avós nas coisas mais pesadas?

— Ajudá-los? Já sabes que o teu avô não gosta de ter desconhecidos em casa.

— O que é que interessa o que o avô pensa? Ele diz isso porque não faz nada. E não precisa de ninguém para o ajudar a coçar-se.

— Miren, não fales assim. É o teu avô.

— E um machista — afirmei, categórica.

— Cresceu noutra época, Miren. Foi educado dessa maneira. Os homens antigamente eram educados para serem... bem, homens.

— Homens? Desde quando ser homem é ser assim? Cresceu sem ter televisão em casa e agora tem uma. Adaptou-se bem ao que lhe interessou.

A minha mãe suspirou. Incomodava-a que eu falasse assim do seu pai, mas eu não pensava como ela. Desde pequena sempre me tinha irritado, quando os visitava, que eu tivesse de levantar a mesa, enquanto os meus primos podiam ir brincar. Uma vez até protestei, e a sua resposta foi um categórico: «Os rapazes não lavam pratos, Miren.»

A minha avó aceitava, e, embora eu admirasse os dois, interiormente sentia uma certa raiva por aquela situação injusta.

— Estou a ouvir barulho à volta, Miren. Compraste o telemóvel?

— Sim. Já o tenho.

— Dás-me o número?

— Hum... não sei de cor. Depois volto a ligar-te quando chegar a casa e o verificar.

— Estás na rua a estas horas?! — perguntou, exaltada.

— Ainda é de tarde, mamã.

— Pois, mas já anoiteceu. Telefonaste-me por isso, não foi?

O som dos meus passos pela rua infiltrava-se na chamada. Circulavam vários carros em diferentes direções, e de duas ou de três em três entradas havia um grupo de homens a conversar nas escadas. De cada vez que passava por um grupo deles fazia uma pergunta à minha mãe, para saberem que estava a falar ao telefone.

— Sim... — admiti. — Sim... sim já estou a chegar a casa. Não queria sentir-me sozinha neste bocadinho.

— Podes ligar-me sempre que queiras filha. Está bem?

— Eu sei. Como está o pai?

— Falta-te muito para chegar?

— Dois minutos.

— Está bem. Aqui está, a ver televisão. Compraste bilhete para vires no fim de semana? A tua avó vai ficar encantada, com certeza.

— Tenho estado muito ocupada. Trato disso amanhã, sem falta.

— Está bem.

— Há confusão na rua?

— Há gente, não é esse o caso, mas prefiro continuar a falar contigo. Tens a certeza de que não te importas?

— Claro que não, querida. Dá-me um segundo para desligar o lume.

— O que estás a cozinhar? — perguntei enquanto passava mesmo ao lado do grupo antes da minha entrada.

— Tinha feito salsichas, mas o teu pai já me está a fazer sinal de que não quer jantar. Queres que lhe passe o telefone?

— Não é preciso, já estou a chegar.

— Ainda bem, filha.

— Já cá estou.

— A sério?

— Sim. Estou a abrir.

Nessa altura foi o som das minhas chaves que se intrometeu na chamada, e senti a minha mãe respirar mais tranquila.

— Amo-te, filha.

— Também te amo, mãe. Se comprares o telemóvel amanhã, liga-me para este, e eu guardo o teu número.

— Está bem. Prometo-te que o faço amanhã. Dorme bem, meu amor.

— Dá um olá ao pai.

— Está bem.

Desliguei e entrei em casa, que me esperava na obscuridade própria do bairro em que vivia. Rodei nos calcanhares para fechar a porta à chave, mas, quando a porta estava mesmo a fechar-se, uma voz masculina saída das sombras da escada de cima murmurou:

— Miren, espera. Sou eu.

Capítulo 24

28 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Por vezes a inocência joga
na equipa da maldade.*

O telemóvel do agente Miller começou a tocar no bolso das calças, e ele pediu desculpa a Aaron e Grace, que o olharam contrariados e ao mesmo tempo esperançados.

— Agente Miller? — disse um agente do outro lado da linha. — Sou o Collins, do departamento forense.

— É importante? Estou com a família — disse, afastando-se para o passeio.

— Encontrámos cinco impressões digitais no envelope. Mão direita completa.

— A sério? Isso é fantástico!

— Sim, mas... calma. Não vais acreditar.

— Que se passa?

— São as impressões digitais de uma criança.

— Uma criança?

— Isso mesmo. São pequenas, como da mão de um miúdo de oito ou nove anos. A princípio pensámos que podiam ser as da própria Kiera, mas já descartámos a hipótese. Fizemos uma simulação no IAFIS com a evolução em tamanho das impressões da Kiera que temos registadas desde que se iniciou o processo, em 1999, um ano depois de ela desaparecer, e

nem a morfologia nem as marcas do perímetro de nenhum dos dedos condizem. Não são dela. Estamos à espera de confirmação do Departamento Forense de Análise de ADN, também presente no envelope, mas adianto-te que achamos que não pode tratar-se dela. São de outra criança, garanto-te. Talvez de outro desaparecido. Estamos à procura na base de dados de alguma coincidência das impressões digitais e já fizemos um rastreio no registo de menores procurados desde 1990, mas não há nada. Talvez quem sequestrou a Kiera tenha outra criança em seu poder.

O agente Miller ouviu com atenção, enquanto Aaron e Grace olhavam para ele, preocupados, tentando captar naquela conversa alguma pista ou algum progresso claro.

— Temos estado a falar aqui no departamento e talvez pudéssemos pressionar o governo estadual... — continuou um pouco nervoso — para lançar uma campanha infantil de documentos de identidade em escolas. Talvez assim possamos... bem, identificar as impressões digitais no envelope.

— Poderia acontecer que esse menino ou menina não tivesse documento de identificação, e não serviria de nada tanta confusão, não achas?

— Pois... não nos ocorre mais nada. É a primeira vez que o principal culpado parece ser uma criança.

O agente respondeu com um suspiro.

— Não te preocupes, acho que... — Interrompeu o que ia dizer e rodou nos calcanhares, olhando para a rua com uma expressão contrariada. Observou a mulher que tinha plantado as hortênsias e que agora estava obcecada a recortar as folhas soltas de uma sebe com uma tesoura de podar. As crianças tinham abandonado as bicicletas no chão e estavam a brincar ao enforcado com um giz, no passeio. O homem de meia-idade estava a tirar da caixa do correio um exemplar da revista *The New Yorker*, que tinha na capa um famoso realizador que uns meses antes tinham mandado para a prisão.

— ... depois ligo-te, Collins.

— O que se passa? O que é que encontraram? — perguntou Aaron com uma expressão de preocupação, enquanto o agente Miller se aproximou novamente.

O agente desligou e levantou uma mão para os pais, indicando-lhes que esperassem um segundo. Aaron lançou um braço por cima de Grace, e ela, por mais que tentasse que assim não fosse, sentiu tristeza com aquele gesto. Viram depois Miller aproximar-se do vizinho e pedir-lhe a revista emprestada. O homem ficou a ver Miller afastar-se e dirigir-se às crianças com ela e agachar-se à altura delas.

De onde estavam, Aaron e Grace não conseguiam ouvir o que lhes dizia, mas viram o agente meter a mão no blusão, tirar uma nota e oferecê-la às crianças. Uma delas pôs-se de pé de um salto, agarrou a nota e a seguir a revista. O outro também se juntou, e saíram a correr em direção à casa dos Templetons. Pararam à altura da caixa de correio, um deles abriu-a, e o outro enrolou a revista e meteu-a lá dentro. A seguir voltaram a correr para perto do agente, que deu mais uma nota a cada um.

A conversa com os meninos pareceu prolongar-se. O mais alto dos dois acenou afirmativamente com a cabeça duas vezes, e o outro observou a conversa como se fosse com ele. Uns momentos depois, o agente encaminhou-se, com o menino mais alto e moreno, para casa dos Templetons, e estes perguntavam-se que diabo estaria a passar-se.

— Sr. e Sra. Templeton, apresento-vos o vosso vizinho...

— Zack. Sou o Zack Rogers... vivo quatro casas adiante. Os meus pais são o John e a Melinda Rogers.

O pequeno parecia nervoso e meteu as mãos nos bolsos.

— Bem... Zack, o que tens a dizer? Podes ficar descansado.

— Lamento, a sério — disse baixando a cabeça, visivelmente nervoso.

Grace baixou-se até se pôr à altura dele. Aaron franziu o sobrolho, desenhando na testa umas linhas curvas parecidas com o que estava para vir.

— O que se passa, filho? — perguntou ela, em tom reconfortante. — Por favor, não estejas assim. Seja o que for, não há problema. Sabes? Temos

uma filha que deve ter a tua idade... Tenho a certeza de que gostaria de vocês. E adorávamos que um dia pudessem brincar com ela.

Zack pareceu acalmar-se um pouco e engoliu em seco antes de continuar.

— Lamento aquilo do envelope... não queria... não queria fazê-la chorar, Sra. Templeton.

— O quê? — perguntou Grace, confusa.

O miúdo ficou nervoso e pousou o olhar no chão. O agente deu-lhe uma palmada nas costas, incentivando-o a continuar.

— Não te preocupes, Zack. Não fizeste nada de mal. Podes contar. Eles vão compreender. O que fizeste está bem — disse para o acalmar.

Zack levantou a cabeça, depois de inspirar duas vezes com força suficiente para absorver o ranho, que lhe fazia pingar o nariz.

— Uma... uma mulher deu-me dez dólares para meter um envelope na sua caixa de correio. Se soubesse que ia deixá-la triste, não o teria feito.

— Uma mulher? — perguntou Aaron, surpreendido.

— Quem foi? Como era? — perguntou Grace.

— Não sei... nunca a tinha a visto...Tinha o cabelo encaracolado e louro... mas parecia uma mulher normal. Pensei que era a carteira. Deu-me o pacote, dez dólares e pediu-me que o metesse na caixa de correio. Não pensei que fosse mal... Peço muita desculpa. Ela estava a chorar, e eu quis ajudá-la. Devolvi o dinheiro, mas ela insistiu. Juro que lho devolvi, mas ela disse que ficasse com ele, porque o merecia.

— Filho... não fizeste nada de mal, a sério — insistiu o agente Miller. Pelo contrário. Vais ajudar-nos muito.

— Como? — perguntou o menino.

— Continuas a ter essa nota? Talvez se possa retirar dela uma amostra do ADN.

— Tenho... sim. No meu mealheiro, em casa — respondeu, nervoso.

— E lembras-te como era a mulher?

— Já disse. Loura com o cabelo encaracolado.

— Sim. Mas... sabes o que é um retrato-robô? — perguntou o agente, a sorrir, ao mesmo tempo que Grace se juntava a eles e tapava a boca com a

mão.

O pequeno confirmou com um aceno de cabeça, e Miller soltou um contundente:

— Apanhámo-la!

Capítulo 25

1998

*Só se compreende a fragilidade
de um castelo de cartas quando
alguém toca numa delas.*

O rosto da ginecologista estava demasiado sério, com o sobrolho franzido, como nunca tivera nas consultas anteriores, e soltou um suspiro antes de reunir coragem para falar. Aaron agarrava com força a mão da esposa, enquanto ela expressava incômodo perante os contínuos empurrões do ecógrafo, que deslizava energicamente para encontrar a posição adequada.

— O que é que se passa? O Michael está bem? — perguntou Grace com uma expressão de dor perante um novo movimento da ginecologista, que procurava com mais afinho.

A Dra. Allice acompanhara Grace durante a gravidez de Kiera. Era carinhosa e suave e desde a primeira consulta parecia dirigir-se aos dois, à mãe e ao bebé, dizendo piadas destinadas a ambos, como se o pequeno embrião que crescia no ventre pudesse ouvi-las. Aaron estava tenso. Desde que Grace tinha comentado com ele que não sentia movimentos de Michael, ele ficara alerta, visto que o normal nela era sentir sempre um ligeiro borbulhar no ventre, como se fossem pipocas a rebentar, devido aos minúsculos pontapés de um feto de apenas alguns centímetros.

— Talvez seja o nervosismo por causa da Kiera que faz o Michael relaxar. Está com certeza a pensar também na sua irmã e por isso não está

tão ativo como sempre — disse Aaron, quando soube a notícia.

Mas, à medida que passavam os intermináveis segundos em que a Dra. Allice não sorria nem dizia piadas sobre quanto aquele maroto do Michael tinha crescido, a posição que tinha tomado no ventre ou sobre como era tímido ou extrovertido, ambos souberam que algo não estava bem.

Após vários minutos de silêncio, a Dra. Allice desligou o ecógrafo e olhou para os pais, sabendo que o que estava prestes a dizer era para eles o derradeiro golpe.

— Nunca é fácil dizer isto... mas... tenho de informar que o feto não vingou. Não tem batimento cardíaco, e acho que deixou de crescer mais ou menos há três ou quatro dias, a julgar pelo tamanho do fémur e pelo perímetro do crânio.

Grace largou a mão de Aaron e levou as mãos à cara.

— Não... não... por favor, Allice, não... tem de ser um erro. O Michael está bem. Sei que está bem.

— Grace... ouve-me — respondeu a médica em tom sério. — Sei que é difícil entender agora, mas não te preocupes. És fértil, podes ter mais filhos. Isto acontece com frequência, e não há problema.

— Mas estava tudo bem há duas semanas. Não pode ser. O que é que aconteceu? — perguntou Aaron a chorar, à procura de respostas impossíveis.

— Não sei dizer-vos. Há milhares de motivos. Sei que estes dias estão a ser muito complicados para vocês. É melhor não pensar no assunto e concentrarem-se no que importa. Isto não quer dizer nada.

Aaron apercebeu-se de que a médica não tratara Michael pelo nome.

Grace não tinha ouvido nada do que Aaron e a médica disseram, porque a sua mente tinha voado para o momento em que, numa noite, fizera o teste de gravidez a pensar que a sua falta de menstruação devia ser um erro. Mas, depois de ver as duas linhas no teste, que marcavam um positivo nítido, a sensação de incerteza tinha-se transformado numa felicidade quase instantânea perante a ideia de formar uma família de quatro. Da euforia de saber que esperavam um irmão para Kiera passaram ao medo de não serem

capazes de gerir a situação e depois à incerteza económica de poderem assumir as despesas com outro filho e, por fim, depois de Grace verificar que continuava a guardar em lugar seguro os pijamas e *bodies* de quando Kiera era bebé, a uma sensação de amor e união que jamais tinham experimentado. Grace recordou também que tinham ido ver Kiera, que dormia na sua cama branca, que lhe tinham dado um beijo, aconchegando-a e murmurado entre sonhos que nunca estaria sozinha.

Mas aquelas recordações apenas a afastavam do drama que vivia, em que toda a alegria se tinha evaporado no instante em que o Pai Natal passara à frente dela no seu carro, com as majorettes a dançar e a desfilar com alegria sob a chuva e uns balões brancos a perderem-se para sempre no céu.

A médica continuou a falar, explicando o procedimento a partir desse momento, mas Grace limitava-se a acenar afirmativamente com a cabeça e a responder da lonjura dos pensamentos felizes já inalcançáveis que lhe brotavam dos olhos sob a forma de lágrimas.

Um momento depois, Grace e Aaron esperavam sentados nas incómodas cadeiras de plástico, enquanto se preparava o bloco operatório para lhe extraírem o feto, segundo a ginecologista, ou Michael, como eles continuavam a chamar-lhe. A cabeça de Grace repousava sobre o ombro de Aaron com os olhos fechados, e ele olhava em frente, desolado, perdido num ponto distante que terminava na união de dois azulejos da parede do corredor: um branco, como aqueles balões que se perdiam na distância, outro cinzento, como o futuro que esperava aquela futura família de quatro transformada num triste casal de dois.

Os dois levantaram o olhar para ver a Dra. Allice, na sua bata branca, voltar a olhar para o chão.

— Acompanhas-me, Grace? Já está tudo pronto — perguntou a doutora no tom mais carinhoso em que conseguiu pronunciar aquelas palavras.

Aaron levantou-se ao mesmo tempo que a sua mulher e despediu-se dela com um beijo na testa.

— Vai ser rápido. Não te preocupes, Aaron. Podes esperar aqui. Dentro de uns meses isto será apenas uma má recordação, e podem tentar de novo.

Conheço casais que já tentaram muitas vezes e que chegaram a ter oito abortos espontâneos. É mais comum do que imaginam.

Aaron assentiu e tentou desfazer a bola de tristeza que sentia nas cordas vocais. Não tinha forças para pronunciar qualquer palavra, e o suave «Até já, querida» saiu de forma tão débil que a mulher o ouviu como um suspiro. Grace largou a mão do marido e sentiu os seus dedos separarem-se com mais facilidade do que alguma vez tinham feito.

Enquanto Grace e a médica se afastavam pelo corredor, Aaron observou a mulher a caminhar com tristeza, como se os passos que dava pudessem fazer estalar o chão, e, enquanto a via caminhar, compreendeu que seria a última vez que sentiria o carinho da mulher escapar-lhe pela ponta dos dedos.

Capítulo 26

Miren Triggs
1998

*Todos guardamos segredos que revelamos
às pessoas certas, mas alguns
conseguem fechar-se à chave e atirá-la
para o fundo de um lago.*

O professor Schmoer surgiu entre as sombras da escada, com uma expressão de surpresa por causa do meu grito, e quase me causou um enfarte.

— Desculpa ter-te assustado — murmurou.

A porta da minha vizinha da frente, a Sra. Amber, entreabriu-se, e a sua voz aguda invadiu o patamar como se não saísse da sua boca, mas de uns altifalantes imagináveis posicionados acima das nossas cabeças.

— Estás bem, filha?

— Desculpe, minha senhora — disse o professor —, fui eu que assustei a sua vizinha.

— Não se preocupe, Sra. Amber. Está tudo bem — afirmei em voz alta.

— Quase me mataste de susto — murmurei para Jim. — O que é que fazes aqui?

— Se ouvir gritos, chamo a polícia. Ouviste, filha? A tua mãe obrigou-me a prometer-lhe.

— Sim. Não se preocupe, a sério. Foi só... um amigo que cá veio.

A porta da minha vizinha fechou-se com força e, embora eu soubesse que o fazia com boa intenção, tinha a certeza de que era uma rabugenta em potência. Sempre que me cruzava com ela no patamar, gabava-se de ter dito das boas tantas vezes ao carteiro por causa da publicidade que recebia que as empresas tinham deixado de lhe enviar anúncios e ofertas. Durante algum tempo acreditei naquela história, porque a tinha visto discutir com o empregado do supermercado do bairro devido à má qualidade dos sacos de compras, que pareciam romper-se só de olhar para eles, à quantidade de ar que metiam nas embalagens de cereais ou até por não se dirigir a ela pelo nome, quando durante metade da sua vida tinha comprado naquele local. Ao olhar para ela, dava a sensação de ser uma idosa forte e reivindicativa, um exemplo de energia e força que conseguia aquilo que se propunha à base de protestos e de uma atitude estoica perante a vida. Imaginei-a a participar nas marchas dos anos 60 contra a guerra do Vietname, a gritar contra os carros da polícia que ameaçavam o pacifismo do movimento. Os seus olhos pareciam esconder uma guerreira, uma velha amazona que era difícil ferir com simples ataques inexperientes. Mas um dia qualquer, quando estava a chegar a casa, dei com ela a meter na minha caixa de correio a publicidade que tinham deixado na dela. Cumprimentei-a, e respondeu-me como se não fosse nada com ela. Naquele dia ofereci-me para lhe levar o saco das compras para cima, como sempre fazia, e ela aceitou que o fizesse depois de afirmar que a juventude, como dizia sempre, já não era como antigamente. Ao chegar lá acima, agarrou no saco de papel, resmungou e fechou a porta, sem me agradecer.

— Liguei-te várias vezes, mas tinhas o telefone desligado — murmurou o professor Schmoer. Fiz-lhe sinal para entrar em casa. Não queria que a Sra. Amber ouvisse aquela conversa, principalmente porque não tinha a certeza se mantinha uma via aberta com a minha mãe. Ele fez o que indiquei, e eu fechei a porta.

— Estava no metro. Talvez fosse por isso — respondi, nervosa.

— Olha... Miren... Acabou-se.

— O quê? A que te referes?

— Despediram-me do *Daily*.

— Porquê? Por causa do *Press*? Foi por isso que vieste aqui?

— Bem, é um conjunto de coisas. É mais complicado do que isso, mas, sim, em parte é por causa daquilo do *Press*. Vão sempre um passo à frente dos meus artigos. Nos últimos meses registámos uma descida brutal no número de leitores. Em parte é por causa da Internet e em parte porque os nossos leitores se informam das notícias económicas de muitas maneiras diferentes. O *Daily* está em crise devido à quebra nos leitores, e a direção andava à procura de um primeiro bode expiatório. Calhou-me a mim, que era o único que cobria as investigações menos consonantes com a linha editorial do jornal. Há meses que estava à espera disto... só não pensava que fosse tão cedo.

Parecia desolado, e eu não sabia o que dizer-lhe. A partir do *boom* da Internet tinha lido vários artigos que falavam sobre a transferência de leitores para as notícias no Yahoo e noutros meios digitais surgidos do nada, e os jornais tradicionais tentavam adaptar-se ao novo mundo que se abria perante eles. Uns encaravam-no como uma oportunidade, outros como uma nova etapa em que as longas reportagens de investigação dos jornais tradicionais teriam menos lugar. As pessoas mostravam-se ávidas de notícias instantâneas, de acontecimentos a que prestar atenção durante uns minutos e esquecer, e isso não requeria equipas de investigação dedicadas exclusivamente a um único artigo de várias páginas. Além disso, depois da publicação de cada peça, chegava a vez dos processos judiciais, e os jornais, com os recursos cada vez mais reduzidos devido ao decréscimo de leitores, sofriam também por terem de manter equipas legais que os defendessem dos litígios com as empresas investigadas e publicadas.

— Tens as aulas — disse numa tentativa de o consolar. Também não sabia muito dele. Nos meses em que mais tínhamos falado e em que mais me tinha ajudado, costumávamos conversar sobre as investigações que ele tinha em mãos e, na maior parte das vezes, das minhas dúvidas inquisitivas em relação ao assunto ou de como abordar certos temas nos trabalhos da cadeira. Mas não sabia nada dele ou da sua família, nem sequer onde vivia.

— Podes sempre continuar a dar aulas e a ganhar a vida como professor. És bom nisso. Inspiras-nos a continuar — garanti.

— Não é algo que me realize tanto, Miren. Os alunos parecem prescindir da matéria e ir pelo caminho mais fácil. O exemplo perfeito é o maldito trabalho desta semana. Já recebi doze textos sobre a descarga da empresa PharmaLux. Todos eles cópias de cópias de cópias. O caso da descarga anda a circular na redação há seis meses, é um segredo de polichinelo entre todos os jornais, e, se nenhum meio de comunicação ainda não o publicou com as conclusões, é porque nenhum deles quer ver-se a contas com uma farmacêutica gigantesca. Este mundo está podre. Estamos acobardados. Ninguém se arrisca o suficiente para dar um passo em frente e mudar as coisas. Não há nada de original, e, como professor, não consigo levar a que ninguém se envolva o suficiente para ver a luz ao fundo do túnel. Um futuro complicado espera a imprensa, e, se esta perder a sua voz dissonante, estaremos perdidos. Os poderosos irão vencer.

— A mim motiva-me ir mais além na procura, professor. E, se de cada turma sair um bom jornalista, acho que o mundo se tornará um lugar melhor.

O professor ficou em silêncio durante alguns segundos, olhando-me nos olhos por detrás dos seus óculos de massa. Estava a menos de meio metro de mim, de pé, na minha frente, mais sério do que alguma vez o vira.

Estava dorido.

Estava triste.

Estava vulnerável.

Cada gesto seu descrevia cem contradições interiores, todas prestes a explodir a qualquer momento, tal como o meu coração nervoso, mas, de repente, virou-se, bufou e dirigiu-se ao sofá. Sentou-se a suspirar, levou as mãos à cabeça e puxou para trás o cabelo ondulado, que no mesmo instante voltou ao seu lugar como se não o tivesse feito. Do bolso interior do casaco tirou um CD e pousou-o em cima da mesa.

— O que é isso? — perguntei.

— O que consegui resgatar da redação do caso Kiera. Tínhamos muito material, mas para mim era demasiado. Não consegui vê-lo todo. É tudo o que existe. Enviei-te uma parte.

Baixei-me para pegar no CD e levei-o para o computador.

— Podes dar-me isto? — perguntei, surpreendida. Não podia ser.

— Não, mas ninguém sabe que o tenho. Trata-se de informação de um informador para uma futura jornalista. Ninguém tem de saber como o conseguiste. Talvez te seja útil para o trabalho que tens de apresentar.

— Ainda nem o comecei. Talvez não me atreva a escrever sobre isto. Há muita informação. A única coisa que sei é que o suspeito que detiveram para mim não se encaixa. Há qualquer coisa que falha...

— Porque é que dizes isso? Detiveram um homem com antecedentes de agressão sexual a menores, que ia com uma menina de sete anos na zona onde a Kiera desapareceu. Acho que é mais do que claro que se trata de um predador.

— É precisamente esse ponto que menos me convence. Dei uma vista de olhos ao processo desse detido e não se encaixa nesse perfil.

— Viste a sua ficha policial? Explica-te. Ao que tenho percebido, os agressores sexuais não parecem sê-lo.

Abri a minha mochila e estendi-lhe a ficha Megan do detido. Ele abriu a primeira página e pôs-se a lê-la, incrédulo.

— O que é isto? Os seus antecedentes?

— A sua ficha no registo de agressores sexuais da lei Megan. Roubei o processo dele do arquivo.

— A sério?

Confirmei com um aceno de cabeça, orgulhosa. Ele olhou-me, surpreendido. Voltou a pôr os óculos antes de baixar novamente os olhos para o dossiê.

— Não é que aprove as relações com menores — continuei —, mas os seus antecedentes falam de uma relação sexual consentida com uma miúda de dezassete anos quando ele tinha dezoito. E, se reparares, um ano depois a queixa foi retirada, quando a vítima fez dezoito anos. Não me parece uma

evolução lógica passar de ir para a cama com uma rapariga com menos um ano do que ele e esperar vinte e seis anos para desatar a raptar meninas.

— E qual é a tua conclusão? — perguntou-me num tom interessado. Gostei de me sentir o centro da sua atenção. Era... revitalizante. Como se com aqueles gestos conseguisse acender em mim uma centelha que, por momentos, iluminava o meu interior cheio de sombras.

— Creio que é a típica denúncia que um pai superprotetor faz, quando descobre que a filha arranjou um namorado mais velho e os apanhou juntos na cama. Não o aprovo, não me interpretes mal, mas uma amiga minha teve um namorado um ano mais velho do que ela e numa altura em que ele já tinha feito dezoito anos e ela ainda tinha dezassete. Eu brincava com a minha amiga e dizia-lhe que o namorado ia acabar na prisão.

— A sério?

— Se os pais os tivessem apanhado naquela altura e soubessem as coisas que a filha fazia com aquela idade, tê-lo-iam denunciado e ele teria uma nódoa no seu processo que também apareceria aí.

Enquanto dava uma olhadela pelo processo, continuei:

— Acho que não foi o detido que levou a Kiera. E mais, acho que esse homem está casado com a rapariga de dezassete anos com quem teve relações naquela altura. Queria comprová-lo no Registo Civil. Talvez consiga descobrir o apelido de solteira da mulher dele e cotejá-lo nos registos para ver se condiz com o nome da vítima. Sei que talvez o nome da vítima esteja protegido e não se possa aceder a ele, mas tenho a sensação de que será possível.

— Mas, se ele pegou na miúda e a levou para Times Square, longe de onde os pais a perderam...

— Em Times Square fica a esquadra de polícia mais próxima do local onde a encontrou. E foi exatamente isso que ele disse à polícia.

O professor concordou com um aceno de cabeça.

— E se ele estiver a dizer a verdade? Gostava de estar enganada, Jim, e de já saber o culpado do desaparecimento da Kiera, mas acho que não é ele.

Acho que a Kiera está algures, escondida com o verdadeiro raptor, a suplicar para voltar para a família — afirmei, convicta.

— Contaste a alguém? Achas que a polícia investiga o passado do detido?

— Acho que sim — respondi, preocupada. — E que mais cedo ou mais tarde irão libertar este homem. O pior é que, enquanto estiver detido e for o principal suspeito, ninguém irá procurar a Kiera.

Capítulo 27

27 de novembro de 2010

Doze anos depois do desaparecimento de Kiera

*Às vezes agarrarmo-nos a uma
má recordação é a única coisa que
nos permite criar algo bom.*

Depois de Miller se ter ido embora com a quarta cassete, Aaron ficou no novo apartamento de Grace, em silêncio, sem saber o que dizer. O ruído branco da neve na televisão por sintonizar era constante e perturbador, mas, com o tempo, tinham encontrado nele uma espécie de consolo e companhia. Aaron passeou pela sala e observou todas as fotografias que tinha em cima da mesa, em que se viam os dois juntos, joviais e com Kiera nos braços, em várias delas.

— Éramos mesmo novos — disse em tom melancólico depois de pegar numa das molduras para observar a imagem de perto.

Grace respirou fundo, apertando os lábios para se fazer forte. De seguida, depois de lutar contra os seus demónios interiores com a forma de cartazes colados nos candeeiros de rua, prosseguiu a rotina que seguia todos os anos no aniversário da sua menina.

Aproximou-se tristemente da mesa e começou a recolher as fotografias emolduradas que ia colocando num pequeno cofre que tinha em cima do antigo móvel da sala. Ao levantar cada moldura observava-se que por baixo de cada uma havia a mesma camada de pó que no resto da mesa, como se

tivessem acabado de ser colocadas sobre aquele tapete denso de partículas cinzentas.

— Porque é que continuas a fazer isto, Grace? Todos os anos as tiras, como se tudo fosse igual, como se nada tivesse mudado, mas olha para nós. Olha os meus cabelos brancos, estas rugas. Por amor de Deus, olha para estas olheiras. E tu... tu também mudaste, Grace. Já não somos os jovens sonhadores destas fotos. Pára de negar o que aconteceu. Deixa de te comportar como se a Kiera aqui estivesse.

— Aaron... cala-te. Neste momento não posso... não quero pensar quanto tudo isto continua a doer-me.

— Olha para esta fotografia. Os três a sorrir. Há quanto tempo não sorris, Grace? Há quanto tempo não te oiço rir?

— E por acaso tu conseguiste fazê-lo?

Aaron negou com um sinal de cabeça, em silêncio.

— Mas não tem sentido que faças isto tudo, todos os anos, celebrar o aniversário dela como se nada tivesse mudado. Eu apareço, e ages como se a Kiera aqui estivesse. O bolo, as fotografias, até esta casa que arrendaste com uma divisão a mais para poderes pôr o quarto como o da Kiera. E... e a Kiera já cá não está. Entendes? Nada daquela época continua aqui. Nem tu, nem eu, nem a felicidade destas fotografias. Vê-las torna-te mais infeliz. Ver-te assim deixaria a Kiera infeliz. E sabes, Grace, talvez... talvez o que aconteceu com esta última cassette, o facto de ela lá não estar, seja o melhor que nos aconteceu, entendes?

— Como te atreves a dizer uma coisa dessas?

— Talvez, se não recebermos mais cassetes, deixemos de pensar nela. Deixemos de imaginar o que não vivemos, todas as coisas que perdemos, e nos concentremos naquelas que tivemos. Lembras-te? Lembras-te de como era ler-lhe histórias? Lembras-te como te sentias ao acariciar-te a mão, quando queria adormecer? Temos de nos concentrar nisso e não no que não temos. Temos de avançar e virar a página.

— Estás a ouvir o que estás a dizer? Deixar de pensar na Kiera? Agir como se ela nunca tivesse existido?

— Grace, muita gente perde os filhos e, com o tempo... com o tempo, andam para a frente.

— Para a frente? Andam para a frente? Ninguém pode sair de uma coisa destas. Ninguém. E muito menos uma mãe. Ela esteve dentro de mim nove meses, saiu das minhas entranhas, Aaron. Mas isso tu nunca irás entender. É impossível. Trabalhavas todo o dia e só voltavas à hora de ir deitá-la. Era comigo que ela passava todo o dia. Todo o dia — repetiu levantando a voz. — Era para mim que corria, quando tropeçava e feria um joelho. Talvez tu possas andar para a frente e agir como se nada fosse... mas eu não, Aaron. Eu preciso de saber que ela está bem. Preciso de saber que não sofre. Vê-la de vez em quando dava-me isso... Ao menos aliviava um pouco a dor de a perder. Para ti, talvez as cassetes fossem uma tortura. Para mim... para mim eram o único minuto, de anos a anos, que passava com ela.

Grace começou a chorar como nunca tinha feito. Sentia um tal nó no peito, tais picadas nos olhos, que a reação foi inevitável. Durante muitos anos, aquelas explicações tinham sido guardadas, mas naquele instante precisou de explodir de vez com Aaron, que se comportava como se a dor fosse algo acessório com que se podia viver. Assim era, de facto, em muitas ocasiões, quando a dor estava confinada a um ambiente controlado, a uma rutura, a um despedimento, a uma tragédia inesperada. Mas nada era comparável a perder um filho e muito menos a perder um filho várias vezes ao longo de doze anos.

— Como se nada fosse? Agir como se nada fosse? A Kiera também é minha filha, Grace. Também a amo como nunca amei mais ninguém. É injusto dizeres uma coisa dessas. Só digo que... que talvez não a ver nas cassetes nos ajude a virar a página e a deixarmos de a procurar.

— Nunca deixarei de procurar a minha filha, Aaron, até saber onde está e quem a tem. Entendes? Nunca! — gritou com todas as suas forças.

Aaron hesitou em continuar aquela discussão. Apercebeu-se de que era impossível tirar a ex-mulher daquele lugar obscuro a que parecia estar acorrentada e perguntou-se porque já não se sentiria assim tão infeliz, tão mergulhado nas profundezas da sua própria alma. Duvidou do seu amor

pela filha e também do que chegara a sentir pela mulher. Naquele momento duvidou de tudo e de si mesmo, mas, na realidade, aquelas dúvidas não eram nada de novo. Há anos que andava assim e cobria aquela incerteza com o álcool nas datas em que se aproximava o desfile do Dia de Ação de Graças.

Precisamente no dia anterior, tinha estado a beber em casa, como fazia todos os anos, até ter adormecido no sofá às quatro da tarde, enquanto a televisão retransmitia um jogo de basquetebol dos anos 90, em que Jordan marcava um lance livre de olhos fechados. Era essa a sua rotina desde 1999, durante as semanas que antecediavam o Dia de Ação de Graças. Pedia uns dias de folga na seguradora onde trabalhava, que via com bons olhos que antecipasse as férias de Natal, para não deixar o escritório sem assistência no final do ano, e fechava-se em casa a beber para esquecer. Demorou tempo a adaptar-se a embebedar-se em casa, e houve um dia, em 2003, em que perdeu a cabeça e foi preso, exatamente no ano da primeira cassete. Depois daquele episódio, tentou controlar aqueles impulsos entre as quatro paredes de sua casa. Nos dias anteriores ao de Ação de Graças, ia a um supermercado, comprava álcool barato, como se estivesse a preparar-se para um furacão, e sentava-se a chorar lágrimas de vodka até não poder mais. O seu corpo tinha aprendido a metabolizar o álcool de forma progressiva a ponto de conseguir acordar no dia seguinte apenas com uma ligeira ressaca e uma rouquidão que só durava até tomar um café forte como pequeno-almoço. Repetia essa rotina desde o início das férias até ao aniversário de Kiera, momento em que parava de beber para ir ter com Grace e comportar-se por umas horas como o pai de família que fora outrora.

— O que achas que vai acontecer agora? — perguntou com dificuldade Grace.

— Não sei — murmurou ele. — Só espero que a Kiera esteja bem.

Capítulo 28

1998

Local desconhecido

*Há pessoas que conseguem manter
dois pensamentos contraditórios,
se estes as ajudam a não perder a razão.*

O branco do sofá em que Iris estava sentada contrastava com o azul e o cor de laranja das paredes forradas a papel, com um padrão de flores que se repetia com intervalo de poucos metros. Na sua frente, do outro lado da mesa de vidro com marcas de copos, William caminhava da esquerda para a direita na tentativa de controlar, com passos decididos, o nervosismo que sentia pelo que acabavam de fazer.

— Will, a menina pergunta pela mãe. Isto não está certo. Está há duas horas a chorar sem parar. Vamos acabar com isto. Ainda vamos a tempo — suplicou Iris, que seguia o marido com o olhar.

— Podes calar-te e deixar-me pensar? — atirou-lhe sem olhar para ela.

— Ouve, William, podemos parar com isto. Voltamos ao centro e deixamo-la onde estava. Ninguém tem de dar por isso.

— Estás louca? Iam ver-nos e condenar-nos por tentativa de rapto. Cortámos-lhe o cabelo e mudámos-lhe a roupa para podermos levá-la, Iris! Agora arrependes-te? Agora? Não há volta a dar. Tinhas de ter dito que não na altura certa. Por que diabo não disseste nada na altura? Achavas bem. Calaste-te como sempre fazes. As decisões, sou eu sempre que as tomo, e

tu... limitas-te a concordar. Às vezes pergunto-me se estou com uma pessoa ou com uma pedra.

— Não sabia o que pensavas fazer, por amor de Deus. Achas que supunha que íamos levá-la? — perguntou Iris.

— Não mintas, por favor...

— Ela estava sozinha, e eu queria protegê-la. A menina estava perdida... e... apenas caminhei, afastando-me da confusão com ela — fez uma pausa, enquanto a sua mente viajava de um lado para o outro. — Podia ter-lhe acontecido alguma coisa!

— E porque é que compraste a roupa de rapaz na loja, quando te pedi? Se voltarmos atrás é a primeira coisa que vão perguntar-te. O que dirás então? Serás capaz de explicar à polícia porque cortaste o cabelo a uma menina que não é tua e porque lhe mudaste a roupa? Vou dizer-te o que eles dirão: «Tentativa de rapto.»

— Não sei, Will. Não sei porque não te disse nada. Não lhe cortei o cabelo. Foste tu!

— Fiz o que tinha de fazer, Iris. Queria fazer-te feliz. Não é o que dizias sempre? Que querias uma família? Que querias poder ler histórias ao teu filho, à noite e embalá-lo quando não se acalmasse?

— Mas não desta maneira, Will! Não podemos ficar com a menina. Não é nossa. Perdeste a cabeça? Quero ser mãe, mas não assim.

— Iris, escuta, foi o que sempre sonhámos. Foi um presente que nos caiu do céu. Não podemos rejeitá-lo. Entendes? O melhor presente que a vida nos podia dar. Há quantos anos andamos a tentar? Quantos?

— Do céu? Que nos caiu do céu? Saíste de casa com a tesoura, Will. Sempre foi tua intenção.

— Sim, e depois?

— Como e depois? Propuseste-me ir ao desfile dizendo-me que era um dia para sonhar, para vermos noutras família como seria a nossa, se tivéssemos filhos. Nesse momento, já tinhas tudo pensado, não tinhas? O teu plano sempre foi irmos ao desfile e roubarmos uma menina. Diz-me a verdade, Will.

Will pensou na resposta antes de dizê-la.

— Não pensava que fosse tão fácil, Iris. Juro que não. Era uma ideia absurda que tinha. Não consigo aguentar mais abortos. Não consigo aguentar ver-te sofrer outra vez, entendes? Já vamos em oito abortos seguidos!

A mão de Iris tremia com a mesma intensidade do medo que sentia. Olhou para a porta ao fundo do corredor, de onde vinha o choro de Kiera, a ecoar por detrás da madeira. A maçaneta da porta brilhava num dourado onde os olhos de Iris descansaram durante uns instantes, consciente de que se veria refletida nela por muito mais tempo do que poderia suportar se continuasse.

— Iris, escuta. Lembra-te do que te disse a Dra. Allice. Não vamos poder ter filhos. É uma realidade. Não podemos. O teu... o teu corpo não...

— Ela nunca disse isso, Will. Disse que devíamos estudar outras opções para ter filhos. Que muitos casais adotam e são felizes.

— Por amor de Deus, Iris. Estás a ouvir o que dizes? Não é o mesmo que dizer-te que não poderás ter filhos? Pedi à doutora que tivesse cuidado quando te contasse, mas vejo que não és capaz de ler nas entrelinhas.

O choro de Kiera soou mais forte por detrás da porta.

— Iris, compreende. Os teus malditos ovários não funcionam, e o teu útero já expulsou oito tentativas de fecundação *in vitro*. Não podemos ter filhos. Bem, tu não podes. Eu, sim, poderia tê-los com outra mulher.

— És um filho da puta, William. És um maldito filho da puta.

— Estamos juntos nisto, Iris. Fi-lo por ti.

— Por mim? Eu nunca te pedi para raptares uma menina, Will. Eu só...
— desatou a chorar inevitavelmente. — Eu só queria ser mãe.

— E agora és, percebes? Por fim, somos pais de uma menina maravilhosa, e o processo será o mesmo que se fosse nossa. Temos de a ir conhecendo pouco a pouco, descobrir do que ela gosta, o que a faz rir e acalmá-la quando chorar, Iris. Querida, podemos criá-la como nossa filha, com amor, aqui em casa.

Iris recordou cada tentativa vã. De cada vez que o rosto se lhe iluminara com o teste positivo e com as boas notícias, para depois, semanas depois, observar uma gota de sangue misturada na água da sanita que denunciava que algo não estava bem. Recordou cada curetagem, cada inseminação infrutífera que o seu corpo se esmerava em rejeitar. O seguro só cobriu a primeira tentativa, a partir da qual tiveram de se endividar cada vez mais para poderem fazer face às gigantescas faturas médicas. Recordou a cara do diretor da agência de seguros, um tipo sério, de cabelo escuro, que se comportava de uma maneira tão distante e fria com Iris que lhe foi inevitável sentir a dor no peito quando ouviu a recusa de uma nova tentativa.

— William... por favor... diz-me que podemos parar agora e continuar a tentar por nós. Ela não é nossa filha.

— E continuarmos a desperdiçar dinheiro? É isso que queres? Iris... a sério, tens de entender isto. Não podemos endividar-nos mais. Pedimos uma segunda hipoteca sobre a casa para financiar os tratamentos, e não aceitaram. Não podemos continuar a fazer tentativas sem sabermos o que vai acontecer. De cada vez que o fazemos, estamos a meter dezenas de milhares de dólares na trituradora. Compreendes? Iris, isto é importante. Tens de entender. Não podemos ter filhos. Não temos dinheiro para mais.

— Podíamos vender a casa...

— Iris... — William aproximou-se da mulher, sentou-se a seu lado e acariciou-lhe o rosto para lhe secar as lágrimas. — Não entendes, não é? Não podemos vendê-la enquanto não pagarmos as duas hipotecas que temos sobre ela. Estamos presos aqui até pagarmos. Não há outra alternativa, Iris.

— Talvez o seguro...

— Iris! Por favor para. Sabes que tenho razão e tens de...

De repente, levantou a mão ao alto para o marido e lançou o olhar para o quarto, surpreendida e interrompendo o que ia dizer.

— Parou de chorar... — murmurou, com um toque de esperança no olhar. Aquela parte de si, a obscura, parecia estar a despertar sem ela saber, aceitando com o silêncio da menina algo que tinha desejado desde que dera

a mão à pequenita, no meio da confusão do desfile. Fora ela que, enquanto Will ficara à espera à entrada de uma porta, tinha ido a uma loja próxima comprar-lhe roupa de rapaz, na tentativa de a esconder e camuflar dos pais. Fora também ela que, enquanto caminhavam pela Rua 35, repetia a Kiera que a levaria ao encontro dos pais, que tinham tido de se ir embora sem a avisar, porque tinha surgido um problema com as prendas de Natal. À medida que se afastavam cada vez mais do local onde a tinham apanhado, no cruzamento da Rua 36 com a Broadway, ambos sabiam que estavam a ultrapassar linhas sem retorno, que estavam a ultrapassar limites impossíveis de explicar, e, no momento em que entraram no metro em Penn Station, a caminho de casa, perante o olhar indiferente de um vagabundo, que aquele trajeto rumo à obscuridade seria apenas de ida.

— Vês? — disse William num suspiro quase impercetível. — Tem de se adaptar à nossa casa. É apenas uma questão de tempo para sermos uma família feliz, Iris. Entendes? — William aproximou-se de Iris, agarrou-lhe na cara e olhou-a nos olhos.

— A pobrezinha deve estar esgotada de tanto chorar — murmurou, apoiando a cabeça no peito dele. — Só quer voltar para os pais. Está assustada. Não sabe o que se passa.

— Os pais? Os pais tinham-na abandonado no meio de uma multidão, Iris? Achas que merecem mais ser pais do que eu ou tu? Acreditas mesmo nisso? Parece-te justo?

A mulher levantou-se e dirigiu-se à porta do quarto, preocupada com a hipótese de ter acontecido alguma coisa. Era a primeira vez que sentia esse receio por alguém alheio a ela, e gostou de se sentir protetora de alguém indefeso. Abriu a medo e, depois de olhar para o chão, ao lado da porta, não conseguiu conter um sorriso compassivo de felicidade.

Kiera tinha adormecido e estava enroscada na alcatifa, com uma tosquiadela em madeixas de apenas dois centímetros intercaladas com finos cabelos de quinze. Tinha vestida a roupa que Iris lhe comprara na fuga: umas calças brancas e um casaco azul-marinho mal abotoado. Notava-se que tinha a carinha húmida das lágrimas, e Iris agachou-se a seu lado e

acariciou-lhe o sulco de sal que uma delas lhe tinha deixado na face esquerda.

— Não imaginas o que me dói ouvi-la chorar, William. Dói-me a alma ouvir o seu choro desta maneira. Não sei se serei capaz de o fazer. Não sei se me sinto capaz de tudo isto. É... demasiado para mim.

— Querida, agora ela é a nossa filha. É normal que te custe, mas pouco a pouco irá melhorar. Temos de ser fortes, por ela. Para a proteger desse mundo horrível e impiedoso lá de fora.

Capítulo 29

29 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*É difícil pedir ajuda e ainda mais
admitir precisar dela.*

Nas instalações do FBI, Zack, acompanhado pelos pais, hesitava a cada novo traço do desenhador do retrato-robô. Estavam numa pequena sala do terceiro andar, com um elemento da Unidade de Reconhecimento Facial, que contornava, esboçava, apagava e esbatia com os mais de doze lápis de grossuras diferentes que tinha pousados na mesa ao lado de várias borrachas de diferentes materiais. Atrás do desenhador, o agente Miller andava de um lado para o outro, em silêncio, e olhava, de vez em quando, para aquele menino receoso de estar a chumbar num exame.

— O que achas agora? O nariz está suficientemente alongado? — perguntou o desenhador, após uns minutos em silêncio, enquanto modificava aquela zona do rosto depois de ter passado mais de meia hora a mudar e a ajustar o triângulo que formava a posição dos olhos, em relação à parte superior do nariz.

— Não... não sei. Creio que... que talvez como antes. Não tenho a certeza.

— Como antes? Como qual das últimas vinte versões? — gritou o agente Miller, perdendo a paciência.

Zack deixou cair uma lágrima e desejou não ter dito que fora ele a deixar a cassette na caixa de correio dos Templetons. A mãe do menino olhou,

horrorizada, para o agente, que começava a perder a paciência com as mudanças constantes de forma e tamanho. Tinham feito tantas versões daquela mulher misteriosa que pagara os dez dólares pelo recado. Fizera-o de dentro de um carro branco, com uns óculos escuros postos, e a única coisa que recordava com nitidez era o cabelo louro, curto e encaracolado. Vestia uma camisola preta e conduzia um carro pequeno, mas Zack não tinha prestado muita atenção a partir do momento em que vira a nota aproximar-se da janela do carro.

— Não fale assim com o meu filho. Percebe? Acedemos a que ele ajudasse nisto, mas não temos de suportar os seus maus modos. É apenas uma criança, por amor de Deus.

— Sra. Rogers, se não colaborar, estará a impedir uma investigação criminal, e podem ser feitas acusações contra ele. Está em jogo a vida de uma criança, e depende de o seu filho querer recordar como diabo era aquela mulher.

— Como tem coragem de dizer uma coisa dessas? Como? Parece que nos culpa pelo caso dessa menina, e olhem que acho horrível, mas o meu filho só está a tentar ajudar. Queremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance, mas não assim. Não com esses modos.

A Sra. Rogers acariciou o rosto do filho e dirigiu-se a ele num sussurro impercetível para os outros. O pai de Zack fez um aceno negativo de cabeça na direção do agente e a seguir agachou-se também ao lado da mulher para reconfortar o filho em voz baixa.

— Querido... podes parar quando quiseres. Estás a ouvir-me? Não tens de fazer isto.

— A senhora não me compreendeu. O seu filho é a único apoio que temos neste momento para encontrar essa menina. Lembra-se dela, não se lembra? A filha dos seus vizinhos, os Templetons. Tem de se esforçar. A Kiera Templeton teria agora a idade do Zack. Compreende?

O menino fez um sinal afirmativo com a cabeça e depois murmurou:

— Bem... tinha o queixo mais arredondado, não tão pontiagudo, parece-me.

O desenhador suspirou e deu-se por vencido, atirando o lápis para junto dos outros que estavam em cima da mesa. Levantou-se e fez sinal ao agente para o acompanhar até lá fora.

— Sabe, senhor agente, é complicado para uma criança recordar-se em pormenor de algo que para ela não era importante. Isto é muito diferente de quando uma vítima tenta reconhecer um culpado, sabe? Em geral, a tensão do momento da agressão leva a que a mente trabalhe a uma velocidade fora do comum, transformando a memória quase numa máquina fotográfica, capaz de detetar todos os pormenores para um retrato-robô. Mas sem essa tensão... lamento dizer-lhe que é normal que o miúdo não se recorde bem. Tudo o que desenharmos será uma mistura das suas recordações com a sua imaginação, e ainda mais agora que acha que, quanto mais depressa disser que era ela, mais depressa vai para casa.

— Mark... é a única coisa que temos, sabes? Esse miúdo foi o único que viu a mulher que tem a Kiera Templeton. Não posso chamar os pais e dizer-lhes que não nos podemos fiar no retrato-robô. Não posso. Acredita que é superior a mim.

— Mas vai ter de o fazer, agente. Nunca vi um caso tão claro em que não confio na declaração. Quantas vezes mudou o queixo? Quantas, até, a forma do cabelo? Loura com o cabelo encaracolado. É essa a descrição. Não sabemos mais. O resto... suposições. Nada de marcas chamativas, nada de formatos de rosto invulgares. Quando desenhei o queixo marcado, disse que era assim. Quando o desenhei com formas arredondadas, disse-me que também. Depois, ao voltar ao queixo marcado, disse-me que estava perfeito. Nem sequer parece manter o tipo de óculos de sol. Isto é um disparate, agente. Não é um retrato válido, digo-lhe já. Não sei como vai gerir isto com a família, mas este não vai servir.

— Porra... — Foi a única coisa que conseguiu responder. Olhou para o relógio e verificou que havia seis horas que estavam naquela sala, sem dar sequer um passo seguro. Normalmente esse procedimento levava apenas uma hora ou hora e meia, e aquilo era indicativo de que algo estava a correr mal. Aproximou-se da porta da sala e acenou aos pais, que permaneciam ao

lado do filho a murmurar e a acariciar-lhe o cabelo. O pai saiu da sala e falou antes que o agente Miller pudesse fazê-lo.

— Vamos para casa, agente. Isto é um disparate. O Zack está cansado e não se lembra de mais nada. Queremos, de facto, ajudar, Deus sabe que somos bons membros da comunidade, mas... — Hesitou atirar aquela bomba em voz alta, mas depois continuou: — ... mas não é nossa filha. Temos de cuidar dos nossos, agente. O mundo é um lugar horrível, e temos de proteger os nossos. O meu filho já não pode mais. Se quiser, tentamos novamente amanhã ou noutro dia, mas por hoje o Zack não vai continuar com isto.

Miller suspirou e levou uns minutos a admitir que estava tão perdido como antes, mas com uma cassette de vídeo que confirmava que não tinha conseguido encontrar a pequenita e com um rapazinho da mesma idade de Kiera a chorar numa das salas do edifício do FBI.

— Entendo, Sr. Rogers. É tarde. Agradeço-vos sinceramente o esforço do Zack e a disposição para ajudar. Eu ligo-vos se precisar de mais alguma coisa. Não se preocupem.

Conduziu-os até à porta do edifício e despediu-se do pequenito afagando-lhe o cabelo. Pediu que algum agente a quem a viagem ficasse em caminho levasse a família, mas ninguém se ofereceu para o fazer, e teve de pedir desculpa mais uma vez. A seguir dirigiu-se à sua secretária, no segundo andar, a perguntar-se como tudo estava a ficar tão complicado. Ligou o monitor do computador e ficou sentado, durante uns minutos, com as mãos na cara.

— A jornalista, aquela chata do *Press*, tem estado a telefonar-te — disse-lhe o colega de secretária, um tipo de bigode, uns anos mais novo do que ele, mas que parecia ter quase mais dez. O agente Spencer era uma figura fulgurante da Unidade de Pessoas Desaparecidas do FBI, mas não pela sua credibilidade ou capacidade de analisar casos complexos e de os resolver, mas porque tivera a sorte de participar numa série de casos, uns atrás dos outros, que tinham conhecido um final feliz. Chamavam-lhe «o Talismã», porque, sempre que lhe atribuíam a busca de uma adolescente perdida, esta

aparecia ao fim de uns dias em casa de um namorado ou, quando se tratava de uma criança, acontecia que um dos pais tinha desrespeitado a guarda partilhada. Era um íman para os casos em que a pessoa procurada aparecia por artes mágicas em qualquer local, noutro estado, porque tinha fugido com outro parceiro ou família para o extremo oposto do país. Por sua vez, o agente Miller, apesar de ser um tipo competente e decidido, que prolongava sempre o seu dia de trabalho muito mais do que os outros, tinha deparado com vários casos seguidos em que a resolução parecia enredar-se.

— Ela ligou para mim, para a minha secretária?

— Sim. Atendi e disse que depois ligavas. Que estavas num retrato-robô.

— Nunca conheci ninguém como ela.

— É boa?

— Não é por isso, parvo. Refiro-me ao facto de ser a única pessoa que, desde então, não parou de procurar a pequenita. Talvez nos possa ser útil.

— Ser-nos útil? Estás a perder o tino, Ben. Não me metas nisso da miúda. Tenho um currículo impecável. Não quero manchá-lo. Se continuar assim, talvez um dia mande nisto tudo.

Miller soprou, porque sabia que aquilo não passava do resultado da sorte. Tinha a sensação de que o agente Spencer nem conseguia encontrar os tomates às escuras, mas calou o comentário, porque sabia que os superiores só analisavam os rácios, e era indiscutível que a sua percentagem de descobertas era de cem por cento, pelo que talvez um dia tivesse de lhe prestar contas.

O telefone da sua secretária voltou a tocar, e o agente Miller fez um gesto de silêncio ao agente Spencer antes de atender.

— Aí a tens outra vez. Depois contas-me o que lhe disseres. Tem voz de gaja sexy, é verdade.

Levantou o auscultador desejando que Miren não tivesse ouvido aquilo.

— Agente Miller, têm novidades? — perguntou a rapariga em tom distante. Com os anos no *Press* e depois de muitas cabeçadas com a polícia, com advogados e com empresas que dissecava em cada investigação, tinha aprendido quando tinha um trunfo na manga e quando devia ser mais

carinhosa do que o normal. No caso de Kiera, era uma mistura das duas situações. Queria a todo o custo encontrar a pequena e não atrapalhar a investigação, mas também sabia que estava numa posição no *Press* em que podia forçar as coisas antes de disparar a arma de um artigo arrojado. Na conversa que teve com o agente tinha acedido a atrasar a publicação do conteúdo da cassette de Kiera, mas, depois de falar com os pais, nessa mesma manhã, descobrira que um miúdo do bairro tinha visto a pessoa que levava a cassette. Isso mudava o ritmo da investigação. Um retrato-robô iria espalhar-se como pólvora pelos meios de comunicação, e publicá-lo ajudaria a encontrar quem tivesse a Kiera.

— Miss Triggs... lembre-se do nosso acordo. Prometeu-me que não publicaria nada antes de se passarem quatro dias.

— Senhor agente... se tem um retrato-robô, não seria melhor que ele circulasse pelo *Press*?

— Era, mas o problema é que não o temos.

— Como é que não o têm? — perguntou Miren em tom de surpresa.

— É como lhe digo. O miúdo não... não se lembra bem dela.

O agente Spencer fez um gesto soez de anca difícil de descrever por palavras e verbalizou em silêncio uma ordinarice impossível de reproduzir. Miller franziu o sobrolho e fez um sinal negativo com a cabeça.

— E o que pensa fazer? Que mais tem sobre estes três dias?

— Ficamos por aqui, menina Triggs. Não há mais informação. Na cassette não há impressões digitais, ninguém viu nada, exceto este miúdo, que não se lembra da cara da mulher. Uma equipa está a procurar informação sobre os papéis de parede com este padrão, mas a qualidade é tão fraca que poderia tratar-se de qualquer padrão às flores. Andam também à procura do modelo da casa de madeira para ver se encontram algo estranho e fora do comum, que nos ajude a descobrir onde foi vendida e, em último caso, encontrar a Kiera, mas adianto-lhe que é um trabalho para uma equipa muito maior do que a que temos disponível neste momento. Desde o que se passou com aquele pobre diabo, os meus superiores estão muito cautelosos em relação a este assunto, e, só com três pessoas a ajudar-me e apenas mais

uma semana do meu tempo disponível para isto, o caso vai entrar novamente num beco sem saída.

— Já estão a pensar encerrá-lo? É verdade que não ponderam dedicar-lhe mais recursos? — perguntou Miren incrédula. Os graves da sua voz pareciam atacar do outro lado da linha.

— Menina Triggs... isto é mais complicado do que parece. Sabe quantas crianças desaparecem por ano só no estado de Nova Iorque? Neste momento há mais de cem casos abertos de crianças desaparecidas dos quais não se sabe absolutamente nada. E só estou a falar dos casos que estão ativos há mais de um ano.

— Cem?

— É horrível, não é verdade? As denúncias por desaparecimento multiplicam esse número, todos os dias, por mais de vinte. A maior parte das denúncias acaba com um final feliz, mas esses cem vão aumentando a pouco e pouco, ano após ano, somando mais umas quantas. Há uma unidade que se dedica, exclusivamente, a realizar simulações sobre a possível evolução dessas crianças, tentando antecipar como seriam atualmente, para o caso de alguém se cruzar com elas na rua. Isto é um martírio muito maior do que o caso da Kiera, menina Triggs, e tem realmente de acreditar em mim quando lhe digo que faço o que posso. Não tenho mais olhos. Estou de pés e mãos atados.

— Precisa de olhos para rever essa cassete? É isso que me está a dizer? — perguntou Miren, como uma ideia em mente.

— Só lhe digo que há muito por investigar, e temos poucos recursos. Trabalhamos o melhor que podemos, com o escasso pessoal de que dispomos.

— Agente. Se do que precisa é de olhos — garantiu Miren —, amanhã terá dois milhões deles a reverem esse maldito vídeo.

Capítulo 30

**Artigo publicado no jornal
Manhattan Press, quinta-feira, 30 de novembro de 2003
«A menina de neve», de Miren Triggs**

Faz cinco anos, se ainda se recorda, que a pequena Kiera Templeton, de três anos, desapareceu do centro de Nova Iorque, em plena luz do meio-dia, durante o desfile do Macy's. Segundo os seus pais, Kiera era uma menina feliz e risonha, que gostava do cão *Pluto* e que, quando crescesse, queria ser colecionadora de conchas das praias de Long Island. Desde o seu desaparecimento, a minha vida esteve sempre muito ligada à sua. Afinal, se sou jornalista do *Manhattan Press*, devo-o a uma espécie de sorte por a vida me ter posto no lugar certo no momento certo e, quero acrescentar, com as convicções e a vida certas. E passo a explicar porquê.

Uma vez fui violada.

Sim. Leram bem.

É difícil escrever esta palavra sem tremer e sem sentir que as teclas quase querem fugir-me das pontas dos dedos. Não só fui violada como nunca prenderam o culpado. Foi como se tivesse sido um fantasma, numa noite de outubro de 1997, em que não soube ver as mandíbulas do tigre quando as tinha na minha frente, transformadas em sorriso, a quem dei a mão e me guiou para as profundezas da gruta mais escura da minha vida. Dessa gruta é difícil sair. Durante algum tempo, não consegui. Ninguém nos diz como, ninguém nos ensina a fazê-lo. Nem nós sabemos como nos comportar depois de algo assim. Olhamo-nos ao espelho e perguntamo-nos o que está mal em nós. Porque já não choramos da mesma maneira ou porque não

conseguimos parar de chorar. Pensamos em vingança e em comprar uma arma, como se isso nos protegesse a alma de uma dentada já desferida. Como se, no caso de nos encontrarmos numa situação idêntica, fôssemos capazes de premir o gatilho e pôr fim ao trauma.

Da primeira vez que li sobre a Kiera, imaginei-a a dar a mão ao mesmo tigre que eu, sorridente e lisonjeiro, a dizer-lhe que se iam divertir. Depois imaginei-a a aceitar brincar a cortar o cabelo e a mudar de roupa, tal como aceitei caminhar até àquele parque, a meio da noite, como se fosse algo divertido que, entontecida pelo álcool, não avaliei, como se eu fosse aquela menina de três anos que não sabia que os sorrisos também têm caninos. Aquele corte de cabelo, aquela mudança de roupa, tornou-a invisível numa cidade com oito milhões de pessoas, e ainda hoje ninguém sabe onde está a Kiera Templeton, tal como eu não sei onde está a Miren Triggs de há seis anos, que desapareceu no momento em que uma sombra me levou até às suas trevas.

Hoje, pela primeira vez, torno pública aquela violação porque, sem querer, me ligou à Kiera Templeton e porque, desde que descobri a sua história, vi nela a menina que eu tinha sido e que ninguém encontrava nas profundezas da gruta. E porque a Kiera, tal como se passou comigo, precisa das vossas mãos para a retirar daquelas trevas.

Tenho-a procurado nos últimos cinco anos, tentando encontrar-me a mim pelo caminho, e, na semana passada, por mais difícil que pareça, voltei a vê-la.

Sim. Ainda está a ler bem.

E ao referir «vê-la» não quero dizer que me apareceu em sonhos uma noite, mas que a vi viva, num quarto, gravada numa cassete VHS, enviada aos pais cinco anos depois, no jogo mais macabro que jamais se viu, transformada numa miragem do que foi e num golpe horrível e promissor para uns pais que já perderam tudo e a quem apenas resta a esperança de, um dia, ela se juntar novamente a eles.

Na primeira imagem que acompanha o artigo, pode ver-se um fotograma, da maior qualidade possível, do aspeto atual de Kiera Templeton, com oito

anos, extraído da cassete de vídeo enviada aos pais, para o caso de alguém a ter visto alguma vez nos últimos anos. Na segunda imagem, observarão o quarto onde Kiera brinca tranquilamente, para o caso de alguém reconhecer algum objeto ou algo relevante que possa ajudar a encontrá-la. Nas duas páginas seguintes, verão cada objeto reconhecível que se encontra no quarto e que está dentro do plano, ampliado até ao limite do tolerável. Pode ver-se uma cama, uma colcha, umas cortinas, uma porta, um vestido, uma casa de madeira e os mosaicos do chão.

Quando acabei de ver a cassete enviada aos pais, que dura exatamente 59 segundos, gravada numa fita de 120 minutos, surgiu no ecrã o eterno ruído branco, essa neve contínua, das que nos invadem os televisores quando estes não têm sinal. Nela também vi a Kiera, mas desta vez, sim, em sentido figurado. Como se a menina que sempre procurei se tivesse transformado em neve, não da que se desfaz entre os dedos quentes, mas daquela que é impossível apanhar, com pontos brancos e pretos a saltar de um lado para o outro. Kiera Templeton está agora perdida nessa neve e precisa da vossa ajuda.

Se tiver informação sobre a Kiera Templeton, ligue, por favor, para 1-800-698-1601, extensão 2210.

Capítulo 31

Miren Triggs
1998

*Embora não o saiba, a tristeza orbita
em torno dos seus iguais.*

O professor Schmoer acompanhou-me durante algumas horas, enquanto procurava na Internet informação sobre James Foster, o detido pelo desaparecimento de Kiera, e sobre a mulher. Orientou-me também com umas breves explicações, enquanto revia por alto o conteúdo do CD que tinha trazido, numa tentativa, creio, de não se sentir só. Desde que lhe tinha falado das minhas preocupações relativamente à incriminação do suspeito, tinha-se mostrado inquieto, um pouco nervoso por causa daquela dúvida, e substituíra o seu entusiasmo por uma cautela que atribuí ao facto de estar a pensar em qualquer coisa sobre o assunto.

Depois de esperar que carregasse a arcaica página do Registo Civil que parecia funcionar a pedal, conseguimos aceder aos dados públicos da informação do estado civil do detido. Havia quase quatrocentos James Foster no estado, mas apenas cento e oitenta a viverem em códigos postais referentes ao centro de Manhattan. No seu processo Megan, aparecia a sua data de nascimento, e não foi difícil encontrar a sua ficha civil, depois de meia hora a verificar cada nome um a um, com o seu parceiro, que se riscava a roxo depois de se passar por ele.

James Foster era casado com uma tal Margaret S. Foster, e o professor murmurou um *eureka* ao verificar que tinha exatamente menos um ano que

ele. A minha hipótese parecia ganhar força. Se conseguisse confirmá-la, ficaria, de certa maneira, com uma informação suficientemente interessante e talvez muito antes de outros meios de comunicação. Talvez até estivesse prestes a poder descartar a sua culpa antes da polícia, que, com toda a certeza, o interrogaria até esgotar o prazo de setenta e duas horas para depois o deterem, talvez, por tentativa de rapto da menina do centro, algo que, embora se tratasse de um erro bem-intencionado, poderia implicar deixarem de procurar Kiera. Não sabia muito bem a que me levaria confirmar que os seus antecedentes de abusador de menores se deviam a uma interpretação estrita da lei, mas a minha cabeça pedia-me que colocasse cada peça no seu lugar e seguisse em frente. Conforme tinha aprendido com o próprio professor Schmoer, o jornalismo de investigação não era algo instantâneo. De cada vez que uma equipa de investigação de um jornal decidia abordar um tema, podiam passar-se meses até verem a luz, por vezes até anos, e mantinham sempre abertos vários artigos em que avançavam passo a passo, colocando cada minúscula peça da engrenagem de um complexo relógio suíço, que acabava por dar horas de maneira precisa num artigo com repercussões muitas vezes imprevistas. Isso supunha avançar numa linha de investigação até a esgotar completamente, para passar à seguinte e drená-la como se fosse um lago onde se procura um monstro escondido. O monstro era a verdade, muitas vezes dolorosa, muitas vezes insignificante, outras tão simples e elegante que parecia uma famosa equação de um cientista de cabelo branco.

— Como poderíamos confirmar se a Margaret S. Foster foi a presumível vítima do James, professor? — perguntei, num momento em que me senti um pouco perdida quanto a como continuar.

— Chama-me Jim, por favor. Não sei porque insistes em chamar-me professor.

— Não quero que deixes de o ser. A verdade é que não queria. É... a minha disciplina preferida.

— Não preferes Técnicas de Entrevista? Ouvi dizer que quem a leciona é a lendária Emily Winston.

— É muito enfadonha. Repete até à saciedade como era boa no *Globe*. É uma disciplina sobre ela e as suas centenas de entrevistas. E a verdade é que não me parece assim tão boa. Consegue, realmente, obter informações, mas são geralmente irrelevantes. Na última entrevista que li sobre ela, conversava na prisão com um bem-apegoado assassino em série de mulheres, e sabes o que conseguiu? Que o assassino lhe mostrasse as cartas de admiradoras que recebia e como ele lhes respondia com amor. Escreveu um artigo lindo, acompanhado de fotografias maravilhosas sobre a forma simpática como ele tratava as suas admiradoras e como parecia preocupar-se com elas. Tenho a certeza de que, depois deste artigo, qualquer mulher ficaria perturbada por ele ser tão bonito e parecer tão atencioso. Não sei. Humanizar criminosos não me parece o melhor para o jornalismo.

— No entanto, embora sejam criminosos, continuam a ser humanos.

— Alguns são monstros, e isso não há artigo que mude — disse com ar sério e categórico.

Ele concordou com um aceno de cabeça e voltou a pôr os óculos com o indicador, num gesto que se repetia frequentemente. Depois, permaneceu um momento em silêncio, e vi que se tinha apercebido de que aquele assunto me aborrecia.

Odiava de morte essa gente, assassinos e violadores capazes de fazer mal sem sentirem o medo no olhar das vítimas. Tinha lido muito sobre eles. Em certa altura, nos últimos anos, tinha-se tornado moda, na televisão, falar das maldades que tinham sido capazes de fazer, e havia sempre um jornalista ou comentador que salientava, com uma aparente mistura de repulsa e admiração, o distanciamento em relação aos sentimentos dos outros que os psicopatas demonstravam. Desde o que me acontecera que me sentia assim: longe do meu corpo, da minha sexualidade e das minhas emoções. Alguém me esmagara a alma e me transformara numa pateta assustadiça que se escondia em casa quando a noite caía. Uma parte de mim desejava que as minhas emoções estivessem onde sempre tinham estado, junto do meu coração, e não onde pareciam ter ficado, num canto escuro de um parque por onde já não queria caminhar, nem mesmo em plena luz do dia.

— Sabes, Miren — disse por fim —, talvez a tua hipótese dê um bom artigo para uma próxima edição. Acho que nenhum meio de comunicação social está a considerar isso. Tenho a certeza. Ninguém se atreve a contradizer o *Press*.

— Referes-te a quê?

— Se acabares por estar certa no caso da inocência do James Foster, como parece ser o caso, quem o publicar irá fazer frente à opinião pública, medalha que nenhum editor-chefe recusaria. Acredita. Até hoje fui editor-chefe do *Daily*. Sei como como tudo se passa na direção destes jornais. A imagem, a credibilidade. É exatamente por isso que estou fora. Estive sempre um passo atrás e paguei por isso. É este tipo de avanços que qualquer jornal procura nos seus jornalistas.

— Mas e se ele for culpado?

— Estamos a um passo de o saber, Miren. A bola está a um passo do buraco, e tens de a empurrar. — Não vês?

— Mas como? — perguntei, olhando sem conseguir ver.

— Com a arma mais valiosa para qualquer jornalista: a fonte. Tens a morada dele no registo de agressores sexuais. Podes perguntar à mulher dele e confirmar a sua versão. Não é algo que tenhas de fazer às cegas. Não poderias apresentar-te lá e pedir-lhe diretamente a sua história. Isso é o que faria o sensacionalismo. Um jornalista de investigação trabalha confirmando hipóteses, Miren. No teu caso, só falta o sim e o não da Margaret S. Foster. E isso é algo que podes obter simplesmente fazendo-lhe perguntas e observando a sua reação.

Fiquei perplexa. Nunca tinha dado o passo de investigar cara a cara. Durante o curso, tinha feito trabalhos em que entrevistava colegas ou professores. Algumas vezes até escritores ou políticos, mas nesses casos sempre por telefone.

— Podes fazê-lo, Miren — afirmou.

Detestava sair à noite, e deviam ser umas nove horas. Ainda tínhamos tempo de chegar a casa dos Fosters e de tentar falar com Margaret antes do fecho da edição dos principais meios de comunicação. O professor Schmoer

tinha-me prometido que, se confirmasse a minha hipótese e escrevesse um artigo suficientemente credível e sem fissuras sobre a sua detenção, iria enviá-lo a colegas de outros jornais, para ver se tinha sorte e publicavam o meu primeiro artigo. Se não estivesse enganada, Margaret S. Foster devia estar na esquadra de polícia do vigésimo distrito à espera de novas notícias referentes ao marido ou em casa, ao lado dos dois filhos, a chorar pela detenção sem saber o que estava a acontecer nem porque demoravam tanto a libertá-lo por algo que devia ser um mal-entendido.

— Queres que vá contigo? — perguntou-me o professor.

Uma parte de mim ia dizer que não, mas observei a escuridão da noite através da janela e não consegui deixar de aceder.

Segundo o processo, a casa dos Fosters situava-se em Dyker Heights, e o professor acedeu a pagar-nos um táxi que nos iria custar um dinheirão. Durante aquela viagem de táxi, foi a primeira vez que me senti jornalista a sério. Via as luzes da rua passarem pela janela e sentia que a cidade era toda uma história para contar. Atravessámos o vapor dos esgotos como se fossem cortinas gigantescas penduradas nos arranha-céus. Circulámos sem dificuldade pelo caminho que o taxista decidira tomar, oferecendo-me a recordação de uma cidade com luzes e sombras, corajosa e temerosa, como se desejasse que eu revelasse o que acontece em cada recanto e ao mesmo tempo pedisse ao mundo que nunca se soubesse o que se escondia por trás dela. Atravessámos a ponte de Brooklyn, e, ao chegar ao outro lado e à medida que nos aproximávamos do destino, senti que as minhas emoções começavam a mudar. Tudo era ligeiramente mais escuro, tudo escondia algo que me recordava aquele parque a meio da noite. O professor permaneceu calado durante a maior parte do percurso, mas, ao chegarmos àquela zona, e porque creio que se apercebeu também de que os meus medos estavam a emergir das suas grutas, perguntou-se:

— Perdoaste-o... esse tal Robert? O que te levou para o parque naquele dia.

— O quê?

— Se conseguiste perdoar-lhe por... por não te defender melhor. Segundo percebi, fugiu, deixando-te sozinha com aqueles tipos.

— Conforme disse na esquadra, pontapearam-no e deixaram-no indefeso, mas não me lembro de nada disso. Só me lembro de um cobarde a correr. Nem sequer teve coragem de confirmar a identidade do único que detiveram na fila de suspeitos.

— Sei que ele apontou para um diferente daquele que tu indicaste. Depois disse que estava demasiado escuro para confirmar e apontou para outro. Eu li o relatório. Com aquilo, complicou tudo — disse, em tom compreensivo.

— E, graças a ele... está na rua. Um violador à solta. Mais um por aí.

— Pediu-te desculpa? — perguntou.

— Levou vários meses a fazê-lo. Apareceu à porta da sala de aula e... leu-me uma frase de Oscar Wilde sobre o perdão. Foi a coisa mais infantil que, em muito tempo, vi um homem fazer. Disse-lhe que se fosse embora e que não o queria ver mais.

— Acho que não era a ti que queria ajudar, mas a ele próprio — disse o professor, interpretando o sucedido.

— Foi o que eu pensei.

O táxi parou em frente de uma casa com as luzes de Natal ainda não completamente montadas. Toda a rua parecia ter terminado os trabalhos, exceto uma ou outra, completamente às escuras, espalhadas ao longe, e as vivendas enormes que brilhavam a tal ponto que quase parecia de dia. O Natal adiantava-se sempre naquele bairro, numa tradição iniciada por uma residente da Rua 84 em meados dos anos 60 que depressa se estendera aos outros vizinhos.

— Os pais da Kiera vivem por aqui, numa casa deste bairro — disse o professor depois de sair do carro.

— Deve ser horrível sentir que alguém tão próximo nos roubou a filha.

— Mas pode ser que não tenha sido assim. Por isso é que aqui estamos. Para, pelo menos, trazer esse alívio.

— Sim, mas isso eles ainda não sabem.

Fez-me impressão ver que na rua não havia vivalma, apesar de se considerar uma zona turística naquela época do ano. Caminhei pelas lajes como se estivesse a atravessar uma ponte suspensa, até à porta de casa da família Foster, onde vimos luz no interior. Batemos três pancadas firmes com a aldraba dourada, e uma mulher morena, com olheiras e de robe, veio abrir.

— O que desejam? Quem são os senhores? — perguntou com ar de não compreender o que fazíamos ali.

Capítulo 32

1998

*A alegria faz-nos crer que estamos
acompanhados; a tristeza, pelo contrário,
que sempre estivemos sós.*

Aaron começou a chorar logo que se estendeu no sofá de casa, abatido, depois de acompanhar Grace ao quarto para descansar após a intervenção no hospital. No canto da sala, numa mesa normalmente cheia de molduras com fotografias dos três juntos, observou os telefones inativos da central telefónica que tinham montado e que, durante esse dia e nos anteriores, tinha recebido um enxame de chamadas. Os voluntários já há várias horas tinham ido para casa, depois de verificarem que os telefones tocavam com cada vez menos frequência. Enquanto ali estava deitado, um dos telefones tocou com insistência, e ele levantou-se de rompante, deixando que o auscultador ficasse inundado com as lágrimas que lhe ensopavam a barba.

— Está? Sabe alguma coisa da Kiera? — perguntou, sentindo-se esperançado.

Mas do outro lado respondeu-lhe o eco de risadas de uns adolescentes que ligavam para fazerem uma maldita graça.

— Devia ter-vos levado a vocês, filhos da puta — berrou, desolado. — A minha filha de três anos desapareceu. Percebem o que isso é?

Pensou que talvez uma das vozes do outro lado pedisse desculpa, mas uns segundos depois ouviu novamente o som doloroso de duas gargalhadas a afastarem-se do telefone.

Aaron gritou.

Fê-lo com tal força que lhe respondeu da rua o uivo de um cão. Depois, sem poder suportar aquilo nem mais um segundo, agarrou os telefones e puxou-os, arrancando os fios do multiplicador de sinal que ligava a central de chamadas. Atirou com os terminais para o caixote do lixo e amaldiçoou-se por ter sequer tentado que o mundo o ajudasse.

Nos anos em que trabalhara na seguradora, tentara sempre beneficiar os seus clientes de alguma maneira. Falseava ligeiramente os processos para que pudessem ser levados em consideração pelos seus superiores, fazia vista grossa nos questionários iniciais dos seguros de saúde, elaborava participações de danos em veículos impecáveis com o único objetivo de mudar a cor da pintura do carro. Não era um trabalho que o apaixonasse, mas permitia-lhe pagar as faturas e viver com comodidade, com o único inconveniente de que às vezes tinha de dar a cara e negar alguma cobertura, quando os seus superiores lhe transmitiam queixas devido à baixa rendibilidade da sua agência. Contentava-se em manter os rácios no mínimo, cumprindo rigorosamente, nunca em excesso, os objetivos que lhe atribuíam. Isso fazia que fosse estimado pelos seus clientes, embora não por todos. Era impossível ser-se amado a cem por cento quando tinha de se recusar um tratamento de cancro caro ou alegar que depois de um acidente em que um homem tinha tido as duas mãos amputadas, enquanto fazia remodelações na garagem, o seguro só cobria o reimplante de uma delas.

Considerava-se boa pessoa e ajudava no que podia. Todos os meses doava trinta dólares a uma ONG para melhorar a vida das crianças da Guatemala, mantinha em casa uma organização perfeita para reciclagem e tentava colaborar nos peditórios que se organizavam na vizinhança. Talvez por isso os vizinhos o tivessem ajudado, porque sabiam que era bom homem. Mas as pessoas que não o conheciam, toda a gente que só sentia empatia pela sua história devido à curiosidade que o desaparecimento de Kiera gerava, só queriam espetáculo. Uma surpresa ali, uma volta dos acontecimentos acolá, um pranto no ecrã em plena hora de máxima audiência. Mas encontrar Kiera era uma espécie de triplo salto mortal entre

trapézios sem rede no final do espetáculo de circo. Se acontecesse, aplaudia-se e elogiava-se. Se não... as pessoas iam contentes para casa porque já tinham visto os leões saltar pelo aro em chamas.

Ainda não acreditava no que tinha acontecido e ficou um momento a pensar como tudo mudara numa semana. O desaparecimento de Kiera, o aborto de Michael. O toque dos dedos de Kiera, o som da sua voz a gritar «papá». Saiu de casa para tentar controlar aquele pensamento horrível que lhe subia do estômago até à cabeça, como uma gárgula escura decidida a encarrapitar-se no topo da sua cabeça e a observar dali a derrocada daquela família.

Foi então que o seu telemóvel tocou. Tirou-o do bolso e verificou que era o agente Miller. Naquele momento, qualquer coisa serviria para se agarrar com unhas e dentes e não cair no vazio, nem que fosse uma leve luz de esperança: um pequeno avanço ou uma contradição na confissão do detido eram mais do que suficientes para não desfalecer.

— Diga-me que esse filho da puta confessou onde está a Kiera — lançou mal atendeu.

— Não posso, Sr. Templeton. E... achamos que ele não é o culpado. Tinha de lho dizer.

— O que diz?

— A sua história encaixa-se. Parece um bom tipo.. É um zé-ninguém que trabalha num Blockbuster, casado e com dois filhos.

— Mas... isso não quer dizer nada. O facto de parecer boa pessoa não quer dizer que o seja.

— Sabemos isso, e sei que precisa que seja ele, mas ele nem sequer se encontrava na cidade quando a Kiera desapareceu.

— Está a dizer-me que não é ele?

— Sei que é difícil compreender, Sr. Templeton. As pessoas clamam por justiça, e a capa do *Press* complicou-nos um pouco as coisas. Mas parece que o tipo só queria ajudar.

— Ajudar? Tentou levar a menina na mesma zona onde raptaram a Kiera. Tem de ser ele, senhor agente. Não pode ser — lançou Aaron no que

parecia mais ser uma súplica.

— Não me ouviu? Não estava na cidade quando a Kiera desapareceu.

— Verificaram? Como é que têm a certeza?

— Tem antecedentes, mas a acusação não tem base. Estava na Florida na semana passada. Verificámos o registo de voos, e confirma-se. Entrou no avião no dia 24 de novembro e voltou anteontem. Verificaram as câmaras de Times Square, e em nenhum momento parece ter levado a menina à força. Foi só... que os pais perderam a cabeça e reagiram de forma exagerada, quando a viram com um desconhecido. Os antecedentes e a histeria por... por causa da Kiera fizeram o resto.

— E a menina? O que é que diz a menina? — perguntou Aaron, desesperado.

— Não devia estar a contar-lhe tantos pormenores, mas faço-o porque lamento por si. Tenho uma sobrinha da idade da Kiera, e tudo isto é arrasador, mas não podemos atirar-nos ao pescoço de qualquer um.

— Mas o que disse a menina?

— A menina explicou que estava perdida e que ele lhe disse que a levava aos pais, Sr. Templeton. Pode agradar-lhe mais ou menos, mas não temos nada que nos indique que ele tem a Kiera.

— Deixe-me falar com ele. Por favor.

— Vamos libertá-lo, Sr. Templeton. É por isso que estou a telefonar-lhe. Para não vir a saber pela imprensa. Acho que é o mínimo. Fazemos o que podemos, e... aquilo do *Press* foi uma merda. Cortou-nos as asas. O advogado dele apresentou uma queixa porque não havia nada sólido contra o seu cliente e... tem razão.

— Mas podem interrogá-lo durante mais tempo.

— Não podemos. É o melhor para a investigação. Todo o tempo que perdermos com ele não o estaremos a dedicar a outras vias. Entende? Sei que está desesperado, mas peço-lhe que confie na polícia. Talvez seja melhor. Vamos avançar com a procura, analisar novas pistas e rever o que temos, mas esta via está morta. O tipo está inocente.

Aaron tinha afastado o telemóvel da orelha quando ouviu o agente pedir que confiasse na polícia. A sua única esperança tinha-se esfumado numa chamada de apenas três minutos. Sentiu o frio de Dyker Heights agredir-lhe o rosto, observou as luzes de uma das casas, a do seu vizinho Martin Spencer, apagarem-se de repente, certamente por ter chegado a hora para que estavam programadas, e avistou ao longe a silhueta de um táxi amarelo do centro da cidade a atravessar a rua em direção a sul. Reparou nele porque não era habitual que alguém chegasse ali de táxi vindo de Manhattan, mas esqueceu-o quando sentiu um floco de neve pousar na ponta do nariz. Deixou cair o telemóvel na relva do jardim e voltou a casa, que naquele momento até lhe pareceu mais vazia do que minutos antes.

De repente, ouviu um ruído proveniente do quarto onde tinha deixado Grace a descansar e subiu rapidamente as escadas. À medida que se aproximava, reconheceu o som repetitivo das molas do colchão, como quando Kiera se infiltrava no seu quarto e dava saltos em cima da cama. Por momentos imaginou que era Kiera, a fazer o que fazia sempre quando se distraíam. Pareceu-lhe até ouvir a sua gargalhada, o seu riso quase espasmódico, que sempre lhe fizera lembrar um ágil movimento de dedos nas notas agudas de um piano. Mas, quando chegou lá acima e espreitou à entrada, constatou que Grace estava a ter em sonhos uma das suas crises epiléticas.

Era normal acontecer-lhe durante a noite. E muitas vezes Grace tinha fingido, a brincar, ser epilética para irritar o marido quando dormia, embora, na verdade, tivesse ataques esporádicos, apenas quando estava stressada ou preocupada com algum assunto que a pusesse em xeque. A mãe de Grace também sofria de epilepsia e, a par da sua debilidade de caráter, era a única coisa que deixara à filha como herança antes de morrer.

Aaron sentou-se a seu lado, na beira da cama, e, enquanto a crise durou, esteve a acariciar-lhe o cabelo, murmurando que ia passar depressa. Quando por fim terminaram os espasmos, Grace entreabriu os olhos, sonolenta, consciente de que acabava de ter um ataque, e dedicou ao marido um sorriso de exaustão. Aaron murmurou-lhe ao ouvido que a amava, e ela

voltou a fechar os olhos, sabendo que era verdade, mas que já tinha deixado de importar.

Capítulo 33

1998

Local desconhecido

*Mentimos para ocultar a verdade
ou para não causar dano, mas também
porque esperamos que a mentira seja real.*

William chegou a casa com vários sacos de plástico e o fato-macaco da oficina onde trabalhava ainda vestido. Tinha as mãos sujas com fios negros de óleo que lhe contornavam os cantos das unhas. Saudou, levantando uma mão, e parou na ombreira da porta quando viu que Kiera estava sentada ao colo de Iris e que as duas viam televisão. A menina olhou para a porta e voltou-se para Iris, que há uma semana não parava de lhe contar histórias, uma atrás da outra, com motivos cada vez mais contraditórios, sobre a razão por que não podia ver os pais.

— Que tal correu o dia? Melhor?

Iris suspirou e abraçou com carinho a menina, que estava absorta a ver no ecrã a cena da debandada de *Jumanji*, uma cassete que tinham comprado uns anos antes e que nunca tinham chegado a ver em casa. Um grupo de macacos entraram e saquearam uma loja de televisores e aparelhagens de som, dando pequenos saltos, e ela soltou uma gargalhada que para Iris soou como música celestial.

— Estás parvo? Fecha a porta de vez. Está frio, a Mila pode constipar-se.

— Mila? — perguntou surpreendido.

Iris baixou o olhar para a pequenita e lançou-lhe um sorriso carinhoso.

— Sim. É Mila. Sempre gostei desse nome. Não é, Mila?

— Não! Eu... sou... a Kiera — protestou com uma ligeira dificuldade e um sorriso brincalhão.

— Não, não digas isso! É muito feio! Não se diz Kiera. Diz-se Mila. Chamas-te Mila.

— Mila? — perguntou Kiera, confusa.

— Sim... isso mesmo! — Iris festejou dando um ligeiro salto que a menina sentiu como uma montanha-russa debaixo dela.

— Olha, um macaco! — a menina apontou novamente para o ecrã e riu-se. Durante aquele dia tinha passado por vários altos e baixos. Acordou confusa no sofá, depois de passar toda a noite enrolada ao lado de Iris, que nem um segundo deixou de lhe acariciar a cabeça, enquanto a via dormir na penumbra da lua cheia que se escoava pela única janela daquele quarto. Depois perguntou várias vezes pela mãe, tal como fizera nos dias anteriores, e mais tarde conformou-se a brincar com Iris com algumas figuras de porcelana que decoravam o móvel da sala. Mais tarde, à hora do almoço, Kiera esteve um momento a chorar e a pedir para ver o pai, a perguntar porque é que ele não vinha almoçar com ela como fazia sempre. Aquelas perguntas magoavam uma parte de Iris, e outra parte aborrecia-se e protestava interiormente, mas apercebia-se de que, dia após dia, desde aquela primeira noite, fazia uma semana, Kiera parecia perguntar cada vez menos pelos pais. Começava a habituar-se à sua companhia, às brincadeiras que inventava com objetos de todo o tipo que havia pela casa, como um espremedor, uma moldura de fotografias, uma imitação de um candeeiro chinês, comprado na mesma loja de bricolagem que o papel pintado da parede. Quando Kiera perguntava por eles, Iris explicava que tinha tido de ir fazer uma viagem e que durante um tempo não poderiam voltar. Uma das vezes contou-lhe que os pais estavam muito aborrecidos com ela por perguntar tanto e que não queriam vê-la outra vez, mas a menina respondeu com uma explosão de choro como se lhe tivessem acabado de roubar a sua maior felicidade.

Iris voltou o olhar para o marido, com um tom de voz três oitavas mais baixo do que aquele com que se dirigia a Kiera, e perguntou quase num sussurro:

— Trouxeste isso?

— Sim. Comprei um pouco de tudo em várias lojas.

— Alguém te viu?

— Claro, Iris. Como queres que compre se não me virem? — murmurou.

— Refiro-me a alguém da vizinhança.

— Fui a um centro comercial em Newark e só comprei uma coisa em cada sítio. Disse aos empregados que era para um presente.

— Foste assim, sujo do trabalho?

— Como querias que fosse? Fui logo que saí da oficina. Por amor de Deus, Iris, estás a ficar paranoica. Ninguém a vai descobrir. Ninguém tem de a ver. É a nossa menina.

— Deu nas notícias, Will. Andam à procura dela por todo o lado.

— O quê?

— Andam à procura dela. O FBI também deu uma conferência de imprensa com os progressos. Vão descobrir-nos, Will.

— Ouve. Ninguém nos vai tirar a nossa menina. Percebes? Se for preciso, nunca sairá daqui. Será o nosso pequeno tesouro privado. Ninguém tem de entrar em nossa casa.

— Não podemos criar uma criança sem sair de casa. Todas as crianças precisam de sair, brincar e interagir com outras crianças. A Mila é muito alegre e com o tempo vai querer sair. Brincar no parque, correr na relva.

— Fará aquilo que nós dissermos, por isso é que é nossa filha — protestou, levantando a voz, o que levou Kiera a desviar o olhar para ele, surpreendida.

— E o papá? — perguntou a pequena, com o rosto iluminado pela luz do ecrã.

— Mila... querida... já te expliquei... — murmurou Iris, voltando-se para ela e acariciando-lhe o cabelo curto. — O Will também é o teu papá. Ama-te muito e vai tratar de ti como eu trato.

Kiera olhou os olhos de Iris de perto e murmurou com a língua a deter-se a meio da frase:

— Tenho sono... po... podes contar-me uma história?

Iris olhou para Will, engoliu em seco e suspirou.

— Claro, querida. Que história queres ouvir?

— A de... a de que o papá e a mamã vêm aí.

Capítulo 34

30 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*As pessoas leem os jornais para
encontrar respostas e não perguntas,
e talvez seja esse o problema.*

O artigo de Miren Triggs foi uma bomba mediática em todo o país. Apesar de outros jornais terem recuperado o desaparecimento de Kiera no Dia de Ação de Graças, com pequenos artigos de cerca de dois parágrafos, ninguém esperava uma coisa daquelas. Todos os canais noticiosos tentaram, na manhã em que foi publicado, obter uma cópia da cassete, numa tentativa de entrar no carro mediático daquela incógnita lançada ao mundo.

Cinco anos antes, o rosto de Kiera na capa do *Manhattan Press* tinha causado um grande alvoroço, mas, afinal, as pessoas estavam habituadas à ideia do desaparecimento de uma criança. Era triste, mas aquilo criou uma agitação inicial para depois se dissipar, antes do final do ano. O país tinha crescido com a dinâmica de ver os rostos de crianças desaparecidas nos pacotes de leite, enriquecendo com desesperança os cereais de todos os Estados Unidos durante os anos 80 e parte dos 90. Esse sistema de anúncios nos pacotes, já em desuso desde a implantação do alerta Amber, tinha ficado tão inculcado no subconsciente da América que toda a gente sabia da sua existência, mas poucos tinham visto pessoalmente aqueles pacotes de leite com o rosto de uma criança a preto e branco.

Quando um meio de comunicação como o *Press* deu o passo para mudar de posição para o polo oposto das suas funções pedindo ajuda e fornecendo algumas peças-chave de um enigma sem resposta aparente, as pessoas empolgaram-se. Leem-se os jornais para encontrar respostas e não perguntas, e talvez fosse esse o problema. Talvez por isso mesmo todo o país se tivesse empolgado com aquele artigo.

Quando Miren chegou à redação, nessa manhã, encontrou a sorridente funcionária da receção a atender uma chamada com os auriculares postos.

— O Phil já chegou?

— Um segundo — disse para o ar, dirigindo-se à pessoa que tinha do outro lado da linha. — Chegou e perguntou por ti três vezes. Quer falar contigo. Conduzi os miúdos para a tua secretária. Estão lá à tua espera.

— Quantos vieram?

— Dois.

— Só dois?

A secretária confirmou com um sorriso. Miren levantou o olhar e viu ao longe, ao lado da sua secretária, um rapaz e uma rapariga, um pouco mais novos do que ela.

— Eli, o Phil estava aborrecido?

— Não sei. Parece que está sempre.

— Quando é que tu te ias embora? — perguntou-lhe Miren, enquanto tirava o casaco cinzento que levava vestido, tentando ganhar algum tempo.

— Lá para o Natal. Vamos ver como corre.

— Bem, com certeza. Vamos sentir a tua falta.

— Bem, não me parece. Quase nem levantam a cabeça para me cumprimentar quando entram.

— Este... é um trabalho um pouco tenso. Mas não te preocupes. Quando fores famosa, vão ligar-te para te entrevistar, e tu vais atendê-los com o melhor dos teus sorrisos, e eles terão de te mostrar o pior deles. E eu estou desejosa por ver isso.

Elisabeth sorriu e baixou a cabeça.

— Está no gabinete dele?

A funcionária levantou a mão a olhar para outro lado e confirmou. A seguir continuou a dar o endereço postal do jornal à pessoa do outro lado da linha, e Miren deixou de a ouvir.

Dirigiu-se apressadamente para a sua secretária, sentindo os olhares dos colegas cravados na nuca enquanto atravessava a redação de ponta a ponta, e levantou a mão para cumprimentar os dois miúdos. Reparou que o telefone que tinha em cima da secretária estava a tocar naquele momento e dirigiu-se a eles.

— Olá, sou a Miren Triggs. Estão a ver esse telefone? — disse afivelando um sorriso.

Os dois confirmaram com um aceno de cabeça.

— Se alguém ligar, atendam e apontem tudo o que disserem. Tudo — sublinhou.

— Quem atende? Só há um telefone — lembrou o rapaz.

— É verdade. — Miren não tinha pensado nesse pormenor. — Um de cada vez, e anotem tudo o que disserem. Irei contratar o que tiver melhor letra.

— O quê?!

— Chama-se meritocracia, meninos — respondeu Miren e virou-se imediatamente. — Bem-vindos ao *Press*.

A rapariga reagiu com um olhar sonhador e assentiu com um sinal de cabeça; o rapaz, por seu turno, com incredulidade, e a seguir olhou para a colega.

Miren dirigiu-se ao gabinete de Phil Marks, o diretor do *Manhattan Press*, que tinha a porta aberta e estava a falar com um jornalista sobre uns documentos relacionados com a invasão do Iraque pela administração Bush. Esperou ele que terminasse, apoiada na esquina fria da porta de vidro, e, quando o jornalista passou por ela, ao sair da sala, Phil fez-lhe um sinal para que entrasse.

— Miren, tem de me explicar o que fez ontem. O artigo sobre a Kiera não estava aprovado, não passou pela supervisão, e o seu editor-chefe

contou-me que já a tinha avisado de que tinha de desistir dessa história. Não somos um jornal sensacionalista e não podemos cair nisto.

— Sr. Marks, permita-me que lhe diga que...

— Não, deixe-me terminar, por favor.

Miren engoliu em seco, tentando diluir a amálgama de sentimentos de culpa, embora estivesse prestes a ir-se embora. Phil era incisivo, mas também uma das pessoas mais sensatas que existiam no país. Se se publicava alguma coisa, devia ser para interesse dos cidadãos. Se um tema entrava nas páginas do *Press*, devia ser para mudar as coisas.

— Não pode passar um artigo à gráfica sem revisão, Miren. Estamos em guerra contra o Iraque. O Governo diz que o Saddam tem armas de destruição maciça, e nós somos o *Press* e temos de verificar se o que o Governo diz é verdade. É no que trabalha agora a unidade de investigação.

— Entendo.

— Porém... tenho uma filha da idade dessa menina. Chama-se Alma, e... se me acontecesse o mesmo que a essa família, gostava de não sentir o silêncio de um país concentrado no que acontece a milhares de quilómetros das suas casas, sem combater os inimigos que vivem à sua porta.

— Não sei se entendi.

— Como eu, haverá mais pais que sentem essa dor. Toda a gente conhece alguém próximo da mesma idade: sobrinhas, primas, filhas, netas. Essa menina também precisa de ajuda, e não apenas os nossos soldados do outro lado do mundo.

— Acho que me perdi, Sr. Marks.

— Já na altura publicámos as buscas da Kiera como capa. Seria egoísta não a continuar a ajudar agora que o caso arrefeceu. Pode prosseguir com a investigação. Mas não a lixe. Essa sua cobertura está a causar um grande rebuliço. Parabéns.

— Hum... muito obrigada, Sr. Marks.

— Não tem de quê. Tem tudo aquilo de que precisa? — perguntou, enquanto procurava uns papéis na secretária.

— Fui buscar dois bolseiros da universidade. Acho que me vou safar.

— Está bem. Continue. Quero dois artigos semanais sobre a menina. E quero que a encontre, Miren.

— Encontrá-la? — perguntou Miren um pouco tensa.

— Acha que não é possível?

— Não disse isso. Só digo que... que nunca vi nada igual.

— Nem eu, menina Triggs, por isso mesmo temos de tratar o assunto como merece. Essa cassete... todo esse assunto causa-me calafrios.

— Muito obrigada, senhor Marks.

— Não me agradeça a mim. Está a fazer um bom trabalho. O Jim tinha razão.

— O professor Schmoer sempre foi um bom amigo.

— Como está ele agora? Éramos rivais, mas sempre o admirei. Acho que o mundo do jornalismo é pior desde que ele não está nele.

— Concentrou-se nas aulas e... tem um programa de rádio na universidade, que grava de manhã e emite à noite. Não mudou absolutamente nada. Dá gosto ouvi-lo. Quase se podem tirar apontamentos do programa.

— Isso é bom. Se conseguir que saiam da universidade mais jornalistas como ele, será um bom sinal. Talvez nesse caso haja mais do que o *Daily* à procura de burlas empresariais e estruturas piramidais. Não me parece que seja o tipo de artigo que ele precisava de escrever, sabe? Um jornalista deve encontrar um tema que o apaixone e mergulhar nele, atolar-se até aos joelhos, e sempre notei que, apesar de ter uma visão mordaz e um espírito crítico, ele nunca encontrou um tema que o atraísse.

— Foi ele que me introduziu na busca pela Kiera — disse Miren, tentando elogiá-lo um pouco mais.

— Talvez a busca por essa menina seja o tal tema. Poderia contratá-lo para trabalharem juntos aqui. Afinal, foi ele que a recomendou, há cinco anos, com aquele exclusivo sobre a libertação daquele tipo que tentou levar uma menina, com as cassetes que gravava.

— Vou perguntar-lhe. Não falo com ele há muito tempo. Talvez queira dar-me uma ajuda.

— Dê-me conta dos progressos, por favor. Dois artigos semanais. E vamos ver o material que conseguimos para irmos avançando.

— Muito obrigada, Sr. Marks.

— Um momento... ainda não terminei — avisou.

— Sim?

— Isso da violação é verdade? — lançou inesperadamente. Os seus olhos cravaram-se nos de Miren e esperaram uma resposta. Ela não percebeu se era compaixão ou interesse.

Miren fez um sinal afirmativo, séria. Tão séria que Phil Marks se sentiu incomodado por ter puxado o assunto.

— Não era preciso que o trouxesse a lume no artigo — disse o Sr. Marks.

— Eu sei.

— Porque é que o fez?

— Porque precisava de me curar.

— Entendo — disse, fazendo um aceno de cabeça, para depois continuar.

— É verdade que não apanharam quem o fez?

— A polícia não — declarou Miren, no momento de sair do gabinete.

Voltou para a sua secretária, onde a nova estagiária estava a atender uma chamada e o seu colega a olhar atentamente para o que ela estava a escrever no caderno de argolas. Ele apercebeu-se de que Miren lá vinha e deu uns toques leves na colega. A rapariga voltou-se e continuou a ouvir atentamente o som do auscultador, acenando afirmativamente a cabeça, enquanto Miren a observava. Depois voltou apressadamente ao bloco com ar de surpresa e anotou qualquer coisa. Pediu-lhe o nome e o telefone de contacto, para o caso de precisar de falar novamente com a pessoa do outro lado, e a seguir desligou.

— Acabo de falar com os chefes — disse Miren, séria. — Trago boas notícias.

— Falas diretamente com o Phil Marks, o diretor do *Press*?

— Às vezes. Mas só quando faço porcaria ou quando faço qualquer coisa bem.

— E o que é que ele te disse?

— Em resumo, que o jornal de hoje está a vender-se como pãezinhos quentes. Já vou explicar. O que vos dizia: boas notícias, ficam os dois. Contrato de estágio de três meses. Quinhentos dólares por mês, mais despesas de transporte. As refeições são por vossa conta. Podem trazer marmita. Há uma cozinha no andar de baixo. Parabéns, acabam de pôr os pés no mundo do jornalismo. Vão precisar dos vossos dados nos Recursos Humanos, dois andares acima. E agora... alguma chamada que não seja de um louco com pistas ridículas?

— O que é uma pista ridícula? — perguntou o rapaz. — Por agora, só ligaram duas pessoas.

— Boa pergunta. Contem-me o que temos, e eu digo-vos. Servem-nos com certeza de exemplo.

— A primeira chamada foi de uma senhora de Nova Jérсия que diz que a menina da imagem lhe faz lembrar muito a sua sobrinha.

— Tem todo o ar de ser ridícula. A segunda?

— Não sei se conte — opinou a rapariga.

— Diz lá.

— É sobre brinquedos.

— Pode ser ridícula e pode não ser.

— O dono de uma loja de brinquedos diz que a casa de bonecas da imagem parece uma *Smaller Home and Garden* da Tomy Corporation, na Califórnia. Um modelo não muito habitual hoje em dia, mas relativamente popular nos anos 90.

— Interessante. Não é ridícula. Talvez possamos puxar por isso. Procurem na Internet uma lista de todas as lojas de brinquedos que vendam casas de bonecas. Continuem a atender chamadas. Tenho umas coisas a fazer. Se precisarem de alguma coisa, falem com a Eli, da receção. — Miren apontou o número de telefone no bloco. — Se houver algo que chame a atenção, liguem-me para este número.

— Até quando? Até que horas atendemos chamadas?

— Horas? Não vos disse que já fazem parte do mundo do jornalismo?

Os dois olharam um para o outro, confusos, embora tivessem percebido a indireta. Miren sorriu e foi-se embora, deixando-os na sua secretária. O telefone tocou de novo, e agora era a vez de o rapaz atender a chamada. A colega ficou a observar Miren afastar-se em direção à porta, com uma espécie de admiração, surpreendida pela segurança com que se movia.

Enquanto caminhava, Miren ia pensando se se teria enganado com aquela frase que dissera a Phil Marks e repetiu-a mentalmente:

«A polícia não.»

Capítulo 35

12 de setembro de 2000

Local desconhecido

*O amor floresce mesmo nos
recantos mais sombrios.*

William abriu a porta de casa com um sorriso de orelha a orelha, vestido com umas calças de ganga e um polo azul e trazendo uma enorme caixa embrulhada em papel de embrulho vermelho. Eram onze da manhã, e Kiera saiu a correr do quarto para o receber com um abraço e gritos de alegria.

— É para mim? É meu? — gritava.

Iris saiu da cozinha e sorriu.

— O que é?

— Vi-a numa montra e achei que ela ia gostar.

— O que é? — gritou a menina, feliz.

— Feliz aniversário, Mila — disse Will.

— É o meu aniversário?

— Claro, amor — mentiu, sabendo que isso não importava. — Fazes cinco anos e já és uma menina crescida.

Iris ficou algo contrariada, mas não quis intrometer-se. No ano anterior tinham-lhe oferecido um bebé de que Kiera se cansara em dois dias. Se o tamanho daquele brinquedo correspondesse ao tamanho da caixa, devia ter custado uma fortuna, algo que não podiam propriamente permitir-se, muito menos se Kiera se cansasse dele com a mesma velocidade com que acontecera com o bebé.

— Não te preocupes, está bem? Estava em promoção — murmurou Will a Iris, enquanto Kiera dava saltos de alegria.

Will pousou a caixa em cima da mesa de vidro da sala, e ficaram a ver Kiera rir sem parar ao ver diante dela um presente que lhe dava pela testa.

— Na verdade, não é assim tão grande. A caixa é que ocupa muito espaço — disse Will, em jeito de desculpa.

— É gigante! — gritou a pequenina. — É o maior presente do mundo.

A pequena Mila rasgou o papel e viu uma caixa enorme, com a parte da frente em plástico transparente e lá dentro uma casa de bonecas, com móveis e jardim. As letras *Smaller Home and Garden* indicavam em letras grandes o conteúdo da caixa, mas Mila ainda não sabia ler bem e só deu atenção ao conteúdo.

— Uma casinha! É uma casinha!

Iris lançou um olhar a Will e não conseguiu evitar um sorriso. Aquilo parecia tê-la deixado feliz, algo que contrastava com as semanas anteriores. De noite, Kiera tinha pesadelos e de dia mostrava-se apática e sem vontade de fazer nada em casa. Iris, que tinha tentado dar-lhe aulas em casa e ensinar-lhe Inglês e Matemática da melhor forma que podia, encontrou-se perante um muro e sentia que estava a falhar como mãe. Vê-la feliz era um consolo e aliviou em parte a culpa que sentia.

— Mamã, é uma casinha! Olha! E tem uma arvorezinha!

— Sim, querida. É uma casinha. Parabéns!

— Gosto de vocês! Gosto muito de vocês! — gritou Kiera, sentindo-o de verdade. Estava eufórica, e Iris quase chorou ao ouvir aquelas palavras. Will aproximou-se da pequenita e deu-lhe um beijo na testa. Iris fez o mesmo, a seguir, e ficaram uns minutos a abrir a gigantesca caixa de cartão e a tirar de lá a casa. Colocaram os móveis pequeninos em cima da mesa de vidro, e Kiera dedicou-se a colocá-los por ordem de tamanho, da esquerda para a direita, para depois os organizar no interior como devia ser: equipamento de cozinha, cadeiras, mesas, sofás, armários e camas. A seguir, revistou novamente a caixa e encontrou um pequeno átrio solto que não sabia onde colocar, se antes do sofá ou da cama. Will deitou um olhar

cúmplice à mulher, com um sorriso entreaberto, e ela, um pouco preocupada, fez-lhe sinal de que tinham de falar a sós. Deixaram Kiera na sala e foram para a cozinha discutir entre murmúrios.

— Quando é que custou?

— Não foi muito, a sério.

— Mais de cem dólares, não foi?

— Quatrocentos.

Iris levou as mãos à cara.

— Perdeste a cabeça?

— Vai durar muito tempo. É um brinquedo para toda a vida. É barato. Quando for mais crescida, pode continuar a brincar com ele.

— Quando for mais crescida não vai querer brincar com isto. É muitíssimo dinheiro, Will. Não podemos gastar tanto. Devemos muito ao banco, e só tu é que trabalhas.

— Tu podias trabalhar.

— Já trabalho, Will, a tratar dela e da casa. És um machista de merda.

— Não me fales assim. Não sejas injusta — advertiu-a Will.

— Sabes que tenho razão. E, além disso, injusto és tu. Se trabalhasse, com quem a deixaríamos? Não podemos pô-la na escola. É uma criança de que andam à procura, Will. Falas por falar. Não pensas antes de abrir a boca.

— Queres parar de levantar a voz? Ela vai ouvir-nos. Embora, enfim, já esteja na altura de saber de onde veio — acrescentou Will.

— Nem penses em dizer uma coisa dessas. Não quero vê-la chorar mais. Já basta pedir tantas vezes para ir brincar para a rua e ter de lhe dizer que não. Eu é que vejo como ela fica triste quando isso acontece, sabes? Tu não estás aqui para a ver pedir e suplicar.

— E que fazemos? Saímos com ela, como se nada fosse? Em menos de dez minutos estaríamos na prisão, Iris. Já não há volta a dar.

Iris soprou, tentando dissipar a angústia e o nó no coração. William aproximou-se e deu-lhe um beijo conciliador na testa. A seguir abraçou-a

com força e afastou-se dela com a distância certa para lhe agarrar a cabeça e olhá-la nos olhos.

— É a nossa filha e farei por ela o que for preciso. E, se tiver de apertar o cinto para que tenha um brinquedo bom... é isso que vou fazer, sabes?

Iris sentiu o abraço do marido. Às vezes duvidava dele e desconfiava de que fizesse as coisas certas para a família, mas depois lembrava-se de que fora ele que permitira que Kiera estivesse ali com eles, ao caminhar com ela por entre a multidão do Dia de Ação de Graças até chegar até ao metro de Penn Staton.

— Eu sei, Will... Só que isto... é muito difícil. Passo horas com ela aqui. E... quando a olho diretamente, sinto que sabe a verdade.

— Não sabe, querida. Há quanto tempo não pergunta pelos pais?

— Quase um ano.

— Vês? Descontraí-te. Somos os pais dela e sempre o seremos.

Iris fez uma expressão estranha, e Will olhou-a, contrariado.

— Que se passa?

— Não a oiço brincar.

Will e Iris saíram da cozinha um pouco preocupados para verem se Kiera estava bem. Iris lera uma vez numa vinheta que não havia nada mais aterrador para os pais do que o silêncio dos filhos, mas, quando chegaram à sala, aperceberam-se de que havia: a porta principal estava aberta, e não havia sinais dela em lado nenhum.

— Não pode ser — disse Will.

— Mila?! — gritou Iris com todas as forças.

Capítulo 36

Miren Triggs
1998

*O diabo é capaz de viver de forma
plácida de manhã para depois
compensar durante a noite.*

Margaret S. Foster era uma mulher doce e carinhosa, que nos convidou a entrar para fugir ao frio de novembro. Guiou-nos até ao salão e convidou-nos a sentar, mas declinámos o convite para não perdermos tempo. O interior da casa era uma preciosidade, própria da zona em que se encontrava: paredes forradas a papel com flores, sofá de veludo cor-de-rosa, molduras nos tetos e soalho de madeira. Pediu desculpa porque as crianças já estavam deitadas e não podiam descer para nos cumprimentar. Eu estava inquieta. Muito. Sentia um vazio estranho no peito, ao pensar no motivo da visita. Num momento em que ela nos olhou com uma expressão preocupada, o professor avançou, ao ver que eu não dava o passo.

— Sabe que o seu marido está detido, não sabe?

— Como diz?

— Não sabe? — perguntou o professor, surpreendido.

— O seu marido está detido por tentativa de rapto de uma menina de sete anos.

Ficou num silêncio em que podiam ler-se muitas coisas. Dizem que somos escravos das nossas palavras e donos do que calamos. Aquele foi o

exemplo perfeito de que não é verdade. Naquele silêncio havia arrependimento e tristeza.

— A polícia não veio falar consigo? Não sabe nada? — perguntei, um pouco confusa.

O professor fez um gesto com a mão, e entendi o que queria dizer.

Reparei que a mulher estava inquieta e percebi que algo não corria bem. Era como se estivesse prestes a estilhaçar-se, e só precisávamos de ficar a olhar depois de tocarmos na peça frágil da estrutura.

— Tenho estado a ligar-lhe o dia inteiro, mas ele não atende. Ninguém me disse nada.

— Como? Está a dizer-me que ninguém a informou de que o seu marido está detido? — insistiu o professor.

Confirmou com um aceno de cabeça e começou a chorar. Não entendi. Procurei os olhos do professor, mas estavam perdidos na tristeza daquela mulher.

— Mas... não tem motivos para se preocupar. É um erro, com certeza — disse eu, tentando entrar na conversa. Sem saber porquê, senti necessidade de a confortar. — Tudo se vai esclarecer, certamente, e ele vai ser libertado. O seu marido não parece um pedófilo. Viemos para o comprovar. Viemos para que nos conte a história dos seus antecedentes.

Assentiu, engolindo em seco com o olhar perdido, como se estivesse a entrar na gaveta escura dos segredos. Com tudo aquilo, estava a encher a minha de sofrimento.

— Sabemos que ele foi detido quando tinha dezoito anos por ter relações sexuais com uma menor, de dezassete, na altura. Supomos que a senhora seja essa menor e que nessa época eram namorados. Sabemos que às vezes a lei é um pouco injusta e... se tivermos o azar de deparar com uns sogros complicados, podemos ficar em apuros.

— Disse-lhe sempre que tinha de parar. Que não estava certo. Que Deus estava a ver e que não estava bem. Mas ele insistia — disse, por fim.

Ficámos em silêncio, convidando-a a continuar, e apercebemo-nos de que os seus olhos tinham ficado cobertos por uma fina e crescente película de

água, onde se projetava o sofrimento de muitos anos de tristeza.

— Aquilo foi... o princípio de tudo. Começámos a andar juntos quando éramos uns miúdos, teríamos treze para catorze anos, embora ele fosse sempre muito precoce. Fumava, bebia, e eu não gostava disso. Gabava-me dele junto das minhas amigas, sabem? — Olhou para nós, mas voltou imediatamente a pôr os olhos nas suas recordações. — Em breve, começámos a ter contactos sexuais, e, precisamente no dia em que o fazíamos pela primeira vez, os meus pais descobriram-nos, entre gritos e empurrões. Expulsaram-no de casa e durante um tempo proibiram-nos de nos vermos. Mas não foi um obstáculo para dois adolescentes com as hormonas a mil à hora, e começámos a fazê-lo às escondidas. Os meus pais nunca gostaram do James. Diziam que tinha um comportamento esquisito e que tinha ar de ser um mulherengo, mas eu adorava-o. Olhava para mim com um tal desejo que eu me sentia realmente viva.

Acenei afirmativamente com a cabeça, porque ela esperava que o fizesse, e continuou:

— Um dia, quando tinha dezasseis anos, pediu-me para rapar a púbis. Pareceu-me atrevido, e era uma ninharia para o tipo de coisas que já fazíamos juntos, mas, com o tempo, aquela ideia tornou-se uma condição, chegando a recusar-se a ir para a cama comigo se não o fizesse. Achava grosseiro e achava insultuoso que eu não quisesse rapar as partes íntimas. Acedi. Estava apaixonada. Considerei aquilo uma parvoíce. Quando fez dezoito anos, continuávamos a encontrar-nos às escondidas, e foi numa dessas ocasiões que os meus pais nos apanharam juntos, eu ainda com dezassete anos. O meu pai denunciou, conseguiu uma ordem de afastamento durante uns meses, e ele foi condenado a frequentar um curso em que lhe diziam que aquilo que tinha feito estava mal.

— Então é verdade que os antecedentes dele se deveram a relações consentidas consigo.

— Sim. Exatamente.

— Estou convencida de que, se assim foi, vão libertar o seu marido. Fique descansada. Certamente a intenção de rapto daquela menina não

passa de um erro, e ele só devia querer ajudar uma menina perdida e levá-la até à esquadra.

— Onde é que trabalha o seu marido? — perguntou o professor.

— Num Blockbuster. Aquela cadeia de videoclubes. Trabalha a dois minutos daqui.

— E não se perguntou onde ele estaria? Esteve toda a noite detido — insistiu o professor com a pergunta que eu estive prestes a fazer.

— Por isso é que vos estou a contar isto. Para que o saibam e o incluam na declaração. — Levou as mãos à cara e a seguir olhou para o teto, como se pudesse ver o que se estava a passar no andar de cima. — Vamos ver como explico isto às crianças.

Percebi que Margaret pensava que éramos polícias. Nenhum de nós tinha dito nada. O professor meteu a mão no casaco e tirou um gravador, que ligou e deixou em cima da mesa. Uma pequena cassette de 60 minutos começou a rodar, registando sem querer os sopros cada vez mais intensos da mulher e, com certeza, os batimentos intensos do meu coração.

— Continue, por favor — pediu ele num tom sério. Eu limitei-me a engolir em seco, nervosa, aprendendo naquele momento que é melhor ouvir as histórias até ao fim.

— Mas naquele curso... ele conheceu mais gente. Era uma espécie de terapia de grupo, todos com o mesmo tipo de delito: agressores sexuais. Quase todos eram mais velhos do que o James, que na altura tinha dezoito anos e na verdade continuava a ser um miúdo. Segundo me contou quando eu fiz dezoito anos e começámos a ver-nos outra vez, tinham cumprido pena por delitos mais graves e estavam em liberdade condicional. Tratava-se de um programa para... ajudar na reinserção. — Fez uma pausa, tentando reordenar as ideias, e continuou: — E foi então que ele começou a mudar. Começou a andar com aqueles tipos mais velhos do que ele. Passava cada vez mais tempo com eles. Algumas vezes aborrecia-me, porque parecia que não queria ver-me e que, quando o fazia, era apenas para sexo. Os meus pais não aprovavam a minha relação com ele, eram muito conservadores, mas eu já era maior, e não podiam dizer-me o que fazer. Não

tardei a engravidar, e os meus pais obrigaram-nos a casar. Ele não queria, dizia que detestava os padres, que tinha conhecido alguns que não eram de fiar, mas por fim aceitou. Em breve, conseguiu trabalho num Blockbuster, e durante algum tempo tudo correu sobre rodas. Promoveram-no várias vezes, e chegava sempre a casa com um sorriso. Depois tivemos a nossa filha, a Mandy, e formámos uma linda família os quatro.

Suspirei. Aquilo não me trazia um bom pressentimento.

— Pode ir ao fundo da questão? — sugeriu o professor.

— Foi então que descobri as cassetes no escritório dele — lançou, de repente.

— As cassetes?

— Vídeos. Dezenas deles, de raparigas, gravadas à porta de escolas. De grupos de amigas a andarem pela rua. Não eram sexuais, isso então não teria tolerado, mas a verdade é que, quando as vi, lhe pedi explicações. Sabem o que disse?

— O quê?

— Que eram para os amigos dele, os do tal curso, e que os gravava para eles, que lhe pagavam um dinheirão por essas imagens de adolescentes de saia curta. Disse-me que o fazia porque era o único que sabia trabalhar com uma câmara de vídeo e que dispunha de todo o equipamento na loja, para fazer as cópias que quisesse. Tinha montado um negócio clandestino de venda de vídeos de jovens, gravados sem o consentimento delas.

— É asqueroso — afirmei, furiosa.

— O seu marido gravava miúdas desconhecidas na rua em minissaia e vendia essas imagens — disse o professor, tentando resumir.

Margaret levou as mãos à cara, e vi-a ir-se abaixo sem quase conseguir falar. Passaram-se uns segundos em que pareceu debater-se e depois prosseguiu entre soluços:

— Prometeu-me que a coisa ficaria por ali. Que não era nenhum crime, porque não era nada sexual. E que podia lucrar com os fetiches e desvarios de uns quantos depravados que tinha conhecido naquele grupo.

— Mas é um delito, sim — afirmei, irritada.

— Não sou advogada, compreendam. Eu... eu limitava-me a cuidar dos meus filhos e a tentar que nada lhes faltasse. Ganhava tanto dinheiro com as gravações que foi o suficiente para comprar esta casa. Senão como conseguiria um gerente da Blockbuster ganhar o necessário para viver neste bairro? Com o tempo, habituei-me à ideia e, nessa altura, o James começou a passar vários dias fora de casa, a viajar para outros estados, muitas vezes para a Disneyland, porque era mais fácil, e quando regressava trazia várias cassetes de vídeo que guardava na cave. Por isso, não sabia que o tinham detido. Porque pensava que estava numa dessas... viagens.

— A coisa passou então para outro nível, não é verdade? — perguntei, receosa de descobrir a verdade. — E não se atreveu a denunciá-lo. No fim de contas, é cúmplice. Receava... perder o que tinha.

— Receava perder os meus filhos — murmurou.

— E os filhos dos outros? Por acaso pensou neles? O que me diz da Kiera Templeton, a menina de três anos que desapareceu há uma semana? Acha que o seu marido a raptou?

— Raptá-la? O James nunca... nunca fez nada contra... a vontade de ninguém.

— Detiveram o seu marido por tentativa de rapto de uma menor, Sra. Foster — repeti, tentando que aquilo lhe entrasse de vez na cabeça.

— Não sei porque faria uma coisa dessas. Não é... não é próprio dele.

— Próprio? — perguntei. — Sra. Foster, o que o seu marido faz é aumentar a intensidade da sua viagem rumo às trevas, não vê? É patológico. Não o fazia por dinheiro. Abra os olhos. Fazia-o por necessidade.

Não respondeu. A resposta foi substituída por um tremor no lábio inferior e por uma lágrima que pousou nele.

— Um segundo... Aos seus filhos, nunca...? — perguntou o professor.

Ela negou com a cabeça e eu respirei, um pouco aliviada.

— Esse limite, graças a Deus, nunca pisou. Nunca os deixei sozinhos com ele. Nunca.

— Bem — disse o professor Schmoer, cabisbaixo.

— E a Kiera? Sabe alguma coisa sobre a Kiera Templeton?

— Acompanhem-me, por favor. Tenho de vos mostrar uma coisa.

Levantou-se do sofá e guiou-nos até ao vão da escada. Quando abriu o trinco, descobrimos que era o acesso à cave, como se fosse um buraco que se perdia nas trevas. Acendeu uma luz, de uma única lâmpada pendurada num fio, e desceu entre os rangidos dos degraus da escada. Ao chegar lá abaixo, não vi nada de especial, mas depressa verifiquei que estava enganada: uma estante de metal estava repleta de cassetes VHS com etiquetas com números diferentes, doze, catorze, dezasseis, dezassete, algumas até apresentavam um sete e um nove, e verifiquei que todos os números eram inferiores a dezoito. Havia também duas mesas com caixas de cartão e vários cartazes com imagens de praias da Califórnia, pregados na prede com pioneses.

— Todas estas são... — começou o professor tentando confirmar a evidência.

— Gravações, sim — afirmou ela de imediato.

Margaret aproximou-se da estante e agachou-se numa das esquinas. A seguir, puxou uma corda e levantou uma tampa de madeira que deixava ver, lá dentro, a descida para um lugar ainda mais escuro. Carregou no interruptor, e eu e o professor espreitámos sem querermos descer. Ao fundo, havia um pequeno catre individual, com um lençol enrugado em cima, e em frente dele uma câmara de vídeo montada sobre o tripé.

— Começou a pagar a adolescentes para... para virem aqui e filmá-las.

Comecei a sentir-me mal e tive de me apoiar na mesa. Quase vomitei com aquilo.

— Sabia disto e não disse nada? — perguntei em choque.

— Sabia, mas elas vinham voluntariamente. Algumas até eram amigas dos meus filhos.

— Como?

— Vinham cá a casa, e... o James oferecia-lhes trinta ou cinquenta dólares, e... elas desciam sem protestar. Elas queriam. E eles... também.

— Rapazes também? Os seus filhos sabiam de tudo isto? Sabiam que pagava aos amigos deles para... para os filmar aqui em baixo?

Confirmou, arrasada. O professor puxou de uma câmara descartável que trazia sempre consigo e tirou uma fotografia das profundezas da casa, a focar a cama e o tripé. A seguir tirou outra à estante com as cassetes.

— Vão prender-me, não vão? É o fim. Ando há anos a pensar que... tomara que isto acabasse, mas... não queria perder os meus filhos, compreendem?

— Não somos polícias, Sra. Foster. Não vamos detê-la, nem temos de a compreender.

— Não são polícias? — gritou, surpreendida.

— Não. Mas, se fosse, nem a deixaria despedir-se dos seus filhos — afirmei.

Subimos à sala, e o professor ligou diretamente ao procurador-geral para informar de tudo o que descobrira e denunciar aquele caso horrível. Depois de muitos anos a trabalhar para o *Daily* e a denunciar dezenas de casos de corrupção e burlas, de expor os esquemas ocultos da sociedade e de ser um confidente e um apoio perfeito para documentar histórias que muitas vezes acabavam nos tribunais, tinha desenvolvido uma amizade conveniente com os altos cargos da magistratura e da polícia. Pouco depois, voltou com uma expressão abatida e um pouco preocupado.

— Contaste? Vão mandar a polícia? — perguntei, um pouco confusa.

— Acabaram de o libertar sem medidas de coação... — respondeu, deixando-a gelada. Não podia crer. A minha fé na justiça e no sistema acabava de se esfumar numa única frase. Como pude ser tão ingénua? Como podia ter acreditado que as coisas funcionavam?

— Sem medidas de coação? De que estás a falar. A cave está cheia de provas! — Guinchei.

— Alguém não fez bem o seu trabalho, Miren — respondeu ele, sério.

— Bem? Nem sequer vieram a esta casa confirmar. Não fizeram nada! — gritei uma vez mais. Reparei que a minha voz estava quase a falhar. — E o que te disse o procurador? Que vão voltar a detê-lo?

— Pediu-me para ligar a televisão.

Capítulo 37

1998

*Há pessoas que são como o fogo,
outras precisam dele.*

As chamas inundaram os ecrãs de todo o país. Rapidamente saltaram para as capas dos jornais de meio mundo, e em breve aquela imagem iria tornar-se símbolo de uma justiça que as autoridades renegavam, mas pela qual o mundo clamava: a dança purificadora do fogo a consumir James Foster à saída da esquadra.

Apenas um dia depois da sua detenção, as autoridades tinham renunciado a apresentar acusações contra ele. A menina que presumivelmente ele tentara raptar nas imediações de Times Square corroborou a versão de James. As câmaras que rodeavam a zona não mostraram qualquer indício de tentativa de rapto, e os antecedentes policiais do detido por abuso de menores tinham sido as queixas apresentadas pelos pais da sua atual esposa, quando ambos eram jovens. A polícia não quis ser influenciada pela capa do *Press*, que dava a entender que James Foster era também o culpado do desaparecimento de Kiera Templeton, e o país começara a odiá-lo de morte no instante em que a sua cara inundou os quiosques de toda a Manhattan. Ao meio-dia, uma multidão aglomerava-se à porta da esquadra, onde estava detido e era objeto de um intenso interrogatório por parte da polícia. Às seis da tarde e à medida que as pessoas iam saindo dos seus trabalhos, a multidão que aguardava alguma notícia na rua contava-se às centenas. Aos pouco, o clamor de justiça foi-se dissipando, e por volta da meia-noite já

restavam apenas umas trinta pessoas, principalmente agitadores, à espera de alguma declaração policial para atuarem em conformidade. Durante todo o dia, os diferentes comunicados e comentários tinham ampliado a informação do caso, criando suposições e elaborando cenários sinistros e finais em que James Foster poderia ter acabado com a vida de Kiera e de que, graças a Deus, não o conseguira com a menina de sete anos que tentara raptar.

Quando Foster pôs o pé na rua, escoltado por dois agentes da polícia, cuja intenção era levá-lo a casa sem percalços, a confusão que se criou foi tal que, sem ninguém saber como, entre lutas e empurrões, de repente, todos notaram que James tresandava a gasolina. Os dois polícias viram-se ultrapassados num instante e, no chão, enquanto várias pessoas os atacavam por protegerem um assassino, viram a expressão de James, que olhava em todas as direções e para nenhuma ao mesmo tempo. Formou-se um aglomerado à volta dele, e, quando depois recolheram depoimentos de todos os que se concentravam naquele grupo, ninguém soube dizer com certeza quem acendera a chama que provocou a imagem mais poderosa de que os Estados Unidos têm memória.

O fogo depressa se estendeu dos pés à cara. Algumas testemunhas recordam os gritos de James, suplicando clemência, ajoelhado e com as mãos no ar, mas todos concordam que deixaram de olhar quando sentiram que aquilo já tinha ido longe de mais. Ao fim de apenas um minuto, James jazia sem vida no asfalto, ardendo lentamente até que, por fim, chegou um agente com um extintor.

As notícias de todos os jornais do dia seguinte confirmavam a inocência de James Foster, com uma fotografia do homem em chamas, do tamanho da página, e títulos na linha a seguir: «Queimam vivo um homem inocente», «Arde em vida o único suspeito do caso Kiera Templeton», «Justiça errada». A fotografia, a única do momento em que se via James Foster com as mãos no ar, de perfil, com o fogo a iluminar o rosto anónimo e desfocado das pessoas que o viam arder, foi tirada por um fotógrafo ligado à Associated Press, a agência noticiosa sem fins lucrativos que ali tinha

ficado à espera de ver a multidão à porta da esquadra com cânticos a exigir justiça. Essa imagem iria transformar-se, meses depois, na vencedora do prémio Pulitzer de fotografia desse ano.

Todos os jornais abriram com aquela notícia, vociferando em nome da inocência de um homem que tinham posto em liberdade sem medidas de coação por tentativa de rapto; todos os jornais exceto um.

Umas horas antes de os jornais chegarem à rua, o diretor do *Manhattan Press*, Phil Marks, recebeu uma chamada por volta da meia-noite de Jim Schmoer, um antigo colega de turma de Harvard, com quem tinha partilhado mais festas do que apontamentos durante aqueles anos. Ambos tinham seguido carreiras parecidas, mas em meios de comunicação diferentes, e continuaram em contacto esporádico. Os dois trabalhavam em Nova Iorque, e as duas carreiras pareciam meteóricas, embora em âmbitos diferentes. Jim tinha granjeado a reputação de jornalista inquisidor, temido pelas empresas e pelos poderosos, e Phil tivera a sorte de acertar nos artigos de jornalismo em que embarcava, além de dispor de dinheiro suficiente para, enquanto trabalhava, fazer um mestrado em Gestão de Empresas que lhe abria as portas para os cargos de responsabilidade do jornal.

— Phil, tenho uma bomba.

— Uma bomba como? Acabo de suspender a capa desta manhã para recuar e abrir com o James Foster a arder em frente da porta da esquadra. Queimaram um inocente em vida, Jim. E nós indicámo-lo ontem. A culpa é nossa. Temos de pedir desculpa.

— Era disso que te ia falar. Ele não é inocente. Não merece que as pessoas o vejam como uma vítima de injustiça.

— Porque é que dizes isso? — perguntou, interessado em ouvi-lo.

Na chamada, o professor Schmoer resumiu a situação a Phil. Contou que o procurador acabara de mandar agentes a casa dos Foster e que estavam à espera.

— Achas que podia ter também a miúda?

— A Kiera? Não. Já procurámos por toda a casa. Não parecem dispor de mais propriedades. Não são eles que a têm. Esse assunto ainda continua em

aberto.

— E porque é que não contas isto tudo ao *Daily*?

— Por dois motivos. O primeiro... é que já não trabalho lá. Hoje despediram-me por ir sempre um passo atrás. Não era o meu género.

— És dos melhores, Jim. Só que... não encontras a história certa. Ninguém te deu essa liberdade de que precisas.

— Segundo... porque esta descoberta não é coisa minha. É da minha melhor aluna, e acho que ela merece uma oportunidade.

— Uma aluna? Está contigo?

— Está.

— Está bem. Venham agora à redação. Já sabes onde é. A noite hoje vai ser longa — afirmou.

— Vamos imediatamente.

Miren tinha ficado a passear pelo jardim, tentando reconstituir mentalmente o que acabara de descobrir e como ela própria destruía com uma verdade horrível uma hipótese que desenvolvera na sua mente. Apercebeu-se de que uma parte de si desejava que as pessoas fossem boas, que não existisse tal maldade na alma de alguns homens, e aquela visita a casa dos Fosters tinha esse objetivo: confirmar que era um erro detê-lo. Mas, quando se ilumina uma sombra, às vezes descobre-se que o que se esconde nela é mais escuro do que se imaginava.

O professor Schmoer chamou Miren com um gesto do braço, depois de desligar o telefone, no mesmo instante em que três carros da polícia, com as luzes apagadas, chegavam à porta de casa dos Fosters.

— Liguei ao *Press*.

— Para quê? — perguntou Miren, surpreendida.

— Tens uma prova na redação, dentro de quarenta e cinco minutos. Vamos já. Não há tempo.

— O quê?

Miren Triggs chegou com Jim Schmoer aos escritórios do *Press* à uma da manhã, com a intenção de escrever ali mesmo o artigo. Não havia tempo de ir a casa, enviar por correio e confiar numa boa ligação à Internet.

— Miren Triggs, não é? — saudou-a Phil Marks assim que a viu entrar no edifício. Estávamos à sua espera. Se essa história sobre o James Foster for verdade, amanhã teremos a única capa que contará toda a história e não apenas uma pequena parte que distorça a verdade, e isso, menina Triggs, é o que deve orientar um bom jornalista. Obrigado por isto, Jim.

— É um prazer. Já sabes que gosto sempre de aqui voltar. Além disso, acabaram de me despedir. Não me apetece dar isto aos meus ex-chefes, e já conheces a minha eterna luta contra as injustiças.

— Vamos tratar isto como merece, se a menina Triggs nos provar que é capaz de escrever um bom artigo para sair na capa do *Press*.

— Na capa? — perguntou Miren, assustada.

— Não acha que a sua história é suficientemente boa para sair na capa? É que, se não for capaz de arcar com uma capa, também não irá suportar o peso de uma simples coluna na página trinta. Escrevemos todos os nossos artigos com a força suficiente para aparecerem na capa. Passe os olhos por qualquer deles e diga-me qual não usaria.

Miren respondeu com silêncio, e Phil Marks conduziu-a a uma secretária quase no fim da sala. Junto dela já se encontrava um revisor, e um paginador esperava no gabinete de artes gráficas para lhe dar o acabamento final. Jim Schmoer entregou numa salinha a sua máquina fotográfica descartável, cujas imagens se destinavam a acompanhar a notícia. Miren sentou-se ao computador, mais nervosa do que nunca.

— Tem vinte e cinco minutos, senão não conseguimos.

Os dedos de Miren começaram a voar sobre o teclado, de um lado para o outro, e, enquanto o fazia, sentiu-se como se as terminações nervosas das suas falanges estivessem diretamente ligadas à raiva e impotência que experimentava com a história.

Naquele artigo relatou sem complacências a história da perversão e o caminho para as trevas empreendido por James Foster, um gerente de uma loja Blockbuster dos subúrbios. Descrevia também em pormenor como, a partir de sua casa, montara uma espécie de império de produção e distribuição de imagens de conteúdo pedófilo, e juntou as declarações da

mulher, Margaret, em que esta explicava como ele chantageava e pressionava menores com o objetivo de os gravar para os seus clientes espalhados por meio mundo. O artigo foi acompanhado de uma das fotografias tiradas pelo próprio professor Schmoer com a câmara descartável, onde se via uma cama de estrutura ferrugenta e com lençóis desfeitos em frente de um tripé. Enquanto Miren escrevia o artigo a toda a velocidade e as rotativas esperavam para começarem a funcionar, Phil propôs vários títulos, mandou o revisor buscar dois cafés e disse ao paginador que estivesse pronto na sua mesa quando ela terminasse. Após uns minutos tensos em que parecia que não ia conseguir, já que havia prazos que não se podiam ultrapassar se queria estar na rua à primeira hora, Miren limitou-se a pronunciar um simples «Já está», quando o relógio indicava que tinham passado apenas vinte minutos.

Exatamente naquele momento e após uma rápida leitura de Phil Marks, o professor Schmoer começou a aplaudir, e seguiram-se o revisor e o próprio Phil, dando-lhe os parabéns pela sua entrada no *Manhattan Press*.

Na manhã seguinte, quando todos os jornais clamavam por vingança contra um inocente, o *Manhattan Press*, num artigo assinado por uma tal Miren Triggs, demarcava-se, pormenorizando a vida de James Foster, que tinha ardido em chamas ao ser posto em liberdade, e da sua mulher, Margaret S. Foster, que se encontrava já nas instalações da polícia, sem que nenhum meio de comunicação soubesse sequer quem ela era, porque a tinham detido ou porque os filhos iriam ser recebidos pelos Serviços Sociais. Aquele escândalo iria abrir um extenso debate no estado de Nova Iorque sobre até onde a justiça devia chegar nestes casos, sobre a incompetência da instituição que tinha libertado um homem com aquela sala sinistra em sua casa, mas a sensação do público era de que as chamas tinham sido o maior castigo para alguém como James Foster.

Capítulo 38

30 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Talvez haja por aí alguém que não
queira saber que até na mais bela rosa
os espinhos crescem livremente.*

Miren saiu da redação e encaminhou-se para um parque de estacionamento próximo, pelo qual pagava uma mensalidade de quase trezentos dólares. Era um disparate, mas há muito tempo que deixara de usar o metro e aceitara aquela despesa para não partilhar a proximidade de desconhecidos. Pouca gente em Nova Iorque se deslocava em carro próprio, e durante algum tempo conseguiu dar a volta à situação servindo-se de táxis, mas, quando passou a ter de sair do escritório, apercebeu-se de que era insustentável. Sabia que se tratava de uma contradição, porque muitas vezes significava chegar mais tarde aos locais, o que era inconcebível em jornalismo. Mas a sua integração no *Press* não foi como jornalista de acontecimentos, com o mundo a gerar notícias a um ritmo imparável, mas no departamento de investigação, onde tinha de tratar temas que tinham passado despercebidos ou sido ocultados, para os expor e descobrir a verdade. Este tipo de jornalismo era mais lento, mas não isento de *stress*. Miren tinha sempre a sensação de que outro jornal iria roubar-lhe a história antes que ela a publicasse, e, na prática, ao ter de trabalhar várias histórias complexas em simultâneo e visitar arquivos, consultar processos, ir a gabinetes governamentais e procurar registos públicos, era uma montanha

de trabalho que só compensava pelo potencial impacto dos artigos que publicava. Muitas vezes trabalhava em equipa, em grupo de três ou quatro jornalistas e mais colaboradores, quando aquilo que investigava adquiria uma dimensão superior, mas outras vezes começava sozinha a puxar um fio, sem que ninguém do jornal soubesse de nada. Um dia, e sem que ninguém lho tivesse pedido, ou que suspeitasse daquilo em que estava a trabalhar, chegou à redação com um artigo redigido num estilo cortante e emocional sobre uma rapariga de dezasseis anos desaparecida numa misteriosa aldeia do interior chamada Salt Lake e que, na altura, ninguém parecia procurar. Noutro dia, por sua vez, apresentava-se com uma história que parecia implicar alto cargos do Ministério da Justiça que se divertiam a apalpar meninas menores numa discoteca das Caraíbas.

Aos poucos, conseguiu criar uma reputação, e, embora o desaparecimento de Kiera Templeton chegasse a um beco sem saída, no momento em que o principal suspeito ardeu em chamas, ela nunca deixou de a procurar.

Tinha arrendado uma arrecadação nuns armazéns de tijolo vermelho próximo do rio e armazenava ali todos os processos e arquivos que tinha reunido e que já vira tantas vezes que achava que não poderia encontrar nada nelas. Antes de puxar a persiana que dava acesso ao armazém, olhou para os dois lados, tentando certificar-se de que ninguém a via. A rua estava deserta, e as restantes garagens, fechadas. Empurrou com força, e o chiar do metal enferrujado invadiu a calma tranquila que se respirava.

Lá dentro o pó já não pairava, mas sim as histórias e os processos que estavam fechados numa dezena de móveis de arquivo metálicos bem ordenados e encostados às paredes. Nas frentes das gavetas havia números escritos em pequenos cartões que representavam décadas concretas e que abrangiam desde 1960 até ao quarto à direita, apenas com 00. Os restantes móveis tinham nomes escritos nas gavetas, entre os quais: Kiera Templeton, Amanda Maslow, Kate Sparks, Susan Doe, Gina Pebbles e muitos mais. Ali, Miren guardava toda a informação dos casos abertos que pareciam não

ter resposta, na esperança de juntar alguma pista importante para poder esclarecer o que acontecera.

Abriu a gaveta de Kiera, tirou várias pastas e uma caixa e colocou-as em cima de um dos arquivos. Agachou-se para os guardar todos num saco de pano e, talvez devido ao silêncio ou à tensão que sentia quando estava naquela arrecadação cheia de histórias tristes e difíceis, apanhou um grande susto quando o telemóvel começou a tocar no bolso do casaco.

— Mãe? Não imaginas o susto que me pregaste.

— Eu? Não será que estás a fazer algo perigoso?

— Deixa lá. Estou... no escritório. Precisas de alguma coisa? Estou ocupada.

— Hum... não. Só queria saber como estavas.

— Estou bem, mãe.

— Este ano a casa tem estado um pouco vazia sem ti, no Dia de Ação de Graças.

— Eu sei, desculpa ... A sério, tinha de trabalhar.

— E eu fico satisfeita, querida. Trabalhas naquilo de que gostas e para o que estudaste, mas...

Miren fechou os olhos. Sentia-se péssima.

— Eu sei, mãe. Desculpa. Andava há várias semanas a tentar fechar um dos artigos e... complicou-se à última hora. Uma fonte voltou atrás, desdizendo-se, e já não podíamos publicar assim sem nada que o confirmasse. Foi uma corrida contrarrelógio, procurar uma nova testemunha que verificasse a história. Lamento, a sério.

— Festejaste o Dia de Ação de Graças no escritório, não foi?

— Bem, se isso te consola, garanto que não o fiz sozinha. O jornal tem de estar todos os dias do ano de manhã nos quiosques e nas portas de meio país. A redação estava a transbordar de gente como eu. Os chefes pediram peru com ervilhas para todos. Não fiques a pensar que comi uma sanduíche miserável, em frente do computador.

— Isso é o que fazes quase todos os dias — criticou a mãe.

— Sim, mas no Dia de Ação de Graças não.

— Fico feliz por te tratarem bem, filha. Tu mereces.

— É preciso deitar mãos à obra. A Internet significou uma grande mudança, e alguns departamentos estão a reduzir pessoal. Acho que é também o momento de apertar um pouco mais. O que seria do mundo sem o jornalismo?

— Não sei, filha, o que sei é que temos saudades tuas. O teu pai contou a piada, aquela horrível sobre as castanhas-de-caju, ao jantar, e quase lhe ficava uma presa no nariz.

— Outra vez? — disse Miren, a rir-se.

— Já o conheces.

Miren estava tão embrenhada na conversa que não se apercebeu do ruído dos passos por trás dela nem do movimento da sombra que se projetou sobre o seu ombro, quando uma mão forte a agarrou por trás e lhe tapou a boca, fazendo-a deixar cair o telemóvel ao chão com a chamada ligada e com Sra. Triggs a ouvir, estupefacta, o barulho do telefone a cair e os gemidos surdos da filha.

— Miren? O que se passa? Estás aí.

Durante uns momentos, o homem que a agarrava não fez nada, apenas a prendeu com força, em silêncio, tentando medir as reações e a resistência de Miren, cujas pulsações tinham disparado, ativando todos os mecanismos de defesa. Por um segundo, repetiu-se na sua cabeça a sua imagem indefesa, estendida no banco, com aquele vestido cor de laranja rasgado com que correu em pânico até chegar a casa. A respiração acelerou ao ouvir ao longe a mãe, que continuava do outro lado do telefone.

— Vai ser rápido... Tenho... uma coisinha para ti — ameaçou por trás dela uma voz masculina rouca.

— Miren? Quem é esse homem? Miren! — ouviu-se Sra. Triggs gritar.

O atacante começou a apalpar-lhe os bolsos do casaco até que sentiu a carteira e levou a mão ao bolso para lha tirar. Nesse mesmo momento, Miren abriu a boca e mordeu com força, apanhando entre os dentes os dedos indicador e anelar do homem, cujo grito se ouviu também pelo telemóvel, e, quando ele deu por si, estava no chão, com a cabeça apoiada

contra o metal de um dos arquivadores e o cano de uma pistola metido na boca.

— Eu também tenho uma coisa para ti — murmurou Miren, decidida, carregando a arma.

Capítulo 39

27 de novembro de 2010

Doze anos depois do desaparecimento de Kiera

*Somos capazes de desejar a dor,
se for a única coisa que nos dá esperança.*

O agente Miller chegou aos escritórios do FBI com a cassete e, mal chegou, largou a gabardina cinzenta em cima da secretária, onde tinha uma moldura com fotografias da formatura da filha, e dirigiu-se à unidade de investigação forense, a fim de se certificar, como acontecera com as anteriores, de que não havia impressões digitais além das que se esperavam de Grace, Aaron ou da pessoa que as tivesse encontrado. No primeiro ano, as impressões digitais serviram para dar um passo em falso e importunar um miúdo que a única coisa que conseguiu foi fazer esborratar uma folha com um retrato em que apenas ficou claro que se tratava de uma mulher branca com o cabelo encaracolado. Aquele retrato-robô estava pregado na parede do seu compartimento, de um lado do monitor, e dele só se via uma parte da cara porque estava tapado por uma pilha de pastas de cartão cheias de folhas.

As duas cassetes seguintes, chegadas depois de 2003, tinham sido contaminadas tantas vezes que as impressões digitais encontradas nelas não serviam para nada, por terem passado de mão em mão, aleatoriamente, até chegarem por fim à polícia e à família.

À primeira vista, essa quarta cassete era igual às outras: uma *TDK* de 120 minutos, sem capa, metida num envelope acolchoado cor de cartão que

podia comprar-se em qualquer esquina do país. Não trazia selos, não tinha marcas, nem riscos, apenas o número 4 desenhado. O envelope parecia intacto, e talvez o facto de ter sido encontrado na caixa do correio da antiga casa dos Templetons significasse que essa única fonte de provas que tinham não fora contaminada.

— John, se não te importas, podes dar uma vista de olhos nisto? — disse Miller ao agente responsável pela unidade científica.

— Uma nova cassette da Kiera? Passou por muitas mãos?

— Em teoria, só pelas dos Templetons e, talvez, pelas do inquilino que vive na antiga casa deles. Se encontrares alguma coisa, diz-me.

— Tens pressa? — perguntou, preocupado.

— Tenho quase cinquenta e cinco anos. Claro que tenho pressa.

— Está bem. Digo-te qualquer coisa daqui a umas horas.

— Mas antes, por favor, digitaliza-a e envia-me o arquivo. E, por amor de Deus, que não saia daqui.

— Está bem — concordou John. — Há algo de surpreendente nela? Alguma mudança nos móveis ou noutra coisa? A terceira foi a do vestido cor de laranja, não foi?

— Neste, simplesmente... ela não aparece.

John Taylor susteve a respiração por um segundo e depois continuou, decidido:

— Está bem. Vou já tratar disto.

— Obrigado, John. Estou na minha secretária. Avisa-me do que for.

— Combinado.

O agente Miller voltou para a sua secretária com pouca esperança e, depois de ligar o computador e introduzir a palavra-passe, acedeu à Intranet para rever as três cassetes anteriores e analisar a documentação pela enésima vez. Na pasta com o rótulo «Kiera Templeton» tinha organizado todos os arquivos que havia do caso, após uma tentativa recente do FBI de digitalizar o conteúdo e reduzir as enormes quantidades de papel que se acumulavam com cada relatório. Formulários, fichas, expedientes, fotografias, negativos, provas físicas. Cada desaparecimento que cobria

exigia mais espaço, acumulando pó e aumentando o risco de não se encontrar algo quando fosse preciso. Acedeu à pasta com o rótulo «Vídeos». Os originais estavam depositados numa sala guardada da cave, dentro de uma caixa de cartão onde só ia para deixar o novo original. A família recebia uma cópia de cada uma em VHS, com o objetivo simbólico de permanecerem o mais próximo possível de como viram a filha. Dentro dessa pasta encontrou uma extensa lista de arquivos correspondentes a câmaras de segurança da zona em que a menina desapareceu, ao lado de outros tantos de anos posteriores, fruto das tentativas de descobrir quem deixava as cassetes nos diferentes locais.

Sempre que aparecia uma nova cassete, executava o mesmo protocolo: visualizava um a um, e por ordem, os vídeos anteriores correspondentes às cassetes de Kiera, gravadas no mesmo quarto triste, para sentir essa impotência que o fazia avançar e não desistir. Abriu o primeiro, o que tinha visto mais vezes e que iniciou tudo, e, após um minuto eterno em que não paravam de se suceder perguntas, levou as mãos à cara.

Aquela era a cassete em que Kiera brincava com uma boneca numa casa de madeira, depois se levantava e a deixava em cima da cama. A seguir, colava a orelha à porta e depois ia olhar pela janela. Mais tarde virava-se, olhava para a câmara, e o vídeo terminava.

Na segunda cassete que os Templetons tinham recebido, deixada no escritório de Aaron, num dia de agosto de 2007, Kiera já tinha doze anos e apresentava uma silhueta esbelta de pernas magras. O agente Miller fez uma tentativa para continuar a ver as imagens. Nesta cassete, Kiera, com ar sério, mantinha-se, durante toda a gravação, a escrever à mão numa espécie de bloco. Em nenhum momento olhou diretamente para a câmara. A qualidade da imagem era idêntica em ambas, e outros especialistas do FBI deduziram que se tratava sempre do mesmo equipamento de gravação, apoiado de maneira fixa e cuja imagem era emitida em direto num ecrã próximo com ligação a um gravador de vídeo, da marca *Sanyo*, a julgar pelo padrão magnético que a cabeça deixava na fita.

A terceira cassete, encontrada num parque em fevereiro de 2009, foi a pior para a família Templeton e era a que viam com mais sofrimento. Nela observava-se Kiera, com uns catorze anos, no quarto, com a porta fechada, sentada à secretária, a escrever algo à mão nuns cadernos pretos, enquanto chorava e suspirava. Durante uns momentos levantava-se e parecia vociferar em direção à porta, mas estava de costas, e não era possível descobrir o que gritava. Os especialistas em prosódia deduziram que se tratava de uma só frase de quatro palavras, depois de analisarem o movimento do maxilar que se percebia no vídeo pelos impulsos do osso por baixo da orelha. Aquilo deu a entender que Kiera não estava sozinha e que quem a tinha presa estava por perto naqueles momentos e que ela o sabia, mas serviu para pouco mais. Em cima da mesa viam-se quatro cadernos idênticos àquele em que estava a escrever e que pareciam ser diários pessoais para os quais tanto Grace como Aaron olhavam com orgulho, fantasiando acerca do que a sua filha teria escrito neles.

Certa vez, Grace Templeton passou a noite a ver repetidamente aquele vídeo, a chorar com a filha, a acompanhá-la na sua tristeza e a murmurar para o ecrã que não se preocupasse, que um dia estaria com ela e que a consolaria sempre, que o seu ombro estaria ali para chorar, embora ela não soubesse, nem sequer se lembrasse da sua existência. Notava-se também uma Kiera diferente. Deixara de usar o rabo de cavalo que usava nos outros vídeos, soltando o cabelo, que lhe dava por baixo de uns seios já desenvolvidos, como dois montes que talvez ninguém pudesse escalar.

Aquele amor que sentiam por ela ao vê-la crescer tanto, de vídeo para vídeo, foi aumentando sempre em todas as direções e em todas as áreas, porque já não partilhavam apenas as recordações dos seus três primeiros anos de vida mas também a acompanhavam quando chorava, se alegravam se em algum deles risse, sentiam-na evoluir e amadurecer como se fosse uma alma livre, embora estivesse fechada, como um belo pássaro numa gaiola decorada.

O agente especial Spencer, que fora anteriormente seu colega na secretária da frente, espreitou do gabinete no fim do departamento e

avançou ao encontro de Ben.

— A miúda outra vez? Um novo vídeo?

— Pois é.

— Agora estamos com a outra miúda, Ben, a do cais catorze. Não podemos investir mais recursos neste. Já sabes. A procura dela consumiu um orçamento equivalente ao de trinta desaparecidos. Não.

— Dá-me nem que seja um dia. Só para o procedimento habitual: impressões digitais, ADN e revisão das câmaras da zona. Desta vez parece... diferente de tudo.

— Não podemos, Ben. Estamos prestes a encontrar a miúda do cais, e preciso de ti. O namorado já confessou. Agora faltam-nos olhos para reconstituir onde poderá tê-la atirado. Quero que vás lá e participes nas últimas pontas soltas. Há uma equipa de mergulhadores preparados para procurar nas zonas que indicarmos. Está feito, mas temos de nos concentrar.

— Prometi à família Templeton que ia rever isto.

— Não posso bloquear um dos meus agentes para continuar a dar tiros para o ar, Ben.

— Nunca fui um dos teus agentes, Spencer. Sempre fomos simples colegas de secretária.

— Agora és um dos meus agentes. Por mais que te incomode. Por mais que aches que não mereço a minha promoção: em cento e vinte, foram cento e catorze casos resolvidos. Tu insistes em perder tempo com os que não deixam nada, e... toda a gente merece ser encontrada. Não só a Kiera Templeton.

— És um cretino.

— Não me obrigues a abrir um processo, Ben. Não vás por aí.

— Abre-o, se quiseses. Foste sempre um sacana, e isso apenas irá confirmá-lo.

O agente especial Spencer mudou de expressão, sentindo pena, e disse em tom formal e alto, para que todo o departamento ouvisse:

— Agente Miller, fica suspenso das suas funções durante um mês, período em que não terá acesso às instalações, aos recursos ou ao material

objeto de investigações em curso. Os seus processos passarão automaticamente para o agente Wacks.

Ben concordou com um aceno de cabeça, olhando, incrédulo, para os outros colegas, que baixaram os olhos. Parecia-lhe uma injustiça que uma pessoa como Spencer tivesse chegado ali por evitar problemas e não por os enfrentar, como ele. Levantou-se, agarrou na sua gabardina cinzenta e encarou-o uma última vez:

— Sabes o que te distingue de mim? É que tu estiveste sempre centrado nas tuas malditas taxas de sucesso, enquanto eu me preocupei ao máximo com cada uma das vidas que desapareciam como se nunca tivessem existido.

— Então não deixes que a tua carreira desapareça também aqui — declarou.

Ben virou-se e deixou Spencer ali espedado, sem saber o que iria passar-se com o seu futuro como agente.

Um momento depois, um arquivo intitulado Kiera_4.mp4 apareceu numa pasta da Intranet do agente Miller, em que guardava todo o conteúdo da investigação de Kiera, mas ele já ia na rua, a pensar que diabo haveria de fazer.

Ligou para Miren Triggs, a jornalista do *Press* que sempre fora uma mosca incómoda para ele, mas ela não atendeu. A seguir, decidiu ligar para o *Manhattan Press* e perguntar por ela, mas uma rapariga amável, com voz doce, disse-lhe que naquele dia ela não tinha ido à redação.

«Onde estás, maldita?», disse, depois de desligar o telefone.

Capítulo 40

Miren Triggs
1998

*Todos temos sombras dentro de nós,
de muitas formas e tamanhos,
e, quando chega o momento, algumas
crescem até cobrirem todo o resto.*

Por mais duro que pareça, ao ver em 1998, na televisão, James Foster em chamadas, sentada no seu sofá, a conversar com a mulher dele e quase sentindo os seus filhos dormir no andar de cima, não senti pena. Era... como se, por uma vez na vida, visse a justiça ser feita sobre os malvados. Por fim.

Não me lembro se soprei ou se me escapou um sorriso ao ver aquela imagem, mas juro que era assim que me sentia por dentro. Após aquele primeiro impacto da imagem e da leitura do título que percorria o ecrã (última hora: J. F. queimado vivo depois de ser posto em liberdade sem medidas de coação) no canal de notícias de vinte e quatro horas, o professor disse a Margaret que lamentava o que sucedera ao seu marido, e saí dali sem dizer nada para evitar ser hipócrita.

Sentia-me muito bem e não queria estragar a sensação. Ainda menos depois de o professor me dizer que tinha um pé dentro do *Press*, se conseguisse passar num teste e escrever um artigo sobre James, naquela mesma noite. Estava nervosa e eufórica. Era uma mistura doce de sentimentos. Apesar de não ter encontrado Kiera, essa sensação de justiça

dava-me prazer e, embora essa via para a encontrar parecesse esgotada, não ia render-me com facilidade. Chegámos à redação depois de esperarmos pela polícia e de lhe contar o que Jim já tinha avançado ao segurança. E ali, naquela redação, aconteceu magia. Restavam apenas os jornalistas, e o diretor recebeu-nos com um forte e sincero aperto de mão. Escrevi a contrarrelógio o artigo que os meus pais emolduraram com orgulho na sala lá de casa e, enquanto o fazia, lembro-me de que a única coisa que me preocupava era não conceder um resquício de dúvida sobre quem era, realmente, James Foster. Quando terminei e todos aplaudiram, surgiu aquele momento de conexão, a faísca que transforma o nervosismo em felicidade, e foi a primeira vez, as primeiras horas em que consegui apagar da minha cabeça o que me tinha acontecido naquela noite, naquele parque que já não me atrevia a atravessar.

Sáímos da redação pelas três da manhã, com o pedido de Phil Marks, o diretor, para estar no dia seguinte às quatro da tarde na reunião editorial. Começaria com um contrato para as tardes, depois das aulas, até terminar o curso. Eu e Jim entrámos no elevador, sérios, sem dizer palavra, quase evitando os olhares. Chamámos um táxi que circulava na direção contrária àquela em que eu ia, e, quando entrámos, juntos, ele deu a minha morada sem pensar.

— Parabéns — disse. — Estás dentro.

— Sim... — respondi.

Estava prestes a explodir, nervosa, consciente de que era um erro que devia cometer, inevitável e simultaneamente catastrófico. Ele olhava em frente, em silêncio, e vi que o seu sapato castanho pousado no tapete dava saltos.

— Eu...

E então inclinei-me sobre ele e beijei-o, interrompendo o que quer que ele fosse dizer.

Após um segundo a sentir os seus lábios, notei que se separavam, como dois amantes a despedirem-se num aeroporto. Estava a afastar-me, mas para poder olhar para mim. Os seus olhos cravaram-se nos meus, na penumbra

do táxi, com as luzes de Manhattan a escoarem-se pela janela e a iluminar intermitentemente os seus lábios e a barba de três dias. Aproximei-me de novo e voltei a beijá-lo. Durante o momento em que permaneceu imóvel, parecia estar a gostar, mas depois afastou-me outra vez, e pensei que eu tinha cometido um erro e que aquilo ia terminar.

— Isto não está certo, Miren — murmurou no tom mais suave que alguma vez lhe tinha ouvido.

— Quero lá saber — respondi com uma voz mais decidida do que nunca.

Beijámo-nos durante todo o caminho. Também na escada do meu prédio. Também enquanto eu me debatia com a porta. Também enquanto despíamos a roupa. Fizemo-lo também, enquanto os óculos dele voavam da sua cara para o chão e se partia uma lente e, também, irremediavelmente, enquanto os nossos corpos nus se fundiam na cama do meu minúsculo estúdio.

Uma hora depois, estávamos ambos cheios de remorsos pelo que se tinha passado, mas convencidos de que era inevitável. Ele vestiu-se em silêncio na penumbra, e eu fui a primeira a falar.

— Não vai repetir-se, Jim — disse, em voz baixa.

— Porquê? Eu gosto de estar contigo, Miren. És... diferente.

— Porque não podes perder também o único trabalho que te resta — respondi.

— Ninguém tem de saber.

— Dás aulas de Jornalismo de Investigação. Tens uma turma inteira cheia de gente pronta a procurar verdades.

Jim riu-se.

— Então despedimo-nos aqui, como se nada tivesse acontecido?

— Acho que é o melhor.

De costas, ele concordou com um aceno de cabeça. Baixou-se, ainda sem camisa, à procura dos óculos, e guardou-os no bolso.

— Vai correr bem, Miren. Tens algo diferente. Nunca vi ninguém igual.

— A única coisa que me distingue dos outros é ser teimosa.

— E isso é o principal num jornalista.

— Eu sei. Aprendi contigo.

Acabou de se vestir, e eu fiquei na cama. Despediu-se com um beijo nos lábios e, durante os anos seguintes, recordei sempre o arranhar daquela barba que me tinha feito sair do meu buraco.

Na manhã seguinte, a capa do *Press*, com a história de James Foster, invadiria o país, e o meu nome, pela primeira mas não última vez, seria associado para sempre ao caso de Kiera Templeton, por ter revelado a verdadeira história por trás do suspeito oficial que aparecera no caso do desaparecimento da menina.

Liguei à minha família de manhã e dei-lhe as boas notícias. Os meus pais não tardaram a sair para comprar vários exemplares, que distribuíram por toda a Charlotte, vaidosos por a sua filha ser famosa.

A minha mãe perguntou-me se iria visitá-los naquele fim de semana, como tinha prometido, mas a minha entrada para o jornal cancelou imediatamente todos os planos. Mais tarde, com o tempo, iria arrepender-me de propor aqueles encontros improvisados, especialmente com o que descobri muito depois, mas na altura eu era uma miúda e, que diabo, acabava de conseguir um lugar no *Press*.

Ia tirar a manhã de folga, mas na minha mente tinha-se enraizado uma semente de esperança sob a forma da chama ardente e, quando dei por mim, estava às dez da manhã a entrar na porta de um armeiro que, de fora, mais parecia uma casa de penhores.

— Que modelo quer? Se é para defender o seu lar, recomendo-lhe uma destas — indicou-me um senhor de idade com ar de ser um orgulhoso membro da Associação Nacional de Armas de Fogo. Tirou de baixo do balcão uma caçadeira de cano curto que parecia pesar cem quilos.

— Não... eu... só quero uma pistola. É para me defender.

— Tem a certeza? Se entrarem em sua casa, deve saber que os maus usam estas.

— Estou segura, a sério. Uma pistola basta.

Aquela loja tinha as paredes e as vitrinas repletas de armas, expostas como se fossem ténis.

Caçadeiras, pistolas, revólveres e armas de assalto. Era impensável observar aquilo e não sentir verdadeiro pânico.

— Se gastar mais de mil dólares, oferecemos-lhe uma caixa de balas de vinte e cinco.

— Eh... sim. Está bem. Uma pistola e uma caixa de balas.

O tipo riu-se numa espécie de troça e apontou para a vitrina, onde havia uma variedade de modelos e calibres digna de pôr a cabeça à roda. A seguir disse-me que tinha de preencher um formulário e esperar pela verificação dos meus antecedentes. Perguntou-me depois pela minha licença, e fiquei perplexa.

— Licença?

— Aqui, em Nova Iorque é preciso, filha.

— Não tenho. Sou da Carolina do Norte. Lá... bem, lá costuma ser mais fácil.

— Então devias comprá-la lá...

— A sério que não pode fazer vista grossa? Quero-a para me proteger em casa. Vivo no Harlem, e aquilo agora está virado do avesso. No meu prédio já entraram seis vezes — menti.

— Negros, não é?

Confirmei. Como era fácil manipular alguém assim.

— Acham-se a merda dos donos da cidade e estragaram tudo. Vendo-ta por seiscentos, se me prometeres que disparas se entrarem em tua casa. Antes eles que tu, filha.

— Claro — disse. Na verdade, só a ideia de a utilizar em qualquer ocasião me causava pânico.

Meteu-a num saco e fez-me prometer que não andaria com ela na rua. Ao sair da loja e caminhar com ela dentro da mochila, senti-me estranha. Decididamente, não era a mesma coisa que fazê-lo com o *spray* de gás-pimenta, que trazia sempre e que dava quase a mesma segurança que um chapéu de chuva. A arma, por sua vez, transmitia-me uma sensação diferente, embora, segundo a estatística, usá-la aumentasse a probabilidade de se acabar morto. Não eram poucas as discussões, assaltos e zaragatas que

acabavam com a arma nas mãos erradas e com um disparo sonoro que punha fim à vida de alguém que talvez devesse ter deixado que lhe roubassem a mala ou a carteira. Mas eu precisava daquela segurança, embora não a tirasse de casa. Precisava dela. Não procurava vingança, não o fazia por isso, mas porque precisava de reviver a sensação de justiça que tinha sentido ao ver James Foster em chamas. Às vezes, os maus têm de pagar, não é verdade?

Quando cheguei a casa, guardei a pistola debaixo da almofada e verifiquei que o CD que o professor Schmoer me tinha trazido continuava em cima da mesa.

Tinha tempo até às quatro da tarde, hora a que devia estar na redação, e inseri-o no computador, pensando que seria mais do mesmo, para lhe dar uma vista de olhos antes de chegar ao que representaria, oficialmente, o meu primeiro dia de trabalho.

Tratava-se de um arquivo com as gravações de mais de cem câmaras de segurança, a juntar às que já me tinha enviado por correio eletrónico. Num dos ficheiros encontrava-se outra centena de documentos com transcrições de entrevistas com os diferentes vizinhos do edifício onde aparecera o monte de roupa de Kiera e o cabelo cortado. Segundo deduzi, era uma cópia completa da investigação policial que, não sei como, Jim conseguira, mas parecia ser tudo o que os investigadores tinham naquele momento.

Li as transcrições das entrevistas que a polícia realizara, e nenhuma das mais de cinquenta pessoas que residiam naquele quarteirão tinha visto alguma coisa. Nesse dia e àquela hora estava toda a gente no exterior, entusiasmada com os grandes balões, a tentar ver os espetáculos de rua ou fora de casa a fazer compras de última hora para o jantar daquela noite. Os que não tinham saído e se encontravam em casa não ouviram nada estranho no patamar do 225. Incluíam-se também as declarações registadas em formulários digitalizados pelos agentes de todos os que tinham um negócio ou uma barraca de comida nas imediações de Herald Square. Na Rua 35 oeste havia uns cinquenta e sete estabelecimentos de diferentes géneros, mas nesse dia só estavam abertos dois supermercados, uma pequena loja de

vários artigos e presentes, seis lojas de *take-away*, entre os quais a de *kebabs*, uma de venda de pizzas em pedaços por um dólar e quatro carrinhas de cachorros-quentes, nas diversas imediações do cruzamento-chave. Olhei para tudo aquilo e achei novamente que era um caso impossível de resolver, voltando a sentir-me descoroçada perante tanta informação que parecia não levar a lado nenhum.

Quando me apercebi, eram três da tarde, e fui para a redação em que, na noite anterior, tudo mudara para sempre. Ao chegar, olhei, nervosa, para o nome do jornal na fachada e na receção perguntei pela minha acreditação para aceder ao edifício.

— Miren Triggs — disse com orgulho à rececionista, quando me perguntou o nome e a que andar me dirigia.

Enquanto ela verificava se estava tudo em ordem, uma voz rouca masculina soou atrás de mim:

— Por favor, menina, tem de me ajudar a encontrar a minha filha.

Uma coisa era uma voz embargada, mas a dele soava como se estivesse partida em mil pedaços impossíveis de reconstruir. Voltei-me, surpreendida, e foi a primeira vez que vi Aaron Templeton, em pessoa, com um exemplar do jornal daquele dia, o da minha capa, completamente desolado e com o rosto lavado em lágrimas.

Capítulo 41

12 de setembro de 2000

Local desconhecido

*Será que os ladrões não
receiam que alguém os roube?*

— Mila! — gritou outra vez Will, enquanto saía de casa e olhava em todas as direções. — Mila!

Era quase meio-dia, e um sol radiante banhava as casas do bairro com a sua luz branca. Uma suave brisa outonal acariciava as folhas dos arbustos com o seu sopro gélido.

— Tudo bem, Will?

Um relâmpago percorreu-lhe o corpo ao aperceber-se de que, provavelmente, o seu vizinho, um tipo reformado do Kansas, que vivia sozinho na casa ao lado, tinha visto Kiera e descoberto a sua história.

— Quem é a Mila? — perguntou do alto do seu alpendre com uma expressão de estranheza. Vestia um macacão e por baixo um polo branco, além de um boné vermelho com o *slogan* da campanha de George Bush, e por baixo dele havia um rosto confuso.

— Eh... sim. É... é a gata da família.

— Têm gato? Nunca o vi por aqui.

— Sim... É uma velha gata malhada, cinzenta. Tem estado toda a vida connosco, mas nunca sai de casa. Não a encontramos. Deve ter fugido.

— Não a vi por aqui, mas se a vir digo-te alguma coisa, está bem, vizinho?

Will concordou e olhou-o durante uns momentos enquanto duvidava da sua expressão jovial e séria. Iris e Will separaram-se para abrangerem mais terrenos e procurar nas duas direções da rua. Se alguém a encontrasse, seria o fim para os dois.

Iris corria, nervosa, olhava atrás de cada árvore, de cada contentor, arbusto e para lá de cada esquina do bairro. Will fazia o mesmo, irritado e assustado, sem deixar de pensar que aquela distração de uns segundos poderia condená-los a prisão perpétua.

Enquanto eles corriam, a pequena Kiera observava, atenta, no jardim das traseiras da casa, uma borboleta que pousara numa flor-de-laranjeira. Era a primeira vez, em muito tempo, não sabia quanto, que saíra de casa, e o brilho do sol fê-la olhar à sua volta com os olhos semicerrados. O azul do céu apresentava um tom diferente daquele que conseguia ver da janela do quarto. Até o jardim das traseiras, que se acostumara a ver através de um vidro, parecia tão diferente e com uma cor tão viva que lhe pareceu irreal.

Começou a sentir-se tonta. A seguir, um estranho formigueiro no corpo. Sentou-se na relva, a pensar que talvez assim lhe passasse, e coçou os braços como se aquela sensação fosse produto de algo exterior. Teve de fechar os olhos, porque as pálpebras lhe pesavam mais do que nunca, e, no momento exato em que Iris chegou, quase sem fôlego, Kiera começou a ter convulsões idênticas às que, de vez em quando, a sua mãe tinha.

— Mila? O que é que tens?

Iris sacudiu-a com força, horrorizada ao ver a sua menina assim, tentando, em vão, tirá-la daquele transe que parecia eterno e incontrollável.

— Mila! — gritou mais uma vez, desesperada. — Acorda!

Ao ouvir os gritos da mulher, Will começou a correr para casa e contornou-a pelo corredor lateral que ligava ao jardim das traseiras, guiado pelo som do pranto da esposa. Quando lá chegou, levou as mãos à cabeça ao ver Mila caída no chão, com a cabeça de lado, os punhos cerrados e o corpo rígido, a tremer violentamente.

— O que se passa, Iris? O fizeste à menina?

— O que é que estás a insinuar?

— Faz alguma coisa. Ela está a tremer — disse ele, como se Iris soubesse a solução.

— Isto não é tremer, Will. Isto é pior, por amor de Deus. Temos de a levar ao médico.

— Estás louca. Prefiro que morra.

Iris lançou ao marido um olhar cheio de raiva.

— Como te atreves a dizer uma coisa dessas? Ajuda-me a metê-la em casa. Sozinha não consigo.

Will levantou Kiera como pôde. O corpo dela parecia uma tábua, com as pernas esticadas e petrificadas pela tensão. Os seus braços faziam movimentos ritmados com tal força que, por duas vezes, Will quase a deixou cair antes de conseguir levá-la para casa. Uma vez lá dentro, deixou-a em cima da colcha cor de laranja do seu quarto enquanto durou o ataque e Iris se lamentava, convencida de que a sua menina ia morrer. Will não parou de andar às voltas pelo quarto, sem deixar de pensar que diabo devia fazer.

Uns minutos depois, o corpo pequeno e magro de Kiera parou de tremer, e Iris chorou mais uma vez, agora de alegria, e abraçou-a. Ajoelhou-se ao lado da cama e agradeceu a Deus por lhe ter salvado a sua menina. Durante um momento ficou a acariciar-lhe o cabelo, sentia-se esgotada e colocou um a um os cabelos da franja que se tinha atrevido a pousar-lhe na testa. Quando, por fim, Kiera abriu os olhos, Iris olhava-a de perto, a escassos centímetros da sua cara, com um sorriso tão sincero e húmido de lágrimas que se sentiu de novo em casa.

— Porque é que estás a chorar, mamã? — murmurou Kiera, com dificuldade.

— Nada... querida... é só porque... — A sua mente viajou de um lado para o outro, na tentativa de procurar uma explicação que convencesse a filha, mas que não a preocupasse —... pensava que te tinha acontecido alguma coisa de mal.

— Dói-me muito a cabeça.

Iris olhou para o marido, que, com um rosto sério, observava a situação, confirmando que tê-la ali era um erro que já não podiam reparar.

— Não podes sair de casa, Mila. Já viste o que acontece. Ficas muito doente — disse Will, tentando puxar o incidente para o seu campo.

— Doente?

— Sim, querida — murmurou Iris com delicadeza. — Achava que... que te tinha perdido.

— Não me tinha perdido... Estava a brincar perto da janela...

— Eu sei... Só que... não podes sair. É para teu bem. Não queremos que te aconteça nada de mal.

— Porquê? — perguntou Kiera, como um evidente cansaço na voz.

— A contaminação, as ondas eletromagnéticas e os aparelhos eletrónicos. Tudo isso é muito mau e... quando saís de casa, ficas doente — respondeu Iris, recordando um documentário estranho que tinha visto sobre a hipersensibilidade eletromagnética num canal pseudocientífico e em que tinha chegado a acreditar.

Segundo aquele documentário, as pessoas afetadas por hipersensibilidade eletromagnética apresentavam sintomas de todo o tipo, e cada um mais difícil de verificar do que o anterior: enjoos, prurido, mal-estar, taquicardia, dificuldade em respirar e até fortes náuseas e tosse convulsiva quando se encontravam próximo de uma fonte de ondas eletromagnéticas. O documentário mostrava a vida enclausurada de uma mulher de cinquenta anos em São Francisco, sem sair de casa e quase sem ver a luz, porque quando o fazia as ondas dos sinais de telemóvel, cada vez mais presentes na rua, causavam-lhe prurido e um mal-estar que a faziam perder os sentidos. A mulher dizia que, quando via alguém a falar ao telemóvel na rua tinha de mudar de passeio para evitar o impacto abrasador dos seus raios de morte. Aparecia também um rapaz de vinte anos, fã de informática, que tinha forrado a casa de alumínio para evitar o sofrimento que as misteriosas e onnipresentes ondas lhe causavam. O documentário acabava com um dos repórteres a ligar e a desligar o seu terminal móvel que trazia no bolso, enquanto entrevistava o rapaz em sua casa, sem que este manifestasse qualquer enjoo ou prurido, mas essa parte Iris não viu, porque tinha começado a discutir com Will, que acabava de chegar a casa.

— As ondas? O que é isso? — perguntou a menina, que era muito mais esperta e curiosa do que eles poderiam controlar.

— São... coisas dos aparelhos elétricos. As antenas dos telemóveis emitem-nas, por isso, não temos telemóveis em casa. A antena da televisão também tem ondas más.

— A televisão? Ondas más? — murmurou em voz fraca lá da cama.

Antes de ter tempo de responder àquela pergunta, soaram duas pancadas fortes na porta de entrada. Iris e Will olharam-se rapidamente. Ele fez um gesto para a menina ficar em silêncio. Queria simular que não estava ninguém em casa e fazer orelhas moucas àquele chamamento, mas em breve uma voz que reconheceram imediatamente infiltrou-se vinda do outro lado da porta:

— Will! Sou o Andy, o vizinho. Está tudo bem?

Capítulo 42

30 de novembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*Nem todos os segredos
devem vir a lume.*

O tipo que tentou atacar Miren não sabia que tinha escolhido a vítima errada. Minutos antes, quando passara ao seu lado e avançara pelas ruas que levavam às arrecadações, pensou que ela era uma presa fácil: uma jovem, magra, atraente e bem vestida. Podia trazer dinheiro consigo e resolver-lhe as próximas duas ou três semanas, mas o mais importante era ser bonita, e ele, um zé-ninguém que se julgava um conquistador, pensou que já passara tempo suficiente sem ir para a cama com uma mulher. Puxou a navalha e caminhou sorrateiramente atrás de Miren, olhando para um lado e para o outro, para se certificar de que não havia mais ninguém na zona. Apesar de ser plena luz do dia, se conseguisse enfiá-la numa das arrecadações, estava feito. Podia entreter-se e divertir-se um bocado.

Observou-a de longe e, quando viu, por fim, que ela levantava uma das persianas, sorriu, deixando ver uma dentadura amarelada cheia de cáries. Em Nova Iorque, com mais de oito milhões de habitantes, estima-se que há mais de duas mil violações por ano, umas seis por dia ou, no fundo, uma de quatro em quatro horas. Aquela pretendia cumprir o seu período horário, se a vítima não fosse Miren Triggs.

Desde aquilo que sofrera em 1997, Miren tinha mudado. Durante algum tempo tivera medo de sair à rua, de ir divertir-se, de atravessar o parque

onde aquilo tinha acontecido, mas, depois de entrar para o *Manhattan Press* e de participar na sua primeira investigação, descobrira que o medo se combate indo em frente, saindo do poço e lutando para mudar as coisas. O seu artigo, em que revelava a verdade sobre James Foster, queimado vivo no centro de Nova Iorque, significava a confirmação de que os bons ganhavam e de que o medo e as trevas não venciam. A partir daí, comprou uma arma para ter em casa, inscreveu-se em aulas de defesa pessoal e prometeu a si própria que nunca mais provaria uma gota de álcool, enquanto a lista de agressores sexuais da cidade indicasse uma só pessoa em liberdade.

Quando o agressor a agarrou pelas costas, Miren já imaginara durante dois segundos o que fazer. Uma mordidela, um puxão do braço, uma chave rápida e estaria no chão. Foi isso que visualizou mentalmente e foi exatamente o que se passou. Miren puxou a arma e enfiou-lha na boca.

— Também tenho um presente para ti — murmurou Miren, decidida, carregando a arma.

Estendeu a mão para o telemóvel e dirigiu-se à mãe, enquanto o homem a olhava com cara de pânico e sabor a metal.

— Mãe? Importas-te que te ligue depois? Estou...

— Filha? Não estás a comprar-me nada para o Natal? Já sabes que não gosto de presentes.

— Estou a pagar na caixa de uma grande loja. Ligo-te mais tarde. — A voz de Miren, parecia até mais doce e, antes que a mãe conseguisse responder, desligou a chamada e soltou um suspiro em direção ao seu agressor, dirigindo-lhe um sorriso neutro.

Uma hora depois, uma ambulância atendia uma emergência depois de uma chamada anónima feita de uma cabina telefónica. Ao chegarem ao local que a voz feminina tinha indicado, encontraram um tipo manietado com uma tira e preso a uma grade entre dois contentores do porto, com uma ferida feia entre as pernas. Quando lhe perguntaram o que se passara, não soube explicar o que tinha acontecido, e mais tarde no seu relatório a polícia alegaria que se tratava de um ajuste de contas por negociatas de

drogas. Miren ameaçara-o de que o encontraria porque tinha a certeza de que o seu nome já aparecia no registo dos agressores sexuais da cidade, a que ele só respondeu com um silêncio mais longo do que a conta.

Miren conduziu de regresso ao centro, até ao seu apartamento, o mesmo estúdio de sempre no Harlem, com duas caixas de informação sobre o caso, que passou a noite a rever, uma vez mais, em pijama e, de novo, sem se levantar da secretária. De vez em quando bebia um golo de *Coca-Cola* da lata e dava uma mordidela numa maçã, para compensar. Tinha comprado um *iBook G3* quando saíra, pondo de lado completamente o gigantesco *iMac* de monitor verde-azulado que a havia acompanhado nos anos anteriores. De um lado, como se fosse o último reduto tecnológico daquele apartamento, salvaguardando os imparáveis avanços representados pelo seu pequeno computador novo, um minúsculo transístor de rádio, com a antena esticada e apontada para a janela.

Quando chegou a um ponto em que se sentiu bloqueada perante uma verdadeira enxurrada de números correspondentes às ruas, câmaras de vigilância, entrevistas e códigos postais, Miren viu as horas e ligou o transístor.

Acendeu-se imediatamente de um lado uma pequena luz piloto do transístor, e a voz de Jim Schmoer, seu antigo professor, invadiu o quarto.

«... a viva voz da esperança. Senão, vou contar-vos casos marcantes bem como desconcertantes como o que hoje vamos tratar e que é uma dor de cabeça para a polícia de meio mundo. O menino pintor de Málaga, em Espanha, é um bom exemplo do que refiro. Há uns quinze anos, em 1987, desapareceu em Espanha um menino com uns dotes para a pintura que o fizeram ganhar a alcunha que ouviram — o menino pintor. Num dia de abril, saiu de casa, a caminho de uma galeria, e... desapareceu do mundo como se nunca tivesse existido. Ou o caso de Sarah Wilson, que com apenas oito anos desceu do autocarro, à porta da sua casa, no Texas, e nunca chegou a entrar pela porta. Os dois casos foram seguidos em todo o mundo devido à estranheza dos desaparecimentos. Ou o caso da pequena francesa

Marion Wagon, de dez anos, desaparecida em 1996 ao sair da escola. Nenhuma criatura desaparece da face da Terra sem mais nem menos. Ou infelizmente estão mortas ou alguém não quer que sejam encontradas. Mas o caso de Kiera Templeton é diferente. Quem sabe onde está quer que a encontrem ou talvez pretenda brincar ou quer que se saiba que a menina se encontra bem e que se ponha fim às buscas. Nunca se sabe ou não se consegue saber o que se esconde por trás da mente de quem a tem, mas o segredo de cada jornalista de investigação não está em encontrar o que se procura, mas em nunca desistir de o fazer.»

Miren concordou com um aceno de cabeça e sorriu. Gostava de saber que, de certo modo, o professor Schmoer continuava ao seu lado, a orientar o seu caminho. Baixou o som e continuou a abrir as pastas com fotografias e declarações. Acedeu à pasta do seu computador onde tinha descarregado o conteúdo do CD que cinco anos antes o professor lhe tinha levado e voltou a rever as imagens das câmaras de segurança. Esperava ter um momento de lucidez, uma centelha de criatividade que a fizesse unir os pontos daquele quebra-cabeças impossível, mas repetiu mentalmente as palavras do professor: «Nunca desistir de procurar.»

— O que achas que faça, Jim? — disse, e bebeu mais um golo de *Coca-Cola* e deu outra dentada na maçã.

Capítulo 43

12 de setembro de 2000

Local desconhecido

*A maldade pode cheirar aos que
estão impregnados dela.*

— Esconde a menina! — murmurou Will assustado. — Esconde-a. Se ele a vê, estamos perdidos.

Iris fechou a porta do quarto de Kiera e ficou lá dentro com ela, a ouvir a conversa através da porta. Kiera estava muito cansada devido à crise que acabara de sofrer e, da cama, observava o rosto preocupado da mãe.

Do outro lado, Iris ouviu os passos do marido. Ouviu-o também remexer nas gavetas e a seguir o tilintar metálico de umas chaves que soavam com um guizo. Porém, não conseguiu associar o som ao do único molho que abria aquele cadeado da casa. Ouviram-se três fortes pancadas na porta, e a voz de Will soou como um trovão.

— Já vou! Um segundo!

Iris viu que Kiera fechara os olhos, cansada pelo sono e pela dor de cabeça. Do outro lado, Will abriu a porta com cuidado, enfiou a cabeça e saudou o vizinho.

— Precisas de alguma coisa, vizinho? — perguntou com a porta entreaberta.

— Está mesmo tudo bem, a sério?

— Claro. O que haveria de não estar? — respondeu, tentando desfazer a dúvida de Andy.

— Se precisasses do que quer que fosse, pedias-me, não era, vizinho? Gosto de pensar que somos bons elementos da... da comunidade.

— Claro, Andy. Porque dizes isso?

— Não me ofereces uma cerveja?

Will olhou para trás, escondendo-se por um segundo por trás da pequena abertura da porta, e estalou a língua.

— Isto... sabes... é a Iris. É que... não se está a sentir muito bem.

— Deixa-te disso! Vi-a há pouco a correr pela rua. Não me venhas com histórias.

Andy empurrou a porta, o que deixou Will perturbado.

— Creio que não...

O vizinho entrou rapidamente, como se tentasse encontrar algo que não devia ver, a olhar para um lado e para o outro da sala.

O ruído daqueles passos de Andy para o interior da casa gelou o sangue de Iris, que colou o ouvido ao papel de flores da parede mais fria do que deveria estar. Naquela posição, estendeu o olhar até à casa de bonecas que Will já tinha colocado dentro do quarto e perdeu-se na pequenez daquela casa, tentando afastar-se de tudo o que agora lhe parecia gigantesco na sua, onde cada vez se sentia mais minúscula.

— O que queres, Andy? — perguntou Will, incomodado. — Acho que estás a ser um... um mal-educado. Não é próprio de bons vizinhos enfiarem-se nas casas dos outros e... farejarem as suas coisas.

— Tens razão. Desculpa-me, vizinho. Onde... nem sei onde andam os meus modos — disse em tom melodioso, ao mesmo tempo que se sentava no sofá e colocava os pés em cima da mesa. — Isto não é... normal. Tens toda a razão.

Will engoliu em seco antes de falar.

— Andy, acho que tenho de te convidar a sair. A Iris não está bem, e... quero estar com ela. Quero... bem, já sabes, quero acarinhá-la um pouco.

— Sabes? — disse o vizinho levando a conversa para outro lado. — A minha mulher morreu há seis anos. E... bem, a vida não é justa. Nunca nos deu filhos. Tentámos, tentámos. Pinávamos todas as noites, até quando ela

tinha o período, pelo sim, pelo não. Admito que foi uma boa época. Eu... eu nunca quis ter filhos, mas ela queria. Só falava disso. Ficava parada numa montra com roupa de criança e ia-se abaixo, chorava, a olhar para saínhas e calcínhas tão minúsculas que quase nem podíamos acreditar.

— Não estou a entender-te, Andy — murmurou Will.

— Eu não levava o assunto muito a sério, mas ela... ela estava sempre à procura de métodos para aumentar a fertilidade. Chupava cascas de limão de manhã, à noite esfregava a vagina com vinagre. Deitar-me com ela era como comer a porra de uma salada. Não sei se me entendes.

Will manteve-se calado.

— Era o seu único tema de conversa, e eu... bem, ouvia-a. É o que um marido faz, não é? Ouvia-a a toda a hora. Conhecias a Karen. Falava muito. Especialmente com a tua mulher. E sabes o que me contava sempre?

Will começava a sentir-se pouco à vontade.

— Que falava do mesmo com a tua mulher. Das vossas dificuldades, as mesmas, em engravidar. E até das posições que inventavam. Olha e eu... não tenho nada contra. Partilhavam boa informação. Copiávamos-vos em muitas, sabes? O truque da almofada, o de nos deitarmos no chão frio do salão, o de fazer sempre um número par de vezes. Deitávamo-nos a toda a hora e em quase todos os sítios da casa. Era uma festa, sabes? Era, até lhe dar aquele derrame cerebral no meio do supermercado. Foi do *stress*, disseram uns médicos. Das hormonas para a fertilidade, disseram outros. Nenhum soube determinar o motivo exato, mas morreu e... já não houve mais fogos de artifício. Está a perceber?

— Sim... lembro-me disso... Apanhou-nos a todos de surpresa — disse Will, quase num sussurro, terrivelmente inquieto. — Agora, se não te importas....

— E sabes uma coisa que a tua mulher também contou à minha? — continuou Andy, ignorando o convite para sair.

— O quê?

— Que não podiam ter filhos. Que estava mais do que descartado. Que os ovários dela estavam mortos e o útero parecia repelir tudo que ali se

colocava.

— Sim... bem. É algo com que... tentamos continuar a viver. Ainda continuamos a tent... a tentar, embora tenhamos perdido um pouco a esperança. A idade também já não ajuda...

— Eu sei. Imagino, vizinho.

— Andy, se não te importas tenho coisas a fazer e...

— E, por isso mesmo, pergunto-me... quem é essa menina que se apressaram a meter em casa?

— Menina?! — disse Will quase num grito rouco.

— Vamos, Will... não me lixes. Vi-vos desesperados a dar a volta à casa. Vais-me contar histórias? Não somos amigos? O que se passa?

— Olha, Willl... não há...

— É a Kiera Templeton, não é?

Ao ouvi-lo, Will sentiu-se como se estivesse a cair num precipício e não soube o que responder. Formou-se-lhe um nó na garganta, e um golpe de raiva acumulou-se nas cordas vocais, impedindo-o de emitir qualquer som.

— Vocês têm essa menina. Aquela que procuravam há uns anos. Pareceu-me que era ela. Estava mudada... mas... tem uma carinha, não tem? Como é que alguém esquece aquela carinha? Que recompensa davam? Meio milhão? *Tcch...* é muita massa, não é, vizinho?

— O que queres, Andy? Dinheiro? É isso que queres? Sabes que vivemos com pouco. Dá-nos apenas para pagar a casa.

— Não ouviste nada do que te disse, pois não, Will? Quero... a tua mulher. Quero a única coisa de que sinto falta. Tentei ir às putas... mas... onde está a naturalidade? Não é a mesma coisa. Mas a Iris... ela...

— Não pensava que fosses... tão...

Andy olhou para a porta do quarto de Kiera e apontou.

— Está aí? A menina. Posso vê-la?

Will estava tão paralisado que se limitou a responder movendo a cabeça para cima e para baixo. Andy sorriu e levantou-se de um salto. Quando passou por ele, deu-lhe uma palmada nas costas e a seguir rodou a maçaneta da porta, deixando ver o interior do quarto, onde Iris tinha o rosto coberto

de lágrimas de desesperança. A seguir, fixou o olhar na menina, sonolenta e alheia ao inferno que se respirava no ambiente. Andy lançou um sorriso a Iris e aproximou-se dela para lhe secar uma lágrima.

— Andy... por favor, não... — murmurou ela.

— Entende-me, Iris... Sempre foste tão... tão normal. E todas aquelas coisas que a Karen me contava, que dizias que experimentavas com o Will... Sempre imaginei que... Não vou dizer uma coisa destas com uma menina no quarto... mas — aproximou-se rapidamente do ouvido de Iris e murmurou: — Sempre imaginei como pinavas.

Iris colapsou ainda mais e apoiou-se em Andy, a chorar.

— Calma, mulher... Vamos... vamos dar-nos bem. Somos bons vizinhos.

Iris afastou-se imediatamente dele. Andy notou nela um suspiro de surpresa:

— Eh, Andy! — gritou Will na ombreira da porta. O homem virou-se, surpreendido, e viu Will à sua frente, com uma caçadeira que guardava sempre no armário do corredor, a que, minutos antes, tirara o cadeado.

— Will! — gritou.

O som seco do disparo rebentou no estômago de Andy, que uns instantes depois caiu no chão do quarto, a deitar sangue pela boca. Alguns chumbos saltaram e cravaram-se nas paredes, deixando uma marca indelével do que ali acontecera. Iris lançou-se sobre Kiera, em lágrimas, e acariciou-lhe a carinha, quando viu que, com o estrondo, a menina abria os olhos.

— O que se passa, mamã?

— Nada... querida. Continua a dormir... Foi só o... o papá que deu uma pancada.

O corpo de Andy continuava a sangrar ao lado da cama, mas Kiera permaneceu deitada, sem querer mexer-se, sem querer olhar, porque uma parte de si pressentia que algo estava a correr mal. Iris beijou-a na testa, e a pequenita fechou os olhos entre os suspiros da mãe, que queria gritar de pânico e não podia. Will continuou a tremer junto à porta, sem se mexer durante um longo momento, a olhar para o cadáver do vizinho, cujo sangue

se espalhava pelo chão num charco que aumentava rapidamente, como só acontece nos piores receios.

Capítulo 44

Miren Triggs
1998

E quando a vida te tratou bem?

Na primeira vez que falei com Aaron Templeton, a conversa foi desoladora. Segundo o pessoal da segurança, ele estava à minha espera à porta do *Manhattan Press*. Havia horas que ali estava plantado, a observar quem passava e a perguntar, de vez em quando, se alguém conhecia uma tal Miren Triggs, que assinava um artigo a falar de James Foster.

— Sim, sou eu — disse, confusa.

— Podemos falar?

— Tenho... Tenho de trabalhar. Estão à minha espera na redação.

— Por favor... imploro-lhe.

Chocou-me ver um homem, uns quinze anos mais velho do que eu, tão abatido, a pedir-me com aquela voz tão pungente, e não pude negar. Uma parte de mim temia aproximar-se demasiado do desaparecimento de Kiera. Pensava que a proximidade talvez não me deixasse ser suficientemente objetiva para a procurar sem desvios, mas quem queria eu enganar? Estava tão absorta naquele caso — com o olhar de surpresa de Kiera nas fotografias dos cartazes que o vento arrastava pela cidade — que me sentia tão participante na busca como a sua família. Liguei do balcão da receção para avisar que, devido a um assunto importante, ia chegar tarde. Sim, cheguei tarde no meu primeiro dia de trabalho. Era mesmo começar com o pé direito.

Tentei imaginar o inferno que Aaron Templeton estava a viver, pelo aspeto que apresentava, mas, por mais que tentasse, estava convencida de que, na realidade, ele estava pior do que aparentava. Tinha umas olheiras fundas, uma barba mal cuidada, o cabelo despenteado e a roupa amarrotada. Se não soubesse nada dele, teria sido fácil imaginá-lo instalado junto a um multibanco a estender a mão para qualquer pessoa, com uma garrafa escondida num saco de papel.

Indiquei-lhe o caminho até um café, na esquina em frente do edifício do jornal, e ele acedeu a pagar os cafés. Quando por fim nos sentámos, pronunciou uma palavra que não esperava nem sentia que merecesse:

— Obrigado, menina Triggs.

— Não tem de me agradecer, por favor — respondi.

— Na noite passada morreu um monstro, e o mundo é um pouco melhor.

— Eu... eu não tive nada que ver com isso.

— Eu sei. Mas tem, para que toda a gente saiba a verdade sobre quem ele era. Se não fosse por si...

— Por favor, trate-me por tu. Não mais do que... bem, alguém que só procura a verdade.

— Se não fosse por ti... toda a gente teria pensado que ele era um bom tipo, tratado de maneira injusta. Bem, todos os jornais dizem isso, não é?

— Todos, menos o *Press*.

— Por isso vim até aqui... porque foram os únicos que procuraram a verdade de tudo isto. Aquele tipo não merecia morrer como um herói e... graças a ti, não o fará.

— Morreu, porque as pessoas precisavam de justiça, mas confundiram-na com vingança. Não por causa do artigo. Mas... Não tem de quê — respondi, um pouco confusa. — Posso perguntar-lhe uma coisa, Sr. Templeton?

— Claro.

— Foi para isso que veio? Para me agradecer por revelar a história de James Foster?

Aaron meditou uns instantes na resposta e continuou.

— Sim e... não — hesitou. — Vim para perguntar o que mais sabes.

— Não posso., não posso dizer-lhe mais nada, Sr. Templeton. Suponho que consiga perceber que essa informação só lhe pode ser dada pela polícia.

— Por favor...

Levantei-me e preparei-me para sair. Sabia que aquilo não me ia ajudar minimamente.

— Tenho de voltar para a redação.

— Por favor... diz-me apenas se viste alguma coisa naquela casa que indicasse que ele também podia ter a Kiera. Só isso.

Suspirei, mas pensei que essa informação não lhe faria mal nenhum. A seguir, neguei com um aceno de cabeça.

— Nada?

— Não, Sr. Templeton. A sua filha não estava ali. E também não parecia ter estado. Sei que teria facilitado muito as coisas, mas não é o caso. A sua filha... não parece ter sido raptada pelo James Foster nem nada do género. O que não é assim tão mau. Acredite. Talvez a Kiera esteja noutro sítio, mais bem tratada do que se tivesse estado com aquele homem.

— Obrigado, Miren, é mais do que precisava — disse, apanhando com um dedo uma lágrima que lhe escorria pela cara.

— Tenho mesmo de me ir embora. Se precisar de mais informações, acho que devia falar com os investigadores que estão com o caso. Eu... eu sei muito pouco. Apenas o que passou para a imprensa, talvez um pouco mais, mas nada que seja relevante para a encontrar.

— Ajudavas-me a encontrar a Kiera? — perguntou de chofre, como se eu pudesse fazer algo, numa espécie de súplica tão sincera que doía ouvi-lo. Apertei os lábios e fiz um esgar de pena.

— Engana-se, se acha que tem de mo pedir. Já ando à procura dela. Mas... não é fácil. Ninguém a viu. Ninguém viu nada. Nem as câmaras nem ninguém na rua. Não há nada. Só... só resta esperar para descobrir algo novo. Alguém há de cometer um erro, ou encontraremos algo diferente. Mas... não desista de procurar a sua filha. Parece que a polícia em breve irá

esgotar os seus meios, e então..... terá de ser suficientemente forte para não se ir abaixo.

— Miren, prometes-me que continuarás a procurá-la?

— E o senhor vai continuar?

— Não saberia viver de outra maneira — respondeu. — Devo-o à minha mulher.

— Eu sou muito teimosa. Garanto-lhe que não irei parar de procurar a sua filha.

— Obrigado, Miren, pareces boa pessoa. A vida deve ter-te tratado bem.

Ri-me interiormente. Ele sabia pouco de mim e atrevera-se rapidamente a fazer aquele juízo errado.

— E você é boa pessoa? — perguntei.

— Acho que sim. Pelo menos... tento — disse, quase entre soluços.

— E quando é que a vida o tratou bem?

Não me respondeu, mas acenou afirmativamente antes de tomar um golo do seu café. Despedi-me dele depois de trocarmos números de telemóvel, a pretexto de partilharmos progressos e passarmos alguma informação que pudesse ajudar a avançar. Gostei de Aaron Templeton, embora fosse difícil perceber se a razão era a pena ou o seu olhar transmitir verdadeiramente esperança.

A seguir, voltei à redação, e ele ficou no café, a olhar pela montra com os olhos perdidos nas pessoas que atravessavam a rua apressadamente. Talvez procurasse na memória quando se portara mal para merecer o que lhe acontecera, mas eu tinha a certeza de que a vida não funcionava assim, porque metia sempre paus na engrenagem em tudo o que conseguia. Eu já sabia que, se a vida descobre que não há forma de nos pregar uma rasteira, oferece-nos uma bicicleta para nos partir os ossos.

Quando cheguei, sentei-me na minha secretária e agi como se estivesse a arrumar as coisas. Dez minutos depois, uma mulher morena de rosto alegre aproximou-se para me cumprimentar e disse:

— Tu és a Miren Triggs, não és? A nova.

Confirmei com um aceno de cabeça.

— Parabéns por aquela capa. Isso é que é entrar pela porta grande. Sou a Nora. Segundo o Phil, estamos na mesma equipa, e já chegaste tarde. Vais encaixar-te bem. És jovem, é verdade. Depois apresento-te o Bob, é um bocado parvo, mas é dos melhores. E a Samantha... onde diabo está a Samantha? — perguntou, levantando o olhar e procurando por toda a redação.

— Bob Wexter? O lendário Bob Wexter?

— Sim. Não é assim tão lendário depois de o conheceres em pessoa. É muito distraído com as coisas do dia a dia. Às vezes nem sabe onde fica a secretária dele.

— Um momento... És a Nora... a Nora Fox?

Nora devolveu-me um sorriso. Não podia acreditar. Estava a falar pessoalmente com Nora Fox, autora de uma famosa série de artigos que revelavam uma trama de ocultação por parte da CIA de supostos favores sexuais a um grupo de senadores, em troca do voto a favor de algumas leis referentes ao jogo *online*. Tinha também feito reportagens sobre manipulações eleitorais na América Latina, que quase conseguem derrubar governos. Era uma autoridade e falava-me com uma tranquilidade e frescura que não condiziam com a capacidade de penetrar no âmago dos assuntos mais obscuros do sistema.

— Sim, claro. Sou eu.

— Li muitíssimas reportagens tuas — disse, entusiasmada, sentindo quase as minhas orelhas aplaudirem de emoção.

— Miren. Deixas-me chamar-te Miren? Sim, a sério? Obrigada. Vou explicar-te um pouco isto e vamos ver no que te podes meter.

— Sim, por favor — respondi.

— Entre os três: a Samanta, o Bob, eu e agora tu também, quatro, investigamos um assunto concreto. O Bob é o chefe, em teoria, mas na prática não. Não há chefes. Entre todos, escolhemos um tema e vamos até ao fundo. Neste momento, estamos com o dos empresários que parecem desaparecer por toda a Europa. É algo nebuloso de que ninguém fala. É nisso que estamos a trabalhar. Que tal o teu francês? Alemão? Bem, cada

um tem um tema próprio, ou dois, se conseguires, mas nesses tens de trabalhar por tua conta. Qual é o teu? Já decidiste?

— Eh... não.

— De que é que gostas? O que é que te preocupa? Tens de entrar aí, nessa cabecinha de jornalista, e mergulhar nos teus medos. Os meus têm que ver com a liberdade de expressão. Receio o dia em que não me deixem levantar a voz, sabes?

— Neste momento, preocupa-me desaparecer, como aconteceu à Kiera Templeton — respondi.

— A menina? Bem, é um bom tema, mas complicado. Os caminhos já estão todos esgotados, mas... olha, se a encontrares, ganhas o Pulitzer. É bem pensado.

— Não... não quero o Pulitzer.

— Bem, isso é o que todos nós dizemos. Mas... não te emociones muito. Isto é o jornalismo. Aqui não há lendas nem *glamour*, só a verdade. A tua palavra vale tanto como o pouco que te venderes. E isso é que é difícil, sabes?

Acenei com a cabeça afirmativamente, mais uma vez. Enquanto falava com ela tive a sensação de que o mundo à minha volta tinha acelerado. Verifiquei que as pessoas não paravam de andar em todas as direções na redação. Dois jornalistas caminhavam por um corredor a falar sobre o conteúdo de umas páginas, vários teclavam intensamente nos seus computadores *IBM*, outros atendiam chamadas e tomavam notas entre murmúrios.

— Posso perguntar-te uma coisa? — disse eu desta vez.

— Claro. Dispara. És corajosa para alguém tão jovem. Agradas-me.

Tomei aquilo como um elogio, porque estava muito nervosa.

— Achas mesmo que me vou encaixar?

— Sinceramente?

Esperei que ela continuasse sem eu dizer nada. Sabia que o faria.

— Teremos sorte, se conseguirmos que agentes mais de duas semanas. Este mundo é mais obscuro do que parece visto de fora.

— Bem — respondi —, então não há problema.

— Porque dizes isso?

— Porque eu também sou assim — disse num tom sério, ao que Nora me respondeu com um silêncio.

Capítulo 45

1 de dezembro de 2003

Cinco anos depois do desaparecimento de Kiera

*E um dia, sem mais nem menos,
alguém te pede que deixes de ser tu.*

No dia seguinte ao incidente na sua arrecadação, Miren chegou à redação, carregando com dificuldade as caixas da investigação de Kiera, e colocou-as em cima da mesa. Ainda era cedo, e os dois estagiários ainda não tinham chegado, por isso, dirigiu-se à secretária de Nora, que estava a teclar com rapidez.

— Não me apetece falar contigo, Miren — disse Nora quando a viu aproximar-se.

— Estás muito aborrecida?

— O que é que te parece?

— Desculpa aquilo do artigo sobre o vídeo. Devia ter chegado a um consenso com a equipa, mas... era importante. Há muito que esperava uma coisa deste género, e é uma boa oportunidade para encontrar algo.

— Eu sei, Miren, mas tínhamos de publicar a reportagem sobre a indústria das carnes. Andamos há meses com isso. Ultrapassaste a aprovação. Ultrapassaste tudo. Enviaste o teu artigo para a gráfica substituindo o da equipa.

— Eu sei... lamento... mas...

— Há coisas que não são possíveis, Miren. E tu sabes. Não esperava isto de ti.

— Era importante, Nora. Talvez sirva para a encontrar.

— Só te importas contigo, não é? Nada mais te interessa?

Miren não respondeu.

— O Bob já foi informado. Está aborrecido. Está agora mesmo ao telefone com o Phil.

— Disseste-lhe tu, não foi?

— Liguei-lhe ontem para a Jordânia, para lhe contar. Para a Jordânia! Nem sabia onde ele estava, já sabes que anda sempre por aí e mais agora com isto do Iraque. Ninguém esperava que fosses fazer uma coisa destas, Miren.

— É verdade que o assunto da carne de vaca não podia esperar um dia?

— Miren, em Washington estão a dar ração animal às vacas. É algo muito grave. Enviámos algumas amostras para o Reino Unido, para análise e... se tudo se confirmar, pode significar um dos maiores escândalos da alimentação nos Estados Unidos. Estamos à frente neste assunto e não podemos atrasá-lo. Não sei, Miren, era um dos projetos de toda a equipa. Era assim tão necessário?

— Pensei que achariam bem. O Phil parecia contente com o resultado. Estava a vender bem...

— Mas não se trata do Phil ou do que ele decida. Ele ainda está a pensar na guerra do Iraque e no que se passa no Oriente. Nós investigamos o que ninguém quer que se revele. A história da carne é coisa séria, Miren. Chamam-lhe doença das vacas loucas. Se o laboratório do Reino Unido confirmar as nossas suspeitas, é algo gravíssimo. É isso que fazemos... Miren. Sei que o fazes com boa intenção e que a menina é o teu caso pessoal, mas... não nos podes arrastar a todos.

— E o que é que vai acontecer?

— Apresentámos uma queixa formal ao Phil. Lamento, Miren.

— A sério? Ele estava de acordo. Porque é que fizeram isso? Agora... agora vai ter de justificar-se no conselho e...

— Lamento, realmente, Miren, mas... não nos deste alternativa.

Miren levantou o olhar para o gabinete de Phil e viu que ele acabava de desligar. Encaminhou-se decididamente para lá. Ao passar ao lado da sua secretária, os dois estagiários, que acabavam de chegar, viram-na a caminhar com tal decisão que não se atreveram a cumprimentá-la.

— Lixaram-me, não foi? — disse Miren, entrando pela porta do gabinete de Phil.

— Miren... já sabes a minha opinião. Dei-te luz verde...

— Mas há um mas, não é? Lixaram-me.

— Mas esta queixa não agradou ao conselho. Apoiam muito o trabalho do Bob, e este não tem a sua aprovação.

— Tu próprio me disseste que a história do vídeo... era incrível.

— Eu sei, Miren, mas... roça o sensacionalismo.

— Ainda ontem me disseste que achavas bem que...

— E hoje fazes parte de uma equipa e tens de te adaptar a ela. É assim, Miren.

— Phil... só quero encontrar aquela menina. Entrei aqui por ela. Esta é a nossa oportunidade.

— O conselho de administração pediu para abandonarmos a matéria. Dizem que isto da procura é uma coisa que se vai tornar carniça, e todos os tabloides lhe vão saltar em cima. E têm razão, Miren. Viste os jornais de hoje? Viste as conversas? Toda a gente está a falar disto, a desenterrar merda sobre a família. Isso não é informação. É morbidez pura. O *Press* não pode entrar nisso. Entraste aqui por teres desmascarado o James Foster. Essa menina nada tem que ver com isso.

— Estás a falar a sério? Tenho dois estagiários para isso. Deste-me o *OK*.

— Miren... acho que fui claro.

— O que faço? Despeço-os? É isso que me estás a dizer?

— Não estou a dizer-te que os despeças. Podem passar para os eventos. Ali precisam sempre de ajuda. Vou avisar o Casey para lhes destinar trabalho na sua secção.

— Isso é uma merda, Phil. Não vou largar esta história.

— Miren, és suficientemente inteligente para saberes que a história da Kiera Templeton acaba aqui. — Fez uma pausa e depois continuou: — És boa. Não vais ter dificuldade em encontrar outro tema que não seja tão... escabroso. Não somos um jornal sensacionalista.

— Isto não é sensacionalismo, por amor de Deus, Phil. Isto é a vida de uma menina que precisa de nós.

— Soa muito bem, Miren, é verdade. Sei que, sempre que referimos a história, vendemos o dobro ou o triplo dos exemplares, mas o conselho de administração... está mais interessado agora na credibilidade e na seriedade do que nas vendas. Já ajudaste a menina. Graças ao artigo e ao foco mediático, talvez a polícia lhe dedique mais recursos.

— Desde quando é que se interessa mais pela seriedade do que pelas vendas?

— Desde hoje. Ao conselho de administração não agradam estas pontes e saltos na hierarquia. Devias saber isso. E acho que... já dediquei a este assunto mais tempo do que merecia.

Miren mostrou-lhe a sua testa mais franzida, e ele baixou os olhos e começou a ler umas folhas que tinha em cima da mesa, dando a conversa por terminada. Era a sua maneira de fazer as coisas. Agia sempre da mesma maneira.

— Estás a ser injusto, Phil — disse, antes de sair do gabinete dele, a caminhar furiosamente para a sua secretária, onde os dois estagiários, acabados de chegar, a esperavam com cara de não entenderem o que estava a acontecer.

— Olá, chefe — saudou-a a rapariga. — O que é que há aqui dentro? — perguntou, apontando para as duas caixas de cartão que Miren tinha deixado em cima da secretária.

— Malta... é tudo uma merda. Houve uma mudança de planos — disse Miren, afastando o cabelo da cara, ao mesmo tempo que soprava com força. — Temos de correr. Hoje é o vosso último dia de investigação. Vão subir de nível. Para os eventos. Tu talvez gostes — disse, apontando para o rapaz.

— Estás a brincar, não estás? — perguntou, incrédulo.

— Pois, gostaria, mas... não.

— Porra... disse, lamentando-se. — Ontem mesmo recusei um lugar de investigação no *Daily*.

— E por que diabo fizeste isso? — perguntou Miren, um pouco incomodada. — Estás aqui como estagiário. Se te oferecem melhor, agarra-o. Neste mundo, as oportunidades não surgem sem mais nem menos.

— Pois, mas... este é o *Press*. Embora seja estagiário... não sei, é o *Press* — argumentou.

— E depois? O que interessa são as histórias, não é o cabeçalho do jornal. Se o que escreves é bom, independentemente de onde o faças, podes mudar as coisas.

— Porra... — disse o rapaz a soprar e a olhar para o teto.

— Bem, deixa lá. Já está feito. É uma merda, eu sei. Chateia-me muito, garanto-vos. Mas... este mundo funciona quase ao dia. Numa manhã és importante e na seguinte estás a fazer as palavras cruzadas da última página.

— Vão mesmo pôr-nos nos eventos?

— Sim. Vocês nem fazem ideia de quão chateada estou.

O rapaz suspirou com força. A rapariga pareceu importar-se mesmo, mas na verdade era só aparência. Miren não estava aborrecida por ter de prescindir deles, mas porque sentia que lhe tinham cortado as asas. Quando, por fim, quase acariciava Kiera com as pontas dos dedos, dava de caras com uma burocracia que não aguentava. O caso de Kiera era atrativo e interessante, mas... a rigidez do conselho de administração era um travão para avançar mais depressa.

— O conteúdo dessas caixas é o que temos sobre a Kiera Templeton. Quero que deem uma vista de olhos a isto tudo, hoje, e que me digam o que vos parece. Eu já vi isto demasiadas vezes. Preciso de olhos novos. Algum de vocês não come carne? Vou convidar-vos para almoçar. É o mínimo. Estamos de... de despedida da empresa.

— Eh... e as chamadas? — perguntou ela.

— Eu sou *vegan* — acrescentou ele.

— As chamadas? Ao mesmo tempo — respondeu à rapariga. — E tu tens de ser sempre o picuinhas?

— Mas o telefone não pára de tocar. Quase não nos dá tempo para respirar.

— São dois, não?

— Sim, mas... também estamos com a lista de lojas de brinquedos e...

— Já a têm?

— Só as de Manhattan e de Nova Jérсия. Faltam-nos as de Brooklyn, de Long Island, de Queens e... se alargarmos um pouco o círculo, a coisa complica-se.

— De momento, serve-me — Miren estendeu o braço e pegou numa planta de Nova Iorque, marcada com círculos e cruzes por todo o lado.

— As cruzes são as lojas que vendem brinquedos para crianças — disse a rapariga —, e os círculos, as lojas de maquetas e modelismo. Ontem ligámos para duas, e confirmaram-nos que também vendem casas de bonecas.

— Boa... Um segundo, como te chamas?

— Victoria. Victoria Wells.

— E não pensas perguntar-me a mim o nome? — interveio ele, ignorando por um momento a chamada do telefone que começou a tocar.

— Por agora não. Mais alguma coisa além das chamadas?

— O papel de parede. Uma mulher de... — enquanto falava, o seu colega atendeu o telefone, que não parava de tocar, como se do outro lado houvesse uma lista interminável de pessoas a contar a sua versão ou desejosas de se sentirem ouvidas.

— Uma mulher de Newark disse que o tem em sua casa. O mesmo padrão que aparece na cassete. Comprou-o numa feira dos arredores, há uns vinte anos.

— É alguma coisa.

— Bem... espera. Depois recebemos trinta chamadas a dizer que o padrão de papel de parede é um dos padrões habituais da cadeia de lojas de

bricolagem Furnitools. Têm esse modelo em catálogo há vinte e cinco anos. Estão disponíveis em todo o país.

— Merda — deixou escapar Miren, com um suspiro. Depois, levantou-se com o mapa das lojas de brinquedos e deambulou à volta da secretária, observando-o atentamente. — Iria levar uma eternidade a visitá-las a todas para ver se tinham algo: um historial de clientes que tivessem comprado a casinha ou, sei lá, recibos de cartões de crédito.

— Talvez... possas voltar a pedir ajuda num artigo — disse Victoria —, desta vez às lojas de brinquedos. Tenho a certeza de que muitas ajudariam com todo o gosto.

— Um artigo? E ficaria à procura de trabalho na mesma tarde convosco. Esta história, meninos, foi encerrada no *Press*. E, por isso, não podem ficar. Pelo menos, não comigo. Tem de ser... da forma tradicional. E, mesmo assim, pode não se conseguir nada.

— Visitá-las? — perguntou o rapaz, que acabava de desligar o telefone, que começou a tocar de novo. Victoria estendeu a mão e atendeu:

— *Manhattan Press* que informação deseja dar? — disse ao auscultador.

— Há mais de mil lojas de brinquedos entre Nova Iorque e Nova Jérсия — lembrou o rapaz. — Isto sem ter em conta Queens e Long Island. Pode chegar às duas mil lojas, entre pequenos estabelecimentos comerciais e grandes armazéns, que também vendem brinquedos.

— Eu sei, mas... se conseguir visitar ou ligar a... digamos duas por dia nos tempos livres... levaria...

— Três anos — declarou o rapaz, num instante.

— Boa agilidade mental. Agora sim, como te chamas? Sabes que mais? É melhor que não mo digas. Mantenhamos essas incógni...

— Chamo-me Robert — disse, sem a deixar terminar a frase. Aquele nome trazia más recordações a Miren, mas era inevitável esbarrar, de vez em quando, com ele. Era incrível como, de tempos a tempos, aparecia uma nova pessoa com esse nome e que lhe causava uma repulsa imediata, como se tivesse de aprender a pedir desculpa com as entranhas ou a esquecer com o coração.

— O que fazem quando não estão na redação? — perguntou Miren. Uma ideia absurda passara-lhe pela cabeça.

— Ehhh... estudar? Continuamos na universidade — respondeu Robert.

— Bem, agora que não vão estar na investigação, gostariam de ganhar mais uns dólares aos fins de semana?

Capítulo 46

27 de novembro de 2010

Doze anos depois do desaparecimento de Kiera

*Imagina, por um segundo, que ninguém
te procura ou te espera. Não será isso o amor?
Sentir-se esperado e procurado.*

O agente Miller deambulou durante umas duas horas pelo centro. Estava desolado e não queria ir tão cedo para casa e contar à mulher o que lhe tinha acontecido. Tinha de repensar o que fazer. Nunca estivera nos seus planos deixar a unidade, e talvez aquele empurrão no Natal lhe servisse para dar o passo. Contemplou a possibilidade de se desligar dos casos em que estava mergulhado, mas para ele era impossível apagar os rostos felizes daquelas fotografias, as quais revia repetidamente todas as manhãs. Pensou em Josh Armington, um menino de apenas doze anos que tinha desaparecido de um parque infantil em plena luz do dia. Depois em Gina Pebbles, uma adolescente que desaparecera em 2002, depois de sair da escola, em Queens, e cujo rasto se perdera a dois quilómetros, num parque onde encontraram a sua mochila. Pensou em Kiera, pensava sempre nela, nas cassetes e no sofrimento dos Templetons e como se desfizera a vida daquela família que via de vez em quando, para saber deles e lhes contar que a investigação não estava a avançar.

Sem perceber por onde andava, caminhou em direção a norte, atravessando o Soho, enquanto deambulava até chegar ao Washington Square Park. Ali, uma fonte monumental erguia-se no centro do parque, e

ele recordou também o caso de Anna Atkins, uma mulher que em 2008 se tinha encontrado com um homem naquele local, nunca mais se tendo voltado a saber dela, nem com o tipo com quem supostamente estivera. Toda a cidade, apesar de tão populosa, com milhões de habitantes a encherem as ruas, convidava ao anonimato, e cada recanto, cada esquina, cada árvore ou recorte no passeio escondiam histórias que talvez fosse melhor não descobrir. Apesar do crescente número de câmaras de segurança na cidade, com que se tentava controlar e mitigar o vandalismo, era difícil que alguém, se fosse preciso, recordasse um rosto ou que tivesse visto alguma coisa. Se Nova Iorque tinha algo de bom era ser perfeita para desaparecer.

Se as câmaras não tinham visto nada, dificilmente se poderia avançar nos casos. As testemunhas primavam pela ausência nos casos em que ele se envolvia.

Perdido nos seus pensamentos, chegou a Union Square Park, onde outro caso lhe veio à memória. Seguiu então em direção a norte, ziguezagueando por entre ruas, e decidiu parar no Wildberg's Sandwich, um local histórico, estreito, onde serviam o melhor *pastrami* da cidade. Sentou-se ao balcão entre um tipo engravatado e dois turistas. Estava desolado e cheio de sede. O empregado saudou-o com um sorriso.

— O que vai ser, amigo?

— Uma cerveja e... uma sanduíche de... — deitou uma olhadela à ementa — uma *Mitch* dessas.

— Boa escolha. Um dia mau?

— Estas datas trazem-me sempre... más recordações. Tudo se complica muito.

— O Natal traz más recordações a muitos de nós, amigo. Todos perdemos alguém, e, nestas datas, mas... enfim, a vida continua.

— Bem... sim. Mas quando é uma me... — Ben não se atreveu a terminar a frase, porque talvez tivesse de explicar mais do que devia.

— A minha mulher morreu na véspera de Natal, sabe? — disse o empregado. — E desde então... bem, celebro-o por ela. É preciso encarar

assim, se não isto não é vida. Quando houver algo a festejar, agarre-o, amigo, e faça-o. Porque as coisas más estão aí, à espera, e todo o calendário se enche delas sem darmos por isso.

Ben concordou com um aceno de cabeça e ergueu o copo que o empregado acabara de pousar no balcão. Dali a um momento, um prato com uma sanduíche de ovo e cebola deslizou até onde ele estava sentado, no preciso momento em que o seu telemóvel começou a tocar.

— Diz, John. Não me digas. Já soubeste — disse, mal atendeu.

— Sim, é uma merda. Não aguento o Spencer, a sério. Mas, bem, aceita isto como umas férias em família.

— Acho que sim. Vou ligar à Lisa para organizar uma viagem ou coisa do género. Vamos derreter as poupanças, mas... neste momento, não posso pôr os pés na cidade. Não paro de pensar no trabalho. Talvez me convenha.

— Bem... foi por isso que te liguei

— Não me digas: não há nada na cassette, nem no envelope.

— Ia mesmo perguntar-te quem lhe tocou.

— Segundo entendi, os Swaghats, a família indiana que vive agora na antiga casa dos Templetons, os pais da menina e... eu. Eu usei luvas. Só deverias encontrar as impressões digitais dos Swaghats e dos pais.

— Eh... vejamos. Como é que to explico... — John hesitou, do outro lado. — Há mais duas coincidências. Mais duas pessoas diferentes no envelope.

— Duas impressões digitais?

— As primeiras que o sistema encontrou são as de... Miren Triggs. Tenho-a no registo de 2003.

— A Miren? Como é possível? Não... ela não esteve connosco.

— Não de lhe dei grande importância, porque é amiga da família.

— Não faz sentido.

— Bem... a outra é talvez ainda mais vaga, mas o sistema... detetou uma coincidência mais estranha ainda.

— Dispara.

— Conheces o *software* que se instalou para projetar a evolução das impressões digitais, para minimizar as distorções que sucedem com a idade nas pontas dos dedos, não conheces?

— Sim. Falaste-me nisso.

— Bem, trata-se de um programa de simulação que corre no IAFIS, o qual permite expandir as impressões digitais a partir da idade, com o objetivo de encontrar padrões com a passagem dos anos. Quanto mais te afastares do ano de origem cuja referência tens, menos precisos são os resultados, tal como as previsões do tempo, por exemplo, mas...

— Sim, sim. Diz de uma vez.

— Há também umas impressões digitais que têm uma coincidência de quarenta e dois por cento com as da Kiera Templeton. Os mesmos sulcos, bifurcações e a mesma posição do núcleo.

— O que dizes?

— Bem... não é definitivo. Quarenta e dois por cento não servem para um tribunal, sinceramente, mas... essa percentagem é normal tendo em conta todos os anos que as impressões digitais da Kiera Templeton já têm no arquivo. Pensa que as que temos registadas são de quando tinha três anos e que estas... correspondem a uma pessoa adulta.

— Estás a dizer-me que a Kiera Templeton pode ter tocado nesse envelope?

— Estou a dizer-te que é muito provável que a Kiera Templeton tenha tocado naquela embalagem, mas o sistema atribuiu-lhe uma percentagem de erro, em função dos anos decorridos.

— Não... não pode ser.

— Achas que foi ela própria que lá pôs a cassete?

— Não sei, John, mas... isto é difícil de explicar.

— O que é que vai acontecer agora? Serve-te de alguma coisa?

— Não, se não conseguir encontrar a Miren Triggs. Preciso de falar com ela para saber porque é que as suas impressões digitais estão no envelope.

Capítulo 47

14 de setembro de 2000

Local desconhecido

*Pisas o risco e, mais tarde ou mais cedo,
caís num precipício.*

Will tinha subido a um escadote e estava no quarto de Kiera a atarraxar com dificuldade a um canto do quarto uma pequena câmara de vigilância que tinha comprado numa loja de artigos em segunda mão.

— Já está — disse, quando a ligou e verificou que o piloto vermelho se acendia.

O fio da câmara percorria uma linha reta, junto à moldura do teto, até à parte superior da porta do quarto, onde Will tinha feito um buraco no tabique para passar o fio, que serpenteava pela parede da sala até chegar à televisão.

Iris estava a brincar com Kiera em cima do sofá e perguntou inquieta:

— É mesmo necessário isto tudo?

— Não quero surpresas, Iris. Olha, no oito pus o quarto da Mila, no nove, a câmara da entrada. Se carregares aqui, ativas o som, vês?

— Quando é que isto te custou?

— Foi menos de cinquenta dólares, não te preocupes. É só por... precaução.

— Ela não sai mais, Will. Não é necessário. Pois não, querida? — disse para Kiera, que a abraçava como um pequeno koala assustado.

— Não, mamã — respondeu Kiera com voz aguda e entrecortada. — Não quero ficar doente.

— E não vais ficar, amor. Lá fora é... perigoso.

— Iris, não quero mais sustos — avisou Will.

— Não foi suficiente elevar as fechaduras da porta? Assim não...

— Quero ver o *Jumanji* — disse Mila, ignorando a conversa.

— Outra vez?

— Quero ver o leão! — gritou. A seguir rugiu com força para Iris. — Arrrrr!

— Está bem! — concordou, levantou-se, dirigiu-se ao leitor e introduziu a cassete de *Jumanji*.

Quando, por fim, apareceram as letras Tristar Pictures, Iris endireitou-se e sussurrou a Will:

— Achas que... que ela viu alguma coisa?

— Daquilo de...? — tentou não terminar a frase.

— Sim.

— Acho que sim... Desde então, age como se eu não estivesse cá. Se reparares, só quer estar contigo.

— Sim, eu sei. Não... não descola de mim.

— E tu feliz, não?

— Estás a falar a sério?

— Para ti, vem a calhar. Assim, a pequenita não se separa de ti.

— Estás a ficar maluco, Will. Matámos... — mudou o tom de voz e falou até mais baixo —, matámos o nosso vizinho e enterrámo-lo no quintal das traseiras. Como diabo vou...?

— Baixa a voz! Ela vai ouvir-te! — murmurou, desviando o olhar para a janela que dava para o quintal das traseiras.

— Achas que não sabe?

— Mamã, vens? Já vai começar.

— Já vou, querida — disse Will, colando-se à proposta e aproximando-se do sofá.

— Tu não, a mamã — disse Kiera, virando-lhe as costas. A seguir, desviou o olhar para a televisão, como se eles não estivessem ali.

Will fez orelhas moucas, sentou-se ao lado dela e rodeou-a com o braço.

— Tu não, a mamã! — repetiu, zangada.

Will levou as mãos à cabeça, contendo um grito que ficou preso nas cordas vocais. Levantou-se e começou a dar voltas de um lado para o outro da sala. Aquele repúdio ultrapassava-o. Na sua cabeça, acumulou-se tudo o que chegara a fazer para a ter em casa: as idas a lojas de roupa, as noites de vela quando ela chorava a perguntar pelos pais, os brinquedos que comprava para a fazer feliz. Nada parecia servir-lhe. Por mais que se esforçasse, sentia sempre que a menina o repudiava. Iris aproximou-se da criança e, quando Kiera agarrou o seu braço, sentiu-se como se lhe tivessem dado um soco no estômago.

— Sabia que isto ia acontecer. Não teria de...

— De quê, Will? — perguntou Iris.

— Isto! Vocês! E eu... como se fosse... como se fosse um delinquente. Também estou nesta casa, sabem? — berrou.

Kiera olhou para ele e fez uma cara de estar prestes a chorar.

— Queres parar de assustar a menina? — perguntou Iris. — Pronto, amor... É que o pai às vezes... fica nervoso.

— Ele não é o meu papá — disse, numa frase que precipitou tudo.

— O que é que disseste?! — gritou ele, aproximando-se zangado e levantando o punho para ela. Iris contraiu o maxilar, furiosa, e olhou-o com um ódio que jamais sentira.

O punho de Will tremia no ar, e Kiera começou a chorar alto.

— Põe-lhe um dedo em cima, se fores capaz — disse Iris.

Will esteve quase a deixar ir a mão. Nem ele soube porque não o fez. Talvez fosse pelo rosto assustado da pequenina ou talvez pelo olhar de ira da mulher, mas sentiu-se tão fora daquela família encenada que colapsou, ajoelhando-se, e começou a chorar com tanta dor entre as costelas que quase desmaiou. Iris abraçou Kiera, tentando acalmá-la, enquanto Will chorava sem parar. Então, levantou a mão em direção à mulher, enquanto

deixava escapar um tímido «desculpa» com os lábios. Mas ela afastou a mão, e esse simples gesto foi o princípio da derrocada de tudo, que se estendeu lentamente durante as semanas seguintes, para terminar de uma maneira que Iris nunca poderia imaginar.

Capítulo 48

Miren Triggs
1998–1999

A vida só é justa se permitires que o seja.

A minha entrada no *Press* foi mais dramática do que gostaria. Mal entrei na redação, integrei-me na equipa de Bob Wexter, Nora Fox e Samantha Axley, como estagiária de investigação. Era a única cujo apelido não tinha um xis, e essa patetice valeu-me durante um tempo apanhar com uma série de piadas, enquanto investigávamos casos que nunca imaginei, como a compra e venda de armas pelo Governo a países do Golfo, escândalos sexuais de membros do Senado, fugas de informação governamentais em que se descobriam graves escândalos de corrupção. Durante os primeiros seis meses, estive sobrecarregada, e o caso de Kiera, embora fosse importante para mim, e por mais que me custasse, passou para terceiro plano. Acumulavam-se os exames e o trabalho que tinha de entregar na faculdade e de tarde ia para o *Press* ver no que podia ajudar. O meu contrato com o *Press* incluía um aumento de ordenado quando obtivesse a licenciatura, transformando o meu acordo de estágio num contrato fixo a tempo inteiro, mas, enquanto isso não acontecesse, tinha de tentar pôr-me a par da parte da tarde e ficar na redação até tarde ou fazer horas extraordinárias quando chegava a casa.

Durante esse tempo, mal vi os meus pais, que se tinham tornado uma distante figura de consolo do outro lado de uma linha telefónica.

Finalmente, uma manhã, o professor Schmoer caminhou em silêncio pelo átrio, agindo como se não me conhecesse, e afixou no quadro de informações as notas finais da sua disciplina, entre as quais se destacava uma maravilhosa referência ao quadro de honra ao lado do meu nome, concedendo-me, oficialmente, o grau de jornalista licenciada pela Columbia. Não tínhamos voltado a falar desde aquela noite e, antes que ele se fosse embora, aproximei-me dele sem saber muito bem o que dizer.

— Professor — interrompi-o.

— Miren — respondeu, surpreendido por me ver. — Parabéns.

— Ob... obrigada.

— Apr... apresentaste um projeto final muito bom. Não esperava menos de ti.

— Gostaste? — perguntei, afundada em inseguranças.

— A nota reflete-o, não?

— Sim, acho que sim. Obrigada mais uma vez.

— Não fiz... nada. Tu sabes. É a nota que mereces. És a aluna mais... — deu voltas à cabeça à procura de um adjetivo que resumisse uma personalidade complicada, mas desistiu, e eu interrompi-o.

— Se estou no *Press*, é graças a ti.

— Não te enganes, Miren. Se estás no *Press* é porque o mereces e porque eles também viram isso. O caso do James Foster...

— Foi um pouco de sorte. Também pensava que ele estava inocente.

— Não interessa o que pensavas, desde que perseguisses a verdade. O problema seria se o que pensavas mudasse a verdade.

— Não é o que acontece com muitos jornais?

— E, por isso, serás uma boa jornalista, Miren. O teu lugar é no *Press*. Não tenho a menor dúvida.

— Vais continuar a dar aulas, professor?

— Oh, sim. Acho que... vale a pena. É importante. Vou preencher as eternas horas de seminários participando na rádio da faculdade. Talvez me oiças lá.

— Talvez o faça, sim — disse, meio a brincar. — E... mais uma vez obrigada, Jim.

— Não tens de quê — afirmou, virando-se e levantando a mão acima da cabeça, enquanto se afastava.

— A propósito, professor! — gritei, levantando a voz, enquanto ele se afastava. — Os teus óculos são novos?

— Os antigos partiram-se — respondeu em voz alta, em jeito de despedida, dando seguimento à piada escondida, que só ele e eu entendíamos.

Quando saí do *campus* liguei aos meus pais. Estava eufórica. Podia finalmente dedicar-me a cem por cento ao jornal e retomar a procura de Kiera, que continuava escondida na minha cabeça, a vaguear por todos os recantos da minha mente. Na verdade, nunca deixara de estar, mas o dia a dia e o *stress* da adaptação ao ritmo da redação tinham-me afastado da promessa que fizera a mim própria e ao pai dela, o Sr. Templeton.

— Mãe! — gritei, quando ela atendeu o telefone. — Sou oficialmente jornalista!

Ainda recordo aquela chamada. Com que facilidade tudo se desmorona. Podemos tentar ser fortes, pensar que as coisas acontecem por um motivo que mais adiante iremos entender, que a vida tenta dar-nos lições numa aprendizagem vital, mas a verdade pura e simples é que a minha mãe atendeu o telefone a chorar e a suspirar e, durante aqueles instantes, não compreendi nada.

— O que se passa, mãe? O que é que aconteceu?

— Queria ligar-te para te dizer antes... mas não consegui.

— O que se passa? Estás a preocupar-me.

— O avô...

— O que é que tem o avô?

— Disparou sobre a avó.

— O que é que estás a dizer? — suspirei, surpreendida.

— Estamos no hospital. É muito grave, Miren. Tens de vir.

— Mas porquê...?

Naquele momento não quis ver. Talvez não me tenha aventurado a abrir os olhos na direção que devia.

Pedi dois dias na redação, creio que foi a única vez que o fiz, e, quando cheguei ao aeroporto de Charlotte, o meu pai recebeu-me com um abraço frouxo. Durante o trajeto de carro, mal pronunciou palavra, ou pelo menos assim me recordo, deixando que o silêncio de ambos guiasse as nossas emoções. O que recordo foi o que me disse, quando o carro parou no estacionamento do hospital.

— Tens de saber, Miren. O teu avô também está ali dentro. Depois de disparar sobre a tua avó, saltou da varanda para pôr fim à vida. Não conseguiu nenhuma das duas coisas que tentou. Está em coma. Os médicos dizem que talvez sobreviva.

— Sabes porque o fez?

— Miren... o teu avô passou a vida a bater na tua avó. Nunca deste por isso, a sério? Era um abusador. Lembras-te daquela época em que a avó esteve a viver connosco? Foi por isso. O acidente na escada? O teu avô tinha-lhe dado uma tarefa horrível.

Fiquei gelada ao ouvir aquilo.

— E porque é que continuavam juntos, porra?

— Tentámos interferir... mas a tua avó... gostava dele.

— Mas... a avó não é assim.

— Não me perguntes. Também não entendo, filha. E a tua mãe ainda menos. Convenceu-a duas vezes a apresentar queixa, mas... depois retirava-a, e continuavam juntos. Sabes que o teu avô apontou a caçadeira à tua mãe? Contou-me ela hoje. A tua mãe está destroçada. Levou a vida a querer que não visses isto. A tentar aparentar que estava tudo bem. Os teus estudos, a tua carreira, a tua educação... Mas... acho que a verdade tem sempre de vir à tona, não é?

Concordei. Tinha o coração nas mãos, e as duas palmadinhas que o meu pai me deu na perna para me animar não foram suficientes.

Quando cheguei, vi a minha mãe a chorar, sentada numa cadeira de plástico da sala de espera. Levantou-se, caminhou com dificuldade e

abraçou-me como acho que nunca o fizera. Perguntei-me quando teria envelhecido tanto, embora talvez fosse o facto de a ver tão abatida e desolada. Ela foi a primeira a falar e fê-lo num sussurro. Ao ouvido e entre lágrimas, num suspiro, disse um leve «lamento» dilacerado. Acariciei-lhe as costas e não pude evitar chorar também. Era a primeira vez que nos víamos em meses, e fazê-lo daquela maneira fez-me pensar se andaria pelo caminho certo.

— Como está a avó? — perguntei quando reuni coragem.

— É grave. Estão a operá-la e... talvez não sobreviva. Perdeu... muito sangue e está envelhecida. Não devia tê-la deixado voltar para ele...

Engoli em seco. Custava-me falar.

— Não tens culpa. Foi o avô.

— Mas, se eu... Se tivesse estado mais atenta...

— Mãe... por favor. Não penses nisso agora. Ela vai recuperar. Vais ver.

— A minha mãe concordou com um aceno de cabeça, talvez porque precisava de que alguém lhe dissesse que tudo ia correr bem. O meu pai tinha ido à cafetaria do hospital para evitar conversas difíceis, e eu sentei-me com ela no corredor, à espera. Sequei-lhe as lágrimas. Chorou no meu ombro. Pela primeira vez em muito tempo, senti que tinha deixado de ser um peso para a minha mãe, para me tornar antes um apoio a que arrimar-se. Depois da minha agressão no parque, ela esteve presente, preocupada, a tentar proteger-me e a fazer-me sentir melhor. Talvez por isso não me contasse os problemas da minha avó. Tinha engolido ela os problemas todos, deixando a alma no pranto dos outros, e, por uma vez, precisava que o fizessem por ela. Afinal, eram os seus pais, recordava a sua infância com eles, e o pior destas coisas é que procuramos sempre as boas recordações para não perdermos a sanidade mental. Tinha a certeza de que, enquanto chorava, recordava todas aquelas vezes em que o meu avô se tinha portado bem, em que tinha visto a minha avó feliz com ele, tentando limitar a tragédia terrível que aquele último disparo constituía, embora na verdade cada pancada, grito ou empurrão anterior tivesse sido igualmente mortal.

Dali a pouco, ofereci-lhe um chá de tília, e ela aceitou para ter algo entre as mãos que lhe controlasse os batimentos cardíacos. Encaminhei-me para a cafeteria e, no caminho, vi as portas dos quartos do hospital abertas. Em todos eles havia gente, em todos alguém acompanhava os pés estendidos na cama, que se viam da porta. Em todos, exceto num. Era o do meu avô.

Entrei e vi-o ali, estendido, ligado aos monitores enquanto dormia. Tinha a boca aberta, e a respiração fraca embaciava o plástico transparente da máscara. A sua expressão, de uma tranquilidade absoluta, agitou-me por dentro. Enquanto no bloco operatório a minha avó se debatia entre a vida e a morte, ele parecia dormir em paz.

Observei-o por um momento, tentei reconstituir na minha memória uma vida de enganos em que eu só o via como um machista e não como um agressor e encontrei nela as nódoas negras inexplicáveis da minha avó, olhares de terror que na altura não compreendia, silêncios incômodos quando ele chegava a casa, era eu pequenina, e a minha avó ligava à minha mãe para me vir buscar. Agora sei, com certeza, que era para que não visse o que acontecia entre aquelas quatro paredes.

De repente, o monitor que vigiava o seu ritmo cardíaco começou a apitar, e observei a sua pulsação disparar para mais de 150. A seguir, subiu num ritmo constante até 160, para passar, uns segundos depois, a 180, enquanto um apito estridente aumentava de intensidade. Ele estava imóvel e não parecia aperceber-se de nada do que se passava no seu peito, e eu, num dos momentos mais transcendentais da minha vida, naquele quarto solitário com o tipo que tinha tentado assassinar a minha avó e que nunca amei nem admirei, aproximei-me do monitor, onde umas linhas desenhavam saltos aleatórios e... desliguei-o.

O silêncio voltou ao quarto.

A sua respiração era um pouco mais agitada, mas o alarme que avisava os médicos de que ele estava a sofrer uma falha cardíaca já não estava ativo.

Vi-o arfar, contorcer-se ligeiramente durante um longo minuto até, por fim, deixar de o fazer. Aproximei-me, receosa, e vi que a máscara deixara de se embaciar com intervalos de segundos. Liguei, então, novamente a

máquina, e uma silenciosa linha branca desenhou-se onde antes se podia observar a pulsação, mas os apitos tinham desaparecido. No monitor apareceu uma mensagem de «sem sinal», e eu saí dali, como se nada tivesse acontecido, mas sabendo que dentro de mim tudo tinha mudado.

Uns minutos depois, sentava-me novamente ao lado da minha mãe, com um chá de tília para ela e um café quente para mim.

Capítulo 49

Dezembro de 2003 a janeiro de 2004 Cinco anos depois do desaparecimento

Sem compromisso nada funciona.

Daquele modo tão arcaico, com a ajuda de dois estagiários que começaram a fazer horas extraordinárias para ela, Miren começou a reunir informação de todas as lojas de brinquedos e de modelismo de Manhattan, Brooklyn, Queens, Nova Jérсия e Long Island. Na verdade, o jornalismo funcionava assim naquela época. Não havia bases de dados extensas para consultar, nem todas as lojas estavam na Internet. Tínhamos de pegar na lista telefónica, ir à secção dos brinquedos e ligar, na esperança de que do outro lado alguém atendesse, pronto a ajudar.

Em princípio, só aquela área que tinham considerado era suficiente para tornar a tarefa titânica. Conforme o plano acordado, Victoria e Robert iriam ligar para as lojas de brinquedos a partir de uma redacção improvisada com duas mesas na cafetaria em frente do *Press*, a mesma onde uma vez Miren se encontrara com Aaron Templeton. Nessas chamadas, a seis dólares à hora para cada um, saídos do bolso de Miren, Victoria e Robert encarregar-se-iam de filtrar as lojas de brinquedos que tivessem no seu catálogo casas de bonecas *Smaller Home and Garden*. Aos poucos e à medida que avançavam, nos fins de semana, confirmaram que muito poucas lojas de brinquedos o faziam, o que parecia ser um bom sinal. O cerco reduzia-se a elas, e, se Miren conseguisse uma lista de clientes que tivessem alguma vez comprado uma dessas vivendas à escala, teria algo sobre o qual trabalhar.

Mas o Natal de 2003 interferiu na investigação porque as lojas de brinquedos deixaram de atender o telefone para responderem às enormes quantidades de clientes que tinham de encontrar o presente perfeito para o Pai Natal deixar debaixo da árvore de Natal.

Em janeiro de 2004 e depois de avançar apenas durante três fins de semana, Miren reuniu-se com eles na cafetaria e propôs-lhes uma revisão dos progressos.

— Só estas? — perguntou, surpreendida.

— Olha, Miren... isto... é impossível. Pelos vistos, há anos que deixaram de ser fabricadas e... é complicado encontrar locais que as vendam.

— Entendo — respondeu, um pouco confusa, sem levantar os olhos do papel. Nele só havia quatro lojas de brinquedos. — Para quantas telefonaram nos três últimos fins de semana?

— Umas quarenta.

— Só?!

— Muitas lojas de brinquedos nem atendem o telefone, e as que o fazem não se incomodam sequer em verificar se venderam anteriormente aquele modelo de casa. Desligam depois de nos pedirem para os visitarmos pessoalmente, porque estão muito ocupados.

Miren suspirou. Aquilo era pior do que esperava.

— Bem, também te queríamos dizer uma coisa — interrompeu Robert, que pareceu, por fim, interessado na conversa. Até então tinha permanecido cabisbaixo, a olhar para o vapor que se evolava a partir do seu copo.

— Diz-me — disse Miren, tentando não se alongar.

— Não queremos continuar a fazer isto — disse ele.

— Como?

— Isto. Ligar para as lojas de brinquedos. Não estudei para isto, sabes? Tenho um empréstimo universitário de duzentos mil dólares. Acho que valho muito mais. É o que os meus pais me dizem.

— Sim. Bem... mas... têm de começar por alguma coisa, não? Queriam estar na investigação, e isto é uma maneira de o concretizar, fazendo umas

horas extra e ganhando-as... — Miren hesitou e interrompeu a frase. — Não entendo nada. Alguém me explica o que se passa?

— Na semana passada falámos com a Nora — confessou Robert, por fim.

— Para quê?

— Vai-se embora do jornal — disse Robert. — Quer montar uma empresa de investigação *freelancer* e vender os seus trabalhos pela melhor oferta.

— E o que é que isso tem que ver com...?

Os dois baixaram a cabeça e olharam para os seus copos de cartão. Miren observou-os, surpreendida. Aquela atitude não condizia com a jovialidade que costumavam ter..

— Ah... entendo. Convidou-vos para irem com ela.

— É... é uma boa oportunidade, Miren. Isto... é como procurar uma agulha em palheiro — disse Robert, em jeito de desculpa.

— Eu sei, mas... é precisamente esse o trabalho de um jornalista. Procurar o impossível e encontrá-lo.

Victoria levantou o olhar e abanou a cabeça negativamente.

— Isto é mais do que impossível, Miren. E se tiverem comprado a casinha noutro estado? E se a Kiera Templeton estiver noutro país? Vais visitar todas as lojas de brinquedos do planeta? E tudo... para quê?

— Para encontrar uma criança que desapareceu no Dia de Ação de Graças e que ninguém procura, para a ajudar, mas por... por uma maldita morbidez.

— Não conseguimos nada, Miren. Tu sabes. É uma perda de tempo.

— E depois? O que acham que vão fazer com a Nora?

— Prometeu-nos um contrato de seis meses, com o ordenado completo. Será o dobro do que ganhamos com o estágio no *Press* e as horas extraordinárias.

— Mas vão trabalhar com a Nora.

— E o que é que ela tem?

— Logo irão saber. Eu...

— Por favor, Miren... entende-nos. É uma boa oportunidade. Nos eventos andamos a levar papéis de uma secretária para outra. Contigo... contigo fazemos chamadas.

— Embora não pareça, estas chamadas são importantes. Mas... não interessa. Eu cá me arranjarei. Sabem o que me faz pena?

Os dois ficaram imóveis, sem responder.

— É que vocês pareciam diferentes, mas não sei porque é que me aborreço. Nesta maldita cidade, toda a gente parece ser quem não é.

Saiu da cafetaria, deixando os dois ali, a falarem sozinhos. Da rua, observou o imponente edifício do *Press* e verificou que uma chuva fina tinha ensopado o chão e enchido as ruas de chapéus de chuva coloridos. Atravessou para o outro passeio, a correr, abrindo caminho por entre as buzínadelas dos táxis que travavam de repente, a centímetros dela, e entrou no edifício com o cabelo e o casaco molhados.

Ao chegar à sua secretária, apercebeu-se de que não tinha alternativa. Marcou o número do agente Miller e esperou pela sua voz do outro lado.

— Menina Triggs? — disse a voz dele do outro lado.

— Preciso da sua ajuda, e você da minha.

Capítulo 50

21 de dezembro de 2000

Local desconhecido

*Até nos culpados alguém atento consegue
encontrar uma centelha de amor.*

Will tinha estado várias semanas cabisbaixo, mal falando quando voltava do trabalho. Assim que chegava, sentava-se num dos cadeirões da sala a beber, enquanto Iris e a menina brincavam com a casa de bonecas ou no sofá, a fazerem cócegas uma à outra. De cada vez que a mulher lhe perguntava alguma coisa, ele emitia um ligeiro sopro pelo nariz, e, quando o censurava por beber demasiado, ele levantava-se, ignorando-a, e servia-se de outro copo. Intimamente, Will sentia que não fazia nada ali. O seu casamento era um fracasso, e a sua paternidade uma farsa. Se alguma vez pensara que tudo ia correr bem, agora procurava na sua mente todos os momentos em que se tinha confirmado o contrário: não podiam ir para o parque para ela brincar com as outras crianças, receavam que a menina adoecesse com gravidade e que não tivessem alternativa senão levá-la ao hospital, rezavam para que nunca ninguém a visse.

Durante aquelas noites em que se sentava no cadeirão até cair, vencido pelo álcool, sem sequer ligar a televisão, recordou o momento em que se mudou com Iris para Clifton, para aquela casa no condado de Passaic, em Nova Jérсия. Tratava-se de uma construção de madeira de apenas 90 metros quadrados num terreno de 250, pintada de branco, com telhado inclinado de duas águas. Estava num bairro tranquilo, que era barato por estar a uns

escassos 100 metros de uma subestação elétrica, e, apesar de os vizinhos não serem os mais agradáveis do mundo, aquele recanto pareceu-lhes perfeito para tentarem formar uma família. Will recordou o modo como entrou em casa, com ela nos braços, apenas com vinte e cinco anos, depois de se casarem numa capela em Garfield, a uns escassos quilómetros dali e de onde eram, os dois. Ambos tinham crescido em ambientes complicados. Tinham-se ligado ao tentarem resgatar-se mutuamente. O pai de Will enforcara-se na casa de banho, quando ele era criança; a mãe tinha morrido de *overdose*, quando ele tinha quinze. Will acabou por amadurecer num lar com uns pais que sempre se esforçaram por o compreender, mas que ele sempre repudiou, e, quando atingiu a maioridade, acabou por sair de casa. Encontrou trabalho numa oficina e viveu durante um tempo num estúdio até que o destino o fez cruzar-se com Iris, uma rapariga loura de cabelo encaracolado que tinha uma motocicleta avariada. Apaixonaram-se como só os estúpidos se apaixonam. Mas na personalidade de ambos havia muitas fissuras que se encaixavam por engano. Iris tinha crescido como Will, a cargo de uma mãe ausente e com um pai morto, substituído por uma série de homens rudes, cujos nomes ela nem se esforçava por recordar, porque só conseguia vê-los uma vez. Com o tempo, começou a trabalhar num restaurante de comida rápida e, com as suas primeiras poupanças, comprou uma motorizada em segunda mão, que viria a ligá-la a Will para sempre.

O noivado foi mais rápido do que os dois previram, quando ela ficou grávida, apenas com dezanove anos. Will ajoelhou-se à frente de Iris num caramanchão sobre o lago Dahnert's, numa tarde em que o sol dourado banhava as tábuas da ponte que o ligava à margem. Casaram-se sem dizerem nada a ninguém, e só um colega da oficina de Will foi ao cartório como testemunha. Com as poupanças de ambos, pagaram a entrada daquela pequena casa. Quando a mãe de Iris descobriu que a filha não a convidara para o casamento, sentiu-se tão ofendida que nunca foi visitá-la. Mas aquela felicidade em forma de escadote, que passo a passo e com esforço lhes permitiria aos dois sair do poço, deparou com uma notícia horrível: Iris

acordou uma noite, no sétimo mês de gravidez, com os lençóis ensopados em sangue, sentindo pontadas dolorosas dentro de si.

Aquele foi o primeiro bebê que perderam, mas que instalou neles uma necessidade que nunca tinham encarado. Queriam ser pais. Tinham amado tanto aquele bebê, cujo nome já tinham escolhido, que era impensável continuarem a viver entre aquelas quatro paredes sem o serem. Mas os anos passaram, e a tristeza invadiu aquele lar sob a forma de abortos e faturas médicas cada vez mais insustentáveis.

Em certa altura da noite e depois de ouvir o riso da criança enquanto Iris lhe contava uma história de bruxas e ladrões, Will saiu de casa.

Não o vendo voltar, Iris foi ficando preocupada, minuto a minuto. Deu várias voltas pela casa e por diversas vezes espreitou para o jardim para ver se o via regressar ao fim da rua. Sem ter notícias dele, deitou-se a pensar que talvez dali a pouco estivesse de volta. Normalmente, Will saía à noite para pôr o lixo e pouco mais. Por vezes, ia à bomba de gasolina encher o depósito para não perder tempo no dia seguinte ou fazia uma compra de última hora num supermercado aberto vinte e quatro horas, mas quando o fazia avisava sempre. Contudo, daquela vez, tinha-se metido no carro e arrancado rumo a sul sem dizer o que pensava fazer. Aproximara-se dela simplesmente, quando estava a contar a história a Mila, dera-lhe um beijo no cocuruto e saíra em silêncio.

Por volta das duas da manhã, a frontaria da casa foi iluminada por umas luzes, e Iris, que não tinha pregado olho, levantou-se para ver se Will chegara bem. Estava preocupada com ele. Desde o percalço com o vizinho, não era o mesmo. Tornara-se um eremita reservado que mal lhe dirigia a palavra. Uma vez até lhe perguntara se estava tudo bem, e ele respondera com um grunhido em que se adivinhava a desesperança.

Correu para a sala e esperou que a porta se abrisse para perguntar como estava, mas, nesse momento, bateram-lhe à porta, e uma voz de homem desconhecida soou na sala.

— Sra. Noakes?

Iris ficou petrificada. Não sabia o que se passava nem quem era a pessoa que a chamava. A seguir, ligou a televisão e mudou para o canal 9, onde podia observar a imagem da câmara da entrada. Nela, dois polícias fardados olhavam para a porta.

O que fizeste, Will?!, pensou Iris. Um milhão de possibilidades assaltou-lhe a mente. Teria confessado? Tê-los-ia denunciado? Estava à beira do desmaio. Foi até ao armário onde guardavam a caçadeira e tirou-lhe o cadeado. Fechou o quarto de Mila, depois de confirmar que ela dormia profundamente.

Bateram de novo à porta, e correu a abrir, enquanto fingia que estava a dormir e abotoava o robe.

— Sim?

— É a Sra. Noakes?

— Sou — respondeu com voz rouca e semicerrando os olhos. — Aconteceu alguma coisa?

Os dois agentes entreolharam-se, a decidir qual dos dois dava a notícia. Um deles, moreno e com aspeto desalinhado, lançou:

— Sabe... isto não é fácil... mas...

— Mas o quê? O que aconteceu?

— O seu marido... faleceu.

Iris levou as mãos à boca, horrorizada.

— Um comboio abalroou o carro dele na passagem de nível de Bloomfield Avenue. Teve morte imediata.

— Não... não pode ser — disse Iris num suspiro.

Capítulo 51

Miren Triggs
1999-2001

*O mundo inteiro parecia desaparecer pelo cano,
e ninguém fazia nada para o evitar.*

A morte do meu avô foi um golpe para a minha mãe. Chorou ao saber que o seu coração tinha falhado e que, quando os médicos se aperceberam, já era tarde para atuar. Era o seu pai e também um filho da puta, mas a morte, ainda que não se deseje, provoca muitas vezes o perdão mais sincero.

Voltei a Nova Iorque, tentando esquecer o assunto, e a voragem do jornal absorveu-me completamente. Era inegável que aquele mundo me apaixonava, mas também que cada dia exigia mais de mim. Era um devorador de tempo e de energia e, embora me enchesse de vitalidade, abria-me as portas e os meandros de histórias de que era difícil recompor-me: uma empresa que explorava meninas asiáticas de manhã em oficinas ilegais para fazer o mesmo à noite em bordéis; uma protetora de animais que vendia a sua carne a restaurantes de Manhattan; um pai que queimava os filhos para se vingar da mãe deles. Quanto mais tempo se passava dentro daquele mundo, mais ele conseguia mudar-nos. À medida que falava com os meus colegas de redação, apercebia-me de que nós, jovens, éramos sonhadores entusiastas, e os veteranos, uns cínicos que odiavam o mundo. Nem todos eram assim, mas entre as frases de cada um conseguia pressentir

um grito de socorro para encontrar boas notícias que não os fizessem perder a cabeça.

Bob tinha-se esforçado para estar a cem por cento na redação com as tarefas cada vez mais árduas e difíceis. Revisões de contas de empresas, de orçamentos de Estado, de inventários de fábricas. Levantava-me antes de amanhecer e, quando não estava a investigar em algum arquivo ou a entrevistar alguém, saía da redação de noite, só depois de transcrever todo o material que fora produzindo durante o dia.

Certa noite, ao chegar ao átrio do meu edifício, em 2001, apercebi-me de que a porta de Sra. Amber estava entreaberta. Não era normal nela. Era tão ciosa da sua vida que até as persianas de sua casa que davam para a rua principal mantinha sempre fechadas.

— Sra. Amber? — chamei, enquanto empurrava suavemente a porta para observar o interior.

O seu apartamento era quase o dobro do meu. Nunca o tinha visto em pormenor, ela nunca me tinha convidado para entrar, tomar um chá e contar-me histórias da sua vida. Apenas tinha algumas vezes adivinhado a luz de um candeeiro, que acendia logo que entrava, quando nos encontrávamos no patamar. Desta vez, o apartamento estava às escuras.

— Sra. Amber? Está bem? — perguntei, levantando a voz.

Aquilo não me estava a agradar. Há diferentes tipos de silêncio. Distinguem-se no ar, nas notas insonoras que os passos no chão emitem, na quietude de umas cortinas distantes que reparei terem-se movido uns centímetros, do outro lado da sala.

Avancei para o interior da casa e tentei acender a luz da entrada, mas a lâmpada estava fundida. Caminhei às escuras, aventurando-me para o interior, e reparei nas fotografias que havia na parede. Nelas reconheci a Sra. Amber, com trinta ou quarenta anos a menos, incrivelmente bem penteada e radiante, com um sorriso aberto de orelha a orelha como se fosse um desfiladeiro coberto de pérolas. Numa das imagens saltava à beira-mar, em fato de banho, ao lado de um jovem elegante da mesma idade. Noutra, corria por um longo caminho de terra entre as árvores, ao lado do mesmo

rapaz, a rir às gargalhadas. Via-se que estava feliz. Era inegável que se sentia assim, e, pelo contrário, agora parecia ter sempre uma atitude reservada com o mundo.

De repente, reparei num pé descalço que espreitava por detrás do sofá, perto das cortinas.

— Sra. Amber?! — gritei.

Estava escuro, mas consegui aperceber-me de que ela sangrava da cabeça, por um golpe na testa.

— Está bem? — murmurei, aproximando-me para avaliar se a ferida era grave. Não parecia ser, mas liguei para o serviço de emergência e dei a morada. Os meus conhecimentos de medicina limitavam-se a tomar analgésicos para as dores durante o período. Procurei pela sala e consegui acender um candeeiro de pé a um canto e, no momento em que me virei, vi-o.

A silhueta de um homem observava-me do corredor escuro que parecia ir dar ao quarto. Estava imóvel, com um guarda-joias na mão, e eu não conseguia ver-lhe a cara nem adivinhar o que queria.

— Se o que procuras é dinheiro, não sei onde está — disse.

— O telemóvel — gritou com uma voz áspera, como se fosse uma motocicleta como motor a falhar.

Percebi que era um delinquente desesperado, à procura de dinheiro rápido. Era final do mês. O Natal estava a chegar. Os criminosos também têm presentes para dar.

Atirei o meu telemóvel para a escuridão, e a silhueta agachou-se para o apanhar. O meu coração batia a mil à hora, por mais que quisesse aparentar que não era assim. Com o tempo descobri que uma parte de mim, numa situação de perigo, viajava sempre para aquele parque. Aquele momento tinha-se colado à minha alma para sempre, e eu tinha de viver com isso, quer me agradasse quer não. Um momento assim muda-nos, altera tudo o que somos e pretendemos ser, embora seja impossível prever para que lado o fará. A mim, aquele parque levou-me à escuridão e à vingança. A chama

de James Foster também continuava a brilhar na minha retina, e o medo de sair tinha-se transformado em receio de não atuar.

— Tenho uma arma comigo — menti. Tinha-a em casa. — Leva o telemóvel e ficamos por aqui. Se tentares mais alguma coisa, disparo.

Notei imediatamente uma mudança na sua atitude, um ligeiro temor na sua respiração, que pairava no ar. Talvez tenha percebido na minha voz a raiva interior contra as injustiças. A Sra. Amber soltou um gemido de dor, e eu desviei o olhar para ela. Estava bem. Aquele grito serviu para confirmar que a pancada não fora assim tão forte e, então, como se fosse uma brisa que apenas viera para espicaçar a minha personalidade, para semear na minha vida o medo exato para que decidisse indignar-me, ele passou a correr em direção à porta e desapareceu atrás dela.

Estive uma hora à espera da ambulância e a consolar a Sra. Amber, enquanto pensava em tudo o que se passava à minha volta. O mundo parecia ir pelo cano abaixo, e ninguém fazia nada para o remediar: a violência, os assaltos, a corrupção, o medo de andar sozinha, os violadores. Era desanimador. Pensei em Kiera, a pequenita que já há algum tempo não procurava, completamente absorvida pela vida, e decidi que arranjaría tempo para o fazer. De noite, até altas horas. Não havia outra maneira.

A Sra. Amber chorou ao meu lado e eu abracei-a, talvez pensando que assim se sentiria melhor.

— Obrigada, Miren. És uma boa rapariga — disse com dificuldade. O golpe não parecia muito forte, embora ainda sangrasse e precisasse de pontos.

— Não diria isso, se estivesse na minha cabeça — respondi, sendo sincera por uma vez. Olhou-me, séria, e ficou em silêncio por um momento, observando as fotografias das paredes.

Depois, sem eu lhe fazer perguntas, começou a falar.

— Sabes, Miren? Uma vez estava sozinha como tu e... apaixonei-me sem querer, nem o desejar. Ele era um homem formidável. Daqueles que chegam e te deixam seres quem és, sem tentar mudar-te, e que amam cada recanto dos teus defeitos, enchendo a tua vida de fogos de artifício.

— Descanse, Sra. Amber... — interrompi-a. — A ambulância está quase a chegar.

— Não... Quero que saibas. Acho que és boa e não quero que a vida te dê mais nenhuma pancada. Que estejas preparada.

— Está bem... — suspirei. Há pessoas que precisam que as oiçam de vez em quando, embora as lições que pretendem dar possam ter consequências imprevisíveis.

— Como te disse... éramos felizes. Muito. Esta casa está cheia de fotografias desses momentos. Fomos namorados durante dois anos maravilhosos. Uma noite, à saída de um restaurante fantástico, junto ao rio, em Brooklyn, rodeado de lâmpadas nas árvores, ele ajoelhou-se e perguntou-me se queria casar com ele.

— E o que aconteceu?

— Gritei que sim. Era feliz com ele, sabes? — Fez uma pequena pausa para olhar para uma das fotografias. — Chamava-se Ryan.

— Morreu?

— Dez minutos depois desse momento — disse bruscamente.

Contive a respiração. A dor parecia estar em toda a parte, à espreita, à espera do momento exato para causar maiores estragos.

— Uns metros adiante, enquanto esperávamos por um táxi, um tipo, de arma na mão, quis que lhe déssemos tudo o que tínhamos. Carteira, relógio, anel de noivado. Eu acedi, mas o Ryan era corajoso. Corajoso e estúpido. A coragem é perigosa, se não fores capaz de medir as consequências. Morreu nos meus braços, com um tiro no pescoço.

— La... lamento muito, Sra. Amber.

— Por isso gritei. Para que não arriscasses a vida por umas joias. Não merecem a pena. Se o mundo vai abaixo, é porque as boas pessoas partem antes de tempo.

Concordei com um sinal de cabeça, deixando aquela ideia entranhar-se na minha mente, mas só cheguei à conclusão de que a vida era uma merda, de que a violência era uma merda, mas parecia a única solução.

Quando a ambulância levou Sra. Amber, entrei em minha casa e peguei na caixa com o processo de Kiera. Sabia que ali encontraria aquilo de que precisava.

Uma ideia absurda tinha penetrado na minha mente. De uma das pastas deslizou uma fotografia que me bateu nos pés. Na penumbra não reconheci de que fotografia se tratava, apesar de ter revisto centenas de vezes aquela pasta e o conteúdo dos arquivos, e só quando me agachei e lhe peguei por um dos cantos, com a ponta dos dedos, é que me apercebi de quem era. Nesse momento, nesse preciso instante, depois do que sucedeu com a Sra. Amber, é que decidi vigiar de perto o tipo que me tinha violado.

Capítulo 52

14 de junho de 2002

Quatro anos depois da agressão a Miren

As sombras movem-se com medo da luz.

As noites eram sempre o mais difícil para Miren. As sombras já não eram apenas sombras, mas problemas. As pessoas costumavam caminhar conscientes de que a falta de luz jogava a seu favor e de que os esconderijos para se ocultarem, apesar de serem mais numerosos, estavam todos ocupados por pessoas que tentavam fazer o mesmo. Mas nada disso era igual com uma arma dentro do casaco. Desde que a tinha comprado, e só aos fins de semana, dias em que tinha um pouco mais de tempo livre desde que começara a trabalhar no jornal, saía de casa para vigiar uma pessoa. Uma pessoa apenas.

Não se tratava de alguém que estivesse a ser objeto de um dos seus artigos. Não era nenhum poderoso, nenhum empresário, nenhum político. Na verdade, a pessoa que ela vigiava nem sequer tinha trabalho. Pelo menos um trabalho pelo qual pagasse impostos. Vivia num dos condomínios do Harlem construídos pelo governo com o objetivo de proporcionar rendas baixas à população com menos recursos. Em teoria, aquela ideia parecia justa, mas, na prática, tinha servido para reunir, em duas ou três ruas apenas, pessoas de baixos rendimentos e grande criminalidade. Havia famílias humildes também, que trabalhavam com dificuldade de sol a sol para poderem pagar a renda naquela zona e tentar talhar um futuro para os filhos, mas entre aquela gente bem-intencionada também se introduziu um

grande número de delinquentes e toxicodependentes que viram naquelas rendas baratas a oportunidade de sitiar uma zona sob ameaça de assaltos, roubos e tráfico de drogas.

Miren vivia no limite daquele bairro, na Rua 115 oeste, e, à medida que os números da rua subiam, verificava-se que os potenciais problemas também aumentavam. Os gangues sentavam-se nas escadas da Rua 116, e os carros com vidros escurecidos circulavam a baixa velocidade a partir da Rua 117. De dia, aquele lugar não apresentava qualquer perigo, com muitos parques onde muitas famílias levavam os seus filhos, com lojas de todo o tipo abertas até ao momento exato em que o Sol se punha e os perigos começavam a surgir.

Miren levava vestida uma *sweatshirt* preta com capuz e umas calças de ganga escuras. Não fosse a luz que se refletia na sua cara branca, teria sido mais uma sombra que flutuava de um lado para o outro quando a noite caía. Esteve uma hora completa no passeio a olhar para uma série de janelas iluminadas de um edifício da Rua 115. Reparou que um casal, homem e mulher, se movia de um lado para outro da casa, a discutir, passando de uma divisão para outra, a gesticular energicamente. De repente, ao fim de uns segundos, a mulher apareceu novamente junto à janela e espreitou.

Miren deu um salto e escondeu-se atrás de um carro estacionado na rua. Segundos depois, um homem saiu porta fora, e a mulher, que esperava à janela, gritou-lhe «desgraçado» e atirou um isqueiro, que se partiu no asfalto. O homem respondeu balbuciando algo que Miren não compreendeu e depois empreendeu a marcha. Ela seguiu-o à distância.

Atravessou duas ruas, até à Rua 117, e Miren deteve-se quando viu o tipo descer umas escadas para um *pub*, perto do qual se tinha juntado um grupo de quatro homens com o mesmo ar desmazelado que ele. Talvez esse dia não fosse diferente dos anteriores, e, enquanto o fez, hesitou várias vezes, antes de decidir se voltava para casa. Passaram-se duas horas até o homem finalmente sair dali, período durante o qual Miren não tirou os olhos da porta, por onde entravam e saíam esporadicamente grupos de rapazes e raparigas bem arranjados e com vontade de dançar até cair.

Embora estivesse várias vezes quase a desistir, Miren sabia que as pessoas como ele precisavam de uma vigilância extrema ou, pelo menos, era isso que ela pensava, sem sequer saber o que significava na realidade. O assunto era tão complexo que nem ela sabia o que fazia ali. Tinha arranjado a rotina de fazer a mesma coisa todos os fins de semana, saindo de casa e postando-se em frente da porta daquele tipo, seguindo-o para onde quer que fosse, sem sequer saber para quê. Era como se só se apercebesse do que estava a fazer depois de se passarem algumas horas de espera e uma voz na sua cabeça lhe murmurar: «O que pretendes, Miren? Porque é que não vais para casa?» Mas as horas persistiam em passar, e ela ali continuava até que aquele tipo saísse, de regresso a casa. Ia-se então embora, tranquila, com a sensação de que tinha cumprido o seu dever.

Mas, daquela vez, Miren surpreendeu-se ao ver o homem sair do *pub*, a puxar uma jovem a cambalear, que mal conseguia subir as escadas. O porteiro perguntou à rapariga se precisava de ajuda, e ele respondeu que ela era sua amiga e que trataria dela. Miren pôs-se em pé, na sombra, e prestou atenção, como se fosse uma leoa prestes a caçar uma gazela no meio da savana, ao entardecer. Só que, desta vez, a gazela pretendia jantar uma cria de leão.

O homem agarrava como podia a rapariga, que mal conseguia abrir os olhos. Trazia um vestido azul, curto, como Miren usava naquela noite.

Seguiu-os. Miren sabia que aquilo não prometia nada de bom, mas não se atrevia a fazer nada. A imagem era tão forte para ela que durante um bom bocado se manteve a uma distância prudente, no seu encalço. Por duas vezes, o homem endireitou-a depois de as pernas dela se irem abaixo, puxando-a para cima pela anca, em silêncio, enquanto a rapariga, entre risos, lhe agradecia por estar a cuidar dela.

Chegaram a um beco e entraram nele. Miren perdeu-os de vista por uns longos momentos até lá chegar. Espreitou da esquina e, quando se aproximou, engoliu em seco.

A rapariga estava estendida no chão, ao lado de um contentor de lixo, com os olhos fechados e a cabeça atirada para trás, apoiada numa parede de

tijolo cheia de *grafitti*.

Miren conseguiu ouvi-la:

— Leva-me a casa, por favor... Não me sinto bem.

Ele não respondeu. Limitou-se a olhá-la de cima, com os olhos de um demónio que a levava até uma armadilha.

— Acho qu...e bebi demasiado. Onde estão... as minhas amigas?

— As tuas amigas já aí vêm — murmurou ele, enquanto desabotoava a braguilha e se lançava sobre ela.

— O quê... o que é que estás a fazer? Não!

— Chhiu... é o que tu queres — disse, ofegante, entre os beijos que começou a dar-lhe no pescoço.

— Não... isto não... por favor... não.

— Cala-te! — ordenou ele, com um grito surdo.

O homem estendeu a mão e puxou-lhe o vestido para cima, rasgando um pedaço de tecido e deixando à vista, sob a luz da lua, um novo trauma indelével.

— Não... por favor... as minhas amigas... estão à... minha espera.

— Não vou demorar nada — murmurou ele enquanto continuava a beijá-la e a tocar em sítios a que não tinha autorização para aceder nem ela consciência para proteger.

De repente, uma voz feminina irrompeu pela viela, cujo eco a fez soar mais forte do que realmente era:

— Ela disse que não.

O homem levantou o olhar e deparou com Miren, transformada numa silhueta, em contraluz.

— Que diabo queres tu? Pisga-te daqui. Estamos a divertir-nos.

O tipo reposicionou-se e olhou-a, confuso, sem perceber nada.

Miren mostrava-se séria, quase esticada, tentando ocupar mais espaço físico do que aquele que na realidade preenchia, como se fosse uma tática de defesa de um animal que se sentia ameaçado.

— Ela disse-te que a deixes em paz — repetiu Miren. Tremia de medo, por dentro.

— Queres desaparecer? Isto não é contigo.

— Sim, é comigo — garantiu ela.

Nesse mesmo instante, Miren puxou da pistola e apontou-lha. O metal da arma refletiu a luz da Lua, única testemunha do que estava a acontecer naquele beco cheio de lixo.

— Disse-te que não, imbecil.

— Eh! Eh! Calma! — respondeu ele, exaltado. Pôs-se de pé de um salto e levantou as mãos. Os seus olhos escancararam-se, mas não era de atenção, antes de terror. Miren recordou-se do que sentira enquanto corria pela rua, naquela noite, com o vestido rasgado. — Vou-me embora. Não quero problemas — disse ele. Quando, por fim, os olhos do tipo conseguiram focar o rosto de Miren no escuro, acrescentou: — Um segundo... Conhecemo-nos?

— Conhecemo-nos? — perguntou ela. — Se nos conhecemos? Nem sequer te lembras de mim?

A situação levou-a ao limite. Não tinha deixado de pensar um só dia no que aquele tipo lhe fizera, naquele lugar, depois de, com o seu gangue, dar uma sova a Robert. Aquele cobarde que nunca dera a cara e nunca a ajudara a sair do buraco com a sua declaração equívoca e o seu perdão insípido. Miren não esquecera a cara do homem que tinha diante de si. Às vezes, quando fechava os olhos, via-o com o seu sorriso diabólico a pairar na noite. O mais triste da vida é que é injusta, e é injusta porque esquece sempre. Mas Miren não esquecia. Para ela era impossível.

— Não sei... miúda... não... caio. Baixa a arma, está bem?

— Quietos. Não te mexas.

— Eh... calma... — O homem estendeu as mãos para ela, tentando acalmá-la.

Miren tirou o telemóvel do bolso da *sweatshirt* e ligou para o número de emergência.

— Polícia? — disse Miren para o auricular sem baixar a arma.

Nesse mesmo instante, o homem saltou na direção dela e derrubou-a, fazendo a arma escorregar-lhe da mão e cair junto da rapariga, que acabava

de fechar os olhos devido ao enjoo.

Miren gritou de dor ao bater no chão e viu-se debaixo do homem, que se endireitou sobre ela e a prendeu entre as pernas.

— Olha... parece que vamos divertir-nos os três — disse ele.

Miren tentou debater-se e pontapear, mas mal conseguia mover-se. Sentia o peso do corpo do homem sobre o seu e tinha as mãos presas pelos pulsos. Cada tentativa de bater era neutralizada. Ao espernear, apenas o atingia com as coxas e não lhe causava dano nas costas. Sentiu-se derrotada, como naquela noite. Uma lágrima esteve prestes a saltar-lhe dos olhos, pedindo ajuda. De repente, como se num momento tivesse viajado para o passado, sentiu que o homem lhe puxava a *sweatshirt* para cima, o suficiente para lhe deixar o sutiã à vista, e vislumbrou novamente o sorriso dele a bailar na escuridão.

Miren puxou com força uma das mãos, agarrou o tipo pelo cabelo e aproximou-o dela.

— É isso mesmo... vamos divertir-nos — exclamou, achando que a tinha convencido. — Gosto das miúdas combativas, sabes? — sussurrou. Tinha a cara tão perto de Miren que sentiam a respiração um do outro. O lábio inferior de Miren roçou o superior do homem, e nesse preciso momento o clarão de um disparo iluminou o beco. O som que ecoou nas paredes levou a que uns gatos miassem e vários cães comesçassem a ladrar. A rapariga, a tremer, empunhava a arma de Miren, e o corpo do homem abateu-se imediatamente sobre ela, cobrindo-a de sangue quente que, na penumbra, parecia negro.

Miren saiu com dificuldade e sem fôlego de baixo do corpo, e as duas mulheres olharam-se, ofegantes, e em silêncio, fazendo uma promessa que não precisava de palavras.

Depois Miren ajudou-a a levantar-se e guardou a arma. Nenhuma das duas falou, enquanto caminhavam, apressadas e com dificuldade, afastando-se dali. Pararam numa esquina, e Miren limpou o sangue da cara à *sweatshirt*. A seguir entraram num táxi, que protestou por ter de as levar para tão perto, para casa de Miren, onde ela deixou a rapariga dormir na sua

cama. Não pregou olho toda a noite, a olhá-la, sabendo que aquilo era talvez o fim ou um princípio. Nenhuma das duas perguntou sequer o nome da outra, e quando, no dia seguinte, a rapariga se preparava para sair do estúdio com alguma roupa que Miren lhe tinha dado sem intenção de que lha devolvesse, limitou-se a dizer um «obrigada», para depois fechar a porta e nunca mais voltarem a ver-se.

Capítulo 53

15 de janeiro de 2004-meados de 2005 **Sete anos depois do desaparecimento de Kiera**

*A maior virtude de uma pessoa tenaz é transformar
as suas últimas tentativas em penúltimas.*

Depois da sua chamada, o agente Miller tinha acedido a reunir-se com Miren Triggs um dia depois. No dia seguinte ao artigo e depois da identificação da casa de bonecas, Miren tinha-o posto ao corrente da informação mais relevante que conseguira e que podia retirar-se das imagens da cassette VHS: o modelo da casa de bonecas, uma *Smaller Home and Garden* da Tomy Corporation, e o padrão do papel de parede, um dos mais vendidos da Furnitools, uma cadeia de bricolagem presente em todo o país.

O agente Miller, pelo seu lado, tinha solicitado a ampliação dos recursos disponíveis para procurar Kiera, mas deparara com um muro intransponível, de que Miren ainda nada sabia.

Tinham ficado de encontrar-se no Central Park, sobre a Bow Bridge: Miren pedira para irem àquele local porque a aparente calma da água e a paisagem outonal do parque e do edifício San Remo, emergindo por cima das árvores, ajudavam-na a pensar. Depois de esperar ali durante uns quinze minutos, durante os quais um casal se comprometeu diante de umas doze pessoas que também ali estavam naquele momento, o agente Miller apareceu do outro lado da ponte, e Miren dirigiu-se apressadamente para ele, querendo sair dali.

— Que progressos tem, menina Triggs?

— Por isso mesmo é que o chamei. Tenho... grande dificuldade em continuar sozinha. Sei que também a procuram, mas o passo seguinte exige que se faça uma batida alargada, e eu... não sou capaz.

— Uma batida?

— Sabe, agente, temos andado a investigar, e esse modelo específico de casa de bonecas pode ter sido comprado em qualquer das duas mil lojas de brinquedos e superfícies comerciais de Manhattan, Brooklyn, Queens, Nova Jérсия e Long Island. Tenho uma lista exaustiva que reúne grande parte dessas lojas. Sei que vem muita gente de fora para assistir ao desfile do Dia de Ação de Graças, mas creio que a pessoa ou pessoas que a levaram se encontram nessas zonas.

— Porque é que acha isso?

— Naquele dia estava a chover. Quando chove, o mais comum é vir para o centro de transportes públicos. Para chegar de Nova Jérсия ou de Long Island ao centro de transportes públicos, são precisas uma hora ou duas. O desfile começava às nove. O rapto aconteceu cerca do meio-dia. A minha hipótese é de que o raptor chegou ao desfile muito cedo para apanhar lugar perto de Herald Square. É uma zona muito central e onde é quase impossível aceder se não se chegar cedo. Se a pessoa queria garantir que ficava naquela zona nas imediações de Herald Square, devia ter chegado por volta das oito da manhã. Para chegar às oito da manhã ao local onde a Kiera desapareceu, pode desenhar-se um mapa relativamente simples de distâncias e trajetos em que o raptor podia viver, juntando os primeiros comboios do dia de cada zona e o tempo que leva a chegar ao centro para estar ali às oito da manhã.

— Compreendo.

— Isso limita as potenciais moradas do culpado às zonas de que lhe falei: Nova Jérсия, Manhattan, Brooklyn e Long Island.

— Chegou a essa conclusão sozinha?

— É uma hipótese. Posso estar enganada, mas há anos que leio o processo e penso naquela menina. O trabalho de um jornalista de

investigação consiste em confirmar hipóteses, ensinou-me um bom amigo, e creio que esta é mais válida do que pensar que veio um tipo de qualquer parte do mundo para raptar uma menina a meio do desfile mais famoso do mundo.

O agente Miller concordou com um aceno de cabeça e soltou um suspiro antes de continuar:

— E do que precisa da minha parte?

— Poderia organizar uma busca em todas as lojas de brinquedos e de modelismo das zonas que referi. Talvez algumas tenham câmaras de segurança, registos de compras com cartão de crédito, ou até talvez nos saia a sorte grande e alguém tenha comprado a casa de bonecas para entrega ao domicílio e deixado a morada escrita algures.

O agente tentou reordenar mentalmente tudo o que Miren lhe tinha contado.

— Sabe o tempo que aquilo que me está a pedir pode demorar?

— Sei, e por isso mesmo é que lho peço. No jornal já não posso trabalhar sozinha nesta história, é impossível.

— Vai desistir? — perguntou o agente.

— Desistir? Não. Só que... ultrapassa as minhas capacidades. É impossível. Talvez o senhor tenha mais recursos para... para continuar atrás disto. Vocês são os indicados, e eu... eu estou sozinha.

— Não se iluda. Estou de pés e mãos atados. Toda a gente quer encontrar a Kiera Templeton, mas também todos os outros. Quando a imprensa se concentra num caso, parece que esse é o único, mas garanto-lhe que há mais, centenas, nem imagina a lista de gente desaparecida que aumenta todos os dias.

Você também não imagina a lista que eu tenho, pensou Miren, enquanto revia mentalmente os dossiês com nomes de desaparecidos que guardava na arrecadação.

— Mas tem algo novo sobre que trabalhar — disse, desta vez em voz alta. — Não desiluda esta família, agente. Talvez vocês consigam encontrar

alguma coisa. Tenho a certeza. Talvez esta cassete sirva para vos pôr no caminho certo.

— Farei o que estiver ao meu alcance para encontrar essa miúda, menina Triggs — acedeu, por fim.

— Eu também — acrescentou ela.

Depois, quando estavam a chegar a uma bifurcação no caminho que iam percorrendo pelo parque, continuou.

— Sei que a informação só viaja num sentido, agente Miller, e que não tem razão para partilhar comigo os vossos progressos, mas creio que sabe tão bem como eu que não vou desistir de procurar a Kiera.

— Quer que lhe conte o que sabemos, não é?

Miren não respondeu, porque achou que era uma pergunta retórica. O agente soprou pelo nariz e levantou a cabeça para uma escultura metálica de um puma à espreita entre as árvores de Central Park, uma excelente alegoria daquilo que aquela jornalista se tornara.

— Sabemos pouco, é verdade. Não há retrato-robô válido. Sabemos que foi uma mulher branca de cabelo louro encaracolado, mas nada mais. Segundo o departamento científico, não há impressões digitais na cassete nem no envelope, além das da família e de um miúdo da rua, que foi quem deixou o envelope e que não se consegue recordar de como era exatamente a pessoa que lho deu. Estamos num beco sem saída. Sabemos também o modelo de videogravador com que foi feito, um *Sanyo VCR* de 1985, segundo o padrão que ficou marcado na banda magnética da cassete. É algo técnico, mas infalível. Pelos vistos, cada modelo de cabeça reordena as partículas magnéticas da fita de um modo, pelo que deixa nela uma marca reconhecível. É como uma espécie de impressão digital, que não permite reconhecer o gravador exato, mas a marca do mesmo. Temos as câmaras de segurança do dia do desaparecimento, mas não havia nada assinalável: gente por todo o lado, mas nem rasto da Kiera. Cortaram-lhe o cabelo, isso sabemos, mas não podemos investigar todas as pessoas que caminhavam com uma criança pela mão. Era o Dia de Ação de Graças. A rua estava

cheia de famílias parecidas. Como vê, é uma acumulação quase caótica de elementos, mas quase nenhum nos serve de muito.

— Compreendo — respondeu Miren, séria.

— Se descobrir mais alguma coisa, diz-me? — perguntou o inspetor. — Eu... vou tentar rastrear as lojas de brinquedos, mas digo-lhe já que parece complicado.

— Conte com isso. Não quero louvores, agente. Neste momento, só me interessa encontrar a Kiera Templeton e levá-la para casa.

— Posso perguntar-lhe porque é que isto é tão importante para si? Há muito mais casos como o dela.

— E quem lhe diz que não ando também à procura desses? — respondeu no momento em que se despedia dele.

Ao chegar à esquadra, o agente Miller apresentou um pedido de rastreio e visita das lojas de brinquedos das zonas que Miren Triggs tinha delimitado, com a sua ideia. Se conseguissem delas uma lista de clientes que tivessem comprado uma casa de brinquedos *Smaller Home and Garden*, poderiam organizar registos direccionados. Não se tratava de obter essa lista de compradores e registar a casa de todos eles, algo que, se soubessem, os pais iriam, certamente, contestar, mas de investigar aqueles que apresentassem o perfil de potenciais raptos. Para sua surpresa, os seus superiores na unidade de pessoas desaparecidas do FBI aceitaram o pedido de rastreio.

Foram designados doze agentes para visitar as lojas de brinquedos e de modelismo, mas depressa depararam com um importante inconveniente: quase nenhuma delas mantinha um registo de clientes que tivessem comprado uma dessas casinhas à escala e ainda menos das que tinham sido compradas entre 1998 e 2003. Algumas lojas de brinquedos forneceram dados de clientes de 2003, outras de 2002, outras até de 2001. Mas a informação era tão sucinta e escassa que não servia para grande coisa. De um total de duas mil e trezentas lojas de brinquedos, só conseguiram informação de sessenta e uma, entre as que tinham obtido os dados de apenas doze compradores desse modelo específico.

Visitaram os doze, e todos eles eram famílias idílicas com filhos, que recebiam os agentes com panquecas com xarope de ácer e café, para depois lhes fazerem uma visita guiada por todas as divisões da casa em que, evidentemente, Kiera nunca tinha estado.

Em 2005, o FBI encerrou oficialmente a busca, mais uma vez, e o agente Miller chamou novamente os pais para lhes dar a notícia.

— Há alguma novidade? Descobriram alguma coisa? — perguntou Aaron Templeton, nessa altura, logo que atendeu a chamada.

— Ainda nada, Sr. Templeton, mas estamos perto. Continuamos com todos os nossos agentes a trabalhar no caso. Iremos encontrar a sua filha. Não deixaremos de a procurar, prometo-lhe — mentiu.

Capítulo 54

Miren Triggs
2005-2010

*A solução costuma estar à vista,
esperando pacientemente que alguém
a descubra, coberta de pó.*

Na verdade, não esperava grande coisa do agente Miller. Achava-o esgotado e abatido em cada frase que pronunciava, como se cada desaparecimento que investigava lhe tivesse levado um pedaço de si. O tempo passou, e, com a mesma velocidade com que o FBI investigara mais de mil lojas de brinquedos, cancelaram a busca e começaram a procurar outra pessoa. Não os culpava. Tinham de gerir os recursos, mas uma parte de mim viajava sempre para o quarto de Kiera e sentava-se a seu lado, para a ver brincar com as bonecas durante uns minutos. Gostava de imaginar como seria a sua voz. Gostava de a imaginar a sorrir, com o olhar cheio de vida, embora pressentisse que os seus verdadeiros olhos deviam estar apagados, como se fosse um farol remoto avariado, levando a que os barcos que procuravam a costa acabassem encalhados entre as rochas. Eu e o agente Miller fomos esses barcos, e os seus pais, devastados, choravam, não pelas pancadas contra o penhasco dos navios perdidos, mas porque o farol já não emitia luz.

Em 2007, quatro anos depois da primeira cassete, a silhueta escura de uma mulher com o cabelo louro e encaracolado deixou uma segunda cassete no escritório de Aaron Templeton, e eu senti-me mais viva do que nunca. A

redação consumia as minhas horas diurnas, a passagem em revista de pessoas desaparecidas consumia as noturnas, mas durante algum tempo reacendeu-se em mim o fogo de a encontrar. Tinha-me transformado numa investigadora. Não era isso o jornalismo? Procurar. Procurar e encontrar. Às vezes o que procurava queria ser encontrado, outras vezes, tinha de ser aquela que agarrava a corda da verdade e puxava para a retirar das profundezas do poço em que estava presa, de modo a ver novamente a luz. Desde o desaparecimento de Kiera, tinha começado a compilar informação sobre casos ativos com sérios indícios de que algo grave se tinha passado: Gina Peebles, uma adolescente que tinha desaparecido em 2002 depois de sair da sua escola, em Queens, e cujo rasto se perdera a dois quilómetros, num parque onde encontraram a sua mochila; Amanda Maslow, uma miúda de dezasseis anos que tinham raptado em 1996 numa aldeia do interior; ou Adaline Sparks, uma jovem de dezasseis anos que desaparecera de sua casa em 2005, com todas as portas e janelas fechadas à chave por dentro.

Com a segunda cassette, a de 2007, também não consegui encontrar nada, mas o circo mediático já estava montado. Tentei abstrair-me de tudo aquilo e mergulhei novamente no seu processo, como tinha feito nas vezes anteriores. Rebusquei nos vídeos das câmaras de segurança para encontrar aquela mulher, mas as imagens também não ofereciam uma nitidez que pudesse ajudar. Uma vez mais, Kiera Templeton aparecia, desta vez no mês de junho, para se dissipar imediatamente, até que quem mandava as cassetes decidisse que o jogo devia continuar.

Liguei ao agente Miller para lhe perguntar se tinham elaborado um perfil do raptor. A utilização das cassetes VHS era um sintoma claro de alguma psicopatia que eu desconhecia. Aquele filho da puta devia ser um desequilibrado saudosos dos anos 90, e o agente não tardou a reenviar-me às escondidas um pequenino parágrafo escrito pela unidade de análise comportamental de Cuantico, que dizia o seguinte: «Homem, branco. Entre os quarenta e os sessenta anos. Trabalha em algo relacionado com mecânica ou reparações. Conduz um carro cinzento ou verde. Casado com uma

mulher de personalidade frágil. A utilização de cassetes VHS reflete a sua repulsa pelo mundo atual e moderno.»

Nada mais. O FBI resumia o potencial raptor em poucas linhas, nas quais cabia qualquer pessoa. Até o meu pai se poderia encaixar naquele perfil, não fosse o caráter inquebrantável da minha mãe.

O tempo passou como um furacão que devorou o que aconteceu entre cada cassette, e, com a chegada da terceira, em 2009, uns dias antes das eleições presidenciais que Barack Obama venceu, ninguém, a não ser eu, prestou atenção. Detestava o circo mediático que era montado com a morbidez dos casos dramáticos, mas também o facto de a política impregnar tudo. Para onde quer que olhássemos, víamos os rostos sorridentes de Obama e John McCain a prometer esperança, como se o mundo não estivesse na merda.

Naquela cassette, tive pena de Kiera. O minuto que a gravação durava era passado com ela a escrever no caderno, com um vistoso e incómodo vestido cor de laranja. Era uma boneca partida, como eu fora. Se prestássemos atenção, não tardaríamos a imaginar lágrimas a caírem sobre o papel. Tive uma época assim, em que me senti sozinha, prisioneira do universo, e, na verdade, talvez ainda o fosse, por mais que me tivesse reconstruído com uma cola de raiva e desesperança.

Depois de ver aquela cassette, senti necessidade de visitar os Templetons. Não sei porquê, mas precisava de lhes transmitir um pouco de luz. Afinal, eu considerava-me um pouco como Kiera, perdida e desamparada, e, mesmo que vissem a filha assim, sabia que, se ela um dia ela voltasse para casa, era possível seguir em frente. Só consegui que Aaron aceitasse o meu convite para um café, e dessa conversa só recordo as suas lágrimas e o longo abraço que me deu antes de nos despedirmos. Mal falou. Estava longe do que fora. Tínhamos tido ambos o mesmo destino.

Nessa época consegui afirmar-me na redação. Tentei cumprir as exigências da equipa de investigação, graças a Deus sem que Nora Fox ali se encontrasse, e tenho de reconhecer que tirei proveito da flexibilidade de Bob, com quem mantinha uma cordial amizade profissional.

Durante todo o ano de 2010, estivemos a trabalhar num só artigo que consumiu muitos recursos e a paciência de Phil Marks. Tratava-se de um caso que não tinha vindo a público, em que uma dúzia de trabalhadores das fábricas da China de uma importante empresa de telemóveis se tinha suicidado devido a *stress* e às condições laborais. Quando a reportagem de doze páginas chegou à rua, no princípio de novembro, Phil chamou os três ao seu gabinete para nos dar os parabéns e uma semana de descanso.

Mas eu não precisava de descansar, mas de encontrar respostas para uma pergunta que me martirizava há anos: onde estava Kiera Templeton? Quem a tinha?

Voltei a ver os vídeos digitalizados de Kiera, uma e outra vez. Criei uma lista de reprodução dos vídeos no programa VLC, e, quando um começava, o seguinte continuava. Passei assim um dia inteiro, a ver Kiera crescer, a imaginar a sua vida, chegando até a duvidar se precisava de que a resgassem ou não.

Tive uma ideia absurda: ver as cassetes tal como tinham sido gravadas. E decidi comprar um leitor VHS *Sanyo* de 1985. Encontrei duas relíquias na Craigslist, que eram vendidas para peças, e combinei com um dos proprietários comprá-lo e ver se me sugeria alguma solução. Encontrei-me na esquina onde tinha combinado com um tipo gordo que geria um videoclube antigo e que estava a liquidar tudo aquilo de que dispunha.

— São cem dólares — informou, depois de me cumprimentar e dizer o seu nome, de que já não me lembro. — Como disse no anúncio, está partido, mas é fácil de arranjar. Basta mudar um dos braços de enfiamento da fita magnética, e fica a funcionar.

— Sabe onde poderia arranjar uma peça sobressalente para o consertar? — perguntei, enquanto sondava se, aparentemente, haveria mais alguma coisa danificada.

— Não é coisa que se venda em qualquer lado, sabe? Em toda a cidade há duas ou três lojas de reparação destas engenhocas. Quase não vale a pena arranjá-las. O *streaming* é o futuro, é o que dizem, não é? Mas olhe, se tem vídeos antigos, esta é a maneira. Não há outra.

— Só duas ou três oficinas de reparação? — Uma centelha acendeu-se dentro de mim.

— Bem, sim. E isso a contar com Nova Jérсия, que é onde moro. Acho que a antiga VidRepair do centro fechou há uns meses, e olhe que estas engenhocas avariam-se muito. O pó acumula-se lá dentro, e as peças de plástico partem-se. Mas, claro, quase ninguém as usa já. É um negócio destinado a desaparecer. Como o meu, por mais triste que pareça. Nem os DVD vão poder parar o mundo digital que se aproxima.

— Sabe, por acaso, o nome dessas lojas? — perguntei, com o coração a bater com força como se estivesse prestes a descobrir realmente alguma coisa.

Capítulo 55

26 de novembro de 2003

Um dia antes da primeira cassete

Local desconhecido

*A piedade exige sempre
amor e dor para florescer.*

Na véspera do Dia de Ação de Graças de 2003, Iris esteve toda a manhã em casa com Kiera.

— Como é que este me fica, mamã? — perguntou Kiera, com um pano de cozinha cor de laranja a fazer de vestido.

— Falta-te o melhor, querida — disse Iris, colocando-lhe um laço da mesma cor na cintura.

Adorava brincar com ela às princesas e, embora não tivesse comprado muitos vestidos para não levantar suspeitas, Iris improvisava e recorria a panos de cozinha que atava à sua cinturinha de vespa. Isso permitia-lhes brincar a vestir-se de mil maneiras, fomentar a imaginação da menina criando engenhocas e objetos a partir de quase tudo, o que quase sempre resultava, exceto nas alturas em que Kiera fazia um ceptro com um piaçaba da sanita.

— Falta-me uma coisa. Já venho — disse Kiera a dado momento, indo até ao quarto aos saltinhos de felicidade, perante a cara de surpresa de Iris. Uma hora depois, durante a qual Iris ligou duas vezes o canal 8 para ver se estava tudo bem, a menina saiu do quarto com uma tiara feita de macarrões colados a um pedaço de cartolina.

— E agora? Estou bonita?

Iris sorriu.

— Estás maravilhosa, amor — respondeu a mãe quando a viu sair, num tom que deixava adivinhar um suave e quente laivo de orgulho por sentir que estava a educá-la bem.

Divertiam-se na maior parte do tempo assim, a brincar juntas, a ler alguns livros antigos que tinham em casa e em que nunca antes tinham sido tocados ou estendidas no sofá da sala, a ver filmes em VHS da coleção de Will.

A morte de Will ficara para trás. Quando ele morreu, Iris teve uma época tensa e difícil. Precisava de sair de vez em quando para tratar da papelada do falecimento do marido e, sempre que o fazia, suplicava a Kiera que não abrisse a porta a ninguém e que nem pensasse sair, porque iria ficar doente como da outra vez.

Tentava demorar o mínimo possível naqueles trâmites e, se fosse necessário, espaçava-os no tempo para não coincidirem. Desse modo, concluía uma tarefa de cada vez, regressava sempre a tempo e suspirava, tranquila, quando constatava que Kiera estava bem. Durante essas semanas, Iris andou muito preocupada, a pensar como iriam sobreviver as duas a partir dali. Kiera não podia ficar sozinha todo o dia, enquanto ela saía para trabalhar e ganhar um salário. Amaldiçoou repetidamente Will. Chegou a odiá-lo com tanta fúria que nem sequer foi ao funeral ou deu a notícia à família dele, que vivia longe. Para ela Will, era o cobarde que tinha fugido quando a situação se complicara.

Mas não tardou a descobrir que o acidente de Will tinha associada uma indemnização de perto de um milhão de dólares. Sem ela saber, Will tinha feito um seguro de vida devido ao seu trabalho na oficina. A isso juntou-se o montante que o município aceitou como indemnização por não sinalizar corretamente aquela passagem de nível.

Quando Iris verificou a sua conta bancária com o pagamento do montante total do sinistro, esteve a chorar durante horas. A morte de Will não fora uma catástrofe para ela e para a filha, mas um alívio que levou Iris a

recordar o marido como alguém especial que lhe mudara a vida para melhor. Afinal, fora Will que lhe dera Mila e também a oportunidade de passar todo o tempo com ela.

A morte de Will também reforçou a ideia de que o exterior era perigoso, não só pelas misteriosas ondas invisíveis que pareciam provocar-lhe espasmos, mas porque se podia morrer, como acontecera com o pai.

Chegou a um ponto em que Kiera estava tão convencida de que o exterior era perigoso que suplicava à mãe antes de sair que tivesse muito cuidado lá fora. Aos poucos, Iris encheu-se de coragem para prolongar cada vez mais as suas saídas, nas quais aproveitava para fazer compras, deixando a menina em casa, e, quando voltava, surpreendia-se por ela correr a abraçá-la e a agradecer-lhe por voltar sã e salva. A menina tinha quase tanto de medo de sair como Iris de que ela o fizesse, embora por motivos diferentes, e isso uniu-as ainda mais, por terem de lutar contra um inimigo comum, embora ele não existisse.

Certa vez, até, Iris deixou, sem querer, a porta de entrada aberta, porque chegou carregada com as compras, e, para sua surpresa, Kiera apressou-se a fechá-la e disse logo:

— Mamã, por favor. Tem cuidado, porque não quero ficar doente.

O seu cativo, mesmo sem que Iris o pretendesse, tinha sido como amestrar um elefante selvagem, a quem primeiro atam a um poste sem que se possa mexer para depois apanhar pancadas se o tentar. Quando as pancadas terminam, o elefante deixa de tentar fugir e passa a sentir-se bem e protegido pelo carinho do seu cuidador, que aos seus olhos é o salvador do seu calvário. Kiera já não queria separar-se do seu ambiente seguro, porque fazê-lo era tentar os seus espasmos, tal como o elefante não queria contrariar o seu malvado dono.

Naquela tarde, depois de brincar com os vestidos, Kiera estivera a tentar domar o cabelo da mãe, dando-lhe puxões com o pente, enquanto Iris se ria de dor. A seguir, inverteram os papéis, mas nesse momento Iris fizera-o com uma suavidade digna dos maiores cuidados. O cabelo de Kiera era comprido e escuro, e a escova deslizava por ele como se estivesse a

acariciar um lenço de seda com a mão seca. Aquelas carícias relaxavam Kiera, e ela ficou algum tempo a desfrutar delas, enquanto via *Matilda* na televisão.

Quando o filme acabou, Kiera foi para o seu quarto a cantarolar uma canção de Natal que tinha aprendido em *Sozinho em Casa* e, ao voltar à sala, viu a mãe a chorar enquanto segurava o comando da televisão.

— Mamã? O que é que tens? — perguntou, assustada.

— Nada, filha... é só que... me vieram à cabeça más recordações.

— Estás a falar do papá?

— Sim, filha — mentiu. — É por causa do papá.

— Não faz mal, está bem? — disse Kiera, acariciando o rosto da mãe. — Estamos juntas. O papá está bem, no céu. Como no filme *Todos os Cães Merecem o Céu*.

Iris riu-se. Kiera costumava ter aquelas saídas, em que simplificava um problema e o transformava numa gargalhada, e para Iris era impossível suportar uma dessas frases engenhosas que não sabia sequer de onde provinham.

— Estás a comparar o papá a um cão? — respondeu Iris com um sorriso, ao mesmo tempo que limpava uma lágrima.

— Não! — disse a menina a rir. — É só que... não gosto que chores. Queres que te conte uma história?

— Sim, amor. Adorava que lesse a tua história — respondeu. Mas deixa-me dez minutos sozinha? Preciso de fazer uma coisa aqui na sala.

— Queres que vá para o meu quarto?

— Porque não brincas um pouco com a casa de bonecas e depois vou lá ter? Está bem?

— A sério que estás bem?

— Sim, Mila. A sério — afirmou uma última vez.

Kiera foi para o quarto, confusa, e fechou a porta atrás de si. Pensou no que estaria a acontecer à mãe e esteve uns minutos a dar voltas à cabeça, a pensar no que poderia ser. Era pequena, mas preocupada, e queria ver a mãe feliz.

Entretanto, na sala, Iris ligou novamente a televisão e a antena que permitia receber os canais e deixou cair o comando ao chão, quando aquelas imagens voltaram ao ecrã. Nelas, dois pais choravam abraçados em frente da fotografia de uma menina de três anos. Reconheceu-a bem: era Kiera. Os pais estavam abraçados numa homenagem que se tinha realizado no dia anterior em Herald Square, em volta da qual se tinham concentrado duzentas pessoas, entre amigos e alguns transeuntes que ainda se lembravam do caso. Grace estava ao microfone, com os olhos vermelhos de pranto e a cara marcada pela dor. A seu lado, Aaron Templeton tinha o olhar perdido e o rosto contorcido. Ambos eram sombras do que tinham sido. Iris aumentou o volume e, pela primeira vez, ouviu a voz embargada da mãe a quem tinha arrebatado a sua menina.

— Estarias agora quase a fazer oito anos, minha menina — disse Grace ao grupo de pessoas que tinha diante de si. A fotografia de Kiera parecia recordar como era feliz a seu lado. A imagem era diferente da que tinha circulado no *Press* e nos anúncios que tinham divulgado anos antes, na televisão. Nela, Kiera ria-se, na verdade às gargalhadas, o que acentuava as covinhas na cara e o espaço entre os dentes incisivos. Os olhos da pequenita irradiavam uma felicidade difícil de igualar. — Quem me dera ter-te visto crescer, ter-te visto cair, ter-te tratado o joelho, ter continuado a cantar-te à noite a canção de embalar de que gostavas e em que te prometia que nada iria acontecer-te. — Grace Templeton fez uma pausa para recompor a voz que se desmoronava nas suas cordas vocais, como se fosse uma das Torres Gémeas. — Quem me dera ter-te educado com bons valores, minha filhinha. Quem me dera ter-te beijado a testa muito mais vezes do que as que o fiz, quem me dera ter-te agora diante de mim e saber que estás bem, meu amor. Peço clemência à pessoa que a levou. Se, por sua vez, alguém lhe fez alguma coisa horrível e a minha menina está morta em qualquer lado, peço-lhe apenas que nos diga onde está para podermos... — Desatou a chorar, e Aaron abraçou-a. No ecrã apareceram imagens intercaladas da antiga casa dos Templetons, rodeada de luzes de Natal, enquanto o apresentador da notícia recordava em voz *off* que naquela casa tinham

montado, durante os primeiros dias, uma central telefônica, que nunca chegara a permitir descobrir nada.

Iris tinha visto aquelas imagens de choro copioso. Nunca se tinha detido a pensar verdadeiramente na dor que estava a causar. Embora soubesse que a menina tinha uma família e que andavam à procura dela, nunca parara para avaliar o mal que estava a fazer. Agora, amava a pequenina com toda a sua alma, e isso fazia-a compreender também quanto os Templetons deviam amá-la. O seu lábio inferior tremia como tremera o de Grace Templeton enquanto se dirigia à filha. Pensou nela, no quanto aqueles pais tinham passado e no que fazer.

Tentou secar as lágrimas, mas os seus olhos eram uma torrente de culpabilização. Mudou de canal para tentar ultrapassar a visão de Grace e, sem querer, sintonizou o canal 8, em que viu Kiera a brincar tranquilamente com a sua casa de bonecas e o vestido cor de laranja improvisado com uma toalha.

Riu-se.

Deixou escapar um riso nervoso e entrecortado no meio das lágrimas. Imediatamente e sem pensar, uma ideia absurda tinha-se instalado na sua mente. Uma ideia com consequências nefastas.

Remexeu na estante com os filmes em VHS de Will e encontrou uma caixa com várias cassetes virgens *TDK*. Esteve um momento a esfregá-las com um pano, verificando que estavam limpas de impressões digitais ou de qualquer coisa que a pudesse incriminar. Introduziu-a no videogravador e, sem querer, sem saber, com a intenção de não ferir ninguém, carregou no botão *REC* e observou Kiera a andar pelo quarto enquanto gravava. Parou a gravação um minuto depois e, a seguir, com um marcador, escreveu *KIERA* no autocolante e voltou a analisar a cassette para eliminar possíveis impressões digitais. Guardou-a num envelope acolchoado e bateu à porta de Kiera ainda com o coração nas mãos.

— O que se passa, mamã? — perguntou a menina quando viu a mãe outra vez. — Estás bem, a sério?

— Sim, querida... só que... esta noite tenho de sair para entregar uma encomenda a uns amigos e... tenho medo que me aconteça alguma coisa — suspirou Iris, sem querer dar mais pormenores.

— Não vás, mamã — pediu Kiera, angustiada. — Eles que venham. É perigoso, e não quero que te aconteça nada.

— Tenho de o fazer, querida. Estão doentes e... com certeza vai ajudá-los. Ficas bem?

Kiera abraçou-a e murmurou-lhe ao ouvido:

— Sim, mamã. Não vou abrir a porta a ninguém e vou apagar as luzes, mas promete-me que vais voltar — disse numa voz doce.

— Prometo, meu amor.

Capítulo 56

Miren Triggs

26 de novembro de 2010

A véspera da última cassete

*Ter-nos-á parecido o passado
tão estranho como agora o presente?*

No dia seguinte, de manhã cedo, apresentei-me na primeira loja de reparação de leitores de VHS. Estava em Nova Jérсия, e, pelos vistos, segundo o tipo que me tinha vendido o meu *Sanyo*, era a melhor oficina de toda a cidade. Se o proprietário, um tal Tyler, não conseguisse resolver qualquer problema ou não encontrasse peças sobressalentes, dava ao cliente um das centenas de leitores em perfeito estado de funcionamento, para compensar o tempo de espera.

Tratava-se de um espaço estreito e comprido repleto de prateleiras de metal dos dois lados, com velhos leitores de cassetes que ladeavam o caminho até ao balcão. Mal entrei, tive a sensação de ter posto os pés num cemitério de geringonças que tinham mudado a vida de uma geração e que tinham sido repudiadas ao surgir algo melhor. Não era isso a evolução? O progresso, sem importar o que se deixa para trás.

De repente, de trás de uma das estantes, surgiu um senhor de uns sessenta anos que, mal me viu, me cumprimentou com entusiasmo. Irradiava uma cordialidade tão reconfortante que parecia imbuído dos filmes dos anos 90.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou.

— Olá... chamo-me Miren Triggs e sou jornalista do *Manhattan Press*.

— Uma jornalista, aqui? Este é um negócio moribundo. Não sei o que é que isto pode interessar à imprensa.

— Bem, se formos pelo mesmo caminho, talvez a imprensa tenha muito a aprender com um negócio como o seu — respondi com o melhor dos meus sorrisos. Precisava da ajuda dele. Talvez fosse o último cartucho e não servisse de nada, mas tinha de tentar.

— Muito bem dito. — Sorriu. — E do que precisa? Há alguma coisa em que este pobre velho possa ajudar?

— Sei que o que lhe vou pedir é improvável, mas... consertou algum leitor *Sanyo VCR* de 1985 nos últimos anos?

— Um *Sanyo VCR* de 1985?

— Sei que é complicado. Ando à procura do dono de um desses aparelhos, e esta é a última tentativa.

— Para quê, se é que posso perguntar?

Que diabo, pensei. A sinceridade também abre portas. Pelo menos, serve para unir as pessoas nobres, e o dono daquela loja parecia irradiar bondade vinda das entranhas.

— Lembra-se do caso da Kiera Templeton? A menina que desapareceu? E depois alguém enviou umas cassetes em que ela aparecia?

— Sim, claro. Como poderia esquecer-me? Aquilo das cassetes chamou-me a atenção. Usá-las para fazer mal... As pessoas perderam o norte.

— Sabemos que foram gravadas num gravador *Sanyo* de 1985 pelo modelo da cabeça nas marcas magnéticas.

— A cabeça do *Sanyo*? — inquiriu em tom confuso.

— É isso.

— Sabem que essa cabeça também existe nos *Philips*?

— Como? — perguntei, surpreendida.

— Nem só os gravadores *Sanyo* incluíam cabeças da sua marca. Naquela altura, a *Philips* não tinha produção própria, pelo menos completa, e a *Sanyo* fabricava-os, incluindo neles as cabeças da sua marca. Não sei que tipo de acordo tinham, mas é algo que qualquer apreciador dos gravadores dessa época sabe — disse e riu-se, como se estivesse a dizer algo óbvio.

— Está a dizer-me que tenho de alargar a procura e incluir também os videogravadores *Philips*?

Sorriu delicadamente.

— Isso mesmo.

— Diga-me, por favor... consertou algum *Sanyo* ou *Philips* desse modelo?

Fez um gesto de cabeça, confirmando, e um sorriso que quase me atingiu no peito. Fechei os olhos e respirei fundo. Talvez desta vez servisse para alguma coisa. Talvez aquele homem de bom coração tivesse a resposta para todas as minhas perguntas.

— Se a memória não me falha, consertei uns dez ou doze desses modelos nestes três anos. Os braços de enfiamento da fita partiam-se muito. Alguns modelos que não tinham um bom controlo de qualidade não aguentavam cinco anos sem os braços se partirem.

— Cinco anos... — Suspirei, tentando pensar. — De maneira que, se alguém continuar a usar um destes, de tanto em tanto tempo, terá de os reparar.

— Sim, se tivesse uma dessas primeiras unidades. Os primeiros foram os mais defeituosos, como acontece sempre com a tecnologia, não é?

— E será que tem uma lista de clientes a quem reparou gravadores?

Devolveu-me novamente um sorriso.

— Vou demorar um bom bocado a rever as minhas faturas, mas... claro. Todas as pessoas que reparam as suas geringonças aqui deixam os seus dados e um depósito. Dê-me duas horas. Vamos ver o que consigo — respondeu com uma das frases que me deu mais esperança nos últimos anos.

Esperei à porta, impaciente, observando a tranquilidade aparente da rua. Ali, em qualquer recanto, talvez estivesse Kiera ou alguma das pessoas desaparecidas de quem nunca se soube nada. Ficava em pânico, quando a minha mente viajava até àqueles medos. Duas horas depois, o Sr. Tyler veio até à porta com um papel arrancado do seu bloco que continha uma lista de onze nomes com as suas moradas. Ao lado de cada nome tinha também

anotado o custo das reparações e as compras de outro material que tinham feito na loja, ao lado da data que tinha registado na sua contabilidade arcaica e manual. Peças, sobressalentes, cassetes VHS, reparações. Segundo me contou, conservava um registo pormenorizado de qualquer pagamento feito com cartão, porque não queria problemas com os bancos. Quem os queria?

— Obrigada — agradei. — Era bom que o mundo se parecesse um pouco consigo.

— Já se parece, minha menina. Basta olhar para os sítios certos — respondeu, para se perder logo de seguida no interior da loja.

Quase todas as moradas eram daquele lado do rio, por isso aproveitei para as visitar antes que anoitecesse.

Não tinha qualquer plano. Não sabia como atuar se encontrasse algo suspeito. Encarei a possibilidade de chamar o agente Miller para lhe contar os avanços, mas ia perder mais tempo daquela maneira.

Visitei a primeira, de um tal Mathew Picks, e um senhor de sessenta anos abriu-me a porta. Quando lhe perguntei pelo arranjo do seu gravador, não hesitou em mostrá-lo, bem como toda a sua casa. Segundo me contou, adorava o grão no ecrã, que se formava com as cassetes VHS, e a magia de esperar que a fita rebobinasse. Disse-me também que tinha o seu casamento gravado naquele formato e que, enquanto estivesse vivo, todas as noites veria a cassette onde se casava com a mulher, que falecera dez anos antes.

Saí de lá com um sabor agri-doce. Visitei mais três antes do cair da noite, todas com o mesmo resultado: apreciadores do formato que não queriam perder a possibilidade de ver filmes que ainda não tinham sido passados para DVD ou Blue-ray.

Já noite cerrada, parei o carro perto de uma casa pequena de madeira branca com as luzes acesas, em Clifton, no condado de Passaic, em Nova Jérсия. Não esperava grande coisa. O dia, a princípio, tinha trazido alguma esperança e algum desafio de tarde, e, quando bati à porta, uma mulher loura com o cabelo encaracolado atendeu-me com ar de preocupação.

— Olá — disse tentando esconder o meu nervosismo. — É aqui que mora William... William Noakes?

Capítulo 57

27 de novembro de 2010
O dia da última cassete
Clifton, Nova Jérсия

*As palavras não ditas significavam
mais do que as que se pudessem dizer.*

— Olá. É aqui que mora William... William Noakes? — perguntou Miren consultando as pastas. Eram dez da noite, e Mila já estava na cama, como sempre àquela hora. A mãe continuava a tratá-la como uma miúda, apesar de já ter quinze anos.

Iris ficou petrificada. Havia anos que ninguém perguntava por ele. Tinha conseguido mudar a titularidade da linha telefónica e das contas bancárias, e aquela pergunta deixou-a desconcertada.

— Eh... vivia, sim. Era... o meu marido. Morreu há anos.

— Sim... foi por isso que cá vim. Detetámos... algumas irregularidades no seu cartão de crédito.

— O que é que aconteceu? Não é um pouco tarde... para estas coisas? — perguntou Iris, inquieta. Mila já estava a dormir, e na sala não havia nada a esconder.

— Bem... sim. Sei que já é tarde, mas não consegui vir antes. É que... houve um problema com os cartões de crédito do seu marido. Parece que continuaram a usá-los depois da sua morte, e isso... é um problema que a empresa tem de resolver.

— Que problema? Pago os recibos pontualmente, todos os meses.

— Sim, sim. Na verdade, não há nenhum problema. Expliquei-me mal. Só temos de preencher um formulário e responder a umas perguntas relacionadas com uns pagamentos feitos com a conta do seu marido para garantir que não lhe roubaram o cartão e que alguém não autorizado não está a utilizá-lo.

— Alguém não autorizado?

— Temos um problema. Copiam-lhe o cartão e, quando der por isso, ter-lhe-ão tirado todo o dinheiro da conta.

— Que horror! Eu não... não vi nenhum movimento estranho na conta.

— Posso entrar, por favor? É só um minuto. Está frio cá fora.

Iris acedeu, confusa, pois não podia deixá-la ali. O vento soprava forte e gelado naquele dia. Aquela mulher não parecia constituir uma ameaça. Estava sorridente e tinha um olhar enérgico: parecia uma vendedora de seguros.

Lá dentro, Miren varreu rapidamente o espaço com os olhos, procurando em todas as direções: mesa, sofá, mesa de apoio, televisão, videogravador *Philips*. O papel da parede era o que a Furnitools vendia, azul com flores cor de laranja.

— Muito obrigada, Sra. Noakes.

— Não tem de quê. Trabalha no banco? É a primeira vez que a vejo — perguntou Iris, sentando-se e indicando a Miren onde instalar-se.

— Sou da empresa do cartão. Será só um minuto, garanto-lhe.

— Está bem — aceitou Iris, finalmente.

Miren procurou novamente com o olhar: corredor comprido, armário verde fechado com cadeado aberto, janela, cortinas de gaze. Ao fundo, duas portas, ambas fechadas.

— Trabalha em que área? — foi a primeira coisa que Miren perguntou, mal se sentou no sofá. Tirou uma esferográfica e fingiu que ia anotar a resposta.

— Bem... é uma pergunta difícil. Trato... da casa. O seguro deixou-nos bastante dinheiro quando o Will morreu. Se levar uma vida frugal, acho que conseguirei... sustentar-me com o que tenho poupado.

Todos os alarmes de Miren dispararam. Aquela palavra sem importância tinha-se cravado no seu ouvido: «nos.»

— Teve filhos? Não.... Não consta no processo.

Um calafrio, começando na nuca e estendendo-se até à ponta dos dedos, percorreu o corpo de Iris.

— Não... filhos, não. Mas sempre gostei muito de cães e... são como meus filhos, sabe?

Miren sorriu, aceitando a resposta, mas interiormente sabia que algo não estava bem. Não tinha visto nenhuma casota de cão, nem aquela sala parecia cheirar a nenhum deles. Pelo contrário, o que se notava ali dentro era uma atmosfera fechada.

— Está bem. Passemos agora... aos gastos. Tenho uma série de compras que preciso de confirmar.

— Claro. Diga.

— No dia 18 de junho de há três anos, foram gastos doze dólares e quarenta com o cartão do seu marido na Hanson Repair. Pelos vistos, trata-se da compra de várias cassetes VHS. Foi a senhora que as comprou?

— Hanson Repair?

— É uma loja de dispositivos eletrónicos que fica a uns dez minutos daqui. Conhece o Sr. Tyler?

— Eh... não me lembro... mas, se tem isso anotado, suponho que sim — respondeu.

Miren riscou uma das linhas da lista que tinha no papel e passou à seguinte.

— No 12 de janeiro de 2007, há um pagamento de sessenta e quatro dólares e vinte... na mesma loja, Hanson Repair. Está certo?

— 2007? Foi há... há muito tempo. Não me recordo. Mande lá arranjar coisas algumas vezes, mas... não sei dizer-lhe se foi em 2007.

— Bem, neste caso, só precisamos que confirme que o pagamento foi feito por si. Falei com a loja. Confirmaram-me que consta como cliente. Mais concretamente com a reparação de um videogravador *Philips*.

— Ah, sim! Talvez.

— É aquele ali, não é? — disse Miren apontando para o leitor com a esferográfica para depois voltar a sorrir.

— Eh... sim.

— É uma joia. Quantos anos tem? Vinte? Trinta?

— Não sei dizer... Comprou-o... o Will quando nos mudámos para esta casa. Usámo-lo muito durante um tempo. Agora, com os DVD e o TiVo, quase não o ligamos.

Novamente o plural. Novamente o silêncio incómodo a seguir. Dessa vez, Miren controlou-se.

— Ótimo. Creio que é tudo aquilo de que preciso.

— Sim? Posso continuar a usar a conta?

— Olhe, deverá... cancelá-la com a certidão de óbito e passar o dinheiro para a sua. Seria o normal. O processo é um pouco lento, mas é o melhor. Assim evita confusões — respondeu Miren, levantando-se. Tinha-a apanhado. Tinha a certeza. A sua mente andava às voltas, pensando na melhor maneira de o fazer. Caminhou para a porta, com a mente a apresentar-lhe opções e com Iris atrás dela. E, então, recordou aquele conselho do professor Schmoer: «Um jornalista de investigação trabalha confirmando hipóteses, Miren. No teu caso, só falta o sim e o não da Margaret S. Foster. E isso é algo que podes obter simplesmente fazendo-lhe perguntas e observando a sua reação.»

— Tem tudo aquilo de que precisa? — perguntou Iris dessa vez, com um sorriso.

— Sim... acho que... tenho tudo...

Iris abriu a porta, Miren saiu e rodopiou. Tinha de dar o salto, mesmo que se espatifasse contra um muro. O coração ia explodir-lhe em mil pedaços.

— ... Bem, uma última coisa — disse, de repente. — Iris lançou-lhe um olhar suave e aturdido.

— Com certeza.

— Foi a senhora ou o seu marido que comprou a casinha de bonecas *Smaller Home and Garden*?

A expressão de Iris passou, num instante, da cordialidade ao terror. A casa de bonecas não estava à vista. Estava no quarto de Mila, e era impossível que aquela mulher soubesse. Iris abriu os olhos como se precisasse de encontrar algo no escuro, agarrou com força a esquina da porta e os seus lábios separaram-se apenas o necessário para deixar entrar o ar que tinha começado a faltar-lhe. Não respondeu durante o tempo suficiente para que aquela pergunta se respondesse sozinha e para que o significado daquelas palavras não ditas transmitissem tanto como as que pudesse dizer.

— Não... não sei do que fala — respondeu após um momento eterno a segurar a porta. — Agora, se me permite, tenho coisas para fazer.

Fechou a porta de repente, e Miren caminhou em direção ao carro, incrédula, tentando conter a adrenalina que sentia correr-lhe nas veias, sem saber como reagir. Entrou nele, ligou o motor e afastou-se até ao fim da rua, enquanto, de dentro de casa, Iris a observava através das cortinas. Depois, quando Miren desapareceu, soltou finalmente um grito tão forte que acordou Mila, assustada.

— O que se passa, mamã? — perguntou, ensonada, depois de abrir a porta ao fundo do corredor.

— Amor — disse com o rosto coberto de lágrimas. — Vai preparar a tua roupa. Vamo-nos embora dentro de uma hora.

— Embora? Ir para a rua? De que estás a falar, mamã? Vou ficar doente.

— Não temos alternativa, querida — suspirou entre soluços. — Temos de ir. Vais ficar bem.

— Porquê? Não!

— Querida. Temos de ir. A sério. Não podemos fazer outra coisa.

— Mas para onde vamos, mamã? — perguntou Mila, assustada.

— Para onde nunca nos encontrem, amor — disse quase sem forças para falar.

Capítulo 58

27 de novembro de 2010
O dia da última cassete
Clifton, Nova Jérсия

*Sempre que se empreende a primeira viagem,
esta nunca é a última.*

Mila tinha-se vestido de acordo com as indicações da mãe. Tinha coberto a cabeça com um lenço e posto uns óculos de sol, apesar de ser de noite. A roupa que vestira cobria-lhe cada pequena parte do corpo, deixando apenas à vista as suas mãos esbranquiçadas, as faces rosadas e uns lábios carnudos que nunca tinham sentido o toque de um beijo. Os óculos de sol mal a deixavam ver na escuridão da noite, pelo que caminhou agarrada à mãe, a pensar que talvez, a qualquer momento, fosse sofrer um dos seus ataques epiléticos.

Ao longo da vida tinha tido apenas uns dez, em momentos pontuais: depois de uma discussão com a mãe, depois de ver na televisão um filme demasiado emocionante e depois de lavar os dentes. Em cada um desses ataques, a mãe reforçara em Mila a ideia de que se tratava de sensibilidade eletromagnética, fruto das correntes elétricas, das ondas de *wi-fi* e dos dispositivos móveis, e ela tinha crescido com medo do mundo exterior como se fosse um ambiente radioativo que a pudesse matar. Por isso a casa não tinha televisão por cabo, que só Iris verificava de vez em quando, ligando o sinal e desligando-o quando Kiera estava por perto, e só

esporadicamente viam filmes em VHS que a mãe comprava em feiras de artigos em segunda mão.

Enquanto Mila estivera a preparar e a juntar as suas coisas, Iris estivera a pensar para onde ir e o que fazer. Não tinham muito tempo. Aquela mulher tinha perguntado pela casa de bonecas da Mila, e isso dizia-lhe que lhes restava pouco tempo. Enfiou numa mala tudo o que cabia lá dentro e arrastou-a com dificuldade até ao carro. Era um *Ford Fiesta* pequeno, branco, com mais de dez anos, que tinha adquirido para poder fazer compras desde que Will desaparecera.

Ajudou Mila, que pela primeira vez em muito tempo sentiu o ar gelado da rua chegar até ao carro. À medida que se afastava de casa, ia-se sentindo pior, e, embora fosse fruto da sugestão, as pernas falharam-lhe no momento antes de entrar no automóvel.

— Espera aqui enquanto vou buscar umas coisas — ordenou-lhe Iris.

Iris voltou a casa e introduziu no videogravador uma das últimas cassetes *TDK* virgens que ainda guardava numa caixa. Como tinha feito das outras vezes, gravou só um minuto do quarto, desta vez vazio. Pensou que talvez assim aqueles pais compreendessem que não receberiam mais notícias da filha. Era uma despedida, um adeus sem palavras, porque não podia ser de outra maneira. No fundo, sentia empatia por eles. Não imaginava uma vida sem Mila e muitas vezes pensou, arrependida, no que eles estariam a sofrer. Na verdade, fora assim que surgira a primeira cassette.

Passou a noite inteira a conduzir de um lado para o outro, indecisa, a deambular pela cidade. Durante todo o trajeto, Mila não parou de observar o exterior, atenta ao mundo que não conhecia.

De vez em quando, perguntava o que era alguma coisa: uma bomba de gasolina, uma padaria aberta que preparava *pretzels* para o dia seguinte, um grupo de vagabundos que tinham montado uma tenda ao lado de uns contentores. Iris não tinha um plano determinado e, quando o relógio marcou as cinco da manhã, apercebeu-se de que tinha parado o carro em Dyker Heights, em frente da antiga casa dos Templetons.

Ali, alguns vizinhos tinham começado a decorar as fachadas com luzes que àquela hora ainda estavam apagadas, mas o que se via esporadicamente em alguns jardins eram renas, Pais Natal e soldadinhos de brincar com um metro e oitenta.

Iris estava inquieta, como de cada uma das vezes que deixara uma das cassetes, mas desta vez era diferente. Ao seu lado, Mila observava-a, com a sua pele transparente, coberta em parte pelos óculos e um lenço que lhe envolvia a cabeça, sem saber o que estava a acontecer.

— Mila, querida, podes ir pôr este envelope naquela caixa de correio, por favor? — disse, depois de suspirar várias vezes antes de se encher de coragem.

Iris estendeu o braço para o banco de trás e pegou num envelope castanho almofadado. Lá dentro estava a cassete que tinha gravado, enquanto Mila esperava no carro, assustada e inquieta por sair à rua a meio da noite.

Naquele momento, Iris tinha ligado o televisor, sintonizado o canal 8 e esperado que no ecrã se visualizasse, lentamente, a imagem daquele quarto vazio com as paredes forradas a papel com flores cor de laranja. Tinha estado a pensar naqueles pais, Aaron e Grace Templeton, que muito esporadicamente apareciam nas notícias a chorar e a suplicar a quem tivesse a sua filha que a deixasse partir.

Sentia muita pena deles. Sempre que tinha notícias deles, temia não conseguir continuar e deixar Mila para que vivesse a vida que lhe cabia, com a sua família verdadeira, e não a que vivia com ela, fechada entre quatro paredes, a pensar que se saísse para o exterior lhe aconteceria alguma coisa grave.

Mas Iris já não o podia fazer. Amava tanto Mila que não a podia perder. Ela tinha-se tornado a única coisa que existia, a única coisa que a fazia sentir-se viva, porque um filho, mesmo que seja roubado, muda-nos para sempre. Um sorriso depois de horas de choro a perguntar pelos pais era uma alegria, um riso no meio das brincadeiras era como um primeiro beijo, um «amo-te, mamã» fazia que mais nada importasse. Decididamente, um filho

torna-nos viciados no amor, e, para ela, o mais impensável a partir dessa conexão que já tinha com Mila era imaginar dizer-lhe adeus para sempre. Tinha passado tanto tempo com ela, tinha criado um vínculo tão profundo com a pequenita — agora adolescente — que não lhe passava pela cabeça separar-se da menina.

Quando, na noite anterior, Miren se apresentara à sua porta, Iris não soubera como reagir, e a única coisa em que pensara durante as horas seguintes fora desaparecer.

— Porque estamos aqui, mamã? O que tem este envelope?

Iris deixou escapar um dos suspiros mais difíceis da sua vida e tentou controlar os batimentos cardíacos, agarrando o volante com força.

— Depois conto-te, está bem, querida? Temos de fazer uma longa viagem e... é para nos despedirmos de uns amigos.

— Sim, claro, mamã — acedeu Mila, sem entender muito bem.

Mila saiu do carro, com o lenço na cabeça, mas sem os óculos de sol, levando o envelope com o número 4. Aproximou-se da caixa de correio daquela casa com as luzes apagadas com uma sensação estranha a percorrer-lhe o corpo. Ainda era cedo, e, por detrás da janela panorâmica de um dos lados da fachada, podia ver-se a árvore de Natal iluminada. Aquele lugar pareceu familiar a Mila, como se o tivesse visto minutos antes mas fosse incapaz de recordar há quanto tempo. Ao chegar, forçou a tampa da caixa de correio, não sabia como abri-la. Afinal, nunca tinha aberto nenhuma e, enquanto o fazia, sentiu que uma sombra emergia ao seu lado e lhe murmurava com voz feminina:

— Deixa-me ajudar-te, Kiera — disse Miren, com o tom mais calmo que conseguiu.

Mila sobressaltou-se e deixou cair a cassete ao chão. Iris, por sua vez, que tinha visto do carro aquela mulher aproximar-se apressadamente da filha, sentiu-se como se lhe arrebatassem o que mais amava num instante.

Iris saiu do carro rapidamente e correu para Mila.

— Kiera? — perguntou, confusa. — Acho que... me confundi com outra pessoa.

Miren agachou-se e pegou no envelope com tal cuidado que Mila não sentiu qualquer perigo, apesar de a sua mãe se ter aproximado rapidamente.

— Quem é a senhora? — perguntou.

— Uma... uma velha amiga dos teus pais.

— Conhece os meus pais?

— Sim, acho que muito melhor do que tu — respondeu Miren. Mila franziu o sobrolho, tentando compreender a que se referia.

— Conhecemo-nos? — perguntou, no preciso momento em que Iris chegou junto dela e lhe agarrou o braço com força.

— Vamos. Temos de ir, querida. Entra no carro.

— O que se passa, mamã? — perguntou Mila à mãe, confusa. Não entendia a sua atitude.

— Vamos embora! Vá, entra.

— Conheces esta mulher? — perguntou. — Diz que é tua amiga.

— Não é verdade! Vá, entra de uma vez! — gritou Iris, completamente desesperada.

Miren meteu o envelope na caixa de correio e fechou-a. Olhou para a forma como Iris arrastava Kiera para o carro e seguiu-a dando uma corrida.

— Como é que conseguiu viver com isto? — perguntou Miren, enquanto Iris empurrava Mila para dentro do carro e dava a volta para se sentar do lado do condutor. — Como foi capaz de roubar a vida inteira a uma criança?

— Você não sabe nada — respondeu Iris com um grito, antes de abrir a porta e tentar entrar.

— E você não vai a lado nenhum — respondeu Miren, carregando uma arma e apontando-lha à cabeça.

Iris conteve a respiração durante uns momentos, olhando-a com tristeza, e, finalmente, suplicou:

— Por favor... não. A Mila não merece isto. É uma boa menina. Não merece perder a mãe.

— Eu sei. Mas também não merecia naquela altura — afirmou Miren.

Iris suspirou, impotente. Uma linha avermelhada desenhou-se no canto das suas pálpebras.

— Entre no carro e conduza — disse Miren no tom mais sério que alguma vez usara. Abriu uma das portas traseiras e instalou-se no banco atrás de Mila, que começava a estar assustada. — A Kiera tem de voltar para os seus verdadeiros pais.

Capítulo 59

27 de novembro de 2010
O dia da última cassete
Centro de Nova Iorque

*Os bons amigos estão sempre presentes,
mesmo que não pareça.*

Jim Schmoer estivera toda a manhã a dar aulas a um grupo em que, por um momento, lhe pareceu ver uma quantidade de Miren Triggs a olhar para ele, a fazer-lhe perguntas incómodas e discordantes, pondo à prova a sua mente crítica. Estava feliz. Para trás ficaram os anos em que ia dar aulas entusiasmado mas desconfortável, porque só de vez em quando aparecia entre os alunos uma alma de jornalista. Aquele ano era diferente. Sempre que perguntava alguma coisa, os alunos já tinham debatido essa mesma questão nas redes sociais e participado em debates dialéticos através de Facebook, Twitter, Reddit ou Instagram, formando uma opinião própria e tão heterogénea que dar aulas era um maravilhoso combate para os apreciadores de polémicas. O imediatismo da Internet tinha aberto as portas à informação e ao debate, e ele sentiu que era, sem dúvida, o melhor grupo que já tivera. As redes também tinham propiciado a desinformação, mas aquele grupo em especial parecia nunca se fiar no que lia se não tivesse o aval de uma fonte oficial. Estava tão concentrado, tão preenchido com aquela geração que estava a crescer com uma força e uma vontade como nunca tinha visto, que passava todo o dia à procura da forma de inovar para satisfazer a voracidade de um monte de aspirantes a jornalista com mais

garra do que ele, provavelmente, alguma vez tivera. Esteve seis horas seguidas a dar aulas naquela manhã e, quando chegou ao seu gabinete na Universidade de Columbia, às três da tarde, verificou que tinha várias chamadas não atendidas no seu telemóvel, de um número que não conhecia.

Hesitou em devolver ou não a chamada, mas era jornalista e não podia deixar a pergunta sem resposta, ficando sempre mais curioso do que devia.

Marcou e esperou três toques antes de uma voz feminina atender a chamada.

— Hospital de Lower Manhattan, posso ajudar?

— Está? — disse o professor. — Tenho várias chamadas deste número. Aconteceu alguma coisa?

— Como se chama?

— Schmoer, Jim Schmoer.

— Um momento... Deixe-me verificar... Não... Deve ser engano. Daqui não ligámos a nenhum Jim Schmoer — disse em tom assético a pessoa do outro lado.

— Um engano? Não faz sentido. Tenho quatro chamadas não atendidas. Tem a certeza de que não me ligaram intencionalmente?

— Quatro? Está bem. Deixe-me... — A voz afastou-se um pouco do auscultador e pareceu dirigir-se a outra pessoa. — Ligaste a um Jim Schmoer, Karen? — Um «sim» leve chegou aos ouvidos do professor, e este ficou preocupado.

— O que é que aconteceu? — perguntou, assustado.

— Um momento... — disse aquela voz, que foi substituída um momento depois por uma mais suave e simpática. — O senhor é o Jim Schmoer? O professor Jim Schmoer?

— Sim. O que se passa?

— O senhor figura como contacto de emergência de... deixe ver... como se chama?

— Contacto de emergência? De que está a falar? De quem? O que se passou?

O professor sentiu um calor repentino. Os seus pais viviam em Nova Jérsia, e pensou que talvez tivesse acontecido alguma coisa a um deles.

— Os meus pais estão bem? O que aconteceu?

— Os seus pais? Não, não. É uma jovem. Chama-se... Miren Triggs, conhece-a?

Capítulo 60

27 de novembro de 2010

**Doze anos depois do desaparecimento de Kiera
Dyker Heights, Brooklyn**

*E se toda essa escuridão não fosse mais
do que uma simples venda nos olhos?*

— Mamã, o que está a acontecer? — perguntou Mila, assustada e prestes a chorar, sentada no lugar do passageiro.

Mila não estava preparada para o mundo. Tinha medo, e aquela situação era tão nova e desconcertante para ela que bloqueou.

Iris carregou no acelerador, e o carro começou a avançar em direção a norte, enquanto os primeiros raios de sol começavam a iluminar os arranha-céus da cidade, que se destacavam como gigantescos pilares do outro do outro lado do rio.

— Vire aqui à direita, para o parque Prospect — ordenou Miren, apontando para Iris, que começara a chorar. Grace Templeton vivia perto daquele parque. Iris conduzia olhando em frente, limpando as lágrimas de vez em quando e sabendo que tudo estava prestes a terminar. A seu lado, circulava uma dezena de veículos, todos a começar o dia, alheios ao pesadelo que se encontrava próximo do fim.

— Quem és tu? Porque é que estás a fazer isto? Porque é que queres tirar-me a minha filha?

— Mamã! O que se passa? — Kiera levantou a voz, num grito que se ouviu apenas dentro do carro.

— Sua filha? Kiera... esta mulher não é tua mãe — disse Miren em voz alta.

— O que é que estás a dizer? Mamã, o que quer ela dizer?

De repente, Iris carregou no acelerador. Não ligou às indicações de Miren. Não virou para o parque. Estava prestes a implodir. Depois de acelerar, deu uma guinada no volante e entrou na Belt Parkway, escapando por pouco a um camião que quase abalroou o pequeno *Ford*.

— O que é que estás a fazer? — guinchou Miren. — Vamos a casa dos teus pais verdadeiros!

Aquela estrada atravessava Brooklyn de uma ponta à outra, acima do solo. Ao seu lado, os edifícios de escritórios e naves ficavam a meia altura, escoltando a imponente visão crescente dos arranha-céus de Manhattan, que se adivinhavam ao longe.

— Pais verdadeiros? — murmurou Kiera, confusa.

— Não lhe dês ouvidos, Mila. Ela está a mentir!

— Conta-lhe você ou conto-lhe eu? — perguntou Miren com voz ameaçadora.

— Mamã... o que é que ela quer dizer?

Nesse instante, Iris já quase não conseguia respirar. A pressão venceu-a. Não conseguia aguentar mais. Um dia a verdade iria explodir-lhe na cara, mas no fundo sempre alimentara a ilusão de que nunca viria a acontecer. Sempre pensara que o melhor que fazia pela filha, a sua menina, a sua princesa, aquilo que mais amara na vida, era esconder-lhe as suas origens, protegendo-a de uma verdade dolorosa e asfixiante: que a sua mãe era uma pessoa horrível, que a tinha raptado e separado dos seus verdadeiros pais, aqueles que lhe dariam uma vida melhor do que ela lhe tinha dado ou que jamais lhe proporcionaria. Iris criara Mila no temor, no medo do exterior, com a única intenção egoísta de que nunca ninguém lhe levasse a menina. Para trás ficou o medo das consequências. Não temia a cadeia, não temia a prisão perpétua, não temia sequer a pena de morte, temia separar-se dela. E esse medo tinha dominado toda a sua existência. A educação em casa, o corte com o exterior. Na verdade, Mila só conhecera duas pessoas na sua

vida: dois pais impostos, que queriam mais ter um filho do que criá-lo bem e que tinham transformado, com base em enganos e medos, uma menina risonha numa adolescente prisioneira do mundo exterior. Esse era o maior erro que um progenitor podia cometer, cortar as asas a um filho para que não pudesse voar.

— Conta-lhe a senhora ou conto-lhe eu? — repetiu Miren, desta vez num tom ameaçador.

Por fim, Iris lançou entre soluços:

— Lamento... Mila. Lamento, a sério...

— O que estás a dizer, mamã?

— Não... não és minha filha — admitiu com a voz quebrada em mil pedaços. — Não... não tens nenhuma doença. Podes... podes sair. Sempre pudeste...

— Do que é que estás a falar, mamã? Porque é que dizes isso? Estou doente, sim — refutou Kiera, incrédula.

— Não sou tua mãe, Mila... — continuou ela. — Eu e o Will... levámo-te para casa em 1998. Estavas sozinha, a chorar na rua, no desfile do Dia de Ação de Graças, e eu dei-te a mão, e tu deixaste-me fazê-lo. Sorriste-me, amor, e eu... senti-me logo tua mãe. Depois, não sei porquê, aceitaste vir connosco para casa. Enquanto caminhávamos, pensei que em algum momento iríamos parar, dar meia-volta e levar-te aos teus pais, mas a tua mãozinha... os teus passinhos, o teu sorriso... Foste sempre uma menina tão risonha... Foste, até nós chegarmos. Lamento, Mila.

— Mamã? — disse Kiera, que tinha começado a chorar a meio das explicações de Iris, como se fosse uma menina que acabara de largar a mão dos pais num desfile em 1998.

Passaram-se vários segundos até Iris se recompor o suficiente para poder continuar a falar.

— E um dia... quando o Will já não estava connosco... vi os teus pais na televisão. Vi-os a chorar, nas imagens de uma homenagem com velas que tinham organizado no Dia de Ação de Graças, em Herald Square, em

memória do teu desaparecimento. Nesse dia, vi os teus pais verdadeiros a chorar por ti, minha filha.

Miren não quis interrompê-la. Kiera estava desolada, a ouvi-la com os olhos avermelhados, enquanto soluçava.

— Diz-me que tudo isto não é verdade, mamã. Por favor... diz-me que não é verdade.

— Custou-me tanto... Senti-me tão miserável... que lhes quis dizer de algum modo que estavas bem, que não se preocupassem, que havia alguém a tratar de ti e que estavas bem.

— Enviou-lhes três cassetes de vídeo em doze anos — interrompeu Miren. — Porquê?

— Sim... usei a câmara que o Will tinha instalado... Gravei-te e deixei-a em tua casa. Pensei que assim a dor terminaria... mas, de vez em quando... apareciam outra vez, e eu precisava de lhes dizer novamente que estavas bem, que me deixassem tratar de ti, que eu te criaria e educaria bem, como merecias. Que não tinham com que se preocupar. Eu só queria que soubessem que... que não te tinha acontecido nada de mal.

— Mamã... — disse Kiera, que se lançou sobre ela e a abraçou, a chorar como nunca fizera. Tinha o coração cheio de contradições, como se fosse uma luta interior entre o amor e a tristeza.

— O teu nome é Kiera Templeton, não é Mila — murmurou Iris entre soluços. — Lamento, querida... Eu... eu só queria o melhor para ti.

Depois de uns momentos de choro, Kiera perguntou:

— E o que vai acontecer? Eu... eu amo-te, mamã. Não faz mal, certo? — disse, limpando uma lágrima à mãe. — Eu quero estar contigo, por favor.

O veículo desceu uma rampa e entrou de repente nas profundezas do túnel Hugh L. Carey, que ligava Brooklyn a Manhattan, fazendo desaparecer a aurora da cidade, que foi substituída por uma luz fluorescente que se infiltrava intermitentemente pelo interior do carro.

— Eu sei... amor, mas não podemos continuar juntas, entendes? Eu não posso... não posso ver-me ao espelho depois de saberes o que fiz. Não posso continuar com isto, Mila.

— Mas eu quero estar contigo, mamã. Perdoo-te, a sério. Não me importa o que fizeste. Sei como trataste de mim. Sei como me amas, mamã.

— Minha senhora, tem de se entregar — interrompeu Miren, preocupada. — Se o fizer, pode ser que lhe concedam algum benefício penitenciário e que se possam ver. — Miren tentou valorizar a situação para poder reduzir a tensão. Iris tremia, agarrada ao volante, e achou que Kiera era imprevisível. A princípio, pensou que encontrá-la seria resgatá-la, mas como fazê-lo se a tinham criado com grilhetas? — Há um pai e uma mãe que precisam de saber onde está a filha. Isto não é justo, nem para eles nem para a Kiera. Faça-o por ela. Entregue-se. À saída do túnel ficam os escritórios do FBI. Entregue-se, e tudo acabará bem. Está a ouvir?

— Você não é polícia? — disse Iris num suspiro, entre soluços.

— Sou jornalista — respondeu. — E só quero o melhor para a Kiera e que os seus pais saibam a verdade.

— Eu também quero o melhor para a minha filha — respondeu num sussurro. Depois suspirou, tentando controlar a acumulação de sentimentos que se debatiam no seu peito. Kiera inclinou-se para ela e abraçou-a novamente, sabendo que talvez, quando chegassem ao escritório do FBI, nunca mais pudesse fazê-lo.

Iris chorou e sentiu longamente o abraço da filha, que soluçava com ela. Nesse momento, recordou todas as ocasiões em que tinham brincado juntas, os momentos em que tinham rido enquanto dançavam, desengonçadas, ao som das canções antigas de filmes que ela lhe punha a tocar. Pensou em todas as vezes em que lhe contara uma história inventada na qual ela fazia de bruxa e a filha de princesa. A sua memória voou até ao choro de Mila, de cada vez que discutiam, e aos seus abraços sinceros depois de lhe pedir desculpa. Recordou o seu nervosismo quando saía para fazer compras e a deixava sozinha em casa e como suspirava, aliviada, ao verificar que lá continuava, que não se tinha ido embora, que a esperava com um sorriso. Com o tempo, foram cúmplices no seu cativeiro, numa espécie de jogo em que pareciam lutar contra um mal exterior. Lembrou-se de como Mila a abraçava ao chegar a casa, quando Iris saía para algum recado e a menina

lhe sussurrava que estava tudo bem. Tinham vivido tantos momentos juntas que imaginar-se sem ela era pior do que morrer. Compreendeu então a morte de Will. Percebeu que o fizera porque se sentira vazio sem o carinho da menina.

— Tudo teria sido tão fácil... — murmurou Iris a Mila.

A luz da saída do túnel iluminou o rosto de Iris, e, exatamente quando estava prestes a atravessar o limiar ofuscante, Miren apercebeu-se de que Iris tinha carregado no acelerador. Tinha sobrestimado a sua capacidade de a chamar à razão. Não queria mais disparos inoportunos. Não queria um final trágico para aquela mulher. Mas os verdadeiros heróis, os de carne e osso, também se enganam, e Miren enganou-se ao pensar que tinha a situação controlada. É impossível controlar uma mente assim, é impossível separar, a bem, uma mãe da sua filha, mesmo que não fossem mãe e filha.

— Trave! — gritou Miren, encostando o cano da pistola à cabeça de Iris.

— Isto acaba aqui, amor — soluçou Iris para Kiera.

— Mamã! — implorou Kiera separando-se da mãe. Tão depressa quanto conseguiu, pôs as mãos no *tablier*, ao sentir a guinada do volante para esquerda.

— Não! — gritou Miren, na última tentativa de deter a tragédia.

Ouviu-se um disparo que partiu o vidro. A bala tinha aflorado a cabeça de Iris e partido o para-brisas. À saída do túnel com duas faixas de rodagem para cada sentido, o carro gingou bruscamente para a faixa contrária a mais de cem quilómetros por hora. A sorte quis que evitasse uma moto na primeira faixa por apenas dez centímetros, mas a desgraça, sempre presente nos momentos mais importantes, sempre atenta para alterar tudo, levou o *Ford* a enfaixar-se na parte dianteira de uma sólida carrinha de distribuição, carregada até cima, a qual funcionou como um muro de contenção.

Capítulo 61

27 de novembro de 2010

**Doze anos depois do desaparecimento de Kiera
Hospital de Lower Manhattan**

*Quando tudo parece o fim, na verdade,
trata-se de um recomeço.*

O professor Schmoer caminhou pelo corredor do hospital com uma celeridade imprópria dele, mas sentia o coração a mil à hora, e, naquele momento, era impensável caminhar. Há alguns anos que não via Miren Triggs, embora não tivesse deixado de a ler no *Press*. Sempre que o fazia, um ligeiro sorriso de orgulho invadia-lhe o rosto, e, durante algum tempo, pensou mesmo em retomar o contacto, mas encontrava sempre a desculpa perfeita para não o fazer.

Gostava dela à sua maneira, na recordação distante daquela noite, e sentia que talvez ela também mantivesse aquela ligação estranha e improvável entre ambos. Finalmente, atravessou várias portas duplas que ficaram a dançar atrás dele e entrou num novo corredor que parecia mais comprido do que o anterior. Enquanto o percorria, reparou nos letreiros que numeravam os diferentes quartos e, quando por fim chegou ao 3E, o quarto que a rececionista lhe tinha indicado, espreitou pelo vidro no cimo da porta antes de abrir.

Aproximou-se dela e reconheceu-a de imediato, apesar de estar a dormir e cheia de contusões. Estava monitorizada por vários ecrãs que marcavam constantemente os seus sinais vitais e, apesar da sua evidente mudança

física desde a última vez que a vira pessoalmente, reconheceu naquelas pálpebras fechadas e naquele cabelo castanho a mesma rapariga enérgica e inquebrantável de há tantos anos.

Sentou-se no quarto e deixou passar as horas. De vez em quando, um enfermeiro aproximava-se para confirmar que estava tudo bem e ia-se embora. Ora, precisamente antes de anoitecer, Miren abriu os olhos com um sorriso débil.

— Ei... acordaste... — murmurou o professor, em tom suave.

— E tu... vieste, professor.

— Se querias voltar a ver-me, não precisavas de fazer estas coisas... Já... não és minha aluna. Não tens razão para me tratares assim. Poderíamos ter um... encontro normal.

Miren esboçou um sorriso, com os olhos semicerrados.

— Dizem que tiveste muita sorte — disse o professor, tentando animá-la.

— És dura, é verdade. Segundo me contaram, morreu uma pessoa no acidente.

— Encontrei-a... — disse ela, em tom sério.

— Encontraste quem, Miren?

— A Kiera.

— A Kiera? A Kiera Templeton?

Miren assentiu, com dificuldade.

— Mas... onde está? Quem a tem? Este acidente tem algo que ver com isso?

Miren suspirou, fechando os olhos ao mesmo tempo, e depois recompôs-se para falar.

— Poderias fazer-me um último favor, Jim?

— Claro... diz lá, Miren — disse num sussurro, aproximando-se delicadamente da sua boca para ouvir melhor.

— Poderias pedir aos Templetons que venham até cá? É muito importante. Têm de saber o que aconteceu.

Um pouco depois, o telemóvel do agente Miller tocou no seu bolso, no momento exato em que chegava a Herald Square e observava a cidade a iluminar-se, quase de repente, com as luzes de Natal. Tinha andado a deambular sem saber o que fazer nem que passos seguir e acabara por chegar ao local onde a história de Kiera se tinha iniciado. A menina tinha desaparecido em algum ponto daquela zona, e um calafrio percorreu-lhe o corpo ao pensar que nunca a encontraria. E, se o fizesse, se calhar ela nem se lembraria dos pais. Afinal, o desaparecimento de Kiera aconteceu quando ela tinha três anos, e ele sabia que a memória funcionava de um modo muito seletivo nessa fase inicial da vida. O agente tentou relembrar a primeira memória que guardava na mente e apercebeu-se de que eram pequenos *flashes* dele em criança a puxar um carrinho de brincar, com cinco ou sete anos, mas era algo impossível de comprovar.

Atendeu a chamada sem olhar para o visor, e uma voz masculina, que não reconheceu, cumprimentou-o:

— Agente Miller? Estou a falar com o agente Miller?

— Sim. Quem fala?

— Chamo-me Jim Schmoer, sou professor da Universidade de Columbia.

— Da universidade?

— Olhe, liguei para a sua esquadra, e um dos seus colegas deu-me o seu número de telemóvel pessoal. Disse-me que já tinha saído.

— Sim... não devia...

— Oiça. Estou a ligar-lhe em nome da Miren Triggs. Ela pediu-me que o avisasse a si e aos Templetons. O telemóvel da Miren está partido, ela sofreu um acidente e não tinha outra forma de vos encontrar.

— A Miren Triggs? Onde está ela? Tenho de a encontrar. As impressões digitais dela... estão em... — Hesitou sobre se deveria contar a descoberta das impressões digitais de Miren e de Kiera no envelope.

— A Miren está bem. Só tem uns ossos partidos e um ligeiro traumatismo craniano.

— Em que hospital está? — perguntou, preocupado.

— No de Lower Manhattan. Avise os Templetons. É importante... — Fez uma pausa, para se certificar de que o agente o escutava com atenção. — Ela encontrou a Kiera.

Ao chegarem ao hospital, os Templetons encontraram-se com o agente Miller à porta do edifício, cujos batentes se abriram como duas facas afiadas para darem passagem a um dos momentos mais dramáticos das suas vidas. Aaron e Grace pareciam abatidos, mas caminhavam com mais celeridade do que o seu aspeto poderia deixar adivinhar. Os dois tinham o rosto marcado pela dor de anos de tristeza, embora no olhar se detetasse uma esperança contida, sob a forma de lágrimas prestes a saltar.

Mal chegaram, o agente saudou-os com um abraço efusivo.

— Ben... sabe alguma coisa?

— Ainda não. Acabei de chegar. Pelos vistos, a Miren Triggs quer contar-vos qualquer coisa. E quer que estejamos todos presentes. Não avisei ninguém. Não quero fugas de informação de nenhum tipo. Parece importante.

Aaron deixou fugir a mão e pegou na de Grace, que pela primeira vez em muitos anos apertou a do marido e caminhou com ele, suspirando com força entre passos.

— Não me parece nada de bom — disse o agente antes de caminhar à frente deles, guiando-os pelo caminho.

Entraram no quarto e viram Miren sentada na cama, vestida com a roupa do hospital, a beber um golo de um copo de água. Estava um pouco melhor, embora se sentisse fraca. Tinha um hematoma na cara e o braço direito coberto de adesivos.

— Agente Miller — cumprimentou o professor —, sou o Jim Schmoer, fui eu que lhe liguei. Sr. e Sra. Templeton, suponho que conhecem a Miren Triggs.

— Meu Deus, Miren... o que é que te aconteceu? — perguntou Aaron.
— Estás bem?

Grace manteve-se ao lado do marido, nervosa e impaciente por causa daquela chamada tão inesperada. Os dois sabiam que Miren continuava à procura da sua filha, ou pelo menos era o que lhe tinha dito algumas vezes, quando os visitava para lhes pedir pormenores sobre ela ou sobre como tinha desaparecido.

Miren conteve-se um momento antes de falar, à procura das palavras certas. Há anos que pensava naquele momento, vislumbrando o instante em que tudo faria sentido, e levantou-se de repente. Fê-lo com dificuldade, apoiando primeiro delicadamente um pé descalço no chão, certificando-se de que aquele gesto não a magoava, e caminhou depois, a puxar o portassoro, em direção aos Templetons.

— Miren, devias descansar — disse o professor dirigindo-se a ela.

— Eu estou bem. É que... não tenho palavras para vos explicar tudo o que aconteceu à Kiera, tudo o que descobri sobre ela.

Aaron e Grace abraçaram-se e baixaram a cabeça, fechando os olhos com tanta força que se tornou mais difícil aguentar o choro. Não estavam preparados para aquilo. Na verdade, quem estaria? Nem Miren se sentia segura do que ia fazer. Na sua voz adivinhava-se uma ligeira nota de desesperança, mas, na verdade, era fruto de uma vida de buscas dolorosas.

— Encontrei a Kiera — disse, por fim.

Grace levou as mãos à boca e não conseguiu aguentar mais. Começou a chorar e, entre lágrimas, perguntou com voz desesperada:

— Onde é que ela está? — soluçou. — Quem a tem? A minha menina — disse entre soluços. — A minha pequenina...

Miren não respondeu. Também lhe custava conter-se. Afinal, para Miren, Kiera era como ela própria, e sempre que a via nas cassetes imaginava-se ali dentro, naquele quarto, rodeada de um papel com flores cor de laranja, a acariciar a sua pele, como se estivesse à procura da sua própria pessoa, como se ainda estivesse a usar o vestido daquela cor na noite em que mudara para sempre. Naquela menina via os seus medos, a sua vulnerabilidade, via tudo o que se escondia nas profundezas do seu coração. Um *puzzle* irresolúvel, um quebra-cabeças construído com pedaços de dor.

Apercebeu-se de que não podia esperar mais e, com todos à espera de uma resposta — os pais arrasados, o agente Miller inquieto e o professor a sentir uma espécie de admiração por aquela borboleta ferida cuja crisálida só ele conhecia —, saiu do quarto e, voltando-se para eles, disse:

— Sigam-me, por favor.

Caminhou com dificuldade, empurrando o porta-soro, cujas rodas emitiam um leve chiado pelo corredor solitário. Os pais de Kiera viram-na caminhar com uma tal mistura de emoções que não sabiam em que acreditar. Miren deteve-se uns metros adiante, em frente do quarto 3K, e os pais olharam-se, confusos, perguntando-se o que se passava, com os corações a tremer em vez de bater.

— Grace, Aaron, aí têm a vossa filha — disse, por fim, abrindo a porta e deixando ver Kiera Templeton lá dentro, adormecida, com vários ecrãs a marcarem os constantes sinais vitais em valores normais. Tinha uma perna engessada e uma ligadura que lhe cobria parte da cabeça, mas era, sem dúvida, Kiera.

Grace levou a mão à boca e desatou a chorar ao reconhecer a covinha no queixo, que continuava cravada na sua memória e que acariciava às vezes, quando a pequenina dormia ao seu lado, há tantos anos. Aproximou-se com delicadeza, lavada em lágrimas, e Aaron fez o mesmo. Seguindo os passos da mulher, em silêncio, para não perturbar aquela imagem de um reencontro doloroso e tranquilo por que haviam ansiado toda a vida. Quando Grace chegou por fim junto da cama, virou-se para Aaron, abraçou-o com força, a chorar, e murmurou-lhe algo ininteligível que só tinha sentido para os dois.

Depois desse momento, Miren fechou a porta do quarto, deixando ali os três, com a intenção de que a alegria daquela família permanecesse exclusivamente entre aquelas quatro paredes.

O agente Miller pousou uma mão em Miren, e ela devolveu-lhe um aceno de cabeça.

— Onde é que estive todos estes anos? — perguntou. — Quem a tinha?

— Uma mãe errada — respondeu. — Mas deixe-me contar-lhe tudo no meu quarto, agente. Acho que eles merecem um pouco de tempo em...

família — afirmou.

O professor Schmoer lançou-lhe um olhar de aprovação e aproximou-se dela, quando viu que começava a caminhar de volta ao 3E. Miren soprou levemente ao sentir uma pontada na costela, e o professor envolveu-a pela cintura para a ajudar a caminhar.

— Estás bem? — perguntou-lhe com um nó na garganta e um pouco nervoso, ao sentir-se perto de Miren.

— Agora sim — respondeu com a voz entrecortada pela emoção e esboçando um suave sorriso contido.

Ele deixou que ela apoiasse o seu peso sobre o ombro dele e notou o calor do seu corpo sob o robe do hospital. Aquele calor levou-o a uma viagem de táxi, ao fogo de uma noite, que nunca deixou de arder dentro dele, a compreender que aquele momento juntos talvez nunca mais se repetisse. Engoliu a saliva, tentando inundar com ela as suas emoções, porque sabia que a Miren que tinha a seu lado era muito diferente da que ele recordava, mas igual à que devia ter sido sempre:

— Como é que a encontraste? — perguntou em voz baixa, quando por fim recuperou os seus pensamentos.

— Limitei-me a seguir o teu conselho, Jim — disse em tom suave, dando passos débeis ao lado dele. — Sem nunca deixar de procurar.

Epílogo

23 de abril de 2011
Alguns meses depois

— E como está a Kiera? Voltou a vê-la? — perguntou do fundo da livraria uma mulher que segurava entre os braços um exemplar de *A Menina de Neve*.

— Bem, sim — respondeu Miren, aproximando-se do microfone. A sua voz, que parecia mais entrecortada e débil ao ser ampliada pelo altifalante, chocou contra os cantos dos livros que se empilhavam nas prateleiras. Por baixo da mesa, Miren mudava a esferográfica de mão, num gesto que tinha começado a fazer nas apresentações, quando estava nervosa. — A Kiera está bem, mas não posso contar mais nada. Prefere... não continuar sob as luzes da ribalta. Está a tentar recuperar o tempo perdido, e isso é algo que ninguém deveria roubar-lhe, por mais que os meios de comunicação tentem vigiar a sua casa com o objetivo de captar uma imagem dela ou de a surpreender numas compras.

A mulher que lhe fez a pergunta assentiu, satisfeita. Era de noite, a livraria tinha ficado aberta até tarde, num compromisso que cumpria sempre quando organizava apresentações. Tratava-se de um local pequeno e de bairro, em Nova Jérсия, com espaço apenas para umas vinte cadeiras na sua sala mais ampla, e, por isso, a maior parte das pessoas que ali se aglomeravam ouvia de pé, todas com os seus exemplares entre os braços, como se protegessem uma menina em apuros.

A publicação do livro de Miren foi uma bomba mediática, que ninguém esperava e que surgiu sem que o pretendesse. Aproveitou a semana em que

esteve internada no hospital para escrever o artigo final publicado no *Manhattan Press*, o qual acabou por ser o melhor da sua carreira. Nele relatava como tinha encontrado Kiera Templeton e como fora o desenlace daquela história que atravessava épocas, unida pelo sofrimento da família. Nesse artigo que escreveu no seu portátil, na cama de hospital, Miren Triggs descreveu detalhadamente a sua investigação e a maneira como uma família com problemas de fertilidade atravessara a linha que separa os sonhos dos pesadelos. Kiera Templeton fora encontrada, e toda a gente queria saber o que era feito dela, onde tinha estado e como fora a sua vida. Aquela capa do *Manhattan Press* foi tão inesperada como sempre e muito diferente das outras. O título do jornal dizia «Como encontrei a Kiera Templeton», assinado por Miren Triggs. O formato do jornal daquele dia mudou ligeiramente, com uma capa a cores, com a fotografia de Kiera quando tinha três anos e a impressão num papel de alta gramagem para suportar a passagem do tempo. A tiragem desse dia foi duplicada para dois milhões de exemplares, prevendo uma elevada procura, mas mesmo assim foram insuficientes. As pessoas amontoaram-se nos quiosques e papelarias, quando souu a notícia de que uma jornalista do *Press* a tinha encontrado. Todos queriam saber o que tinha acontecido e como Miren Triggs conseguira resolver o maior enigma dos últimos vinte anos.

Ainda Miren estava no hospital quando recebeu a visita dos seus pais para lhe fazerem companhia durante a longa estadia até lhe darem alta e uma mulher se apresentou no seu quarto. Segundo disse, era Martha Wiley, editora da Stillman Publishing, um dos maiores grupos editoriais do país, e ofereceu-lhe um contrato por um milhão de dólares em troca de um romance que contasse os pormenores da busca de Kiera Templeton.

Naquela altura, Martha Wiley despediu-se de Miren e deixou-lhe um número de telemóvel para onde ligar, se quisesse desenvolver mais o artigo e aquela história. No próprio dia em que lhe deram alta, Miren chegou com passos hesitantes ao seu estúdio no Harlem, acompanhada dos pais, e verificou que a sua vizinha, a Sra. Amber, tinha aproveitado a sua ausência para lhe encher a caixa do correio com a sua própria publicidade.

Riu-se. Não pôde fazer mais nada.

Ao chegar lá acima, constatou que lhe tinham arrombado a fechadura do apartamento e que o tinham vandalizado, levando quase tudo o que tinha valor. Um momento depois, ligou a Martha Wiley e confirmou-lhe o seu interesse em escrever aquele romance, cujo título já ecoava na sua cabeça: *A Menina de Neve*.

Tratava-se de uma espécie de tributo ao artigo que escrevera em 2003. No livro, relatou os seus medos e inseguranças, o seu primeiro contacto com o caso de Kiera e como, aos poucos, aquela menina acabara por fazer parte dela, até a encontrar, doze anos depois, mantendo de uma maneira estoica a promessa que fizera a si própria: nunca desistir de procurar. Escreveu o livro durante os meses de inverno, num confortável apartamento, arrendado com o dinheiro do adiantamento dos direitos de autor, em West Village, uma zona menos problemática do que aquela onde vivera antes, para tranquilidade da mãe. Os únicos perigos daquele bairro eram as lojas de marca onde ela não entrava. Quando *A Menina de Neve* foi publicado, tornou-se imediatamente o livro mais vendido do país, e Miren, que não gostava de falar em público, teve de sair do seu esconderijo, onde passara os meses anteriores a escrever, para fazer doze apresentações e sessões de autógrafos que tinha deixado acordadas por contrato.

Na primeira fila, uma rapariga levantou a mão e, quando cruzou o olhar com o de Miren, atreveu-se a perguntar.

— Abandonou o jornalismo? Já não está no *Manhattan Press*?

Miren negou com um sorriso sincero e começou a falar.

— É algo impossível de abandonar. O jornalismo apaixonou-me, e acho que não saberia fazer outra coisa. Neste momento, o meu chefe, que é muito compreensivo, deu-me uns meses de licença. Quando estiver preparada, voltarei a escrever para eles. Todas as semanas lhe telefono para lhe dizer que não sente ninguém no meu lugar. Riu-se e fez rir toda a sala. Ao lado da rapariga que tinha feito a pergunta, um jovem moreno, que parecia ser o seu

companheiro, levantou a voz sem dar tempo a Miren de perceber de onde vinha.

— É verdade que vão fazer uma série televisiva sobre ti? Li que uma das grandes produtoras comprou os direitos audiovisuais.

— Bem, há algumas coisas a acontecer, sim, embora ainda não possa dizer nada. Mas aquilo que posso dizer é que... não é sobre mim. É sobre a busca da Kiera. Eu não sou assim tão... tão interessante para uma coisa dessas. Sou apenas jornalista, procuro histórias para contar. Neste caso, a história era a Kiera Templeton.

O rapaz assentiu com um tal sorriso que Miren percebeu que a resposta lhe agradara. Ficou mais algum tempo a responder a perguntas, como se fosse um jogo de ténis, devolvendo as bolas e indo ao encontro delas para não as perder. Então, uma mulher que estava também de pé lançou a pergunta em voz bem alta:

— É verdade que anda com uma arma?

A sua editora, Martha Wiley, que acompanhava Miren em cada uma das apresentações, levantou a mão e pediu desculpa:

— Creio que já... que não nos resta tempo para mais perguntas, se querem que a autora assine o exemplar a todos. A menina Triggs está muito satisfeita por falar convosco, mas temos de apanhar um voo esta noite para Los Angeles, e já temos pouco tempo. Poderão perguntar-lhe o que quiserem enquanto ela assina.

— Não te preocupes Martha — disse Miren. — Acho que podemos responder a mais algumas sem qualquer problema.

A editora estalou a língua, e os leitores agradeceram aquele gesto. Então, um homem de barba, lá ao fundo, fez sinal.

— Então, anda armada ou não?

— O senhor tem alma de jornalista. — Miren sorriu. — Não, não ando armada. Digamos que é... uma liberdade criativa para o livro.

— E o seu caso com o professor? Também é uma liberdade criativa?

Miren riu-se antes de responder e acrescentou:

— Bem, não vou negar que não foi algo que não pudesse acontecer.

— Vá lá... pode contar-nos. Ninguém vai ficar a saber.

Toda a livraria, que estava apinhada de gente com um exemplar de *A Menina de Neve*, soltou uma gargalhada que chamou a atenção de quem ia a passar na rua.

— Digamos que aquela viagem de táxi me pareceu curta — admitiu Miren entre dentes, contendo o riso.

Um suspiro risonho invadiu a livraria, e Martha Wiley começou a bater palmas para incitar ao aplauso dos leitores que enchiam a livraria e que não tardaram em juntar-se a ela. Miren ficara sentada, enquanto se formava uma fila em frente da sua mesa. Levantou as mãos do colo e pegou no primeiro exemplar de uma leitora com ar entusiasmado.

— Adorei, a sério. Continue a escrever.

— Vou continuar — respondeu Miren enquanto assinava.

Um após outro, Miren ouviu os elogios com dificuldade. Sentia que não merecia tanto carinho e prontificou-se a reservar para cada pessoa o tempo necessário para que cada uma saísse dali com uma sensação agradável. Pensou que talvez estivessem ali por Kiera e não por ela e sentia que, apesar do sucesso do livro, a sua história não tinha nada de interessante, visto que ela não era Kiera Templeton nem sofrera um calvário para sobreviver. Mas, à medida que falava com cada uma das pessoas que passavam pela mesa com o seu exemplar de *A Menina de Neve*, verificou que as pessoas só tinham palavras agradáveis para si e para o que tinha feito: «É uma heroína», «O mundo precisa de mais gente assim», «Obrigada por nunca ter desistido de procurar». Uma menina de oito anos, com um casaco vermelho e que viera à sessão de autógrafos com a mãe disse-lhe umas palavras que a marcaram mais do que poderia imaginar: «Quando for grande, quero ser como tu e encontrar todos os meninos perdidos.» Uma lágrima nasceu nos olhos de Miren, mas ela conseguiu apanhá-la antes que alguém se apercebesse.

De um lado da mesa iam-se acumulando cartas e presentes de alguns leitores. Não eram muitos e, quando acabou de assinar e o local ficou vazio, a livreira, uma mulher de quase setenta anos que passara a vida inteira a

melhorar o mundo, ofereceu-se para os guardar num saco de tecido que só oferecia aos melhores clientes, enquanto lhe agradecia carinhosamente ter escolhido a sua pequena livraria para uma das apresentações do seu livro.

— Não tem de me agradecer. Pelo contrário, eu é que lhe agradeço ter-me arranjado um espaço entre os seus livros — respondeu Miren, levantando-se e ajudando-a a guardar os embrulhos no saco.

Entre os presentes havia uma réplica em miniatura de *A Menina de Neve*, uma rosa branca que lhe fora dada por um homem que não conseguira falar enquanto lhe assinava o livro e até um exemplar de 1998 do jornal *Manhattan Press*, em que Miren tinha escrito o seu primeiro artigo, que saiu na primeira página com James Foster em chamadas. Admirou-se por voltar a vê-lo. A última vez que o viu foi em casa dos pais, emoldurado no corredor, onde atraía mais pó do que olhares.

As cartas, que normalmente lia quando chegava a casa ou ao hotel, se estivesse fora, eram em geral longas missivas que pediam ajuda para encontrar entes queridos desaparecidos há anos, propostas românticas que lhe despertavam o riso ou até pedidos de trabalho que não conseguia satisfazer. Tentava ignorá-las, embora houvesse algumas com pedidos de ajuda que apontava num bloco para rever a sua história para o caso de haver alguma lacuna inexplicável nos desaparecimentos.

Do monte de cartas daquela sessão, uma chamou-lhe a atenção. Tratava-se de um envelope castanho almofadado, apenas com duas palavras no verso, escritas com marcador: «QUERES BRINCAR?»

— Viste quem deixou isto? — perguntou à editora, que negou com a cabeça.

Miren não se lembrava de ninguém que lhe tivesse deixado aquela carta durante a sessão de autógrafos. Na verdade, não estivera atenta, visto que, à volta da mesa, houvera muita gente em movimento, a tirar fotografias e a conversar enquanto ela assinava, concentrada, e agradecia o apoio recebido.

— Deve ser mais uma proposta erótica. Abre-o e vamos rir-nos um bocado.

Miren bufou, mas uma sensação estranha inquietava-a. A letra era irregular e, embora escrita em maiúsculas, transmitia uma desordem que já se lhe cravara na alma.

— Talvez um admirador louco. Dizem que todos os escritores têm um — disse a livreira em tom jocoso.

— A letra dá ares disso — acrescentou Miren, séria.

Aquilo não lhe agradava. Uma parte de si dizia-lhe que não o abrisse, como fazia, de vez em quando, mas outra desejava encontrar bondade naqueles olhos que durante umas horas tinham estado a olhá-la com entusiasmo. Lá fora tinha começado a chover, como se as nuvens soubessem que tinham de o fazer naquele momento, para criar a atmosfera perfeita para um final confuso. Miren rasgou o envelope e enfiou a mão lá dentro. Pelo tato, não sentiu qualquer perigo, apenas um papel frio e suave. Mas, quando o retirou, verificou que era uma fotografia *Polaroid* escura e mal enquadrada com uma imagem que a atingiu no peito com violência: no centro, uma rapariga loura e amordaçada, a olhar para a câmara, dentro do que parecia ser uma carrinha. Na margem inferior podia ler-se:

«GINA PEEBLES, 2002.»

Agradecimentos

Esta parece ser a parte menos interessante do livro, mas, para quem o escreve, é a que tem mais valor. Para mim, um livro sem agradecimentos é um livro sem alma, porque é aqui, nestes nomes que muita gente não conhece, que costumam estar os alicerces de cada página e cada pequeno passo que se dá para que uma história inventada se transforme em páginas impressas, depois num livro dentro de uma caixa, que viaja até às estantes de uma livraria, para a seguir acabar aberto no colo de alguém, num trajeto de autocarro, numa viagem de metro ou de avião, ou talvez erguido durante umas horas, nas mãos de um coração perdido que procura algo ou a si mesmo, sentado tranquilamente no conforto de um sofá.

Obrigado à Verónica, como sempre, porque sem ela este livro teria sido escrito sem emoção. Quem tenta escrever sentimentos tem de os conhecer, e ela deu-mos todos. Cada palavra deste livro nasce graças a tudo o que ela me faz sentir.

Obrigado também aos meus filhos, Gala e Bruno, por todo o amor que um pai transforma em pânico ao imaginar que lhes acontece alguma coisa. Apercebi-me de que escrevo sobre os meus medos e sobre aqueles que amo, e estes dois são as duas coisas ao mesmo tempo.

Obrigado a toda a equipa da Suma de Letras, que já considero a minha casa e que, apesar da distância, sinto como se vivessem ao meu lado. Em especial, obrigado ao Gonzalo, que, mais do que editor, é um amigo, daqueles que chegam sem darmos por isso e, de repente, pensamos em comprar cervejas para ele e guardá-las no frigorífico, mesmo que não gostemos de cerveja ou tenhamos frigorífico.

Obrigado também à Ana Lozano, por estar à distância certa para fomentar a criatividade e ao mesmo tempo exigir e por ser os olhos que permitem que tudo ganhe uma nova dimensão. Também ao Iñaki, que está sempre presente, embora se esforce por não parecer estar.

Não esqueço a Rita, tão criativa; a Mar, tão tenaz; a Núria, tão visionária; o Patxi, tão sensato. Obrigado à Marta Martí, por me dar asas e voz, e à Leti, por ter sempre a frase perfeita nos momentos mais especiais. Também à Michelle G. e ao Daniel G. Escamilla, por me abrirem as portas do outro lado do mundo. Obrigado à Conxita e à Maria Reina, por permitirem que as minhas histórias já estejam em mais línguas do que as que se imagina existirem e por deixarem que as minhas palavras viagem para lugares que só sonhamos visitar.

Obrigado a todos os livreiros que me receberam com tanto carinho, por tratarem os meus livros com muito entusiasmo e por permitirem que cada sessão de autógrafos seja uma festa nas suas livrarias.

A melhor parte, a dos agradecimentos finais, é sempre para vós, leitores. É difícil exprimir por palavras tudo o que vivo convosco e o que significam para mim, e por isso, em pessoa, irão sempre ouvir-me agradecer-vos por darem às minhas obras o que existe de mais valioso na vida: o vosso tempo a lê-las.

Obrigado, de coração.

Poderia prolongar muito mais os agradecimentos, ao longo de vários capítulos com reviravoltas, surpresas e saltos para o abismo precisamente na última frase, mas acho que é melhor fazermos uma promessa: eu não paro de escrever, e vocês, sempre que vos perguntarem por um livro que vos tenha agradado, recomendam *A Menina de Neve*, sem dizer do que trata (por favor!) nem revelar nada da trama além da sinopse. Será o nosso pacto, e, pela minha parte, no ano que vem, estarei de novo nas livrarias. Talvez com uma história diferente ou, quem sabe, com *A Menina de...*

Atentamente,
JAVIER CASTILLO

Sobre este livro

**O desfile mais famoso do mundo.
Uma menina de 3 anos que desaparece.
Onde está Kiera Templeton?**



Nova Iorque, 1998. Kiera Templeton, uma menina de apenas 3 anos, desaparece no meio da multidão que se juntara para assistir ao desfile de Ação de Graças do Macy's. Depois de uma frenética busca pela cidade, alguém encontra a roupa que a menina usava, bem como algumas madeixas de cabelo.

Em 2003, no dia em que Kiera faria 8 anos, os seus pais, Aaron e Grace Templeton, recebem em casa uma encomenda com algo

inesperado: uma cassete de vídeo VHS com uma gravação de apenas um minuto em que se pode ver Kiera a brincar num quarto desconhecido.

Miren Triggs, uma estudante de jornalismo da Universidade de Columbia, sente-se intrigada pelo caso e inicia uma investigação paralela que a leva a desenterrar aspetos do seu passado que já julgava esquecidos, e apercebe-se de que a sua própria história, tal como a de Kiera, está repleta de incógnitas.

Sobre Javier Castillo

JAVIER CASTILLO cresceu em Málaga, licenciou-se em Gestão de Negócios e fez um mestrado em Gestão na ESCP Europe, em Madrid, Xangai e Paris. Depois disso, trabalhou também como consultor de finanças corporativas.

O Dia em Que Perdemos a Cabeça (Suma de Letras, 2019), o seu primeiro romance, foi traduzido para mais de dez línguas e publicado em mais de 63 países. O seu segundo livro, *O Dia em Que Perdemos o Amor* (Suma de Letras, 2020), foi igualmente bem recebido pelo público e pela crítica.

O autor regressa agora com *A Menina de Neve*, um jogo de espelhos obscuro e uma viagem ao mundo do jornalismo, cuja adaptação televisiva estreia brevemente na Netflix.

Com o total da sua obra, o autor já vendeu 1 300 000 exemplares.

Twitter: [@JavierCordura](#)

Instagram: [javiercordura](#)

[1] Em espanhol, o termo «neve», neste contexto de vídeo analógico, refere-se ao padrão aleatório de pixéis composto por ruído branco, exibido em cassetes VHS em branco ou quando o televisor não recebe sinal. (*N. da T.*)